

Fique Comigo Neste Verão



FABIANE VICENTINI



Fique Comigo Neste Verão

Prólogo

Beatriz sempre foi muito perseverante naquilo que almeja. Isso incluía qualquer coisa em qualquer área de sua vida. Podia ser sobre a vida acadêmica, amorosa, financeira ou até mesmo em sua vida social. Sempre querendo ser a melhor em tudo que fazia. Não era para ser melhor que as outras pessoas, mas era para provar a si mesma, que ela era capaz de fazer tudo aquilo que ela planejava.

Augusto, (Guto) para os íntimos, era apenas um cara de bem com a vida. É claro que tem seus sonhos e seus desejos, mas é o típico homem que segue o lema “deixa a vida me levar”. Se algo der certo, ótimo. Se não saiu como o esperado, tudo bem também. Ele sempre acredita que algo de melhor está por vir.

Imaginem as confusões que essas duas pessoas tão diferentes, irão aprontar quando a cada três meses, são obrigados a viajarem juntos por conta de seus trabalhos em promover o marketing da empresa.

Ela, sempre muito focada em querer mostrar o melhor de seu serviço. Ele, apenas quer aproveitar o que pode tirar de melhor dessas viagens. O que ambos farão em cada uma das estações do ano, é o que descobriremos a partir de agora.

Capítulo 1

Hoje quando acordei para vir ao trabalho, não sei por que, mas algo me dizia que eu teria uma grande surpresa. Se essa surpresa seria boa ou ruim? Não faço a mínima ideia.

Para começar, o despertador do meu celular me pregou um baita um susto e resolveu simplesmente não despertar na hora programada. Ou será que fui eu que havia me esquecido de colocá-lo para despertar? Agora não tenho certeza, então é melhor não colocar toda a culpa no coitadinho, que, aliás, ainda faltam umas boas prestações a serem pagas. É isso que dá comprar um dos modelos mais recentes. Mas eu mereço, sempre trabalhei para conseguir conquistar tudo o que sempre quis e esse foi um dos presentes que fiz questão de me dar.

Não sou metida e orgulhosa por querer ser melhor que os outros, apenas quero conquistar meu espaço nesse mundo, não quero ser apenas mais uma pessoa levando a vida por levar. Quero fazer algo de produtivo, algo que no futuro, eu possa olhar para trás e falar: “É, Beatriz... Você conseguiu, garota!”.

Mas como eu já estava perdendo hora, apenas saí de casa correndo após um rápido banho, nem deu tempo de tomar café, teria que tomar um simples café na empresa mesmo.

Como tudo acontece para ajudar a piorar minha situação, quando mais preciso de um transporte rápido, já que estou atrasada, eis que o ônibus que eu pego todos os dias resolve se atrasar. Puta merda! Tudo acontece comigo! Não acredito muito em azar, mas hoje está sendo um dia fora do normal. Logo hoje que há uma reunião marcada para novas tomadas de decisões importantes para a empresa.

Como o ônibus atrasou, ele vem completamente lotado. Mal consigo me segurar sem ficar cambaleando de um lado para o outro, já que o motorista está correndo igual um doido, querendo compensar seu atraso. Morar no centro de São Paulo tem dessas loucuras, mas não me arrependo de sair de minha pequena cidade de interior e arriscar a vida na cidade grande.

Ainda consigo chegar a tempo. Só precisei correr como uma louca por um quarteirão inteiro, já que o ponto de ônibus não era tão próximo assim do prédio onde trabalho.

Ao entrar no gigantesco prédio da empresa, corro até o elevador. Aperto o botão repetidas vezes para chamá-lo, como se isso fosse fazê-lo chegar mais rápido. Por sorte consigo entrar nele sozinha.

Aperto o botão do 21º andar, e quando penso que tudo está ok, me viro para o espelho atrás de mim, e deparo com o reflexo quase repugnante. Meus cabelos castanhos avermelhados, completamente alvoroçados, como se eu tivesse acabado de levantar da cama. Meu terninho amarrotado, culpa do ônibus que mais parecia uma lata de sardinha, e a maquiagem borrada. Espera aí! Maquiagem borrada? Mas como? Até parece que eu estava de amasso com algum cara. Ah, já sei! Deve ter sido quando eu precisei me esgueirar entre os braços pendurados no ônibus, para conseguir descer no meu ponto de parada.

Ajeito meu cabelo o melhor que posso, tentando domá-los. Aliso meu terninho e abro minha bolsa para pegar um corretivo de maquiagem e dar um jeito nessa cara de palhaço. Parece que minha sorte está mudando, durante todo o trajeto até meu andar, ninguém mais entrou no elevador e pude me recompor de todo esse desastre matinal.

Passo correndo pelo correndo pela recepção do meu andar, apenas cumprimentando minha colega e recepcionista, e sigo direto para minha sala. Deixo minha bolsa em cima da mesa, e enfim consigo sentar. Ufa! Que cansa! E o dia mal havia começado. Ainda dá tempo de tomar um café antes de a reunião começar, ou é capaz de minha pressão baixar por hipoglicemia.

Não tenho uma secretária particular, mas como a recepcionista é minha amiga, sempre que pode ela me ajuda em algo que eu preciso, e nesse momento eu preciso de um generoso copo de café. Não, vou pedir um leite com chocolate, preciso repor toda essa energia gasta. Ligo em seu ramal, peço que ela faça a gentileza de providenciar meu pedido e como excelente pessoa que é, prontamente ela me atende.

— Você é meu anjo da guarda, Priscila! — Digo assim que ela entra trazendo meu chocolate quente.

— Que exagero, Beatriz! Aproveite enquanto estou desocupada, e olha que hoje o dia promete.

— Como assim? O que você está sabendo que eu ainda não sei?

— Segundo eu ouvi pelos fofoqueiros do “rádio-corredor”, hoje o diretor irá apresentar um novo funcionário.

— E o que tem de mais nisso?

— Dizem que ele foi muito requisitado pela empresa concorrente, mas o nosso diretor fez uma oferta irrecusável para ele, e agora ele será o mais novo agente de marketing da empresa.

Engasgo com meu chocolate que havia acabado de levar a boca.

— Mas eu sou a agente de marketing dessa empresa! Como ele ousa colocar outra pessoa nessa função e não me avisa?

— Isso eu já não sei, mas dizem as más línguas, que ele é um gato, um puta de um partidão.

— Ai... Não acredito que isso é a única coisa de relevante que estão dizendo. E o meu emprego? Será que é meu ainda, ou esse “partidão” irá ficar em meu lugar? Logo agora que eu queria comprar meu carrinho financiado a perder de vista.

— Calma, Beatriz! Pense pelo lado positivo, pode ser que ele irá apenas ser um acréscimo para a empresa e não que você será descartada.

— Não sei. Hoje quando acordei, senti que algo estava para acontecer.

— Mas você não pode julgar que esse acontecimento seja apenas pelo lado negativo. Pode ser algo bom para você no final. Tenha um pouco de fé e otimismo. Daqui a pouco a reunião começa e você ficará sabendo.

— É, você tem razão. Não adianta eu me precipitar. E esse tal partidão, por acaso já chegou?

— Só se ele passou pela recepção enquanto estou aqui, antes disso ninguém de estranho apareceu por aqui.

— Então é melhor você voltar para a recepção e assim que ele chegar você me avisa.

— Hum! Está curiosa, não é? Querendo conhecer o mais novo gato do pedaço, safadinha!

— Endoidou, mulher? E eu lá estou preocupada com isso? Eu quero mais é garantir meu emprego, e conhecer o provável inimigo.

— Acho que você que está doida. O cara ainda nem foi apresentado e você já está achando que ele é seu inimigo.

— Só quero garantir meu emprego, e preciso saber com quem estarei lidando num possível futuro.

— Está bem, se você pensa assim, não posso fazer mais nada. Agora vou voltar para meu posto e ficar atenta a qualquer partidão que aparecer no meu caminho. — Ela dá uma piscadinha sem vergonha e deixa minha sala rebolando. Mas é uma oferecida mesmo. O cara ainda nem chegou e ela já está pensando em um possível *crush*.

Termino de tomar meu leite, e começo a arrumar as tantas documentações e arquivos que estão em minha mesa. São tantos documentos, que fico perdida em meio a tanta papelada. Mesmo com toda a tecnologia da internet e arquivos no computador, ainda sou “das antigas” e gosto de ter os papéis sempre ao alcance.

Não sou velha, não. Tenho apenas 26 anos, mas sempre fui uma *nerd* convicta e assumida. Quando eu ainda estudava, nos intervalos das aulas, eu sempre aproveitava para ler algum livro. Ouvia tantas gracinhas por causa disso, mas nunca me importei pelos comentários.

Quando eu foco num objetivo, vou até o fim. E se surgirem pedras pelo caminho, acredito que seja para a gente sentar, pensar e aí continuar em frente. Isso é o que está acontecendo agora. O que será que esse possível novo funcionário irá fazer?

Somos uma grande empresa no ramo de calçados nacional. Há algum tempo, já houve uma reunião onde o diretor deixou bem claro a intenção de expandir a empresa. Talvez seja isso mesmo, e eu estou aqui preocupada à toa se vou perder o emprego para esse sujeito, ou não.

Enquanto estou atolada até o pescoço em meio a documentos e planilhas, fico pensando em mil coisas sobre esse cara. “Será que ele é melhor do que eu?”. “Será que ele é mais velho, e por isso mais experiente?”. Não, mais velho acho que ele não é. Se dizem que ele é tão gato assim... Bom, mas isso também não significa que não existem velhos que ainda sejam um partidão. Tudo depende do ponto de vista de cada um.

Eu particularmente, não tenho nada contra homens mais velhos. Se eles forem gentis, educados e carinhosos, não descarto a possibilidade de um possível relacionamento.

Sem que eu menos perceba, Priscila me avisa que estão me chamando para a reunião.

Então vamos lá ver o que nos espera.

A sala de reuniões fica ao final do corredor. Ao sair de minha sala apressada, dou uma trombada em alguém. Seguro nos braços da pessoa sem nem ao menos ver seu rosto. Apenas sinto que são braços extremamente fortes.

Quando olho para cima, vejo um homem muito bonito. Ele deve ter pelo menos uns vinte centímetros de altura a mais do que eu, e isso porque nem sou tão baixa assim nos meus quase 1,70 cm de altura. Ele tem um cabelo castanho, um pouco comprido e fica entre o liso e ondulado. Seu rosto apresenta uma barba rala, como se fosse para deixá-lo com uma cara de ser mais responsável.

Ele apenas me dá um sorrisinho bem sacana. Deve ser mais um daqueles que se acham “o pegador”, e que não podem ver um rabo de saia e já quer investir.

Mas o quê que eu estou pensando? Nem conheço esse cara e já estou aqui imaginando coisas e criando suposições.

— Desculpe, não vi você aí. Saí tão apressada da minha sala e não pensei que pudesse ter alguém passando pelo corredor.

— Não se preocupe com isso, querida. Não foi problema algum esbarrar em você. — Ele diz com uma voz rouca e sexy... “Espere! Voz sexy? Beatriz, você só pode estar pirando, mulher!”. É o que minha consciência tenta me alertar, mas quem diz que eu sempre ouço minha consciência?

— Ei! Quem te deu o direito de me chamar de “querida”? Nem te conheço, rapaz!

— Calma, moça! Foi só uma forma carinhosa de aceitar suas desculpas.

— Mesmo assim, isso não é jeito de tratar uma mulher que você não tem intimidades.

— Se você estiver disponível, poderemos criar mais intimidades. — Ele dá mais uma piscadinha.

— Eu não acredito no que estou ouvindo. Quem você pensa que é? Ao invés de você consertar a situação, você tem a capacidade de piorar ainda mais.

— Esse é o meu charme, logo você se acostuma.

— Meu Deus! Você só pode estar de brincadeira comigo.

— Claro que não, e você dificilmente saberá quando eu estiver brincando ou dizendo a verdade. Eu posso ser bem convincente naquilo que falo.

Da onde surgiu esse ser humano? Só posso estar tendo um pesadelo. Como se meu dia já não estivesse começado completamente uma loucura, ainda encontro um cara desse tipo para piorar ainda mais o que me resta de esperança de terminar o dia bem.

— Ok, me desculpe se você não gostou. Mas então me diga seu nome para que possamos desfazer esse pequeno mal entendido. — Agora parece querer consertar essa situação constrangedora.

— Me chamo Beatriz.

— Ah, Bia! Muito bonito.

— Não me chame de Bia, odeio diminutivos do meu nome.

— Ora, ora... Mas porque essa aversão por diminutivos? O seu é tão bonitinho.

— Não gosto e pronto, é simples assim. E se você fizer o favor de não me chamar mais de Bia, eu ficarei muito agradecida. E qual é o seu nome?

— Meu nome é Augusto. Mas pode me chamar apenas de Guto.

— Guto? Mas é claro! Bem típico de filhinho de mamãe.

— Ai! assim você me ofende, Bia. — Queixou-se como se eu fosse acreditar que realmente estivesse ofendido.

— Já disse para não me chamar desse jeito. Já você, parece não ter problema algum com seu apelido ridículo. — Ai, que raiva! Quantas vezes vou ter que falar pra esse cara parar de me chamar assim?

— Não tenho problemas quanto a isso. Só minha avó me chama de Augusto.

— Claro, ela deve ser a única pessoa sensata da família.

— Se você não quiser me chamar por Guto, então pode me chamar só de “Gutão, o gostosão”.

— Ah! Se enxerga, rapaz! Está louco ou o quê?

Que cara chato, é melhor eu ir logo para a reunião, antes que esse louco desperdice ainda mais o meu tempo.

— Quer saber, para mim essa conversa termina por aqui. Eu que esbarrei em você sem querer e já pedi desculpas. Você já me desculpou, então agora é assunto encerrado. Tenho mais o que fazer.

Saio apressada, nem dando tempo dele falar nada. Já vi que é quase impossível manter uma conversa séria com ele.

Essa conversa durou mais do que eu esperava, e eu que já estava um pouco atrasada para chegar à sala de reunião, acabei por me atrasar ainda mais.

Sigo a passos rápidos pelo corredor, apenas ouvindo o som dos meus sapatos de salto alto ecoando pelo chão. Eu odeio esse barulho de toc-toc. Mas fazer o quê se eles fazem parte do meu vestuário social para o trabalho? Bem que eu queria poder trabalhar a beira da praia, somente de vestidinho e sandálias, mas isso não é para mim. Não ao menos por enquanto.

Qual não é minha surpresa ao sentir que estou sendo seguida? Apresso meus passos, chegando ao ponto de quase estar correndo pelo corredor. E sinto que os passos atrás de mim também estão mais apressados.

Por fim, chego até a porta da sala de reunião e o diretor João Carlos já está me aguardando. Paro bruscamente para não trombar com ele também, mas dessa vez sinto meu perseguidor quase esbarrar em mim com a parada brusca.

— Ops! Me desculpe, dessa vez eu fui o culpado. — Augusto diz com as mãos levantadas em sinal de quem não teve a intenção do quase esbarrão.

— Porque está me perseguindo? Acho que já deixei as coisas bem esclarecidas, não é?

— Não estou te perseguindo, mas estou te seguindo. Tem uma diferença entre uma coisa e outra. — Até parece que ele precisa me explicar o significado das palavras.

— Muito bem, vejo que já se conheceram. — O diretor diz para nós dois. Mas o que é isso? Será que esse cara vai participar da reunião também? Ai, meu Deus! Ele é o tal novo funcionário gato. Definitivamente hoje acordei com os dois pés esquerdos, só pode ser isso.

— Venham, vamos começar logo essa reunião que hoje temos muitas coisas em jogo nessa empresa.

É, acho que é a minha cabeça que vai ser o prêmio para o ganhador.

Capítulo 2

Entramos na sala e alguns dos acionistas que eu já conhecia, estão sentados ao redor da grande mesa. Pelo jeito só faltava nós dois mesmos para essa reunião.

O diretor ocupou sua cadeira na cabeceira como sendo o chefe da reunião e os únicos lugares vagos, estavam lado a lado. Eu vou ser obrigada a aguentar ficar ao lado desse sujeito durante toda a reunião. Droga!

Inesperadamente, Augusto puxa a cadeira para que eu possa me sentar primeiro. Então isso significa que ainda há um resquício de cavalheirismo nele. Ou será apenas porque está diante de seus superiores e está querendo impressionar?

Agradeço somente com um aceno de cabeça. Quero evitar ao máximo conversar com ele, porque já vi que é quase impossível manter uma conversa decente, sem que entremos em discussão.

Ele senta ao meu lado, e então a reunião começa. Primeiro o diretor cumprimenta todos os presentes e depois começa aquela velha ladainha chata de todas as reuniões. Dados gráficos são apresentados, finanças discutidas, e então chega a parte sobre o marketing da empresa. Aí eu começo a prestar mais atenção, por que é agora onde eu posso ser demitida.

O diretor apresenta Augusto Morelli, como sendo o novo contratado para fazer parte da equipe de marketing, junto comigo, Beatriz Valentini, que até então, somente eu cuidava dessa área. Opa! Quer dizer então que não perdi meu emprego? Mas apenas vou ter alguém para trabalhar junto comigo? E tinha que ser justo esse cara? Dois descendentes de italianos trabalhando juntos não vai prestar. Não vou conseguir passar um dia sequer com ele ao meu lado trabalhando. De maneira alguma vou ter paciência para tolerar suas gracinhas. Ainda mais se ele tiver o gênio forte como eu.

— Como vocês devem ter percebido pelos resultados de nossas finanças, estamos com um grande valor em caixa, e com isso pretendemos expandir nossos produtos para novas localidades. E iremos investir alto, tanto na abertura de novas filiais, quanto no marketing. Queremos ir com tudo, e estamos falando de artilharia pesada mesmo. Colocar nossos produtos em todos os meios de comunicação, nos principais horários de grande audiência. Portanto, Beatriz e Augusto, vocês serão os grandes responsáveis pelo sucesso dessa nova fase que está surgindo em nossa empresa. Agora eu quero saber, vocês estão preparados para enfrentar essa jornada e fazer dessa empresa uma grande representante de nossos produtos?

— Sim, senhor. — Dissemos juntos, mesmo eu querendo fazer mil perguntas.

— Ótimo! Quero que vocês façam um grande projeto e me apresentem o quanto antes para podermos já ir preparando a viagem de vocês. Quero uma mega divulgação dos nossos produtos. A primeira filial já está em seus acertos finais da construção, e com isso já podemos pensar em inserir o marketing para que essa filial entre com tudo no mercado.

— O diretor está mega animado.

Vejam os seguintes: eu não vou perder o meu emprego, e isso é maravilhoso. Em compensação vou ter que fazer um projeto milionário com o Augusto. Nem conheço o trabalho dele e como posso concordar com as opiniões dele? Já que até agora não fomos muito um com a cara do outro. E ainda pelo jeito, além de fazer esse projeto juntos, teremos que ir viajar para fazermos o marketing da empresa. Só espero que seja apenas por um dia, não aguento passar muito tempo ao lado desse sujeito.

— Com licença, diretor, posso saber onde será a instalação dessa filial e quanto tempo teremos para concluirmos todo o projeto de marketing? — É claro que tive que perguntar, já estava me coçando de curiosidade.

Tive que interromper a reunião para saber de maiores detalhes, já que até agora o diretor só falou e falou, e acabou não explicando nada. Eu sou muito ansiosa, gosto de ter tudo planejado para tudo sair do jeito que organizei. Detesto imprevistos, e odeio prazos corridos, se tem uma coisa que eu faço bem feito, é o meu trabalho com o marketing, mas tem que ser no meu tempo, com cada detalhe do projeto na mais perfeita ordem para uma excelente propaganda do produto com que trabalho.

— Ah, mas é claro! Estou tão empolgado com essa filial que acabei esquecendo de dizer a vocês onde ela está instalada. Pois muito bem, Beatriz e Augusto, dentro de uma semana vocês estarão embarcando para Cannes.

— Uma semana? — eu pergunto abismada com o curtíssimo prazo para apresentar um projeto tão grandioso.

— França? — Augusto pergunta parecendo não acreditar para onde viajaríamos. Se bem que nem eu podia acreditar. Pensei que o diretor iria dizer o nome de alguma cidade vizinha daqui, ou no máximo um Estado vizinho. Mas não, ele realmente estava investindo alto, e longe, bem longe.

— Sim, para as duas perguntas. Nossa primeira filial já está em seus acertos finais, e como eu disse, investimos alto e fomos bem ousados em escolher um país como a França. E nada melhor do que uma cidade muito conhecida pelos seus festivais de cinema, ou seja, muita visibilidade de famosos e os turistas que acompanham seus ídolos.

— Mas, diretor, é praticamente impossível planejarmos uma campanha de marketing tão grande em apenas uma semana, e além disso, nos prepararmos para uma viagem para outro país. — Tentei argumentar com o diretor, ele só podia ter ficado louco em achar que eu seria capaz de fazer um milagre desse tamanho.

— Ora, Beatriz, sei que você é capaz. Mas prevendo o curto espaço de tempo, foi que me levou a contratar o Augusto, para que vocês possam dividir as tarefas e ninguém ficar sobrecarregado.

Augusto apenas deu mais um de seus risinhos em minha direção, como quem diz: “Está vendo só, você precisa de minha ajuda”. Eu sei que posso muito bem ser capaz de produzir um projeto para uma grande campanha como essa, se eu tivesse um prazo de tempo maior, com toda certeza eu não precisaria da ajuda desse cara arrogante.

— Diretor, por quanto tempo devemos ficar na França para colocarmos todo esse grandioso projeto em prática? — Até que enfim Augusto fez uma pergunta pertinente e também de meu interesse. Senão era capaz do diretor achar que só eu estava insegura de

apresentar o projeto.

— Isso vai depender somente do empenho de vocês dois. Quanto mais trabalharem na divulgação, mais rápido será a estadia, mas acredito que deverá ser em média por uns vinte ou trinta dias. Como eu disse, quero uma grande divulgação em todo o país. E por isso quero que vocês usem todo o tempo que for necessário.

Uma semana para concluir o projeto e cerca de trinta dias para colocá-lo em prática, ou seja, terei que passar praticamente um mês inteiro ao lado do Augusto. Não vou aguentar, tenho certeza que antes de uma semana eu vou acabar pedindo demissão, somente por ter que discutir o projeto com ele, agora imagina viajar para França. É impossível.

Tenho certeza que não estou com uma cara muito animadora quanto a isso. Até o diretor parece perceber minha infelicidade. Talvez não seja infelicidade. “Quem não gostaria de passar trinta dias na França com tudo pago e ao lado de um gato?” O quê? Mas o que é que estou pensando? Meu Deus, deve ser falta de cafeína, só sendo isso para explicar esse delírio que estou tendo.

— Vejo que você parece estar em dúvida, Beatriz. Você tem algo contra esse novo empreendimento ou há algo impedindo que você faça seu trabalho? — Nossa! Agora o diretor acabou com a minha moral. Tenho que transparecer uma cara neutra, engolir minha raiva, e mostrar que sou capaz, sim, de fazer esse serviço e tantos outros que aparecerem de última hora.

— Não, diretor, não tem problema algum. Eu posso fazer tudo isso sem problema. E ainda mais agora que tenho um ajudante, tudo irá ser mais fácil. Não é mesmo, Augusto? — Olho para ele de uma maneira para deixar bem claro quem é que manda no pedaço.

Ele nada responde, apenas está vidrado com seus olhos perturbadores em meu rosto, me encarando como se eu fosse um bicho de sete cabeças. Sou obrigada a chutar sua canela por debaixo da mesa, para ele confirmar o que acabei de dizer.

A careta que ele fez, provavelmente de dor, foi hilária. Segurei-me para não rir. Seus olhos antes tão perturbadores, agora transpassavam uma fúria em minha direção, que acho que se fosse capaz, ele me aniquilaria ali mesmo. Ouvi algo como um murmúrio, mas que foi audível o suficiente para entender que ele havia me xingado.

— Sim, Beatriz, podemos dar conta do trabalho tranquilamente.

Será que só eu, ou mais alguém percebeu o tom de ironia em sua voz? Se antes eu pensava que seria difícil trabalhar com ele, agora tenho certeza que será um martírio. Ele não irá facilitar em nada a nossa convivência forçada. Mas se ele pensa que eu vou deixar barato, pois estará muito enganado. Vamos ter uma disputa bem acirrada para ver quem é que irá comandar esse projeto. E quando eu entro numa disputa, nada e nem ninguém me impede de alcançar meus objetivos.

— Que ótimo, agora quero que vocês foquem toda a atenção nesse projeto tão importante para nossa empresa. E dado ao teor de rapidez em que tudo está acontecendo, sei que vocês ficarão bem sobrecarregados com tantos afazeres. Talvez até seja preciso fazer horas extras, portanto terão um aumento significativo do salário, e além é claro, todas as despesas pagas na viagem.

Agora sim vi vantagem em todo esse turbilhão de informações. Para quem pensava que iria sem despedida, e agora além de receber um generoso aumento de salário, vou poder conhecer uma das cidades mais lindas da França.

Augusto me olhou e deu mais um de seus sorrisinhos, que já pude perceber em pouco tempo que o conheço, que é uma de suas características mais marcantes. Deus me ajude a conseguir fazer esse projeto com ele sem que eu desista no meio do caminho, para assim aproveitar todas as vantagens que essa correria e provável confusão irá ser em minha vida.

— Se todos estão de acordo com essa nova jornada, sugiro que comecem agora mesmo os preparativos para esse grandioso projeto. Espero do fundo do coração que seja um sucesso, pois temos a intenção de abrimos além dessa filial, mais três ainda este ano. Portanto teremos um ano bem corrido e de grandes expectativas de sucesso. E para isso conto exclusivamente com o empenho de vocês, Beatriz e Augusto. Quero que vocês se dêem bem, pois irão passar um bom tempo juntos e viajando.

Ai, minha nossa! Como se já não bastasse ter que passar quase um mês com ele, vou ter que aguentar mais três? Espero que para os outros projetos pelo menos tenhamos mais tempo para produzi-lo. Preferencialmente separados, eu numa sala e Augusto em outra, porque agora, teremos que dividir a mesma sala, ou não terá tempo suficiente para viajarmos semana que vem. E ainda preciso deixar tudo preparado para essa viagem. Malas preparadas, contas pagas, geladeira vazia para não ocorrer nenhum desastre em meu apartamento. Isso é o que dá morar sozinha, não ter ninguém que possa me ajudar com esses detalhes.

A reunião acaba e o diretor vem falar comigo em particular.

— Beatriz, por mais que você tente me enganar, te conheço muito bem para saber que você não está muito contente com toda essa situação. Principalmente com seu novo colega de trabalho. — E agora? O que responder se ele viu a verdade em meus olhos.

— Não é bem desse jeito, mas confesso que quando foi anunciado que eu teria alguém para me ajudar, eu fiquei um pouco receosa, sim. Sempre trabalhei sozinha e acredito que tenha dado conta da demanda do serviço.

— Sim, nunca questioneei quanto a sua eficiência. Mas só que agora os tempos mudaram, estamos ampliando nossa imagem no mercado e queremos ir com tudo pra cima da concorrência. E mesmo você sendo tão eficiente, uma semana para apresentar um projeto enorme como esse, não será tempo suficiente. Por isso tomei a liberdade de contratar um dos melhores funcionários nessa área para fazer uma parceria com você e acredito que será muito positivo para todos nós.

— Vendo por esse lado, concordo com o senhor. Mas agora é preciso ver se nossas ideias serão parecidas ou se cada um tem um tipo de projeto em mente. Aí as coisas podem se complicar com um prazo tão curto.

— Eu confio em você, por isso sei que por mais que seja pouco tempo, você nunca deixou de entregar um projeto bem feito em até menos que uma semana para prepará-lo.

— Obrigada pela confiança em meu trabalho, fico muito feliz com isso. E eu que pensei que hoje seria demitida.

— Beatriz, você só sai daqui quando você quiser, eu nunca te demitirei. Já que é graças as suas estratégias de marketing, que nossos produtos alcançaram um alto índice de vendas. Bom, agora é melhor você levar o Augusto para sua sala, já mandei instalar uma mesa para ele junto com você. Assim, mesmo compartilhando a mesma sala, cada um irá poder ter sua individualidade para trabalhar.

— Obrigada. Será mais fácil cada um ter seu espaço, temos muito trabalho pela frente e nada poderá nos atrapalhar.

— Boa sorte, conto com vocês para o sucesso dessa nossa primeira filial. E aguarde que novas filiais virão por aí.

Apenas dei um pequeno sorriso em concordância. Só Deus sabe os problemas que poderão surgir por esse caminho. Mas agora não tem mais jeito, tenho que levar Augusto até minha sala. Droga! Isso vai tirar toda minha privacidade, agora tenho que ficar com ele o dia todo e possivelmente até ir almoçar com ele.

Ele já estava me esperando fora da sala de reuniões. Passo por ele e sem querer prolongar muito na conversa apenas o chamo para me acompanhar até minha sala.

Augusto me segue como um cachorrinho atrás de sua dona. Tá, também não é bem assim, posso ter exagerado um pouco na expressão. Mas isso mostra que eu estou no comando, eu sou a funcionária mais experiente que ele e a sala é minha. Portanto, eu que mando no projeto, ele apenas terá que concordar com minhas ideias.

Capítulo 3

Um detalhe, quando passei pelo corredor vindo para minha sala, Priscila apenas me olhou chocada por ter Augusto me seguindo. Até então ela não estava sabendo de toda essa reviravolta dos últimos acontecimentos. Mas tenho certeza que na primeira oportunidade ela irá querer saber todos os mínimos detalhes.

Entramos em minha sala e já pude ver uma mesa ao lado da minha. Agora é mais real do que pensei, nem tive tempo de processar todas essas informações e já nos colocaram juntos. Não consegui nem extravasar minha ira, impaciência e negação. Não sei nem o que estou sentindo, mas já não posso fazer mais nada, é só torcer para que dê tudo certo e a gente não acabe se estapeando dentro desta sala.

— Que lugar bacana, bem a sua cara mesmo. Mas agora terá que ter um pouco da minha também. — Augusto diz e já se apodera da mesa que ainda está vazia, claramente deduzindo que seja a sua mesa, pois a minha está cheia de documentos, desenhos e tantos outros projetos inacabados.

— Mas você é bem intrometido mesmo, não? Mal entrou em *meu* local de trabalho — Deixei bem claro para ele saber onde estava se metendo — e já está querendo tomar posse do lugar?

— Segundo o diretor, agora aqui também será *meu* local trabalho, portanto, direitos iguais minha cara, Bia.

— O que eu já te falei sobre não me chamar por apelidinhos? Será preciso eu repetir isso

quantas vezes mais?

— Não sei por que você se chateia tanto, é tão legal ter um apelido carinhoso. E se fosse algo pejorativo ou que fosse humilhante de alguma maneira, eu até concordaria com você. Mas, Bia ou Guto, são apelidos muito bonitos para serem ignorados.

— Você pode até gostar do seu, mas isso não significa que eu vou lhe chamar dessa maneira. Ainda mais que nossa relação é estritamente profissional e não fica nada bem nos chamarmos por apelidinhos infantis.

— Fale por você, eu já disse que prefiro que me chamem pelo apelido do que pelo meu nome completo.

— Talvez porque você seja tão imaturo quanto aparenta, por isso prefere os apelidinhos.

— Nossa! Agora a fera colocou as garras de fora. Não sei por que você implica tanto com isso, *Beatriz*.

— Isso não vem ao caso. E vamos trabalhar que tem muita coisa pela frente a serem feitas.

— É melhor mesmo, já vi que esse assunto de nomes e apelidos não é um bom modo de interagirmos numa conversa.

— Certamente. Vamos focar somente no que importa, que no caso, é o planejamento desse projeto quase impossível de preparar em apenas uma semana, ou nem isso, já que ainda tenho que adiantar todas as minhas pendências para essa viagem.

— Que loucura isso, não é? Quando fui contratado sabia que era para algo grande, mas não que fosse tão urgente e quase desesperador dessa maneira.

Que os anjos digam “Amém”! Até que enfim concordamos em alguma coisa desde que nos conhecemos mais cedo. Eu achava que Augusto fosse um caso totalmente perdido de se manter qualquer diálogo produtivo.

— Muito menos eu imaginava algo assim. Mesmo trabalhando aqui, não tinha ouvido qualquer comentário sobre essa nova filial, e as prováveis outras que virão.

— Talvez o negócio ainda não estivesse finalizado para que se pudesse sair comentando com os outros funcionários e causar uma expectativa e depois frustrá-la caso não desse certo.

— Pode ser isso mesmo. Mas deixar para nos comunicar de última hora também não foi nada agradável. O diretor acha que é muito fácil planejar uma campanha publicitária, ainda mais em outro país, que nem conhecemos direito a sua cultura, costumes e o local que irá funcionar a nova fábrica.

— Quanto a isso, eu não estou tão perdido, já estive na França e conheço um pouco do mercado de lá.

— Você já trabalhou lá? —Estou abismada por saber que o Augusto já esteve na França. Não que fosse algo impossível, mas para mim, com o orçamento sempre tão apertado, ter um privilégio desses era impossível.

— Não foi uma viagem a trabalho. Fui numa quase lua de mel.

Para tudo! Como assim uma quase lua de mel? Então o bonitão é casado?

— Então deve ter sido uma viagem bem produtiva e romântica. — Procuro saber mais dos detalhes.

— Se você não se importar, eu não gostaria de tocar nesse assunto. — Pude perceber que toda a arrogância anterior que ele apresentava, agora deu lugar a um rosto fechado e retraído, como se isso não fosse uma lembrança agradável para ele. Então já sei que esse é o seu ponto fraco e o melhor é deixar esse assunto de lado por enquanto. Só por enquanto, porque o ser curioso que habita em mim, quer descobrir a fundo todo esse mistério.

— Tudo bem, já que você não quer falar sobre isso, então sem mais perguntas. Vamos trabalhar que o tempo está correndo. Como você foi pego de surpresa tanto eu, você está sem material nenhum aí na sua mesa para trabalhar, então por hoje vamos trabalhar com o que temos na minha e depois você pode fazer uma lista do que precisa para que a Priscila providencie para você trabalhar a partir de amanhã.

— Sei como você deve estar sentindo por ter que dividir seu espaço, eu também não gosto quando mexem nas minhas coisas, mas prometo me comportar.

— Agora estamos falando a mesma linguagem. E com certeza não gosto de dividir minhas coisas, mas por hoje, só por hoje que fique bem claro, eu vou aceitar que você divida a mesa comigo, depois cada um toma seu rumo.

— Está bem. E você já tem em mente de como fazer esse projeto?

— Como eu sempre fiz todos os projetos desde que fui contratada, já conheço o esquema que funciona bem e o que já tentei e que não deu certo. Por isso acho melhor que eu tome a frente do projeto e você pode ir dando as dicas de como é esse tipo de marketing na França, já que você conhece o local.

— Conheço em partes, nunca fui especificamente para Cannes. É uma cidade de gente rica e famosa e logicamente não era para meu bolso bancar uma viagem desse tipo. Quando fui, fiz um tour apenas nas cidadezinhas de interior. O que claramente não deixam de ser magníficas as paisagens, as pessoas receptivas. Mas pude conhecer os tipos de marketing ao assistir as propagandas na TV quando não estava passeando pela cidade. Sei que não se compara, mas mesmo assim pude ver algumas diferenças com o tipo de propaganda que produzimos aqui.

— Talvez devêssemos pesquisar primeiro na internet como é a cidade e o que poderá chamar mais a atenção desse tipo de público. Assim não perdemos tempo e nem dinheiro. Então sugiro que você fique com as pesquisas e eu com o restante do trabalho, depois juntamos as informações e vemos a melhor maneira de encaixar tudo.

— Mas eu quero poder dar minhas sugestões também, não é porque estou entrando agora para trabalhar aqui que vou apenas obedecer a suas ordens. — Ah, aí está o Augusto arrogante que eu conheci. É claro que ele não deixaria por menos, tinha que colocar suas asinhas de fora.

— Por qual razão será que isso não me surpreende?

— Porque eu sou seu colega de trabalho, não seu aprendiz. Então somos iguais e teremos direitos iguais.

Nem respondi nada, ou recomençariamos uma nova briga e agora não estou com cabeça para uma nova discussão.

— Ai, está bem, *colega*! Não vou mais questionar sua função aqui dentro.

— Fico muito agradecido, Bia.

Jesus amado! Eu vou enlouquecer se ele continuar me chamando por esse apelido. Mas como dizem, se a gente ignorar, a tendência é ele acabar esquecendo isso. Pois quanto mais a gente se irrita, mais eles pegam pesado naquilo que te faz mal.

Respirei fundo e apenas comecei com meu trabalho enquanto Augusto usava o meu notebook para fazer suas pesquisas. Ao menos agora ele estava calado e isso me deixou mais concentrada com o que eu fazia. Até sermos interrompidos por Priscila perguntando se não iríamos sair para almoçar. O tempo passou e nem vimos que já deu a hora do almoço.

— Você costuma almoçar onde? — Augusto me pergunta depois que Priscila já havia saído da sala, mas não sem dar sua reboladinha para tentar chamar a atenção de Augusto.

— Tem um restaurante que é bem baratinho aqui perto, mas o importante é que a comida é muito gostosa. Não posso arcar com restaurantes melhores em todos os almoços.

— Agora com esse aumento que você irá ter deve te ajudar a melhorar isso.

— Você teve sorte de entrar com o salário já com o devido aumento por esse projeto e ainda por cima, fazer uma viagem internacional.

— Sim, mas se bem que no meu antigo emprego, não podia reclamar do meu salário também.

— E porque você saiu de lá para vir aqui?

— Já que você está curiosa para conhecer meus segredos, que tal se a gente for almoçar juntos? Aí poderei lhe responder algumas de suas dúvidas.

— Não sei se é uma boa ideia. — De verdade, não queria ter que passar mais do que o tempo necessário na presença de Augusto. E nem sei dizer realmente o motivo para evitar isso. Ele é um homem muito bonito, não tem como negar que ele mexe com nossa libido, mas, quando abre a boca, só sabe me provocar e não de maneira que me deixa excitada, e sim, revoltada. Só sabe me provocar com suas gracinhas e me chamando por apelidinhos que já disse não suportar, mas de que adianta? Ele parece nem me ouvir.

— Ora, qual é? É só um almoço de negócios, não é como se fosse um encontro ou algo desse tipo.

Penso por um momento. O que eu teria a perder? E também preciso conhecer um pouco mais de sua vida, já que praticamente terei que passar quase trinta dias direto com ele. E nada melhor a gente conhecer o inimigo, saber de suas fraquezas para transformá-las em nossa força.

— Está bem, então vamos almoçar. Mas se comporte, rapaz! Não quero ouvir nenhum tipo de gracinha para cima de mim.

— Não se preocupe, serei um cavalheiro.

— Porque será que não acredito em suas palavras?

— Você é muito desconfiada, precisa descontrair mais diante uma situação em que se sinta desconfortável. Pode acreditar, tenho experiência nesse assunto.

— Hum! Você mal me conhece e já se acha no direito de julgar minha personalidade?

— Vai me dizer que você não está fazendo o mesmo comigo nesse exato momento?

Não digo nada, pois não posso negar. Na verdade não o julgo só nesse momento, mas desde que aconteceu nosso esbarrão mais cedo.

— Ah, vamos logo para esse almoço, ou iremos nos atrasar mais ainda com todo esse projeto que ainda está longe de ser concluído.

Sem mais demoras, Augusto veste seu paletó, enquanto pego minha bolsa para sairmos para o almoço. Como o restaurante é a poucos metros do prédio em que trabalhamos, fomos andando até lá.

Durante o curto percurso, ambos seguimos calados. Somente o som do trânsito caótico nesse horário e o som dos nossos passos tocando no chão podem ser ouvidos. Ninguém quer começar um assunto, pois provavelmente irá terminar em mais uma de nossas discórdias. E agora só preciso de um momento de paz e tranquilidade, já que o dia começou agitado e a tendência também é continuar da mesma maneira, pelo menos na hora do almoço eu preciso descansar minha mente.

Entramos no pequeno restaurante, que se encontra com poucas mesas vazias. Esse horário fica muito difícil poder escolher um lugar mais tranquilo para almoçar. Mas nem por isso desanimo. Realmente a comida deste lugar vale qualquer sacrifício, até mesmo aguentar a companhia de Augusto.

Mais ao fundo encontramos uma mesa vaga e seguimos para lá. Como o prometido, Augusto estava sendo um cavalheiro e até puxou a cadeira para eu sentar. Então também fiz minha parte de ser educada e agradei a gentileza.

Logo um garçom veio pegar nossos pedidos. Ainda estávamos muito relutantes em começar a conversar, mas o melhor talvez fosse iniciar por um assunto que fosse mais confortável para ambos.

— Você fazia alguma ideia de que a empresa estaria abrindo essa filial tão rapidamente?
— Augusto me perguntou.

— Não, fui pega totalmente desprevenida. Tanto é que eu nem imaginava um dia sair do país por conta desse emprego. Ainda mais assim em caráter quase emergencial. Eu tenho tanta coisa a ser feita, deixar meus compromissos pessoais em ordem, antes de passar esse tempo todo fora.

— Você não tem ninguém que possa cuidar disso por você?

— Eu moro sozinha, portanto, somente eu posso resolver esses assuntos.

— Por esse lado, eu tenho mais sorte que você. Eu tenho alguém que poderá cuidar dos meus assuntos pessoais.

— Claro! Como você havia dito que já tinha ido para França numa quase lua de mel,

então você deve ter uma esposa que possa cuidar dos seus assuntos.

Augusto parece tão desconfortável com o que falei. Mas o que pode haver de errado nisso? Foi ele que começou com o assunto e como a curiosa que sou, quero saber os mínimos detalhes dessa história.

— Eu sei que você quer saber sobre o que eu disse mais cedo, mas eu ainda não estou pronto para contar. É um assunto que me machuca muito ainda. Só posso dizer que não tenho esposa nenhuma.

— Está bem, quando você se sentir a vontade, você me conta. Passaremos muito tempo juntos para que isso possa acontecer.

— Verdade. Quando chegar o momento eu falo essa parte da minha vida para você. Mas mudando de assunto, mas nem tanto, acho que seria bom se a gente se conhecesse um pouco mais, para que nossa convivência ficasse mais produtiva em nossa viagem.

— Bem, o que tenho a dizer sobre mim... — Paro e penso no que poderei contar a ele sobre minha vida — Tenho 26 anos, e desde muito pequena sempre gostei de assistir as propagandas na TV. Principalmente as que tinham aquelas musiquinhas que grudavam em nossa mente feito chicletes. Minha mãe até brigava comigo de tanto que eu as cantava o dia todo.

— Então você era daquelas crianças “estranhas” que preferiam assistir a propaganda ao invés dos desenhos?

— Eu não era estranha, ora essa! Apenas era uma criança com gostos peculiares.

— Tá bom, se você quer classificar dessa maneira... — Augusto deixou a frase no ar, como que se para bom entendedor, meia palavra bastasse.

— Vai me dizer que o “Guto”, bebezinho da mamãe, também não tinha seus gostos estranhos?

— Ah, mas vejam só, meu povo! Finalmente ela se referiu a mim pelo meu apelido.

— Eu não te chamei pelo seu apelido, ou você não entende quando a gente está sendo sarcástica?

— Seja como for, o importante é ter dito meu apelido. Já que ao contrário de você, eu adoro ser chamado pelo meu apelido. Só faltou o “gostosão”.

— Já vi que eu tenho que aceitar quando eu tenho um pressentimento de que algo não vai dar certo. E quando você me chamou para esse almoço, eu já sabia que não iria dar certo. Nós não conseguimos manter nem uma conversa normal sem que você faça uma de suas gracinhas.

— É divertido, e com o tanto de trabalho que teremos pela frente, precisamos de mais momentos de descontração.

— Quanto desperdício de tempo, poderíamos aproveitar esse tempo e levarmos a nossa convivência mais a sério, mas você insiste em continuar com suas brincadeiras de mau gosto.

— Está bem, senhorita. Vamos agir mais como adultos então.

— Isso significa “você” agir como adulto. Porque eu sempre ajo como tal.

Quando Augusto ia responder, nossa comida foi servida. Por fim acabamos conseguindo almoçar sem mais problemas.

— Eu contei um pouco sobre mim, agora acho que é sua vez de contar um pouco de sua misteriosa vida.

— Não há nada de misterioso, apenas o que posso ou não posso contar por enquanto. Mas porque é um assunto muito pessoal. Mas para matar um pouco de sua curiosidade eu vou contar sobre minha infância. Sou filho único de uma família que leva a tradição muito a sério, mas só na parte dos negócios. Esse meu lado mais fanfarrão, vamos classificar dessa maneira, vem por parte de meu avô e meu pai. Aprendi com eles a arte de seduzir uma mulher sempre com bom humor, mas jamais sendo desrespeitoso. Então não se preocupe quando eu fizer uma de minhas brincadeiras com você.

— Espere! Então quando você faz essas “brincadeiras”, quer dizer que você está tentando me seduzir?

— Isso fica a seu critério se eu estou conseguindo. — E lá vem mais uma de suas piscadinhas sexy. Não! Eu não pensei isso, Meu Deus. Porque esse cara está confundindo meus pensamentos?

— Com certeza não estou levando para o lado da sedução, ainda mais com você. Até parece... — Bebo um grande gole de suco para disfarçar a mentira que acabei de dizer, tentando transparecer para Augusto um pouco de confiança nas minhas palavras.

O nosso almoço termina, sem que tenhamos progredido em nossa relação de amizade.

De volta ao trabalho e concentrados, conseguimos juntar nossas ideias e começar a formular uma campanha de marketing. Antes da nossa viagem, tudo já deveria ser devidamente antecipado, para quando chegarmos a Cannes, somente colocar em prática o nosso planejamento.

Capítulo 4

Durante o resto da semana, as coisas pareciam estar melhores. Augusto já tinha seu próprio material de trabalho e já não precisávamos dividir as mesmas coisas, assim mantivemos um pouco mais de distância um do outro. Também não havíamos mais ido almoçar juntos. Cada um preferiu sair para o almoço num horário diferente, com a desculpa para adiantar o serviço. Quem surgiu com essa desculpa fui eu, porque no dia seguinte após nosso primeiro almoço, Augusto me convidou para ir com ele de novo, mas não achei uma boa ideia.

Entre o trabalho e preparar tudo para passar quase um mês fora de casa, não me sobrava tempo para mais nada. Quando eu chegava ao meu pequeno apartamento alugado, já que ainda não consegui o bastante para comprar o meu próprio, estava sempre muito cansada. Mas com o pouco de fôlego que me restava, eu tentava ir deixando separadas as roupas que levaria para a viagem, pagava as contas e deixava as que venceriam enquanto estivessem na França, para que o zelador do meu prédio fizesse o favor de pagá-las para mim.

Como eu não tinha nenhum familiar por perto, pois todos continuavam morando no interior, eu só podia contar com a ajuda do zelador. Claro que tenho minhas amigas, mas não posso confiar em deixar essas tarefas para elas. Somos amigas de farra e eu sei muito bem o quanto elas podem ser irresponsáveis em certas situações.

Era visível em meu rosto e no de Augusto, o quanto estávamos cansados de tanta correria. Nem tempo para discussão tínhamos mais. O foco era sempre em terminar nosso trabalho o quanto antes, e do melhor jeito possível, pois se toda essa correria já não fosse o suficiente, ainda precisamos apresentar uma amostra para o diretor de tudo que faríamos em Cannes.

E hoje é nosso último dia de trabalho, portanto temos que apresentar esse projeto agora de manhã e torcer para o diretor aprovar, pois se ele não gostar de algo, não sei o que faremos, o que menos temos agora é tempo para reformular o projeto.

— Está pronta, Beatriz? — Augusto pergunta me tirando de meus devaneios.

— Ah, sim, claro.

— Você parece um pouco dispersa hoje.

— O pior é que estou mesmo. Essa semana acabou comigo. Tanta correria em deixar todas as minhas malas arrumadas e tudo organizado já que meu apartamento irá ficar trancado por tantos dias, que minha cabeça já está entrando em colapso.

— Você já fez suas malas? — Augusto parece estar espantado com isso.

— Mas é claro! Vai me dizer que você ainda não fez suas malas?

— Ainda não. — Diz isso como se não fosse nada de mais. Como pode ser tão desligado desse jeito? Claro! Homens. Não precisa mais nada a ser dito.

— E o que você fez nesse tempo que não arrumou suas malas? Pois se não está

lembrando, nosso voo sai logo amanhã cedinho.

— Não me esqueci disso. Mas é que é tão fácil de arrumar malas, que posso fazer isso em vinte minutos.

— O quê? — Essa pergunta saiu quase como um grito de espanto. Eu não posso acreditar que uma pessoa normal consiga arrumar uma mala em apenas míseros vinte minutos, até mesmo para um homem.

— É isso mesmo, rapidinho eu já estarei com tudo pronto. É só colocar umas trocas de roupas, dois pares de sapato e um desodorante.

— Eu não acredito no que estou ouvindo. Como é possível viajar para outro país com tão pouca coisa?

— Vocês mulheres é que são muito exageradas, querem levar dois pares de sapatos para ver qual vai combinar melhor com cada roupa que irá vestir. Nós, homens, somos práticos. Basta levar o essencial, e se faltar algo, compramos na primeira loja que tiver pela frente. Simples assim, sem estresse.

— Você não tem jeito mesmo. — Desisto de tentar entender o que se passa na cabeça dos homens. — Vamos logo apresentar esse projeto, pois se o diretor não gostar, acho que vou surtar naquela sala sem ter tempo de preparar uma nova campanha.

— Vamos enfrentar a fera.

Reunimos todo nosso projeto e seguimos para encontrar com o diretor. Ao passarmos em frente à mesa de Priscila, ela deu uma risadinha para mim com seu jeito de malandra.

Por todos esses dias, cada vez que ela me pegava sozinha, queria saber se eu já havia me apaixonado pelo “Guto”. Porque ela e todas as outras mulheres do setor, já estavam caidinhas por ele e o chamavam pelo seu apelido ridículo. Ela ficou indignada ao saber que eu não o chamava pelo apelido e muito menos que eu tivesse apaixonada por ele. As pessoas não compreendem que um homem e uma mulher podem manter uma relação de apenas compromisso com o trabalho, porque também ainda não podia ser classificado como uma amizade.

Não é porque passamos o dia todo trancados na mesma sala, que a gente acaba “se pegando” durante o expediente. Eu levo minha profissão muito a sério e quero poder continuar empregada ainda por muito tempo. Portanto, não me darei ao luxo de ter um romance com um colega de trabalho. Ainda mais esse “colega” sendo o chato do Augusto. Está bem, ele não é tão chato, mas mesmo assim, as minhas regras continuarão valendo.

Enfim, apresentamos nosso projeto ao diretor, que sem sombra de dúvidas o aprovou. Elogiou-nos tanto pelo nosso excelente trabalho e em tão pouco tempo, que mal sabia ele que quase eu nem estava dormindo, pois mesmo em casa, eu ainda fazia algumas anotações do que poderia ser uma boa campanha.

Augusto pelo jeito também seguiu essa mesma linha de raciocínio, porque quase todos os dias, chegava ao trabalho com cara de cansado, de quem havia dormido somente poucas horas.

Mas o importante é que tudo deu certo no final. E agora estamos prontos para colocar

tudo em prática. Em Cannes, na França! Eu ainda mal posso acreditar que farei uma viagem internacional, ainda mais para um dos lugares que sempre sonhei conhecer. Embora ache que não sobrarão muito tempo para passeios e simplesmente agir como uma simples turista.

Como nossa viagem já será amanhã e o projeto acaba de ser aprovado, o diretor nos liberou mais cedo para que possamos nos preparar. Graças a Deus!

— Ainda bem que ele nos liberou mais cedo, eu estou precisando dormir o sono dos justos. — Augusto diz assim que estamos de volta em nossa sala.

— Dormir? E você não se lembra que ainda tem suas malas a serem preparadas?

— Você e suas preocupações tão descabidas, Bia. — Pois é, infelizmente esse apelido ridículo ainda fazia parte do nosso dia a dia. Quando ele lembrava que eu detestava de ser chamada assim, logo ele se corrigia, o que era muito difícil de acontecer. Tanto é que eu desisti de lutar contra isso.

— Bom, o problema será seu se perder o horário do avião. Eu sei que estarei lá no horário e com folga, linda e formosa para essa grande e cansativa viagem. Já você, garanto que entrará por aquelas portas, todo descabelado, de roupas amarrotadas e empurrando uma bagagem que mal conseguiu ser fechada de tanta bagunça que está dentro com todas as roupas socadas.

— Nossa! Agora você forçou. O que é isso? Uma previsão?

— Pelo pouco que te conheço, acho que é a mais pura realidade.

— Muito bem, amanhã veremos se essa “realidade” será concretizada.

— Tenho certeza, meu sexto sentido nunca me engana.

Ele apenas ri, como se o que eu dissesse fosse apenas um monte de bobagens.

Terminamos de ajeitar nossas mesas e deixar tudo em ordem. E logicamente eu fui a primeira a pegar todos os projetos e ficar encarregada de levá-los nessa viagem. É bem capaz dele esquecer de levá-los se ficar por sua conta.

— Vejo que você não confia totalmente em mim ainda.

— Não é só por isso. Eu sempre levei tudo que faço muito a sério, não posso permitir que nada saia errado ou de um jeito que eu não estava esperando. Quase sempre eu tenho um “plano B”.

— Um dia ainda a vida pode te fazer uma surpresa. E isso não é muito bom, principalmente para quem não está esperando, ou acha que nada pode lhe tirar do rumo.

Agora fiquei passada com as palavras dele. Augusto sempre fala tudo em tom de brincadeira, mas agora, era como se ele estivesse me prevenindo de algo que está por vir. Apenas fiquei olhando para seu rosto sem nem saber o que responder. Fui pega de surpresa.

— Veremos se isso acontece para quem sempre tem um plano B, assim como eu. — Sei que soei muito prepotente, mas eu não poderia deixar que ele desse a última palavra.

Acabo de pegar todas as minhas coisas e saio da sala, sempre com Augusto atrás de

mim. Paro na mesa de Priscila para me despedir.

— Bem, já estou indo. Só queria te dar um abraço, já que nos veremos só daqui a quase um mês.

— Ai, amiga, não me faça chorar e borrar toda minha maquiagem.

Ela vem até mim e me dá um forte abraço. Priscila além de colega de trabalho é também uma das poucas amigas que tenho. Embora ela tenha um jeitão todo espetada, bem diferente do meu, ainda assim sentimos uma forte empatia uma pela outra.

— Sei que você não aguenta ficar tanto tempo longe de mim. Mas pense pelo lado positivo, finalmente irei fazer uma viagem internacional! Uhu! — Fazemos nossa dançinha da vitória, claro que discretamente, ainda mais porque Augusto está de olho em nossa despedida.

— Não se esqueça da minha listinha de presentes. Pela primeira vez terei meu tão sonhado perfume francês original. Ai, ai... — Priscila até suspira só pensando nos presentes que terei que trazer para ela.

— E você não se esqueça de que estou indo para trabalhar e não ficar passeando. Por isso não posso prometer que trarei tudo que está na sua “listinha” de quase duas páginas.

— Calma lá, garota! Também não é uma lista desse tamanho todo não.

— Mas chega bem próximo. Bom, deixa-me ir que é preciso acertar muitas coisas, logo estarei de volta.

— Boa viagem, a vocês dois. E faça tudo aquilo que eu faria se estivesse em seu lugar.

— Nem morta! Pensa que eu não conheço sua índole? Garota atrevida!

Ficamos sérias por apenas alguns segundos antes de cairmos na gargalhada. Priscila é a própria “pegadora” e não está se importando nenhum pouco com isso. Ela gosta de aproveitar a vida. Cada um tem seu jeito de aproveitar, mesmo que eu não ache essa a melhor escolha.

Augusto se despede dela apenas com um aperto de mãos. Mas como Priscila não deixa nada passar, ela o agarra sem que ele sequer esperasse por essa surpresa. Ela o abraça forte, mas ele mantém os braços abaixados sem retribuí-lo. Só por isso ele ganhou um pontinho a mais comigo. Significa que ele não é o tal “garanhão” que pensei que fosse.

Apenas faço um gesto para ela largar dele e com uma risadinha, que conheço muito bem o que significa, ela o solta. Priscila devia estar achando que eu estava com ciúmes, até parece.

Já no saguão do prédio, me despeço dele, mas não antes de deixar um recadinho de alerta.

— Por favor, Augusto, não vá se atrasar amanhã. Se você não estiver lá no horário, eu entro naquele avião e faço todo o serviço sozinha.

— Estarei lá antes de você, quer apostar?

— Duvido. — Como sempre, eu duvidava muito que isso fosse possível.

— Então vamos apostar, já que você está tão confiante, nem há o que você perder.

Penso por um momento. O que eu tenho a perder? Nada. Pois tenho a certeza de que com o cansaço que Augusto está apresentando e ainda por não ter feito suas malas, é praticamente certeza de que irá se atrasar.

— Tudo bem, vamos apostar. O que você sugere como prêmio para o ganhador?

— Se você ganhar, pode escolher qualquer coisa. Mas, se eu ganhar, eu te convido para um encontro.

— O quê? Ficou louco? O que te leva a pensar que eu sairia com você para um encontro?

— Ora, ora... Mas cadê aquela mulher tão confiante de que está certa de que irei me atrasar? Se você tem tanta certeza disso, não há o que temer por eu estar propondo um simples encontro se eu ganhar a aposta.

Putz! Agora ele me pegou. Mas é que fiquei tão desconcertada com esse possível acontecimento que quase me desespero.

— Ok, aposta aceita, já que tenho certeza que irei ganhar mesmo, não há o que temer. — Selamos o acordo com um aperto de mãos. O que não me passou despercebido o quanto sua mão é quente e macia. Cada um seguiu seu rumo indo embora.

Capítulo 5

Nosso embarque está marcado para as 8 horas da manhã. Por hoje ser sábado, talvez o trânsito nesse período não esteja tão caótico e eu consiga chegar com uma grande antecedência. Dessa vez fui precavida, além de colocar meu celular para despertar, ainda comprei um irritante relógio tic-tac. Tive uma noite péssima por conta desse barulho a noite inteira em meu ouvido. Quando consegui dormir, já deveria ser de madrugada.

O importante é que não perdi hora. Consegui tomar um banho calmo e relaxante para as várias horas de viagem que viriam pela frente. Tomei meu café tranquilamente, mas sem exageros, pois não sei como meu estômago irá se comportar durante uma viagem de avião. Nunca me dei bem nem com viagens curtas de ônibus, quem dirá de avião. É melhor ficar precavida e colocar um remédio para náusea na bolsa.

O táxi que pedi chega. Pego minhas duas malas e minha bolsa de mão. Verifico se tranquei todas as janelas e se desliguei todos os eletrônicos da tomada. Depois de tudo checado, tranco a porta e deixo a chave com o zelador. A esposa dele ficaria encarregada a cada dois ou três dias, ir até meu apartamento e abrir as janelas para arejar um pouco o ambiente. Com isso eu ficaria mais tranquila sabendo que qualquer problema, teria alguém para me ajudar.

Chego até o aeroporto toda feliz com o tempo de sobra que ainda tenho. Pego um daqueles carrinhos para colocar minhas malas e vou até o balcão de informações para saber qual o procedimento que tem que ser feito agora. Afinal, nunca viajei antes e não sei o que fazer nesse caso.

Com todas as informações recebidas, sigo até a área de *chek-in*. Mas quase tenho um infarto fulminante ao ver quem está em primeiro lugar na fila e já fazendo seu *check-in*.

Augusto está de costas para mim. Mesmo ele estando de roupas casuais e não em seus elegantes ternos, como eu estava acostumada a vê-lo nessa semana em que trabalhamos juntos, ainda assim era possível reconhecê-lo. Mesmo com os cabelos revoltos, como se não tivesse tempo para serem penteados.

Ah! Agora entendi. Ele deve ter feito isso somente para me provocar e vencer essa aposta estúpida. Puta merda! A aposta... E agora? Será que dá para eu dizer que cheguei primeiro e estava esperando por ele em outro lugar? Mas a quem eu quero enganar? Se eu perdi a aposta, então devo assumir essa consequência, mesmo ela sendo um encontro com ele.

Entro na fila para fazer meu *check-in*, mas tentando me esconder para que Augusto não me veja. Mesmo com tantas pessoas à minha frente, ainda é possível vê-lo fazendo gracinhas com a recepcionista que o está atendendo. E pelas risadinhas e bochechas coradas dela, já deve ser mais uma que se encantou por ele. O que tanto essa mulherada vê em Augusto? O tempo em que convivi com ele, só pude perceber que é um cara muito piadista, ou então ele não jogou todo seu charme para cima de mim.

Finalmente ele pega seu passaporte autorizado e sai da fila. Tento tapar meu rosto com o cabelo, mas não adiantou muito, pois ele vem diretamente até mim.

— Mas veja só quem está ao final da fila! Será que isso significa alguma coisa, Bia?

— Não sei o porquê de todo esse alvoroço, eu cheguei bem adiantada. Já você, acho que deve ter dormido aqui no aeroporto.

— Tá louca, mulher? De onde tirou essa ideia que dormi aqui? Ainda não cheguei a esse ponto de desespero. — Augusto parece ofendido com a minha insinuação por ele ter chegado tão antes de mim.

— Ou é isso, ou você está desesperado para ter um encontro comigo. — Comento com um levantar de sobrancelha desafiando-o.

— Está totalmente errada, em suas duas opiniões. Como eu havia dito antes, é muito fácil para eu arrumar minhas malas. Coloquei meu celular para despertar bem antes, apenas por uma questão de ser precavido. E não, não estou desesperado para ter um encontro com você.

Ah, mas que filho da mãe! Como ele pode falar uma coisa dessas para mim? E porque estou dando tanta importância, já que eu também não queria esse encontro com ele?

— O que foi, perdeu a língua? Ou será que é você que está desesperada para ter um encontro comigo?

— Você só pode estar louco, Augusto. Onde já se viu eu querer esse encontro com você? Além do que, será apenas um jantar e não em encontro romântico.

— Veremos. Mas antes precisamos primeiro embarcar nesse avião.

Foi então que vi as pessoas impacientes à minha volta, pois a fila já havia andado e eu estou aqui parada sem nem ter percebido. Faço meu *check-in* e com o número do portão de

embarque em mãos, seguimos para área de espera.

Começo a ficar apreensiva, nunca voei antes e o medo começa a tomar conta do meu corpo, mesmo eu tentando me dizer para ficar calma. As chances de um acidente aéreo são bem menores do que um acidente de carro. Mas como dizer isso ao meu inconsciente que teima em criar mil e uma possibilidades dessa viagem dar errado de alguma maneira.

Augusto nota que estou roendo as unhas e tenta me acalmar.

— É sua primeira vez num avião?

— Sim. Nunca fui para lugares tão longes. E as viagens mais longas que fiz, sempre foram de ônibus.

— Não se preocupe, o medo dura só o período em que o avião está decolando. Depois de estabilizado você já não sente mais tanta apreensão. É torcer para que não haja muita turbulência e teremos uma viagem tranquila.

— Assim espero. Se eu tiver uma crise de pânico, acho bem capaz de dar o maior vexame dentro desse avião.

Sem mais demora, somos chamados para o embarque. Minhas pernas estão moles, mal consigo andar em linha reta. Minhas mãos tremem tanto que mal consigo carregar minha bagagem de mão. Augusto se oferece para carregar minha bolsa, mas recuso, pois assim mantenho as mãos ocupadas e talvez isso me acalme um pouco mais.

Já dentro da primeira classe, pois o diretor achou melhor que assim fosse devido à viagem longa e depois de uma semana tão cansativa, ele achou que merecíamos uma viagem mais confortável. Ótimo, só tenho a agradecer pelo grande espaço que existia entre as poltronas, eu até poderia tirar um cochilo, que com certeza o sono viria assim que eu tomasse o meu tão precioso remedinho para o enjoo.

Augusto parecia estar extremamente familiarizado com tudo. Eu não sei praticamente nada sobre sua vida, apenas que ele já havia feito uma viagem para França. Acho que é por isso que ele está tão calmo. Já eu, a cada minuto de espera para decolar, minha ansiedade aumenta.

Sinto o estômago revirar, preciso tomar meu remédio urgente, ou não vou aguentar segurar meu café da manhã por muito tempo.

— Porque está tão inquieta, Bia?

— Estou começando a passar mal. Preciso tomar meu remédio. — E ainda nem começamos a sair da pista.

Augusto acende a luz, chamando uma das comissárias de bordo. Assim que vem até nós, ele pede para ela trazer uma garrafa d'água. Eu apenas consigo dar um leve sorriso em sinal de agradecimento.

Enquanto os passageiros ainda estão se ajeitando em seus assentos, finalmente engulo meu comprimido com um gole d'água. Pode até ser psicológico, mas sinto meu estômago já ir se acalmando.

Logo, uma das comissárias começa a dar as instruções em caso de emergência e acompanho tudo atentamente. Só vejo o Augusto do meu lado rindo de minha extrema

preocupação. Mas nem me importa, eu não conhecia essas instruções e queria saber o que fazer em caso de alguma pane no avião.

— Não quero te assustar, mas você sabe que se o avião cair, de nada essas instruções serão válidas, já que provavelmente todos estarão mortos antes mesmo do impacto?

— Mas que coisa mais horrível de se dizer! Como você pode pensar isso, Augusto? — Estou horrorizada com esse pensamento dele.

— Ei! Estou só brincando, é apenas uma maneira de tentar te descontraír.

— E dizendo essa barbaridade, acha que está me acalmando? Tenha um pouco mais de compaixão por quem está passando por isso pela primeira vez.

— Ok, confesso que foi uma brincadeira muito estúpida e totalmente fora de hora. Desculpe-me, prometo não fazer mais esse tipo de brincadeira.

— Acho bom mesmo, ou você é que vai entrar em pânico se eu descontar todo o meu pavor para cima de você. E olha que você não tem a mínima ideia do que sou capaz quando perco meu controle.

— Você vira uma gata selvagem?

— Quer pagar para ver?

— Por enquanto vou confiar em suas palavras, não vou mais te provocar. Pelo menos até desembarcarmos em Cannes. — Reviro meus olhos não acreditando que essas brincadeiras nunca irão ter fim.

Vejo as comissárias irem para seus assentos e de repente o avião começa a taxiar na pista. Respiro fundo e dou uma olhadinha para a janela. O avião começa a ficar mais veloz. Minha respiração parece acelerar junto com ele, começo a ficar sem ar.

— Fique calma, apenas respire profundamente e pausadamente. — Augusto começa a inspirar e expirar junto comigo para tentar me acalmar.

Minhas mãos estão até perdendo a coloração de tanto que as aperto no apoio do banco, como se isso fosse impedir de alguma coisa. Vendo que só tentar a respiração pausada não está adiantando muito, Augusto segura a minha mão que está ao lado da sua.

— Feche os olhos, continue inspirando pelo nariz e expirando pela boca. Sinta as batidas de seu coração ir se acalmando. Eu estou do seu lado, segurando sua mão, e garanto que tudo logo, logo ficará bem. Já estamos quase chegando à altitude que o avião irá se estabilizar. Só mais alguns segundos, Beatriz.

Faço tudo o que ele está me dizendo, enquanto realmente começo a sentir uma calma atingir meu corpo e mente. E não é que ele é bom nisso? Quem diria que Augusto seria capaz de me deixar calma, e ainda me chamou de Beatriz, sinal de que ele está verdadeiramente preocupado com meu bem-estar.

— Pode abrir os olhos agora, já não há mais perigo.

Continuo seguindo tudo o que ele me diz, como se eu estivesse hipnotizada por sua voz calma soando em meu ouvido.

Abro os olhos e olho pela janela mais uma vez. Vejo as casinhas e prédios

pequeninhos lá embaixo. E nuvens tão brancas e tão próximas, que até parece que é possível de pegá-las para sentir sua textura. Sorrio, pois não é nada nem parecido com o que imaginava. É tudo mais lindo do que minha mente criava quando eu pensava em uma possível viagem aérea.

Lembro que Augusto está ao meu lado e ainda segurando minha mão. Reconheço a grandeza dele em me ajudar num dos momentos mais difíceis pelo qual já passei, e sei que é preciso aceitar isso e agradecer-lo.

— Obrigada por me ajudar a superar esse episódio de pânico. Não sei se seria capaz de viajar se eu estivesse sozinha.

— Não precisa agradecer, apenas fiz o que eu podia fazer em tentar transmitir calma e tranquilidade. Eu que devo agradecer por você ter confiado em mim, pois se não fosse por isso, seu medo não iria passar.

— Pode até ser, mas, se eu tivesse ao lado de uma pessoa estranha, talvez ela nem percebesse que eu estava tendo uma crise.

— Foi só a primeira vez. Agora que você já sabe como é, as próximas vezes será mais tranquilo, porque você já sabe qual será o passo a passo da decolagem.

— Me desculpe, ainda estou apertando sua mão. — Finalmente percebo que durante esse diálogo, ainda não havia soltado de sua mão. Pude perceber que seus dedos estavam até um pouco vermelhos devido à força que eu fazia ao segurá-la.

— Não tem problema. Foi tão bom para você quanto foi para mim? — Fiquei de boca aberta com a insinuação que Augusto fez. Imediatamente soltei sua mão como se tivesse levado um tremendo choque elétrico.

— Vejo que já passou seu momento de psicólogo e voltou ao seu lado cafejeste.

— Ai, que ofensa para com a minha pessoa! Jamais faria uma coisa dessas com você.

Não digo mais nada, todo aquele momento fofo que eu estava vendo das atitudes dele, foram para o espaço. Recosto melhor em minha poltrona, já sentindo os efeitos sedativos do remédio para enjoo começarem a fazer efeito. Sei que ainda teremos muitas horas de voo pela frente e o quanto mais eu puder ficar quieta no meu canto é melhor. Ajeito o pequeno travesseiro em meu pescoço, inclino minha poltrona para trás, procurando ficar o mais confortável possível. Até ouvir Augusto sussurrar em meu ouvido.

— Vejo que já está sonolenta. Se quiser dormir no meu ombro, estou totalmente disponível para servir como seu travesseiro humano. Só não pode babar em cima de mim.

— Jamais faria isso, ainda mais com você. — Minha voz sai sonolenta, mas autoritária.

Capítulo 6

Começo a despertar lentamente. Sinto que dormi por várias horas, num sono tão profundo e gostoso. Ao menos não estou enjoada, até estou com um pouco de fome. Sinto um cheiro tão bom e dou uma longa inspirada para aproveitar mais desse delicioso aroma.

Espreguiço e sinto que estou com a cabeça encostada em algo um pouco mais duro do que o travesseiro que eu tinha ajeitado para dormir. Começo a tatear essa superfície, ainda sem abrir meus olhos, que estão pesados devido ao sono. Minhas mãos começam a percorrer algo duro e um pouco peludinho. Mas que raio de coisa é essa? Vou subindo minha mão até sentir um vapor quente em meu rosto e ouvir uma risadinha.

Ai. Meu. Deus. Alguém me diz que não é isso que eu estou pensando! Aperto meus olhos com medo de abri-los e ter a certeza do que estou achando onde devo estar recostada.

Vou abrindo lentamente, primeiro um olho e depois o outro. E tudo que poderia não ser verdade acaba de se tornar real. Estou deitada no ombro de Augusto. Ai que raiva! Como eu pude dormir praticamente em cima dele, logo quando havia dito que jamais faria uma coisa dessas? E o pior, eu dei a maior fungada no pescoço dele. Tenho vontade de gritar de raiva de mim mesma por ter sido tão estúpida. Mas se formos analisar todo o contexto, eu estava praticamente em “coma” por causa da medicação. Não deitei no ombro dele de livre e espontânea vontade. Foi puro acaso. “É, é isso mesmo, Beatriz. Consciência tranquila.”

Rapidamente volto a me ajeitar em meu assento. Ouço a risada dele ficar mais estrondosa, como se ele não tivesse mais conseguindo segurá-la. Crio coragem e encaro seu rosto.

— Posso saber qual é a graça?

— Vai me dizer que você não sabe o motivo, Beatriz?

— Existe uma explicação para eu ter dormido em seu ombro. Foi apenas o efeito colateral do medicamento. E todo mundo sabe como a pessoa fica sonolenta e sem ter controle total de seus movimentos. Só por isso deitei em cima de você.

— Até aí eu concordo, pois eu mesmo já precisei uma vez tomar esse remédio e fiquei parecendo um bêbado com a voz arrastada, sonolento e com a cabeça girando. Mas, não babei em ninguém.

— O quê? – Não entendi o que ele quis insinuar.

— Pois veja com seus próprios olhos a prova de que você babou em mim.

Augusto aponta para a camiseta que está vestindo com uma enorme mancha molhada. Fico boquiaberta. Caramba! Acabei babando mesmo. Que vergonha! Nunca passei por uma situação tão vexatória como esta. Como eu poderia babar no cara que eu conhecia há tão pouco tempo?

— Foi sem querer, e tenho certeza de que você irá fazer muita piada ainda sobre isso.

— Não, Beatriz. O que acontecer nesse avião, fica nesse avião.

— Até parece que quando voltarmos você não irá comentar sobre o ocorrido com todas as suas novas “amiguinhas” do trabalho.

— Senti uma pontada de ironia aí, ou foi só ciúmes mesmo?

— Já disse que não tenho motivo nenhum para sentir ciúmes de você.

— Então posso classificar como inveja, já que todas as mulheres do trabalho caíram em minhas graças, isso sem eu fazer o mínimo de esforço para conquistá-las.

— Que coisa mais machista de dizer! Por acaso você se acha a última bolacha do pacote? Pense que essa “bolacha”, pode estar totalmente esfarelada. Então não fique se gabando muito.

— Assim você me ofende. — Augusto diz teatralmente levando a sua mão ao peito como se tivesse sido ferido por minhas palavras.

— Deixe de besteira. Me desculpe por ter babado em sua roupa, prometo que isso não irá acontecer de novo. E agora me dê licença que preciso ir ao banheiro lavar meu rosto e ver se desperto um pouco. Esse remédio acaba comigo.

— Tudo bem, pode ir.

Como Augusto está sentado na poltrona do corredor, ele precisa encolher um pouco suas longas e musculosas pernas para me dar espaço para passar. O problema é que ainda estou sentindo os efeitos colaterais e sinto minha cabeça girar em uma forte tontura assim que me levanto rápido.

Para piorar minha situação, acabo caindo sentada em seu colo, que não esperava por isso, e ao se deparar com meu desequilíbrio, no intuito de evitar que eu caísse ao chão, tentou me segurar. Só que como tudo aconteceu muito rápido, ele acabou levando sua mão ao meu seio. E eu por minha vez, ao cair sentada em seu colo, acabei apoiando minha mão bem em cima do “precioso” dele. Ah! Qual é? Cada um coloca um apelido diferente para as partes íntimas, e daí?

Tiramos as mãos depressa e meio desajeitadas. Pude ver o rubor em seu rosto, o meu deveria estar igual. Levanto o mais rápido que consigo, mesmo ainda estando um pouco zozza e sigo para o pequeno banheiro, não antes de ainda ser capaz de tropeçar em seus pés.

Tranco-me no banheiro e vejo meu reflexo no espelho. Minha pele que sempre foi pálida, agora está com as bochechas super rosadas, minha testa suada e meus cabelos desgrehados. Lavo meu rosto com a água fria e sinto ir ficando um pouco mais calma. Em tão pouco tempo ocorreu uma sucessão de fatos bizarros, nem sei como foi possível. Agora já estou mais desperta e conseguindo controlar meus atos.

Volto para meu assento e não dizemos nada um para o outro, ambos ainda estamos muito envergonhados com o que aconteceu. Quando eu imaginaria que de um simples deslize de minha parte, iríamos nos tocar tão intimamente? E pelo que percebi, o “precioso” era também bem generoso. Mas que p****! Como posso ficar pensando nas partes íntimas de Augusto? Mas, será que ele também estava pensando em meus seios?

Achei que ele falaria alguma gracinha, mas deve ter ficado tão envergonhado quanto eu. O jeito é fingir que nada aconteceu e curtir o restante da viagem, que deve ter algumas horas ainda pela frente.

Já é a hora do almoço e a comissária vem trazer nossos pratos. Comemos em meio ao silêncio, que por acaso já está ficando incômodo.

— Isso aqui não está certo. — Digo tentando começar uma conversa.

— O quê? Você está falando da comida? — Augusto parece um pouco perdido.

— Não, essa situação constrangedora entre a gente. Não podemos ficar desse jeito, ainda temos uma longa viagem pela frente e quase 30 dias para passarmos juntos. E nesse clima, vai ficar complicado nossa convivência.

— Apenas releve o acontecido e vamos vivendo normalmente. Se for se preocupar com aquele incidente, com certeza eles irão ficar te consumindo. Afinal, não houve nada de mais, apenas nos tocamos em nossas partes íntimas, mas foi sem querer. Embora, devo confessar que foi bem agradável.

— Augusto! — Grito com ele por ter soado tão indelicado.

Todos os passageiros à nossa volta olharam para mim com o grito que dei. Me encolho na poltrona sentindo mais uma vez meu rosto ficando vermelho de vergonha.

— Viu o que você fez? — Sussurro para que agora só Augusto seja capaz de ouvir.

— Eu não fiz nada, você que fica aí gritando. Bem que eu gostaria de ouvir você gritando meu nome em outras ocasiões mais excitantes.

— Olha aí você de novo insinuando essas coisas!

— Beatriz, esse é meu jeito. Eu sempre vou falar esse tipo de coisas, por mais que já vi que você não se sente bem com isso, mas eu sempre fui assim e é difícil de conseguir me controlar em sua frente.

Pensando por esse lado, Augusto está certo. Não posso querer mudar o jeito dele, assim com não quero que ele tente mudar o meu jeito de ver as coisas.

— Não posso exigir que você mude só por eu não gostar de certas atitudes. Mas também você deve levar em conta que não são todas essas atitudes que eu posso aceitar calada.

— Muito bem, então a partir de agora temos um trato. Vou me vigiar para não te deixar constrangida na frente de estranhos.

— Ótimo! Agradeço por seu esforço. Agora que já esclarecemos tudo, vamos terminar nosso almoço.

Enfim, terminamos nosso almoço em meio de conversas triviais e respeitadas de ambas as partes. A vista através da janela do avião é magnífica. Aquela imensidão do oceano Atlântico abaixo de nós e as nuvens que nos rodeiam, é para deixar qualquer um agraciado pela oportunidade de poder presenciar essa vista.

— Essa vista é realmente maravilhosa, não é? — Augusto me tira de meus pensamentos absortos.

— Eu sempre quis fazer uma viagem dessas, mas sempre tive medo, ou não tive a oportunidade. Mas essa paisagem é de tirar o fôlego e fazer esquecer qualquer medo e temor de viajar.

— Se tudo der certo com a abertura dessa nova filial, com certeza muitas viagens como esta estarão em nosso futuro. Então é melhor já ir se acostumando.

— Confio em meu trabalho, mas o desenvolvimento desse projeto tão ambicioso e arrojado em tão pouco tempo, me deixa com uma pulga atrás da orelha. Será que tudo que fizemos realmente está de acordo para ser apresentados num país que é tão ligado a moda e famoso por suas marcas de sapatos?

— Mesmo por ter sido pouco tempo, sei que fizemos nosso melhor. Não conhecia seus trabalhos antes disso, mas pelo o que vi o tanto que você se dedicou e se empenhou em fazer sempre o melhor, acredito que estamos num bom caminho.

— Obrigada por acreditar e confiar em meu trabalho. Isso é muito importante para mim. Você também fez um bom trabalho. E devo admitir que não é nenhum pouco fácil criar projetos em conjunto com desconhecidos, mas com todos os obstáculos, ainda assim fomos capazes de unir nossas ideias.

— Fazemos um bom casal.

— Não, fazemos uma boa dupla de profissionais. Um casal leva a entender uma vida fora do ambiente de trabalho, e isso nós não vivenciamos.

— É só você querer. Ah, caramba! Fiz de novo, não é?

— Sim, você prometeu tentar não fazer mais isso há apenas alguns segundos atrás.

— Eu disse que não seria fácil. Desculpe.

— Sem problemas. Sei que vai levar um tempo até você se acostumar a ser mais sério com certos assuntos.

Claramente Augusto ficou constrangido por ter quebrado uma promessa em tão pouco tempo, por isso não levei muito a sério esse deslize momentâneo e deixei essa história pra lá.

O restante da viagem passamos entre assistir filmes e cochilando mais um pouco. Mas dessa vez não dormi em seu ombro. Graças a Deus! Fui mais esperta e me encostei o máximo que pude na janela, evitando ficar muito perto de Augusto. Já ele, estava todo esparramado em sua poltrona, e como o espaço entre a poltrona da frente era grande devido a estarmos na primeira classe, isso proporcionou um maior conforto para ele esticar suas longas e torneadas pernas. E que pernas! Chega até me dar um calor só de lembrar nelas quando caí sentada em seu colo.

Não sou uma garota puritana, já tive meus casos por aí. Mas nunca encontrei um cara tão lindo quanto Augusto. Não posso me enganar e dizer ao contrário, nem julgar todas as mulheres do trabalho que caem matando em cima dele. Que ele é um partidão... Ah, com certeza é! Que eu vou querer ter algo com ele, com certeza não, nem me atreverei a cogitar tal hipótese.

Agora que lembrei, ainda devo um encontro em razão de ter perdido aquela aposta

estúpida. Como será esse encontro? Um jantar, um passeio pelos pontos turísticos? Ou será que ele tem alguma surpresa já planejada e ainda não me contou? De qualquer maneira não devo me preocupar agora com isso. Em primeiro lugar vem o trabalho, o que nos tomará um bom tempo dessa viagem, e quem sabe até lá ele já não tenha esquecido essa aposta...

Fico olhando seu rosto enquanto ainda dorme, reparo em cada detalhe. Sua barba mais cheia por que não deve ter tido tempo de fazê-la antes da viagem.

— Já decorou cada detalhe do meu rosto? — Como ele sabe que estou observando enquanto ele dormia? Será que esse tempo todo ele estava fingindo estar dormindo enquanto eu estava aqui como uma boba encarando seu rosto?

— Não sei o porquê você acha que estava te encarando. — Invento uma desculpa de última hora, vai que ele acredita. — Você estava dormindo, deve ter sonhado que eu estava te observando, só pode ser isso.

— Pode ser. Viajar na primeira classe é tão bom e confortável, que até tive um sonho muito prazeroso.

— Olha, é melhor ter muito cuidado com a continuação dessa frase. — Lembro-o do nosso recente acordo, para que ele seja mais observador com suas atitudes.

— Calma, nem disse com o que sonhei. Mas se você estiver interessada, posso te contar.

— Não, nem quero imaginar sobre suas perversões. — Já aviso para que ele nem possa continuar sobre esse assunto. Mas para meu azar, Augusto parece determinado em querer me contar sobre o que sonhou.

— Ai, Bia, acho que é você que vê “perversão” em tudo. Existem várias formas de prazer, e o meu sonho era justamente sobre um desses tipos. Mesmo você não estando interessada em saber, vou contar mesmo assim, já estou ficando entediado com essa viagem demorada.

Bom, eu também já estou entediada. Então o jeito é ouvir Augusto e suas loucas histórias.

— Sonhei que estava numa praia linda e aparentemente deserta. As ondas vinham de encontro à areia e eram tão límpidas que se observasse bem, poderia até avistar pequenos peixinhos. E de repente, eis que surge uma visão do paraíso. “Ela” vinha vestida em seu biquíni e por cima uma saída de praia quase transparente. Aquelas curvas tão perfeitas, sua pele levemente bronzeada pelo sol. Mas não consigo ver seu rosto. E quando ela vem diretamente a mim, antes que eu possa ver de quem se trata, eu acordei.

— Não disse, sempre tem algo ligado ao desejo e sedução. — Tento fazê-lo entender de que estava com a razão.

— Está enganada. Por mais que possa insinuar dessa maneira, o sentimento que estava vivenciando ali naquele momento, não era do desejo primitivo e carnal, mas o de mais puro amor. Não sei explicar de outra maneira se não essa. Mas era uma admiração por essa mulher que eu nem sei quem é, mas que existia o mais sincero sentimento de amor.

Estou estarrecida com sua explicação. Augusto falou de uma maneira tão séria e

profunda. E eu que pensei que de sua boca sairia mais alguma besteira, quem ficou besta fui eu pela sua explicação. Seus olhos estavam até com um brilho diferente, como se esse sonho fosse real.

— Nossa! Vi que você está muito abalado com esse sonho. Me desculpe por ter zombado de você. Não imaginei você vivendo uma situação como esta. Pensei que para você tudo fossem apenas farra e diversão.

— Tudo bem, afinal é o que todos acabam pensando de mim por esse meu jeito descontraído e brincalhão. No final, ninguém realmente conhece quem é o verdadeiro Augusto e por isso todos só julgam pelo “Guto”. São como se fossem duas personalidades dividindo o mesmo corpo, mas com sentimentos e desejos diferentes.

Capítulo 7

Depois de várias horas, enfim chegamos ao nosso destino. Tantas pessoas passando por nós no aeroporto, várias línguas estrangeiras sendo faladas ao mesmo tempo, que me deixa até tonta.

Augusto coloca todas as nossas bagagens num único carrinho que ele mesmo faz questão de empurrar. Ao menos está sendo gentil nessa questão. Estou com as pernas dormentes de ter permanecido por tanto tempo sentada. Sinto meus pés inchados, não vejo a hora de chegar ao hotel e poder tomar um gostoso banho relaxante e cair direto numa cama confortável.

Devido ao fuso horário, já está bem tarde aqui em Cannes. Estou com fome, preciso comer alguma coisa antes de dormir, mesmo estando tão cansada, nada tira minha fome. Faço uma nota mental para não esquecer de pedir meu jantar logo que chegar ao hotel, assim não demorará para que eu possa ter meu merecido descanso.

Augusto apresenta nossos passaportes e então estamos liberados para usufruir de tudo o que esta cidade tem a nos oferecer. Só agora percebi como ele é fluente em francês. Nem havia me dado conta disso, eu apenas dou uma disfarçada legal com meu inglês de cursinho, mas eu conseguiria me virar bem em qualquer situação. Agora de francês, eu não entendo absolutamente nada além de: *mon amour*, *merci beaucoup* e *petit gâteau*. Pois é, pelo menos eu conseguiria pedir minha sobremesa e agradecer por ela.

Pedimos um táxi e Augusto informa o endereço de nosso hotel. Ele senta no banco de trás junto comigo, enquanto o motorista nos leva ao nosso destino. Tanto eu quanto Augusto, estamos encantados com Cannes.

A cidade inspira luxo e riqueza. As pessoas que vemos andando pelo calçadão a beira mar parece terem saídos de capa de revistas. Todo mundo muito lindo, seus corpos esculturais e vestidos de maneira chique, mesmo sendo noite. Casais caminhando de mãos dadas exalando beleza, luxúria e dinheiro, muito dinheiro. Eu nem poderia imaginar a quantia em dinheiro que uma pessoa deve gastar para morar num local como este.

Paramos em um sinal e Augusto me chama para ver o que está deixando-o de boca aberta.

— Veja, Beatriz! Olha que carro mais fantástico!

Parado ao nosso lado estava um dos carros mais desejados talvez por 99% dos homens. Uma legítima Ferrari vermelha, tão brilhante que parecia um espelho. Nunca liguei muito para esse tipo de luxo, é claro que sempre sonhei e desejei ter um carro só para mim, mas eu sonhava com aquilo que fosse possível ter em minhas atuais condições financeiras. Mas a maioria dos homens deseja ostentar dentro de um carrão igual a este.

— Nunca tinha visto um assim tão de perto. Realmente é de deixar qualquer um de queixo caído. Mas infelizmente só podemos olhar, não é?

— Um dia ainda consigo ter um desses. — Augusto parece um sonhador ou uma criança desejando seu presente de Natal.

— Sem querer te decepcionar, mas acho que só trabalhando como nós fazemos, é meio difícil disso acontecer. Agora, se você ganhar na loteria, aí sim as chances são bem maiores. Ou melhor, quem sabe você não aproveita essa estadia aqui e arranja uma velha viúva ricaça que esteja desejando seu corpinho e faça de tudo para te possuir?

Ele desvia seu olhar da janela, onde observava atentamente cada detalhe do carro e vira em minha direção parecendo completamente indignado com o que acabei de dizer.

— Você só pode estar louca. É isso, a altitude do voo e a pressão que exerce em nossa cabeça, deve ter afetado seus neurônios ao achar que eu aceitaria vender meu lindo e gostoso corpinho em troca de benefícios como ter um carro e dinheiro, relógios e mansões, iates e viagens...

— Ei, ei! Agora é você que está fora de si. Eu só disse em respeito ao carro e você já enumerou várias outras possibilidades. Isso para mim leva a crer que essa hipótese não está completamente descartada.

— Mas é claro que está! Vai me dizer que você nunca sonhou em ter tudo o que essas pessoas têm? Faz parte do ser humano desejar o que é bom e grandioso. Mas a diferença, é o modo em que cada um consegue realizar essas conquistas. E infelizmente eu sei até onde eu posso ir, o que por enquanto, é somente sonhar em estar vivendo uma vida como a dessas pessoas aí fora.

— Confesso que não seria nada ruim viver uma vida assim, sem se preocupar em conseguir pagar as contas ao final do mês. Quando quiser viajar é só entrar no seu iate de luxo e fugir para uma ilha deserta... É, não seria nada mal mesmo. — Concluo minha afirmação divagando em meus próprios desejos.

Chegamos ao hotel, não é dos mais famosos e mais caros, ele fica localizado numa parte mais ao longe da avenida principal, mas nem por isso deixa de ser menos imponente em sua fachada se comparado com os de cinco estrelas.

É um prédio muito alto, com muitos andares. A recepção é muito luxuosa e os funcionários, todos em seus uniformes impecáveis e alinhados. Me sinto até envergonhada com o traje que estou vestindo. Mas quem se importa? Acabei de fazer uma viagem interminável, devo estar com a roupa toda amassada e o cabelo todo despenteado, mas eu não estou me importando nenhum pouco com isso, por enquanto não.

Augusto faz o seu *check-in* no idioma francês, enquanto eu consigo fazer o meu em inglês. Ao menos todos aqueles anos de cursinho que meus pais tanto batalharam para conseguir pagar durante minha adolescência, finalmente estão sendo útil. Sei que estou com a pronúncia um pouco “enferrujada”, mas consegui falar e entender perfeitamente bem tudo o que a recepcionista me informou sobre a estadia no hotel.

Nosso quarto fica um ao lado do outro. Quando estou quase já fechando minha porta, Augusto me chama.

— Você vai pedir seu jantar aqui no quarto ou vai querer ir até ao restaurante?

— Pensei em pedir para trazerem até aqui, estou muito cansada. Só quero comer, tomar um banho e cair direto na cama.

— Posso pedir meu jantar para comer aqui com você? — Eu preferia jantar sozinha, não

estou mais a fim de manter nenhuma conversa por hoje, mas Augusto me pede com uma carinha igual a de cachorro abandonado, que fica difícil dizer não.

— Tá bom, mas pede algo que seja rápido, estou muito cansada de verdade, nem estou mais conseguindo raciocinar direito.

— Eu também estou esgotado, minhas pernas estão até dormentes de tanto ficar sentado. E amanhã já devemos ir até a nova sede da empresa e verificar como é o ambiente, as instalações e o que tem ao redor. Se for preciso, teremos que fazer algumas mudanças em nosso projeto.

— Espero que não. Já não tenho mais condições de refazer nenhum projeto por enquanto, a não ser que seja estritamente necessário. Acho também que devemos assistir a algumas propagandas da mídia local, assim teremos uma maior noção do modo em que os seus produtos são anunciados para o público.

— Sim, é uma excelente ideia. Se quiser aproveitar para ir tomar seu banho, eu fico aqui, faço o pedido do jantar e quando você estiver pronta, talvez o jantar já tenha chagado.

— Ótima ideia! Pode fazer o pedido então, e, por favor, peça um suco natural de maracujá para mim, se é que tem maracujá aqui na França.

— Não tenho a mínima ideia. Vou ver o que posso fazer por você.

— Obrigada.

Enquanto vou até minhas malas que estão largadas num canto do quarto, Augusto liga para o restaurante do hotel para fazer nossos pedidos. Abro minha mala à procura de uma roupa confortável para vestir. Na verdade, queria tomar banho e já vestir meu pijama, mas como ele ainda irá demorar para ir embora, é melhor vestir algo mais apropriado.

Não estou achando nada, só deve estar no fundo da mala. Começo a retirar todas as outras roupas que estão por cima e vou colocando ao lado no chão.

— O que tanto procura aí? — Levo um susto quando Augusto está ao meu lado vendo o que estou fazendo.

— Estou procurando uma roupa confortável para vestir, mas não estou achando. Pensei que tivesse trazido. Será que eu esqueci? — Essa pergunta foi mais para mim mesma, pois como ele poderia responder?

— E você pensando que era eu quem não sabia fazer uma mala, não é? Ao menos não ficarei como um louco procurando por algo na única mala que trouxe.

— Que engraçadinho! Eu sei que está em algum lugar. E eu sou mulher, é lógico que tenho que estar prevenida para qualquer ocasião e imprevistos.

Ele apenas fica ali me observando retirar praticamente tudo de dentro da mala. Só então percebo que acabei retirando minhas roupas íntimas e Augusto está com os dois olhos arregalados olhando para elas espalhadas pelo chão. Mas que merda! Ele está reparando em todas as minhas calcinhas! Finalmente acho uma roupa adequada para vestir e começo a praticamente jogar tudo de volta dentro da mala. É claro que as calcinhas são as primeiras peças que guardo, ou melhor, escondo.

Estou tão envergonhada por ele ter visto minhas calcinhas. Apesar de que são normais, não tem nada de vulgar ou chamativo. Espere! O que o Augusto está fazendo justamente com a única calcinha mais atraente que eu trouxe nas mãos? Mas que grande azarada eu sou!

Na euforia de querer guardar tudo rapidamente, nem percebi que ele estava abaixado ao meu lado me ajudando a catar as peças espalhadas. Mas ele tinha que pegar justo minha única calcinha vermelha?

— Me dá isso aqui! Agradeço sua ajuda, mas não precisa ficar segurando minha calcinha e a encarando dessa maneira. — Arranco a peça íntima de suas mãos e ele ainda tem a cara de pau de rir da minha cara de brava.

— Ai, Beatriz, é só uma calcinha, não precisa ficar envergonhada dessa maneira. Até parece que eu nunca havia visto antes uma calcinha vermelha e ainda por cima, de renda.

— É claro que você já deve ter visto aos montes, mas isso não significa que você precisa ver as minhas.

— Não tem com o que se preocupar, afinal, pelo que percebi, essa é talvez a única peça mais ousada que você deve ter na sua mala pelo que pude perceber. E tenho certeza de que irá usá-la no dia em sairá comigo para o nosso encontro.

— Ai, Deus. Eu jurava que você já tivesse esquecido essa aposta.

— Jamais. E ao contrário do que pensa, não vejo o dia desse encontro finalmente acontecer.

— Pois pode deixar de lado suas esperanças, porque esse “encontro” não passará de um mero e simples jantar entre dois colegas de trabalho.

— Isso é o que você pensa. — Ele disse tão baixo, como se fosse para eu não ter percebido, mas ouvi muito bem o que ele quis dizer. Achei melhor não dar continuidade nesse assunto.

Peguei a roupa que finalmente consegui achar no fundo da mala e segui direto para o banheiro, que é tão grande que acho até que é maior que meu quarto do apartamento em que moro.

Tiro minhas roupas, prendo meus cabelos num coque, não quero lavá-los agora porque não gosto de dormir com os cabelos molhados. Quando abro o chuveiro, um delicioso jato de água quente desce pelo meu corpo. Ah, que sensação maravilhosa!

Apenas fico ali parada, deixando que a água leve todo meu cansaço embora. Não demoro muito, pois sei que Augusto está do lado de fora me esperando para jantar. Visto meu pijama discreto e confortável, e nenhum pouco vulgar, já que ele me verá vestida dessa maneira, é melhor que não atice sua curiosidade vestindo algo mais chamativo.

Quando saio do banheiro, Augusto está terminando de arrumar o jantar na pequena mesa que tem no quarto. O cheiro está muito bom e ainda não faço ideia do que ele pediu para nós.

— O cheiro é muito bom, o que você pediu de jantar? — Ele leva um susto com minha aproximação quase sorrateira. Estava tão distraído arrumando a mesa de uma forma tão

bonitinha que deu até pena de assustá-lo.

— Caramba, mulher! Não pode fazer barulho para se aproximar das pessoas? Quase enfarto aqui. — Augusto está com as mãos sobre o peito. Dessa vez peguei pesado, mas não pensei que ele estivesse tão distraído assim que nem percebeu minha presença.

— Não tenho culpa se o distraído aqui é você.

— Não sou distraído, apenas não estava esperando que você fosse chegar por trás de mim como se fosse uma ninja.

— Ah, está bem! Agora chega de drama e vamos comer. Meu estômago já deve até estar colado.

— Exagerada, até parece que não se alimentou no avião?

— Aquelas guloseimas não foram o suficiente para matar minha fome. E eu também não quis comer do jantar servido lá porque o efeito do remédio já estava passando e eu não queria tomar outro. Preferi esperar para jantar aqui no hotel.

Sentamos na pequena mesa onde dois pratos com sanduíches estão de frente para nós.

— Achei que pedindo sanduíches fosse chegar mais rápido, já que você disse que queria algo de rápido preparo para poder dormir logo.

— Sanduíche está perfeito para mim. Até porque essas comidas cheias de muita frescuras não são muito do meu paladar.

— Logo você se acostuma. Quando eu vim para França pela primeira vez, também não gostava muito dessas coisas cheias de “frufu” e florzinhas por cima da comida. Mas isso foi até experimentar pela primeira vez e mudar minha opinião radicalmente pelo delicioso sabor. Confesso que *escargot* continua não sendo meu prato principal, mas já cheguei a experimentar também.

— Isso com certeza não vou querer experimentar de jeito nenhum. Para mim toda comida deve ser bem cozida ou frita. Comida crua não é para o meu paladar de maneira alguma.

— Nem todo mundo tem o paladar em que todas as comidas são do agrado, mas vou te mostrar vários pratos que sei que talvez você possa gostar.

Tomo um pouco do suco e vejo que é de maracujá, o meu sabor preferido. E está geladinho do jeito que gosto. Terminamos nosso jantar em silêncio. É possível ver o quanto Augusto está cansado e abatido tanto quanto eu. Ao menos já tomei meu banho e estou preparada para dormir. Ele ainda precisa ir até seu quarto se preparar também.

Soltamos um alto bocejo ao mesmo tempo, como se para provar o quanto estamos cansados.

— É, por hoje já chega. Não adianta mais eu tentar lutar contra o cansaço. Vou para meu quarto tomar uma rápida ducha me enxugar e cair na cama.

— Pelado? — Tapo minha boca com as mãos com a pergunta mais idiota e indecente que já fiz. Puta merda! Devo estar ficando louca de fazer uma pergunta como esta para ele.

— Vejo que ficou surpresa, mas sim, eu só durmo pelado para sua informação. Não gosto de nada me apertando durante a noite. Gosto de me sentir livre, se é que me entende.
— Augusto dá aquela piscadinha sexy.

— Não, não é do meu interesse em saber como você gosta de dormir. Não me importo de modo algum se dorme pelado ou com pijama do tipo de vovô.

— Não foi o que me pareceu com sua surpresa. Mas deixa pra lá, já está muito tarde para termos esse tipo de discussão agora. Obrigado por dividir o jantar comigo e tenha uma boa noite.

— Boa noite. Nos encontramos no restaurante para o café da manhã?

— Pode ter certeza que estarei lá. — E com isso ele me deixa só em meu quarto.

Capítulo 8

Estava tão cansada achando que ia deitar na cama e dormir imediatamente, mas eis que a minha mente fica imaginando Augusto dormindo pelado. Por mais que tentasse tirar essa imagem dos meus pensamentos, a cada vez ela ficava mais clara. É lógico que tudo não passava da mais pura imaginação, eu nunca o havia visto sem roupas, então minha mente ficou criando e fantasiando imagens dele do jeito que veio ao mundo.

Até eu conseguir dormir demorou horas ainda. E agora estou aqui diante do espelho do banheiro com a maior olheira da minha vida. Tá, não é pra tanto assim, estou sendo exagerada. Mas vou ter que fazer uma excelente maquiagem para ver se esconde um pouco dessa cara de quem não dormiu nada.

Ainda é cedo, então consigo tomar um banho mais demorado e lavar meus cabelos. O hotel é tão bom, que possui todos os equipamentos necessários, como secador, modelador de cabelo e vários outros itens. Ainda bem que essa estadia está sendo por conta da empresa, eu jamais poderia bancar um hotel como esse, e olha que aparentemente, pelo que vi ontem no trajeto, esse talvez seja um dos mais “modestos”. Fico só pensando com deve ser um hotel cinco estrelas à beira mar.

Visto meu roupão, seco meus cabelos e modelo alguns cachos nas pontas. Faço uma maquiagem não muito pesada, porque ainda é muito cedo para carregar nas cores da maquiagem. Mas no final, ficou um trabalho muito bom, deu para esconder quase toda a olheira.

É verão aqui na Europa, o tempo está seco e quente, muito quente. Se bobear deve até estar mais quente de quando é verão em São Paulo. Mais um dos motivos por essa cidade estar aparentemente tão cheia de gente. Os turistas Europeus aproveitam o calor para conhecer as praias de Cannes e velejar em seus iates luxuosos.

Mas como sou uma simples mortal da classe trabalhadora, esse não é um luxo que posso aproveitar também. Termino de me arrumar, coloco uma saia mais fresquinha que trouxe e uma blusa social de alças. Sei que não é tão formal, mas como hoje vamos apenas conhecer o local da instalação e fazer um tour pela redondeza, essa roupa está de bom tamanho.

Pego minha bolsa e desço para encontrar com Augusto no restaurante. Ele já está me esperando na porta ao lado de fora ainda. Ao menos foi um cavalheiro e me esperou para tomar o café da manhã juntos.

— Bom dia. — Digo me aproximando dele, mas sem olhar diretamente em seus olhos, ou então me lembrarei da noite mal dormida ao ficar imaginando-o completamente nu.

— Bom dia. Dormiu bem? — Me pergunta com um sorrisinho malandro no rosto.

— Mas é claro. E porque não haveria de ter dormido bem? — Jamais posso deixá-lo me afetar de algum modo.

— Não sei. Quem sabe não seja por ficar me imaginado da maneira que gosto de dormir.

— Mas como é convencido, não é? Mas para sua surpresa, não fiquei imaginando você dormindo, eu tinha coisas melhores para imaginar antes de dormir o sono dos anjos.

— Que pena, você perdeu uma “grande” chance de dormir feliz e satisfeita.

— Por favor, chega de gracinhas logo pela manhã. E se me lembro bem, você disse que ia se esforçar mais para não fazer mais esse tipo de comentário.

— Você ganhou dessa vez. Vamos tomar nosso café e esquecer o que aconteceu.

Seguimos para dentro do restaurante onde tem uma mesa enorme cheia de comidas deliciosas. O local já está lotado, até fica difícil de encontrar lugares vazios para nos sentarmos.

Mais ao longe, vejo pessoas já se levantando para ir embora. Como somos os únicos hóspedes ainda esperando vaga, então podemos pegar nossos cafés mais sossegados.

Augusto vai a minha frente para explicar o tipo de alimento que ele já provou e sabe o que é bom. Ao menos esses alimentos já são mais conhecidos por mim. Tem muitos tipos de pães, croissant, geleias, café e sucos de frutas naturais.

Aproveitei para pegar de tudo um pouco, e fomos nos sentar. Comemos em meio a conversas de como iríamos começar com nosso trabalho. A empresa se dispôs em contratar um motorista para nós, mas só agora fiquei sabendo que Augusto o dispensou, pois queria ele mesmo dirigir por Cannes e conhecer os lugares, mesmo sendo à base de informações do GPS. Não discuti com ele, já que se prontificou em assumir o comando da locomoção, então por mim está tudo bem.

O diretor já havia nos dado todo o roteiro e localização dos lugares para onde deveríamos seguir. Depois do café, Augusto foi até a recepção e alugou um carro para o nosso transporte. E como não podia ser diferente, meu queixo quase caiu ao ver o carro que foi estacionado à nossa frente.

— Meu Deus, Augusto! Você tem certeza de que foi esse carro que alugou?

— Lindo, não é? — O seu sorriso está de orelha a orelha diante toda a alegria por poder dirigir esse tipo de carro.

Diante de nós, eis que está um Renault Megane amarelo. Por mais que seja de uma cor muito chamativa, ele é lindo. Do típico carro esportivo que os homens adorariam ter. Se fosse em outra ocasião ou outro lugar, eu jamais alugaria um carro como esse. Mas, como

estamos numa cidade onde a riqueza e ostentação é tão presente, ninguém irá reparar em nós, até porque devem existir carros muito mais modernos e caros andando por aí.

— Bem, sim, ele é lindo. Mas quanto do nosso orçamento que foi nos permitido gastar você irá utilizar somente para pagar o aluguel desse carro?

— Beatriz, deixe de ser muquirana e aproveite um pouco mais da vida, mulher!

— Não é questão de ser muquirana, mas de ser precavida. Não sabemos como será essa temporada aqui, e acho que se a gente pode guardar esse dinheiro para algum tipo de eventualidade, é melhor.

— Mas que seus olhos brilharam ao ver esse carrão você não pode negar.

— Claro que não nego, mas podíamos muito bem alugar um carro menos chamativo.

— Confie em mim, esse é um dos modelos mais simples que você irá ver circulando pelas ruas de Cannes.

— Pelo pouco que vi ontem somente do trajeto do aeroporto até aqui, acredito mesmo que seremos passados quase despercebidos.

— Vem! Vamos aproveitar nosso dia. — Augusto gentilmente abre a porta do carona para que eu possa entrar e segue tomando seu assento atrás da direção.

Está parecendo uma criança quando ganha um presente novo. Fica alisando o volante, passando a mão pelo painel e analisando cada detalhe interno do carro. Eu apenas observo a fascinação em seu rosto. O carro realmente é magnífico, tanto por fora quanto por dentro, mas os homens têm uma paixão a mais com isso.

— Agora que você já namorou bem o carro, será que podemos ir logo para a empresa e começar oficialmente nosso trabalho?

— Sim, desculpe por estar tão desatento. Mas é a primeira vez que tenho uma oportunidade como esta e não poderia deixar de aproveitar.

— Entendo sua fascinação. Eu sou assim com sapatos, e isso vem muito antes de eu trabalhar com o marketing deles. Acho que desde criança, na verdade. Eu me lembro que sempre que chegava a época de Natal, minha mãe me levava na loja para escolher um calçado para passar as festas e um tênis para começar o ano escolar com um calçado novo.

— Não era uma vida fácil, né? E antes que você me julgue por ter crescido como filho único, eu não tive tudo o que quis não. É claro que meus pais me davam o que eu pedia, mas tinha as condições que eu devia obedecer para ter merecido o presente.

— E quais eram essas obrigações? — Eu, como sou muito curiosa, não podia deixar passar esse momento em que ele falaria um pouco mais de sua vida.

Augusto liga o carro e começa a dirigir pelas ruas de Cannes, só então me explica quais eram essas tarefas que ele tinha que fazer para ganhar seus presentes.

— Basicamente eu tinha que manter meu quarto sempre arrumado, não deixar brinquedos espalhados pela casa, e ajudar minha mãe com a louça do jantar.

— Nem consigo imaginar você, ainda um menininho, tendo que fazer todas essas obrigações.

— Mas eu fazia. Claro que com a cara mais emburrada do mundo, reclamando a todo tempo, mas meus pais explicavam o porquê disso, e então eu fazia tudo direitinho.

— Queria ter uma máquina do tempo para ver sua carinha de emburrado. Devia ser a coisa mais fofa.

— Humm! Então você me acha fofo, é?

— Não, nem vem com isso. Eu disse que talvez o Augusto ainda menino fosse fofo.

— Não foram bem essas palavras que você disse. Mas tudo bem, vou fingir que entendo. E para sua informação, eu continuo sendo muito fofo. — E aquele sorriso sexy está de volta em seu rosto. Apenas reviro meus olhos para essa informação desnecessária.

Augusto segue a rota pelo que está programado no GPS. No caminho, agora por estar de dia, é possível ver toda a beleza que é essa paisagem. O céu está tão claro e limpo, e já podemos ver as pessoas indo em direção a praia.

Alguns fazendo sua caminha ou corrida matinal. Outras pessoas passeando com seus cachorrinhos, crianças andando de bicicleta, como se fosse uma típica praia brasileira. A diferença é que não tem os ambulantes vendendo todo tipo de produto, ou guarda-sóis espalhados pela orla. Como a maioria são praias particulares, poucas pessoas são vistas propriamente desfrutando delas. Talvez quando passarmos por uma área pública, essa imagem seja diferente.

Abro a janela ao meu lado e sinto o gostoso vento fresco que traz a maresia. Eu já tinha ido à praia várias vezes e não há nada melhor do que sentir o cheiro e ouvir o barulho das ondas de encontro à areia.

— É deslumbrante essa vista. Eu poderia viver num lugar como este facilmente.

Augusto me diz também dando uma olhadinha ao lado, mas sem tirar por muito tempo os olhos da avenida.

— Não tenho nem explicação para a emoção que estou sentindo com este lugar. Nunca pensei que teria a oportunidade e sorte de poder viajar para um local paradisíaco. Sempre cogitei a hipótese de um dia quem sabe, fazer uma viagem assim. Mas sempre soube que seria difícil, mas não impossível, e eis que hoje estou aqui. Mesmo sendo a trabalho, ainda é possível desfrutar dessa maravilhosa obra de Deus.

— Se trabalharmos bem rápido e conseguirmos deixar tudo pronto para que a nova fábrica possa já começar a funcionar, acho que sobrarão alguns dias para aproveitarmos uma mini férias.

— Seria muito bom, mas ao mesmo tempo, não gosto de trabalhar rápido e correr o risco de não sair tudo perfeito.

— Você se cobra muito quanto à perfeição, não é verdade? E não, isso não é uma crítica, apenas uma constatação que já percebi ser de sua personalidade desde que te conheci.

— Sim, é verdade. Às vezes eu até quero largar a mão de tudo, sabe? Deixar a vida me levar, sem ter que viver essa cobrança diária que eu mesma me faço.

— Mas porque você é assim? Sofreu alguma pressão ou cobrança de alguém?

— Não. Sempre fui assim mesmo, desde meus tenros tempos de escola.

— Sabe que toda essa autocobrança não faz nada bem para sua saúde. Poderá chegar um dia em que seu corpo e mente não irá aguentar e você pode sofrer de estresse grave ou até alguma doença que requer mais cuidado.

— Eu sei disso, mas é difícil manter um controle. Já fiz terapias e até teve uma época em que já precisei tomar medicações ansiolíticas. Aí vi que a situação estava saindo do meu controle e tirei umas férias adiantadas. Voltei para a casa dos meus pais e com os mimos e cuidados de minha mãe, pude recuperar minhas energias e voltar ao trabalho com mais cautela.

— Isso é muito bom, você saber quando é a hora de se dar um tempo. Muitas pessoas não conseguem distinguir essa fase de necessidade de ficar um tempo sem se preocupar com nada, e é aí onde acontecem os maiores casos de infartos, mal súbito e até mesmo suicídios.

— Você parece saber bastante sobre isso. Passou por algum momento assim também?

— Não foi comigo exatamente. Mas, esse é mais um assunto que não gosto de comentar se você não se importar.

— Tudo bem, sem mais perguntas sobre isso. Vamos deixar toda essa conversa séria para outro momento e vamos aproveitar o que esse dia lindo nos trará de bom.

Como nossa conversa já estava ficando séria demais, o melhor é mudarmos nosso foco para pensamentos alegres e positivos. Ficamos apenas o restante do caminho observando os belíssimos prédios e lojas famosas de alta costura.

— Tem que ter muita grana para viver uma vida como a dessas pessoas. — Augusto comenta.

— Já pensou você levantar da cama e sua única preocupação é com qual biquíni você usará para desfilas por essas praias?

— Ou então com qual dos seus luxuosos carros usará para fazer um simples passeio?

Suspiramos ao mesmo tempo, só imaginando em como seria viver sem ter preocupação com horário, entrega de trabalhos, e se terá dinheiro suficiente ao fim do mês para pagar as contas.

— Mas quer saber de uma coisa? Eu acho que mesmo tendo tudo isso, a maioria dessas pessoas não são felizes. Garanto que suas vidas dentro das mais belas mansões, eles tem os mesmo, ou senão mais, os mesmo problemas que nós temos.

— Sou obrigada a concordar com você, Augusto. O dinheiro traz conforto, mas felicidade e todos os seus problemas resolvidos, não é uma solução para quem tem muito dinheiro.

Ele apenas acena em concordância comigo.

— Veja, a fábrica é logo ali. — Ele sinaliza para um grande galpão e o que parece ser uma loja muito chique, de frente para uma das avenidas mais movimentadas que vimos e que não fica tão perto da praia.

— Ao que me parece, está bem localizada. Veja só a quantidade de carros e pessoas passando por aqui.

— Acho que será muito bem vista depois de toda propaganda que será feita. Mesmo já tendo várias lojas de marcas famosas de sapatos por aqui, uma moda nova e brasileira, pode chamar bem a atenção e curiosidade dos clientes.

— Vamos torcer para que dê certo. Só assim o diretor ficará animado em querer abrir novas filiais em outros lugares do mundo. E com isso, é trabalho garantido para nós. — Estou animada com essa possibilidade.

— Fico muito feliz de você já estar me incluindo nos planos de um futuro trabalho.

— O que posso fazer? Como diz o ditado: “se não pode com eles, junte-se a eles”. Ou também serviria outro ditado: “se não tem tu, vai tu mesmo”.

— Viu como você já está mudando, Beatriz? Já está até fazendo piadinhas comigo.

— Não foi piada, foi a verdade. Eu sempre preferi fazer meus projetos sozinha, mas já que você foi contratado para trabalhar comigo, agora só tenho que aceitar e fazer disso a melhor relação possível.

— Nunca foi da minha vontade te deixar desconfortável por trabalharmos juntos. Eu também sempre fiz meu projeto sozinho. Mas agora com essa grande oportunidade de expandir uma empresa nacional para vários lugares do mundo, é claro que eu também não podia deixar essa chance passar batido.

— Eu entendo e concordo com você. É talvez uma oportunidade única para nós e não vai ser qualquer discordância pessoal nossa que irá nos impedir de fazermos o melhor trabalho.

— Agora gostei do que ouvi. E para completar, vamos selar essa trégua com um jantar bem bacana hoje.

— Jantar? Você está se referindo ao jantar da aposta para hoje? — Estou preocupada se ele disser que sim, ainda não estou preparada para esse encontro.

— Não, Bia. Será apenas um jantar em comemoração ao nosso primeiro dia de trabalho, que tenho certeza que será muito gratificante.

— Então está bem, eu irei ao jantar com você. Mas que não seja nada muito formal. Estou mais a fim de dar um passeio pela orla a noite e aproveitar para conhecer um pouco mais desse paraíso.

— Por mim tudo bem. Podemos seguir esse roteiro e no caminho se encontrarmos um lugarzinho bacana, podemos aproveitar para conhecer a culinária local.

— Fechado. — Digo estendendo minha mão para selarmos o acordo.

Nesse meio tempo, Augusto já havia entrado no estacionamento que a nova fábrica possui e estacionado o carro. Descemos vislumbrando tudo ao redor, o tamanho da empresa por fora era quase igual a matriz de São Paulo. Foi investido muito dinheiro aqui e agora tudo irá depender do nosso trabalho com o marketing.

Só não sabíamos que a empresa já estava trabalhando a todo vapor. Fomos recebidos

por Júlio, o gerente que será o responsável por essa unidade, que por sorte, também é brasileiro, e logo ele já foi apresentando e nos mostrando todo o local e como estava adiantada a produção de calçados.

Júlio nos guiou por todos os ambientes e nos apresentando alguns dos funcionários. A maioria deles era de morador local. Estava muito enganada ao achar que em Cannes eram todos milionários e que não precisavam trabalhar. Havia os moradores locais menos afortunados também, e alguns moradores das redondezas.

Uma sala foi separada para que Augusto e eu pudéssemos fazer nosso trabalho mais confortável. Passamos o dia todo em reunião com Júlio. Como ele já morava aqui e conhecia como eram feitas as propagandas e o marketing de outras lojas e produtos, ele nos passou todas as informações necessárias para que já pudéssemos mergulhar de cara nesse projeto.

Capítulo 9

O dia passou entre conversas e acertos de qual seria o próximo passo. Por ser o primeiro dia de trabalho, até que conseguimos dar um bom adiantamento para dar início a toda publicidade a ser realizada.

Voltamos para o hotel cansados, mas felizes por tudo sair conforme o esperado.

— Você acha que às 20 horas está bom para sairmos?

— Como?

— O nosso jantar, já esqueceu?

— O jantar, é claro! Não, não me esqueci, apenas foi um relapso devido ao cansaço. Mas estarei pronta no horário. Prometo.

— Está bem. Quem descer primeiro espera no saguão, pode ser?

— Sim, claro. Mas como será apenas um passeio informal, não demorarei a ficar pronta.

— Até daqui a pouco.

— Até.

Assim que nos despedimos, cada um seguiu para seu quarto a fim de descansar um pouco e depois ficar pronto para nosso passeio.

Deitei em minha deliciosa e macia cama e liguei a TV, zapeando por todos os canais e aproveitando para conhecer a programação local e suas propagandas. Não entendia nada do que estavam falando, mas, tudo bem, deu para conhecer um pouco, mesmo que sendo apenas através do visual.

Quando olho no relógio, vejo que resta pouco tempo para conseguir ficar pronta. Escolho uma roupa mais leve para esse passeio, já que mesmo sendo noite, o tempo ainda está muito quente e como iremos conhecer a orla e até quem sabe pisar um pouco na areia, decido por usar um vestido leve, mas propício tanto para andar pelo calçadão, quanto para frequentar um restaurante, e uma sandália rasteirinha cheia de brilhos.

Tomo um banho refrescante e prefiro deixar meus cabelos presos num coque mais solto, mas ao mesmo tempo chique. As pessoas aqui são tão belas e elegantes, que eu não posso ficar totalmente relaxada com minha aparência, embora esse nunca houvesse sido o meu perfil.

É claro que eu gosto de me arrumar, mas não para mostrar para alguém apenas a beleza que há numa pessoa bem elegante, maquiada e cheia de joias. Eu ainda acredito que devemos mostrar quem somos pelo modo de agir, o modo como tratamos as pessoas em nosso convívio. Acho muito mais útil manter uma conversa com uma pessoa simples e humilde, mas que tenha um conteúdo proveitoso de se ouvir, do que conviver com pessoas fúteis e arrogantes, onde é quase impossível de conversar sem ser sobre o quanto ela se acha importante.

Termino de fazer uma maquiagem simples, pegando uma pequena bolsa apenas para levar

celular, dinheiro e um batom. Enquanto espero o elevador chegar para encontrar com Augusto no saguão, eis que o próprio aparece repentinamente ao meu lado.

— Que coincidência ficarmos prontos ao mesmo tempo.

— Estava quase certo de que iria ter que te esperar assim como no aeroporto. — Augusto me diz de maneira tranquila.

— Nem todas as mulheres demoram em se arrumar e eu com certeza não sou uma delas. Até porque pelo modo que estou vestida não teria o menor cabimento de levar mais tempo que o necessário.

Ao ouvir minhas palavras, Augusto faz questão de me olhar de cima a baixo, parando o olhar em minhas partes femininas. Sinto-me um pouco envergonhada com o olhar de cobiça que ele faz. Será que é isso mesmo ou ele está só de brincadeira comigo? Com Augusto nunca dá para saber quando seu rosto demonstra o que ele realmente está sentindo ou se tudo não passa de uma zoeira de sua parte.

— Ei, quer tirar esse olhar de cima das minhas “meninas”? — Digo de cara fechada para ver se ele tira seu olhar de cima de mim.

— Me diz que você não apelidou seus seios como “meninas”?

— Porque, qual o problema de chamá-las assim? — Não entendo porque Augusto não compreende essa minha mania de apelidar as partes íntimas. Ele está até vermelho de tanto rir.

— Beatriz, você me mata com esses apelidos.

— Não é você o adepto a apelidar todo mundo? É “Guto” pra cá, “Bia” pra lá... E agora fica aí rindo igual uma hiena por causa dos meus apelidos?

— Mas eu apelido as pessoas, não as partes íntimas. Agora fiquei muito curioso em saber como será que você apelidou as minhas partes íntimas.

— Nem queira saber. — Apenas murmuro tais palavras, mas ele parece ter ouvido o que eu disse.

— O que você disse?

— Nada não, deixa pra lá.

Para minha sorte, o elevador chega. E para mais sorte ainda, está lotado, ou seja, é o fim dessa conversa de apelidos constrangedores.

As pessoas apenas olham para Augusto e sua face completamente vermelha e tentando segurar o riso. Vou para o fundo do elevador, nem querendo ficar perto dele, ou então ele não vai parar de rir de mim. O melhor jeito é fingir que não o conheço.

Quando chegamos à saída do hotel, Augusto já está mais controlado e assim podemos dar início ao nosso passeio.

— E então, para que lado vamos? Esquerda ou direita? — Ele me pergunta na tentativa de retomarmos uma conversa normal.

— Hoje vamos para a direita e conhecer o que tem desse lado, num próximo passeio,

iremos para o outro lado.

Seguimos caminhando pela lateral do hotel até chegarmos à avenida principal que dá acesso a orla.

Ainda é cedo e pelo jeito o movimento de transeuntes vai até altas horas. Atravessamos a avenida e caminhamos pelo calçadão. Eu fico olhando para a areia e para o mar, sentindo uma vontade enorme de sentir a areia fofa sob meus pés. Já Augusto, caminha olhando para os luxuosos carros, um mais bonito que o outro.

— Você e essa mania de carros. Com essa imensidão de mar tão lindo e você fica aí olhando os carros que passam, não consigo entender.

— É porque nem em meus sonhos eu pensei em ver tantos carros diferentes circulando juntos diante de mim.

Se ele prefere dar valor para os bens materiais, não posso fazer nada contra isso. Eu sei que isso não é a prioridade em minha vida.

Conforme estamos caminhando, vemos um aglomerado de pessoas e muitos flashes de câmeras de celulares piscando ao mesmo tempo.

— O que será que está acontecendo ali? — Pergunto para Augusto apontando na direção dos flashes, fazendo com que assim ele desvie seu olhar dos carros.

— Deve ser alguém famoso, já que aqui é o recanto das celebridades.

— Vamos até lá? — Já estou eufórica só de pensar em conhecer alguma celebridade.

Apressamos os passos antes que a tal pessoa resolva sair dali. Mas a multidão ainda é grande e não consigo ver quem é o famoso que está de costas para nós e dando autógrafos para várias pessoas.

Quando ele finalmente vira em nossa direção, de nada adiantou, pois continuo não reconhecendo.

— Você sabe quem é ele, Augusto?

— Nem imagino, deve ser algum famoso aqui pela Europa. Nunca o vi antes nem cantando, nem atuando.

— Ah, que pena! Pensei que seria hoje que conheceria alguém famoso e até quem sabe tirar uma selfie.

— Não acredito que você é uma dessas fanáticas por artistas.

— Não sou, mas só porque nunca conheci ninguém. Por isso que disse que se eu o conhecesse, até teria coragem em pedir ao menos uma foto.

— Você pode fingir que o conhece e mesmo assim conseguir a sua tão esperada selfie.

— Mas aí não tem graça, eu vou saber que é mentira.

— Então o jeito é continuarmos seguindo nessa direção e quem sabe encontramos com algum famoso conhecido.

Demos a volta por aquele aglomerado e continuamos nossa caminhada.

— O que você acha daquele Pub? Parece ser um lugar bacana para tomar um drinque.

— Será que não é muito caro?

— Beatriz, tudo aqui vai ser muito caro para o nosso orçamento. Mas só há um jeito de saber se será possível ao menos desfrutar de um drinque.

— Indo até lá.

— Exatamente! Vamos viver o hoje, amanhã será um novo dia com novas possibilidades.

Atravessamos a avenida e entramos no Pub. O som alto, mas nem tanto que seria impossível de manter uma conversa e a luminosidade um pouco baixa, dava todo o charme do ambiente.

Mesas nas laterais e um bar gigantesco com muitos banquinhos e praticamente todos ocupados por jovens e pessoas mais velhas, que se pode notar claramente que são turistas. Mais ao fundo tem uma pequena pista de dança e uma parte com mesa de sinuca e jogos de dardos, onde muitos jovens estão disputando, rindo e falando alto.

— O que você achou, quer ficar por aqui ou procurar por outro lugar mais calmo? – Augusto quer saber minha opinião e fico feliz por estarmos nos comunicando decentemente.

— Vamos ficar, parece ser divertido aqui.

— Olhe ali! Está vagando uma mesinha. Vamos lá antes que outras pessoas a ocupem.

Andamos rápido para não perder a oportunidade de ocupar a mesa. Sentamos lado a lado e de frente para toda a agitação. Augusto pega o cardápio que está disposto sobre a mesa e passamos a olhar o que iremos pedir. O bom é que está escrito em inglês também e com fotos de todos os drinks e aperitivos que são servidos.

— Qual bebida você vai quere, Beatriz?

— Hum, não sei. Não sou acostumada com esse tipo de drinque, nem conheço a maioria do que está aí.

— O que você acha por começar com algo mais fraco? Este daqui é um drinque de fruta e de pouquíssimo teor alcoólico. – Ele aponta para um drinque colorido e com guardachuvinha.

— Pode ser esse mesmo. Vamos pedir algum aperitivo também?

— Acho bom, pois estou disposto em beber um pouco mais e para não ficar embriagado é melhor comer alguma coisa.

— Essa porção de pedacinhos de frango empanado parece estar bem apetitosa.

Uma das garçonetes vem até nossa mesa pegar nossos pedidos. Enquanto esperamos, ficamos observando as pessoas dançando e jogando. Tocava músicas pop da atualidade e às vezes umas das mais antigas.

Logo a garçonete trouxe nossas bebidas e ao primeiro gole, senti que aquele líquido descia gostoso pela garganta, se eu não tomasse cuidado, até poderia me viciar nele.

Ficamos por um tempo apenas apreciando nossas bebidas e aperitivos, até que ouvi uma das minhas músicas preferidas começar a tocar. Enquanto *Move Your Body* da Sia tocava, eu começo a cantar junto. Acho que mesmo tendo bebido um baixo teor de álcool, já foi o suficiente para me deixar desinibida ao ponto de começar a cantar sem vergonha nenhuma.

Augusto me olha com cara de interrogação e apenas ri da minha repentina mudança de humor, um lado que ele não conhecia, e nem eu mesma jamais havia tido coragem para tal ato de desenvoltura.

— Quer dançar? — Ele me convida, já que estou cantando e me remexendo, ainda que mais timidamente na cadeira.

— Adoro essa música, mas não sei dançar como essas pessoas estão dançando. — Digo olhando ao redor e vendo quase todo mundo dançando no ritmo da música contagiante.

— Ninguém te conhece aqui, tenho certeza que também não irão reparar se você estiver fora do ritmo. Apenas deixe-se levar ao som da música, sem importar com o quê irão pensar de você. Sinta a música e seja feliz.

Nego com a cabeça como se fosse uma situação absurda só em me imaginar dançando no meio de toda aquela gente.

— Vem! Não pense em mais nada, só se divirta. — Augusto se levanta, pega em minha mão e praticamente sai me arrastando para o meio da pista de dança.

E me leva justamente para bem no centro do palco. E eu que pensei que podíamos ficar num cantinho e passar despercebido aos olhos dos outros. Mas não, Augusto e suas manias, não me deixam passar despercebida.

Ele já começa a se remexer ao som contagiante da música, enquanto eu fico parecendo uma árvore plantada no caminho. Ele dança de um modo completamente fora do ritmo e desengonçado. Não aguento a cena vergonhosa que ele está fazendo diante toda essa gente e começo a rir.

— “*Your body’s poetry, speak to me, won’t you let me be your rhythm tonight? Move your body, move your body*” (*Seu corpo é poesia, fale comigo, você não vai me deixar seu o seu ritmo hoje à noite? Mova seu corpo, mova seu corpo*).

Eu mal posso acreditar quando Augusto, além de estar dançando, também começa a cantar. E não é que o filho da mãe canta bem? Diferente de sua desenvoltura para a dança, o canto parece ser seu ponto positivo. Fico chocada com sua falta de vergonha, no sentido bom da palavra. Ele realmente está se deixando levar. E porque eu não posso fazer o mesmo? Quem é que pode me impedir de ser feliz? Que se dane! Eu vou viver o hoje e me permitir ser feliz.

Então esqueço tudo e começo a dançar junto a ele, tão ou mais desengonçada com a falta de habilidade para a dança quanto Augusto. Embalados e empolgados, dançamos e cantamos como se não houvesse mais ninguém à nossa volta. Apenas nós dois, aqui e agora, compactuando de um momento ímpar em minha vida.

Ele pega em minha mão e me faz girar remexendo meu corpo em sua volta, sem nunca deixar de cantar olhando nos meus olhos. Sinto uma conexão estranha, talvez seja porque pela primeira vez, estamos nos entendendo de verdade, sem ficarmos nos questionando

por qualquer mínima coisa.

Acabou essa música e emendamos em outra, e em outra. Nem sei quantas músicas dançamos nesse ritmo agitado. Mas foi só quando começou a tocar uma música mais lenta, é que achamos melhor parar por aí. Também não vamos abusar da sorte e do bom momento que estamos tendo.

Voltamos para a nossa mesa, que por incrível que pareça ninguém havia tirado de nós. Pedimos uma nova rodada de bebidas, mas antes tomei um grande copo d'água. Nunca pensei que dançar algumas músicas pudesse quase desidratar uma pessoa sedentária como eu.

— E então, o que achou dessa nova conquista, Beatriz?

— Concordo que venci uma barreira em minha vida. Pode até parecer tolice, mas nunca havia tido coragem antes dessa façanha em dançar e cantar no meio de tantas pessoas.

— É tudo questão de prática e se você me permitir, posso te ajudar a vencer outras barreiras.

— Calma lá, apressadinho! Não é bem assim que a banda toca. Eu tenho meus limites e quando achar que posso avançá-los, eu avançarei, mas sem pressão. E você também é péssimo para dançar.

— Tudo bem, vou aceitar os seus limites, mas não deixarei de dar aquele empurrãozinho básico. Quanto a minha desenvoltura na dança, apenas sigo meu ritmo e fazer o quê se não é o mesmo que o ritmo dos outros? — Ele volta com aquela piscadinha sexy ao tomar mais um gole da nova rodada de bebidas que pedi para nos refrescar.

Nem vimos a hora passar. Como estávamos a pé, Augusto aproveitou para beber um pouco mais. Já era visível ver que se ele não parasse agora de beber, não teríamos como voltar para o hotel sem ser com a ajuda de um táxi.

— Acho melhor você parar com esses drinques, Augusto. Eu não estou a fim de carregar um homem do seu tamanho até o hotel.

— Ah, nem bebi tanto assim.

— Mas já é o suficiente para você perder um pouco do equilíbrio.

— Eu sou forte, aguento mais umas doses. E para te provar que meus sentidos estão completamente perfeitos, que tal a gente disputar uma rodada no jogo de dardos?

— Não sei, não. É bem capaz de você acertar o dardo em alguém.

— Deixe de inventar desculpas para não assumir que você vai perder.

— Você está subestimando minha pontaria? Pois então não perde por esperar. Vamos lá ver quem é que vai perder.

Levantamos e seguimos até a área de jogos. Por sorte, algumas pessoas já haviam saído dali de perto e não corriam o risco de serem atingidas por um dardo desgovernado.

Augusto me entrega meus dardos e tiramos par ou ímpar para ver quem começa a jogar. E claro que eu já comecei ganhando.

— Viu só? Já comecei a ganhar de você.

— Isso não significa nada, Beatriz. É só uma simples disputa para saber quem começa. Agora é que vem a parte da contagem dos pontos acertados, se é que você irá acertar algum.

— Então olhe e aprenda.

Me posiciono na marca que tem ao chão, olho bem para o centro do alvo, faço movimentos com o dardo para testar a mira e lanço o primeiro dardo. E é quase uma jogada perfeita, faltou bem pouco para não acertar bem o centro do alvo.

— Ah, viu só que perfeição! Quero ver você fazer melhor que isso.

— Agora sou eu que lhe digo para não subestimar minha capacidade.

Augusto se posiciona, vejo que ele faz força para focar seus olhos no alvo. Não sei se já é a bebida que está afetando sua visão, ou ele está apenas blefando.

Ele atira seu dardo que para quase que milagrosamente bem ao lado do meu.

— Oh, droga! Mal começamos e já estamos empatados. Tudo bem, esse foi só para aquecer, o próximo sairá perfeito.

— Você mal conseguiu focar no alvo, Augusto. Foi pura sorte você ter conseguido ao menos acertar seu dardo junto ao meu.

E assim, dardo após dardo, fomos acumulando os pontos. Ora eu estava ganhando, ora Augusto estava na frente. Só quando restava apenas uma jogada, é que eu consegui acertar na mira perfeita e Augusto errou sua jogada lançando o dardo para a parede.

— Eu ganhei! Eu disse que você não teria a menor chance de me vencer.

Fico comemorando e pulando, rindo da cara de bravo de Augusto.

— Foi apenas uma jogada de sorte. Numa próxima vez, veremos quem é que vai ganhar.

— Já está querendo revanche?

— Mas é lógico! Ou acha que vou aguentar sua gozação de graça?

— Pois bem, iremos ter essa revanche e faço questão de que estejamos ambos sem uma gota de álcool no corpo. Assim será uma disputa mais justa.

— Sem dúvida.

Como já está ficando tarde e amanhã começará nosso trabalho pra valer, dividimos em partes iguais nossa conta e vamos embora, deixando para trás uma noite bem divertida e certamente inesquecível.

Capítulo 10

Segunda-feira, típico dia para se começar trabalhando a todo vapor. Chegamos bem tarde ontem no hotel, foi só o tempo de tomar um banho para tirar o suor do corpo de tanto ter dançado e imediatamente cai de cansaço em minha cama.

Encontro com Augusto no restaurante para nosso café da manhã e sua cara de ressaca é hilária. Seus olhos estão fundos e um pouco arroxeados pela olheira, seu rosto amassado e os cabelos um pouco desgrehados.

— Bom dia, flor do dia! – Digo alto o suficiente ao me aproximar, só querendo ver qual será sua reação.

— Xiu! Não precisa gritar em meu ouvido. – Está todo resmungão.

— Vejo que alguém acordou de mal humor... E de ressaca. – Sento à sua frente já pegando um dos tantos pãezinhos que estava em seu prato.

— Não estou de ressaca, apenas com um pouco de dor de cabeça. – Teimoso como sempre, ele não admite que esteja de ressaca.

— Se você está dizendo... – Apenas deixo a frase pairar no ar. — Mas se eu fosse você, tomaria um copo a mais de café bem forte, hoje teremos um dia muito cheio para você passar o resto do dia sofrendo com sua dor de cabeça.

— Hum, tá bom.

Terminamos nosso café em silêncio. Dou um tempo para que Augusto possa ficar mais desperto e quem sabe sua dor de cabeça melhore. Saímos do hotel e Augusto dirige pelas ruas de Cannes em direção a nova fábrica.

Mesmo ontem sendo nossa primeira visita, e ser domingo, muitos funcionários estavam trabalhando incansavelmente para deixar tudo pronto para a grande inauguração.

Hoje, assim que chegamos, é visível a grande quantia a mais de funcionários indo de lá para cá com caixas e mais caixas de sapatos e produtos para confeccioná-los na parte onde fica o galpão de produção e armazenamento da matéria-prima.

Mais uma vez Júlio já está nos esperando para auxiliar em nosso trabalho. Seguimos para a sala que foi preparada para nós e começamos a trabalhar.

Como Augusto é fluente em francês, ficou encarregado em ligar para as rádios, programas de TV e gráficas para produzirem nosso material que será distribuído por toda a cidade, enquanto eu fico com a parte mais burocrática.

Júlio até tentou nos convencer a irmos almoçar num restaurante aqui por perto da fábrica, mas Augusto e eu quisemos almoçar junto dos demais trabalhadores. Até para sentir o quanto estavam empenhados em suas funções e afazeres. Descobrimos tantas histórias por parte deles. Muitos eram moradores locais, que contavam como estavam felizes por este emprego e uma nova oportunidade de estar presente numa empresa vinda de fora.

Augusto ia traduzindo o que eles comentavam, a não ser por aqueles que se arriscavam falando inglês, e então eu era capaz de entender. O almoço foi mais prolongado do que o normal, mas todos nós aproveitamos esse tempo para nos conhecer e vermos o quanto todos estávamos focados no mesmo objetivo.

A tarde passou muito rápido com Augusto já recebendo as respostas dos meios de comunicação por qual havia conversado mais cedo. Tudo já estava sendo encaminhado como o planejado. Ainda bem, esse primeiro dia terminou perfeitamente como eu imaginei.

Nem tive tempo de perguntar a Augusto sobre sua dor de cabeça. Agora, já voltando para o hotel, é que podemos conversar melhor sobre isso.

— Como está sua dor, Augusto? Melhorou ou piorou com toda a agitação e correria do dia?

— Depois que tomei um remédio que Júlio providenciou, é que comecei a me sentir melhor. Agora já não sinto mais nada, apenas cansaço do dia exaustivo, mas muito proveitoso. Conseguimos adiantar muito dos processos da campanha de publicidade.

— Que bom que está melhor. Mas porque não me pediu um remédio? Eu poderia ter ajudado, já que sempre ando precavida.

— Não queria ter que te incomodar com isso. Você esteve tão ocupada quanto eu durante o dia todo e Júlio se ofereceu para me arranjar uma aspirina, eu não podia negar já que ele estava sendo tão prestativo.

— Está certo. Júlio está sendo de grande ajuda, não imaginei que fôssemos ter esse tipo de auxílio, na verdade, pensei que estaríamos abandonados a própria sorte.

— Agora só preciso tomar um banho e jantar para me sentir renovado.

— Você vai jantar em seu quarto ou no restaurante do hotel?

— Pensei em pedir para levarem ao meu quarto, estou bem cansado e só quero ficar em meu quarto à vontade para jantar. A não ser que você queira jantar no restaurante, aí eu posso te acompanhar para não jantar sozinha.

— Ah, não, tudo bem. Também vou pedir para levarem ao meu quarto. O dia foi bem cansativo mesmo, também quero jantar num ambiente mais tranquilo do que o salão lotado do restaurante. — Na verdade minha ideia era outra, eu até queria jantar com ele, mas não posso demonstrar isso assim de cara, tenho que ser um pouco mais misteriosa com meus sentimentos.

Chegando ao hotel, cada um se dirigiu ao seu quarto. Deixei minha bolsa e pasta com os documentos sobre a mesinha e sentei para olhar o cardápio. Decidi por um jantar simples. Após o pedido feito e saber a estimativa de tempo que levaria para me entregarem, fui para o banho. Teria tempo suficiente para relaxar debaixo da água morninha, pois os dias aqui estão muito quentes ainda.

Visto um pijama de camiseta e short com desenhos da Minnie, pode até parecer infantil, mas o que importa é o conforto que ele proporciona.

Recebo minha bandeja com o jantar e tenho a brilhante ideia de ir até o quarto de

Augusto para jantar com ele. Será que ele irá se incomodar? Só tem um jeito de saber.

Vejo se meu pijama não está transparente ou muito vulgar para ficar andando desse modo pelo corredor, apesar de ser apenas por alguns metros, mesmo assim decido arriscar. Pego minha bandeja, dou aquela olhadinha básica para ver se ninguém está rondando por ali e saio trancando a porta do meu quarto.

Tentando equilibrar a comida numa mão para conseguir bater na porta de Augusto, quase deixo meu jantar cair, mas com algum malabarismo consigo manter tudo intacto. Dou duas batidinhas e escuto-o caminhando para atender a porta.

Assim que ele abre, quase deixo minha bandeja cair novamente. Nem sei se foi susto ou surpresa, pois à minha frente, está uma das visões mais excitantes dos últimos tempos.

Augusto está de cabelos úmidos, gotículas de água do recente banho, escorrem por seu peito nu, traçando um caminho que acompanho atentamente com o olhar. E que peitoral! Todos os músculos definidos e aquele típico abdome de “tanquinho” e completamente livre de pelos. Será que ele é assim ao natural ou será que ele se depila? Enquanto vou divagando sobre qual das duas opções seja mais provável, meu olhar continua descendo pelo seu corpo.

Ele está vestido apenas com uma cueca samba-canção e descalço. Posso ver claramente que por baixo da cueca tipo samba-canção, seu “precioso” se encontra completamente livre, leve e solto. Mas nem é isso que chama tanta minha atenção, apesar de ser uma visão de se admirar por um bom tempo.

O que me leva a ter que me abaixar um pouco mais para ver mais de perto, são os desenhos de sua cueca. Quando eu me dou conta do que está estampada nela, eu não aguento e começo a rir. Rir muito, sem conseguir me controlar, porque sua cueca é repleta de pequenos desenhos do Piu-Piu e Frajola.

Meus olhos já estão lacrimejantes de tanto que estou rindo e Augusto fica ali parado, apenas segurando na maçaneta da porta sem ter qualquer reação. Deve estar muito chocado com a minha reação ao avistá-lo vestido dessa maneira.

— Desculpe por estar rindo, mas é impossível de controlar, Augusto. — Digo ao conseguir me recompor da crise de risos.

— Já acabou, Beatriz?

Levo uma mão a boca para tentar conter o restinho da risada, respiro fundo, enxugo meus olhos. Agora sim, já estou mais controlada.

— Já estou bem. Me desculpe mais uma vez, eu não imaginava encontrá-lo dessa maneira, sei que foi precipitado de minha parte, uma vez que você está em seu direito de ficar a vontade em seu próprio quarto após um dia cansativo de trabalho.

— Mas é claro, eu lhe disse que não iria sair para jantar, então nada mais justo do que eu ficar confortável vestindo minha cueca para jantar aqui.

— É que eu pensei que poderíamos jantar juntos e depois eu voltaria para meu quarto. Mas, depois desse meu vexame, acho melhor esquecer tudo isso e voltar para o meu quarto. — Já ia me virando para sair dali de fininho, quando ele me chama.

— Espere! Já que está aqui, entre e podemos jantar juntos, depois você volta para seu quarto.

— Não vou incomodar sua privacidade?

— Agora que você já viu tudo o que não devia, não tem mais nada para esconder.

— Ainda resta uma parte...

— Beatriz! Por favor, não torne esse momento mais constrangedor. Nem estou te reconhecendo.

— Deve ser o calor que está afetando meu cérebro, não se preocupe.

Augusto me dá espaço para que possa entrar em seu quarto. Vejo que seu jantar ainda está intocado sobre a pequena mesa. Vou até lá e coloco meu jantar ao lado do seu.

— O que vai fazer? — Pergunto assim que ele passa por mim indo em direção ao banheiro.

— Vou vestir uma camiseta.

— Não é preciso. Seu jantar irá esfriar e você está em seu quarto, a intrusa intrometida sou eu.

— Pensei que você ficaria mais a vontade comigo estando mais vestido.

— Ah, nem se preocupe com isso, só iremos jantar juntos, não é como se fôssemos fazer nada a mais que isso. — Tento parecer inabalada, mas na verdade, estou tão atingida pela bela visão que seu corpo quase despido me dá, que chego a sentir as pernas bambas.

Senta-se à minha frente e começamos a comer. Percebo seu olhar questionador sobre mim a todo o momento, como se quisesse fazer uma pergunta.

— Vamos lá, Augusto, pode perguntar.

— O quê?

— Não finja que não está querendo me perguntar algo, vamos, me diz o que é?

Ele coça a cabeça, tenta disfarçar, mas acaba por dizer o que está pensando.

— É só uma constatação de fatos. Devo admitir que minha cueca do Piu-Piu e Frajola seja meio broxante, mas esse seu pijama da Minnie, também não é nada sexy.

Fico boquiaberta com sua conclusão. De tudo que eu pudesse esperar que viria, essa com certeza não era uma delas.

— Mas a intenção não era vestir nada sexy, apenas me sentir confortável para dormir tranquila.

— Exatamente como minhas intenções. E se quer saber, eu ganhei essa cueca, de um modo meio bizarro, mas ela é especial para mim.

— Ok, sem mais questionamentos sobre nossos pijamas.

— A não ser que você queira me mostrar um dos seus pijamas sexy. — Mexe as sobrancelhas tentando fazer uma cara de safado, o que nem precisaria de muito esforço para isso.

— Você só pode estar louco em pensar que verá me vestida com um pijama sexy. Somente pessoas muito especiais terão esse prazer.

— Oh! Quanta crueldade com esse pobre rapaz. — Leva uma mão ao peito fingindo estar magoado. Mas acabamos por rir de toda essa confusão.

Terminamos nosso jantar, nos despedimos e sigo para meu quarto. O jantar acabou demorando mais que o esperado, e agora só me resta deitar e dormir, mas não sem antes lembrar aquele peitoral todo definido, que me deixou doidinha para tocá-lo e sentir a maciez de sua pele ligeiramente bronzeada. Mas ao lembrar de sua cueca, começo a rir sozinha de novo.

Capítulo 11

Sem que percebesse, a semana chega ao fim. Trabalhamos muito e mal tivemos tempo de passear e conhecer o restante da cidade. Era chegar ao hotel e dormir.

Já estamos tendo muito sucesso com a repercussão na mídia da nova empresa de calçados brasileiros que estava para ser inaugurada. Augusto até já deu entrevista para uma revista local, por ser fluente em francês, não achei ruim que ele falasse sobre a empresa em meu lugar, mesmo eu sendo a funcionária com mais experiência na empresa.

Acho que pela primeira vez, agora eu não estou sendo tão egoísta e chamando toda a responsabilidade para mim. Com Augusto, estou aprendendo a dividir o trabalho e aceitar opiniões, mesmo algumas delas sendo ao contrário das minhas, estou me esforçando para parar e compreender o que é o melhor para ambas as partes. E estou conseguindo chegar a um acordo mais facilmente.

— Está muito cansada para querer sair hoje? – Augusto me pergunta assim que entramos no carro de volta para o hotel.

— Até que não. Porque, está planejando algum passeio?

— Estou querendo dar uma volta por aí, está um dia tão agradável, e daqui a pouco quando escurecer deverá ficar melhor ainda para dar uma volta pela praia. Que tal?

Assim que ouvi em dar uma volta na praia, qualquer resquício de cansaço que estava sentindo, passou como num passe de mágica. A semana inteira fiquei desejando por um passeio como esse, com o calor que está fazendo e ao passarmos em frente à praia nas manhãs no caminho para o trabalho, eu ficava desejando ter um tempinho para poder ao menos molhar meus pés naquele mar que deveria estar com uma temperatura agradável.

— Ótima ideia, vou querer sim dar uma volta na praia. Estou louca por esse momento desde que cheguei.

— Bom, então vamos só trocar de roupa e já sair. Assim podemos ainda ver o pôr do sol.

Fico tão animada, que mal consigo conter meu sorriso. Estou parecendo uma criança que acaba de ganhar um presente desejado.

Chegando ao hotel, aperto o botão para chamar o elevador várias vezes, mesmo sabendo que ele não irá vir mais rápido por causa disso.

— Calma, Beatriz! O mar não irá secar se demormos um pouco mais para ir até ele.

— É que estou muito agitada mesmo. Sempre tive problema com ansiedade, mas basta eu respirar fundo e logo me acalmo de toda essa agitação. – Faço meu ritual de inspirar e expirar profundamente por algumas vezes e logo já percebo meu coração desacelerar.

Chegando ao meu quarto, corro tomar um banho rápido apenas para poder colocar uma roupa mais confortável e adequada para ir à praia.

Escolho um short mais curtinho e uma blusinha de alças, calço uma sandália rasteira por ser mais fácil de tirar ao pisar na areia macia. Quando já estou saindo do quarto,

lembro que deixei meu celular na bolsa de trabalho. Corro para pegá-lo junto a um cartão de crédito caso ache qualquer novidade para comprar. Lembro que preciso comprar um presente para Priscila. Se eu voltar para o Brasil sem nada para lhe dar, com certeza ela irá me esganar.

Desço e encontro Augusto já na entrada do hotel. Quase como que por coincidência, ele está vestido muito parecido comigo. Ele veste uma regata, bermudão e chinelos, bem típico para uma praia brasileira, aqui já não sei se as pessoas se vestem dessa maneira.

— Será que estou muito “relaxado” com esse visual para as praias daqui?

— Não sei, Augusto. Nós somos apenas turistas e as pessoas daqui têm que nos conhecerem da maneira que somos não da maneira como elas são. Acima de tudo temos que ser nós mesmos.

— Muito bem. Então vamos fazê-las nos conhecerem como somos.

Seguimos em direção a orla, dessa vez pegamos um caminho diferente ao de domingo passado quando saímos para conhecer a cidade pela primeira vez.

O fim da tarde está lindo, o céu alaranjado com seus últimos raios solar já se pondo ao horizonte, faz todo o clima ficar ainda mais perfeito. Ao chegar à areia, tiramos nossos calçados, pisando na areia fofa e ainda quentinha devido ao forte calor que fez durante o dia.

Ao redor, muitas pessoas ainda estão aproveitando o restinho da tarde. Caminhamos mais um pouco até ficar bem próximo ao mar. O barulho das ondas e a maresia que o vento nos traz, tem um efeito relaxante.

Fecho meus olhos e ergo meu rosto em direção ao céu sentindo uma calma tomar conta de mim. Sorrio com a sensação boa de paz e liberdade, até ouvir o barulho de flash sendo disparado. Ao abrir os olhos, vejo Augusto segurando seu celular mirando em mim.

— Desculpe, mas não resisti em tirar uma foto sua. Veja só como ficou linda. — Ele me mostra a foto e é até difícil de acreditar, estou aparentando estar tão feliz e em paz, que até mesmo por estar sem maquiagem, consegui ficar linda na foto. Mas não por ser uma beleza exterior, mas sim por que qualquer pessoa que olhasse para a foto, poderia sentir a felicidade na expressão do meu rosto. E é claro que a paisagem ao fundo não deixava nada a desejar.

— Meu Deus! Ficou tão linda que nem posso acreditar que sou eu.

— As fotos tiradas ao natural e despercebidas pelas pessoas são as mais lindas. E você está tão linda que até ofusca a beleza da paisagem ao fundo.

A intensidade das palavras de Augusto me deixa até encabulada. Percebo que ele não disse como forma de piada e sim de sinceridade transmitida através de seu olhar penetrante.

— Obrigada. — É a única coisa que consigo dizer. — Agora preciso tirar um foto sua para ficarmos quites.

— Pode tirar, só não sei se ficará tão boa quanto a sua.

Pego meu celular do bolso, Augusto faz uma pose bem sexy ao cruzar os braços

deixando os músculos do seu peitoral e bíceps em evidência. Inconscientemente mordo meus lábios com a visão do paraíso.

— E aí, vai tirar a foto ou vai guardar essa imagem na sua memória?

Desperto de meus pensamentos, ao vê-lo sorrir com minha distração. Putz, se antes eu tentava esconder que reparava em seu corpo, agora ficou bem óbvio que eu estava “secando” sua beleza.

Aproveito que ele está sorrindo e tiro sua foto. E minha nossa! Que homem é esse!? Augusto poderia facilmente ser modelo de capa de revistas, e com certeza eu compraria todas. Ai! Chega, Beatriz! Foco, mulher. Do que adianta ficar aqui babando se não pode tê-lo. E porque eu não posso tê-lo? Eu estou solteira e que eu saiba, ele também não tem ninguém.

— Alô, Terra chamando Beatriz. — Ele estala os dedos em frente aos meus olhos me fazendo prestar atenção. — O que aconteceu? A foto saiu tão feia que você até ficou fora de órbita?

— Desculpe, apenas me distrai. Mas não, a foto não ficou feia, muito pelo ao contrário. Veja. — Viro o celular para que ele possa ver como ficou sua foto. Seu sorriso vai se alargando com o que vê.

— Diga se eu não sou o mais gostosão do pedaço? Veja só! Até pareço um artista de cinema. Se bobear de encontrar algum diretor de filmes por aqui, é capaz de eu ser contratado para trabalhar em Hollywood.

— Quanta pretensão, rapaz! Não é isso tudo que você diz, não.

— Como não? Olhe só esses cabelos, esse sorriso matador e esses músculos que todas as mulheres dariam qualquer coisa para agarrá-los...

— Menos, Augusto... Bem menos. Tá, você até que é bonitinho, mas ser artista de Hollywood, aí já é demais.

— Bonitinho? Você me acha bonitinho? Olha, eu até poderia ficar muito chateado com esse adjetivo, mas vindo de você, eu vou aceitar como um tremendo elogio.

Nem digo nada, sei que qualquer coisa que eu disser não vai dar em nada. Então é melhor eu deixá-lo pensando que é isso mesmo.

— Vamos aproveitar esse restinho do pôr do sol que é melhor.

Ficamos olhando o sol lentamente se esconder nesse mar azul e a lua já se fazer presente e tomar para si a responsabilidade de iluminar os casais apaixonados que passavam por nós. Deu até uma invejinha. Há quanto tempo eu já estou sem ninguém? Nem me lembro mais do meu último “ficante”, por que namorado mesmo, esse já era completamente esquecido no passado.

— Vamos até ali molhar um pouco os pés?

Aceno em concordância e vamos até a beira do mar. A água não está muito gelada, o que acaba sendo uma sensação muito agradável. Continuamos a caminhada com as ondas batendo em nossos pés.

— Isso aqui é o paraíso mesmo. Embora eu saiba que muitas praias do Brasil também são. Mas é uma pena que nunca tive a oportunidade de explorá-las. É mais uma coisa que devo mudar de agora em diante, começar a viajar mais e curtir um pouco a vida antes que o trabalho consuma toda minha energia e vitalidade antes da hora.

— Eu conheço algumas dessas praias, se você quiser, podemos fazer um tour quando tivermos um tempo livre.

Fico olhando para seu rosto tentando desvendar se o que ele está dizendo é verdade. E confirmo por seu olhar que sim, ele está realmente me convidando para viajar com ele sem ser por fins de trabalho.

— Quem sabe um dia... — Não posso prometer nada por enquanto. Até porque não gosto de fazer promessas que talvez não vá cumprir. E essa é uma delas. Como posso fazer uma viagem com Augusto se ter algum motivo para isso? Será apenas uma viagem entre amigos?

— Minha oferta sempre estará disponível. Quando você quiser, é só a gente combinar e seguir rumo aos paraísos inexplorados.

— Agradeço por se oferecer em querer me mostrar um pouco das belas paisagens, mas sinceramente, espero que você não fique tão empolgado com isso.

— E porque não? Você não quer viajar comigo, é isso?

— Não, não é nada com você. Apenas acho estranho duas pessoas solteiras que praticamente acabaram de se conhecer por causa de um trabalho em conjunto, sair por aí explorando o mundo.

— Acho que você fica insegura estando só com minha presença numa viagem. Se quiser podemos convidar mais algumas pessoas e tornar essa viagem como uma excursão entre amigos.

— Vamos com calma e ver no que vai dar essa viagem primeiro, só depois podemos planejar outra aventura.

Seguimos caminhando pelo mar e o silêncio se instalara entre nós. Mas não era desconfortável, apenas estávamos aproveitando agora a luz do luar que já fazia com que o mar tivesse aquela típica luminosidade. Nem percebemos que já havia escurecido e a praia estava mais deserta, restando somente nós e algumas poucas pessoas.

— Está com fome? — Pergunto para Augusto nos tirando desse silêncio.

— É, acho que podemos ver onde iremos jantar. Ou você quer comer alguma coisa por aqui mesmo? Ali na frente parece ser tipo um quiosque.

— Sim, vamos até lá ver o que é servido. Hoje não estou a fim de nada muito formal do tipo de restaurantes.

Vejo que o local está cheio. Muitas mesinhas dispostas à beira da calçada, outras espalhadas pela praia e pessoas de todos os tipos por ali comendo e se divertindo.

Aproximamos do balcão para ver de perto que tipo de alimento é servido e vemos que se trata de uma lanchonete do estilo americano. O que não é muito estranho por ser uma

cidade onde recebem muitos turistas americanos e adeptos ao *fast-food* mesmo sendo um país quase tradicionalista.

Augusto pega um dos cardápios e escolhemos nossos lanches. Ele pede um dos maiores lanches, o pode ser considerado como o nosso X-Tudo e eu peço um típico *Hot-Dog*. Sempre tive vontade de experimentar esse lanche quando via em algum filme ou seriado as pessoas comendo.

Com rapidez, nosso pedido fica pronto. Pedimos nosso refrigerante e vamos procurar um lugar para sentar. Escolhemos uma das mesinhas que está sobre a areia, que agora já está fresquinha por ser noite.

Augusto se lambuza todo logo na primeira mordida, o deixando com um bigodinho de mostarda.

— Você está todo lambuzado de mostarda. — Aponto para seu rosto.

— Esse lanche é muito grande, mal cabe na boca.

— Também precisa ser exagerado e pedir o maior que eles fazem?

— Preciso comer bem para manter esse corpinho esculpido. — Diz ao flexionar seus braços deixando que os músculos se sobressaíam.

— A única coisa que pode ganhar com isso é o aumento do seu colesterol. Esse lanche é uma bomba de calorias.

— Que nada! É só de vez em quando, então posso me dar ao luxo de experimentar uma “bomba” dessa.

— Você falou e falou e ainda continua com a boca toda suja.

— Desculpe, até me esqueci desse detalhe. — Pega um pedaço de papel toalha e limpa sua boca.

— Limpou tudo?

— Não, ainda tem um restinho na bochecha. — Ele passa o papel, mas não no local exato. Então decido ajudá-lo, limpando com meus dedos e como que por instinto, levo os dedos a minha boca para limpá-los.

— Humm... Isso é bem sexy! — Augusto se refere ao meu gesto.

— Foi sem querer, nem pensei ao fazer isso.

— Com isso estamos parecendo um casal de namorados de verdade.

— Não é para tanto, foi apenas um impulso. Não interprete de outra maneira.

— Estou brincando, sei que você fez isso sem pensar. Fico feliz por estarmos avançando em nossa amizade e criando confiança suficiente para acontecer esse tipo de situação e não ser mais tão constrangedor.

— O tempo em que estamos passando juntos está fortalecendo esse vínculo.

— E como para provar, deixo você dar uma mordida em meu lanche se você me deixar experimentar um pedaço do seu *Hot-Dog*.

— Não quero nem chegar perto dessa bomba calórica. Sei que vou me arrepender por já estar comendo esse *Hot-Dog*. Mas deixo você experimentar uma mordida.

— Deixe de besteira, você está com o corpo perfeito, pode muito bem se dar ao luxo de comer algo tão calórico.

Ele acha meu corpo perfeito. Dá para acreditar nisso? Ele disse “perfeito” e não bonitinho ou outro adjetivo qualquer. E agora, devo seguir sua sugestão e experimentar uma mordida do seu lanche para provar que sou desencanada com essa questão de manter o corpo sempre nos padrões que a sociedade hipócrita impõe para nós? Ah, que se dane! Eu vou comer e ser feliz sem culpa.

— Tudo bem, vamos trocar. — Trocamos nossos lanches e cada um morde um grande pedaço.

— Agora é você que está com bigodinho de mostarda. — Limpo com o papel e devolvo seu lanche pegando o meu de volta.

— E aí, é muito bom, né?

— Sim, mas eles são bem diferentes dos lanches brasileiros. Mas não deixam de ser bons também.

Terminamos de comer entre conversas agradáveis do que gostamos de fazer em nosso tempo livre. Descobri que Augusto tem gostos muito parecidos com os meus. Gostamos das mesmas músicas, mesmos filmes e já lemos os mesmos títulos de livros. Quem diria que aquele cara que achei tão prepotente e metido quando conheci, praticamente é minha versão masculina? Temos mais em comum do que sequer imaginei a cogitar essa hipótese.

Capítulo 12

— Quer voltar para o hotel pela areia ou pelo calçadão, Beatriz?

— Vamos pela areia, já estamos com os pés descalços mesmo. Amanhã podemos dar uma volta pela cidade.

Nem percebi o quanto do hotel havíamos nos afastado. Estamos numa parte da praia mais isolada, não há ninguém por perto e começo a ficar com um pouco de receio do perigo.

Sei que pode ser besteira minha. Aqui o índice de criminalidade é quase zero, mas é melhor prevenir do que remediar. Apresso meus passos e acabo deixando Augusto para trás. Quando olho para ver a distância que estou dele, acabo pisando em algo estranho e grito de susto.

Nem vi o que poderia ser e corro na direção de Augusto que vem apressado para ver o que aconteceu comigo. Me joga em seus braços e como ele não esperava por isso, acabamos caindo na areia com ele por cima de mim.

— Você está bem? O que aconteceu? — Ele parece muito aflito, mas nem se deu ao trabalho de sair de cima de mim, como se nem tivesse percebido a posição em que estamos.

— Estou, foi só o susto de ter pisado em algum bicho, sei lá o que pode ser.

— Deve ter sido algum tipo de caranguejo ou outro crustáceo qualquer. Não sei se as praias daqui têm os mesmo “habitantes naturais” igual aos do Brasil. Mas se for mesmo um caranguejo, você teve muita sorte de não ter levado um “beliscão” de suas patinhas afiadas.

Ficamos nos encarando, olhos nos olhos. Há um brilho diferente no olhar de Augusto, não consigo decifrar o que é. Só sei que é muito intenso. Olhos tão expressivos, mas ao mesmo tempo parece transmitir um pouco de tristeza, confusão. Como eu disse, não sei exatamente o que ele está sentindo. Mas não consigo deixar de olhá-lo, mesmo ele ainda estando por cima de mim. Não quero perder essa conexão.

Meu olhar deve estar transmitindo alguma coisa para ele também, pois parece estar com o mesmo dilema que e em não querer desconectá-los.

Lentamente seu rosto vai se aproximando do meu. Já posso sentir o que ele está tentando fazer, mas não sei se quero impedi-lo, porque também estou no anseio por esse desfecho. Na verdade sei que está errada toda essa situação, mas não consigo expressar nenhuma reação, a não ser deixá-lo fazer o que tem de ser feito.

Fecho meus olhos aguardando o momento em que nossos lábios se encontrarão. Posso sentir o aroma que emana de sua pele. Cheiro de sabonete e maresia. Sinto sua barba rala roçar em meu queixo e bochecha, como se estivesse apenas testando se há uma reciprocidade de minha parte. Um gemido fraquinho escapa de minha garganta, Augusto vê como sendo um sinal de permissão e finalmente acaba com o restinho de distância que

mantém de mim.

Nossos lábios se encontram, apenas conhecendo um ao outro, sem pressa, sem afobação. Sempre gentil, até ao ponto quando seguro em seus braços fortes. Eu já não aguentava mais de vontade de sentir aqueles músculos sob meus dedos. Foi o estopim para que os beijos de Augusto se tornassem mais furiosos e arrebatadores.

Dou permissão para que nossas línguas se tocassem e foi aí que percebi que perdi essa guerra. Por mais que eu quisesse não me apaixonar por ele, foi impossível não sentir a química que nossos corpos estão tendo um com o outro. Fora tudo o que acabei conhecendo dele que é perfeitamente compatível com meu estilo.

Mesmo eu discordando de tudo isso quando o conheci, agora devo dar o braço a torcer e reconhecer o quanto eu estava enganada sobre sua personalidade. Mas ainda é cedo, não posso me permitir apaixonar logo de cara, ainda é preciso avançar muitas etapas antes disso e acho melhor pararmos por aqui ou não vou conseguir mais soltá-lo.

Separo nossos lábios, muito a contragosto, mas pensando racionalmente, é o mais certo a ser feito. Augusto continua agora beijando meu pescoço, fica quase impossível de resistir, mas consigo ser mais forte e empurrá-lo. Preciso fazê-lo se afastar de mim, ou não resistirei mais.

— Chega, Augusto! É melhor pararmos por aqui. — Digo ofegante e vejo a dúvida transparecer seu olhar.

— Por quê? Você estava parecendo tão disposta a continuar quanto eu.

— É melhor ficarmos somente na amizade, um relacionamento agora poderia estragar tudo. E não é assim que quero terminar essa viagem.

Ele sai de cima de mim e deita-se na areia ao meu lado. Ficamos encarando a lua que agora ilumina as ondas do mar à nossa frente. Ambos calados sem saber como continuar essa conversa.

— Pensei que a gente pudesse nos entender melhor se ficarmos juntos. Ainda mais agora que vi que o sentimento é recíproco.

— São tantas situações que nos impede, Augusto.

— Me diga uma ao menos.

— Eu não sei nada sobre sua vida amorosa. Eu não sei se você tem alguém te esperando quando voltarmos. A única pista que você me deu foi que já tinha viajado para França numa “quase” lua de mel. E eu não sei o que isso possa significar, já que você cortou o assunto bruscamente quando eu te perguntei.

— Eu sinto muito, mas ainda não estou pronto para falar.

— Viu só porque eu não posso querer algum tipo de relacionamento que seja além de amizade. Você não confia em mim.

— Não é isso... Eu confio em você, mas o que aconteceu no passado, mexeu muito comigo e hoje eu quero poder curtir a vida.

— Você então não está em busca de relacionamento sério?

— Por enquanto não. Quero deixar as coisas caminharem e ver onde vai dar.

Eu não esperava por essa resposta. Por mais que ele sofreu algum trauma em seu relacionamento passado, isso não o justifica querer sair aproveitando tudo o que quiser da vida. E ainda por cima querendo que eu compactue com essa decisão.

— Não concordo com você, mas se essa é sua decisão, não posso fazer parte dela. Portanto seremos apenas amigos.

— Ou eu posso fazer você mudar de ideia e aproveitar esse tempo juntos para nos libertarmos de qualquer situação que esteja nos incomodando.

— Duvido você me fazer mudar de ideia.

— Quer apostar que consigo?

— Não, sem mais apostas.

— Isso me faz lembrar que ainda me deve aquele encontro.

— Tem certeza que vai querer esse encontro mesmo eu acabando de dizer que não teremos nada além de amizade?

— Sim, tenho certeza. Vamos apenas sair e ver no que vai dar. — Faço uma cara de quem está em dúvida de que esse encontro irá dar certo, mas Augusto tenta me convencer. — Vamos lá, Bia! Não tem o que perder.

— Achei que já tivesse esquecido esse bendito apelido...

— Jamais.

Augusto se levanta primeiro e estende sua mão para me ajudar a levantar. Nossas roupas e cabelos estão cheios de areia. Sacudimos até quase toda a areia sair de nossos corpos. Vamos embora agora caminhando pela calçada e não mais pela areia, senão é bem capaz de eu pisar em outro bicho qualquer e fazer mais um escândalo.

No caminho de volta para o hotel, encontramos um restaurante que tem uma fachada tão linda. Parece ser daqueles restaurantes onde as pessoas levam seus pares para um primeiro encontro ou para uma data comemorativa, somente em ocasiões especiais.

Augusto para em frente à fachada de vidro e fica tentando observar como é o interior do restaurante. As pessoas de lá de dentro começam a ficar intrigadas com o modo que ele fica espiando.

— Sai daí, Augusto! Vão achar que você é um psicopata e chamar a polícia para nos tirar daqui.

— Só mais um pouquinho, quero ver como é lá dentro. — Ele diz sem nem ao menos tirar os olhos de todo o movimento do restaurante.

— Se quer ficar, então vai ficar aí sozinho. Eu que não serei presa num país onde nem sei falar o idioma deles e correr o risco de parar na cadeia lotada de presas que irão querer se aproveitar de minha inocência ou então podem até me espancar, já que nem saberei gritar por socorro, porque ninguém irá entender o que eu estiver falando e...

— Para, Beatriz! Parece que engoliu uma metralhadora, já que desatou a falar e nem

parou para respirar. Ninguém vai ser preso, não estamos fazendo nada de grave, apenas observando.

— E por acaso você sabe se aqui não exista uma lei onde é proibido observar o interior de um comércio como se fosse um louco?

— O que tinha no seu lanche que te deixou pilhada desse jeito? Porque só pode ser isso ou então o calor já afetou seus miolos.

— Ah... Vamos embora logo, por favor.

— Está bem, medrosa.

— Não sou medrosa, sou cautelosa. E vamos logo antes que a polícia apareça por aqui.

Augusto começa a rir de mim. Quanta audácia! Até parece que estou errada.

— Agora me diz, porque tanto interesse naquele restaurante?

— Porque será lá onde você pagará sua aposta. — Augusto diz como se não fosse nada de mais.

— Você enlouqueceu!? — Grito sem querer em plena calçada com todas as pessoas passando ao nosso lado e me achando louca com certeza. — Você sabe quanto deve custar um simples copo d'água num lugar como aquele? E tem mais, para fazer uma reserva para um simples jantar ali, deve ter meses de fila de espera. Como você acha que vai chegar lá do nada e já conseguir uma mesa sem nem ao menos as pessoas te conhecerem para liberar nossa entrada?

— Tenho minhas cartas na manga. — Augusto diz muito convicto de que irá conseguir essa reserva.

— E se por acaso conseguirmos entrar, como você acha que iremos pagar a conta?

— Não se preocupe com isso, apenas deixe comigo que resolvo.

— Não consigo te entender. Acho que seremos humilhados por não ter o dinheiro suficiente e acabaremos por ter de lavar toda a louça suja do restaurante como punição.

— Não se preocupe com isso, Beatriz. Apenas esteja pronta amanhã às 20:0 horas.

— Sabia que você é muito mandão?

— Sabia que você é muito linda para ficar com essa carinha tão brava?

— Aff... lá vem você com essas cantadas baratas. — Augusto apenas ri de minha irritação com ele.

O que resta agora é esperar para ver o que vai dar desse pagamento da aposta.

Chegamos ao hotel, nos despedimos e como não havíamos planejado nada para o dia seguinte, apenas me dou ao luxo de poder dormir, mas não antes de pensar em todas as situações vexatórias que poderá acontecer durante esse jantar.

Capítulo 13

Acordo com os raios solares batendo em meu rosto. Vejo no relógio que ainda é muito cedo para levantar. Como não tenho nada planejado para o período da manhã, resolvo virar para o outro lado e voltar a dormir. A semana foi muito puxada com tanto trabalho que tive que fazer. Por isso mereço um pouco mais de descanso para recuperar as energias que foram gastas.

Quando volto a olhar a hora, já é o horário de almoço servido no hotel. Com certeza Augusto já deve estar por lá. Já é hora de levantar. Rapidinho fico pronta e desço até o restaurante e como imaginei, Augusto já está na fila para pegar sua comida.

Paro na fila em que ele se encontra, apenas algumas pessoas nos separam. Ele parece tão distraído que nem repara em minha presença.

Vejo-o olhar para os lados escolhendo uma mesa para sentar e percebo o seu olhar numa moça, muito bonita por sinal, que está sentada numa mesa sozinha. A dúvida parece estar corroendo sua mente se vai até ela para que ela possa permitir dividir a mesa com ele ou não. Fico apenas observando ao longe o que ele irá fazer. Mas por fim, ele acaba escolhendo uma mesa que está vazia. Não sei por que, mas algo dentro de mim ficou muito feliz com sua escolha e ao mesmo tempo fiquei muito brava.

Ontem mesmo ele estava me cantando e hoje já está cogitando a hipótese de jogar seu charme para outra mulher? Só porque eu disse que seremos apenas amigos, não significa que já no outro dia ele precise se jogar para cima de outra pessoa.

Vou até lá e sento à sua frente.

— Desistiu de querer sentar com a moça bonitona?

— O quê? — Ele pergunta em dúvida.

— Pensa que eu não vi você indeciso se ia até ela ou não?

— Não, não era bem isso...

— Ora, Augusto... A quem você quer enganar? Ontem mesmo você estava me beijando e hoje já está atrás de um rabo de saia? Isso ainda porque hoje teremos o nosso “encontro”. Como quer que eu confie em você se age dessa maneira?

— Você entendeu errado, Beatriz. Eu não ia até lá, apenas estava olhando, sabe que é difícil para um homem não reparar numa mulher bonita.

— Quanto machismo de sua parte. Não pensei que você fosse desse tipo.

— E não sou. Juro que apenas a olhei, mas sem intenção nenhuma de seguir até lá. E se você não reparou, ela está com os olhos atentos ao celular, ou seja, alguma coisa de ruim deve estar acontecendo em sua vida e foi isso que me chamou a atenção, mais do que a sua beleza. Veja o olhar dela, é como se ela estivesse sofrendo muito e eu jamais me aproveitaria de uma situação onde uma mulher se encontra num momento de tanta fragilidade.

Só então, vendo mais de perto, percebo realmente que a moça está chorando. Sua refeição intocada em cima da mesa e seu olhar focado no celular levam a crer que ela deve ter recebido uma mensagem nada agradável.

— Parece mesmo que ela está preocupada com alguma coisa.

— Eu disse... Foi isso que me chamou a atenção. Mas deixando os problemas dos outros de lado e focando em nossa noite, está animada para o nosso jantar?

Augusto é ótimo em mudar de assunto repentinamente. Agora sou eu o foco da conversa.

— Animada não seria a melhor palavra para designar meus sentimentos. Preocupada seria uma definição mais ideal.

— Ah, deixa disso, garota! Vai dar tudo certo, tenha um pouco mais de fé.

— Não sei como você vai fazer para conseguir uma mesa vaga naquele restaurante, mas já disse que não tenho muita esperança de que vai dar certo e acabaremos por comer *Hot-Dog* outra vez na beira da praia. E ainda por cima vestidos de maneira nada apropriadas para o ambiente.

— Se por acaso não conseguirmos, o que eu acho bem improvável, não haverá problema em mudar o local para nosso encontro. E quanto em questão da roupa inapropriada, é muito fácil de ser resolvido, basta nos despirmos. — Ele dá de ombros como se isso não fosse nada de mais.

— Vou fazer de conta que não acabei de ouvir uma ideia estapafúrdia como essa.

— Estapafúrdia? Parece minha avó falando.

— Ora, está me chamando de velha?

—Não. Mas a maneira como você falou da minha ideia ser estapafúrdia, fez-me lembrar de minha infância quando eu tinha umas ideias loucas e minha avó se referia a elas com as mesmas palavras que você usou.

— Então tenho razão. Até sua própria avó te acha louco.

— Também não é por aí, eu apenas fui uma criança com uma criatividade um pouco mais a florada em comparação com as outras. Por isso minha decisão de seguir para uma área de emprego onde é preciso muita imaginação para criar as propagandas dos nossos contratantes. Garanto que você também não foi uma criança “normal”, já que me lembro de você dizer que preferia assistir aos comerciais entre os programas infantis que passavam na televisão. — 1 x 0 para Augusto. Isso é verdade e não posso nem contestá-lo.

Continuamos com nossa refeição conversando e planejando o que cada um faríamos agora no período da tarde.

— Eu preciso comprar um presente para a Priscila. Não sei bem onde comprar. Todas as lojas aqui parecem ser tudo tão caro. Eu queria saber se tem algum shopping ou uma área mais acessível para meu bolso.

— Se quiser podemos sair com o carro e dar uma volta por aí ver se achamos um lugar que possamos comprar as lembrancinhas.

— Você estaria disposto a levar uma mulher às compras?

— E porque não?

— Porque nenhum homem em sã consciência se oferece para tal tarefa. Eles sempre vão juntos às esposas e namoradas mais por pura obrigação ou se tem algum interesse na recompensa que isso poderá lhes trazer futuramente.

— Não tenho problema com isso. Gosto de fazer compras também.

— Hum... — É só o que consigo expressar.

— Viu como não sou o machista que você pensa que sou.

— Ao menos nessa situação.

— Não, Beatriz, eu sempre coloquei os desejos das mulheres que participam da minha vida em primeiro lugar.

— E existem muitas dessas mulheres? — Agora quem sabe ele mata um pouco da minha curiosidade.

— Em outra época sim. Mas agora apenas três mulheres ocupam um espaço significativo em minha vida.

— Três? Mas você é um garanhão mesmo, hein?

— Vamos com calma aí, Beatriz, ainda nem disse quem são elas.

— Deve ser suas fãs do trabalho, já que em tão pouco tempo que você está lá e elas são caidinhas por você.

— Está tremendamente enganada. Em primeiro lugar, está minha mãe. Em segundo, minha avó — e é agora que eu descubro o que tanto ele tenta me esconder — E em terceiro está você.

— O QUÊ!? — Que péssima hora para estar com a boca cheia de suco. A surpresa por saber que eu sou uma das pessoas que ocupam importância em sua vida, me fez cuspir todo o líquido em seu rosto. Mas também quem manda jogar essa bomba assim do nada pra cima de mim?

— É assim que você me agradece? Cuspindo em minha cara? — Augusto tenta se limpar com o guardanapo que estava em seu colo, mas até sua blusa está toda respingada de suco.

— Poxa, você me diz uma barbaridade dessa e queria que eu reagisse como?

— Porque barbaridade? Não vejo o menor problema em você ser uma das mulheres importantes para mim.

— Você mal me conhece. Como pode me colocar em tal patamar?

— E lá vem você com o pouco de tempo de novo. Quando irá aceitar que não é o tempo que conhece uma pessoa que dá para julgá-la importante ou não? Não é o tanto de tempo que passamos juntos, mas a qualidade desse tempo é que faz toda a diferença.

Eu não sei mais como agir, o que pensar ou o que fazer. Augusto está fazendo mudanças em tudo aquilo que eu sempre acreditei. Não sei até onde irei chegar se ele

continuar a agir desse modo. Por mais que eu tente lutar contra suas investidas, está ficando cada vez mais impossível de segurar esse sentimento. Não sei até onde resistir e se devo resistir ao seu charme.

— Nunca passou por minha cabeça que poderia fazer parte do seu *ranking* de pessoas favoritas. Por isso tamanha a minha surpresa. Na verdade não consigo entender o porquê de me colocar em tal patamar, não sei o que viu em mim.

— Porque como eu já disse, em pouco tempo eu fui capaz de conhecer a pessoa que você é. E mesmo com todo esse seu jeito atrapalhado, ainda assim consegue ser uma mulher determinada, destemida e que corre atrás do que quer até ser capaz de obtê-las.

— Eu não esperava que você pudesse pensar isso de mim, ao menos não depois de tudo o que falei de você e por não querer dividir minha sala e nem deixar você opinar muito sobre os projetos. Eu não queria perder meu lugar na empresa para alguém que havia acabado de chegar. Eu jamais me permitiria entregar tudo o que planejei tão facilmente para um “concorrente”, pois foi assim que eu te vi desde a primeira vez. Mas com o passar dos dias, aprendi a não te ver mais como concorrente, mas sim como parceiro.

— Que bom que mudou o seu modo de pensar a meu respeito. Eu nunca quis tirar seu lugar. Quando aceitei esse emprego, eu sabia que já havia alguém que era responsável por todos os projetos de campanhas publicitárias, mas nunca pensei que pudesse ser você. E confesso que aqueles joguinhos de sedução no começo, foi por pura zoeira, eu queria ver até que ponto você aceitava minhas brincadeiras. Mas agora, eu já não faço mais por diversão.

— E isso quer dizer exatamente o quê?

— Quer dizer que o que eu sinto é verdadeiro. Eu também sinto que estou mudando, aqueles joguinhos de sedução que jogava para qualquer mulher, já não faz mais parte do meu cotidiano. Ainda não estou pronto para um relacionamento mais avançado e estabilizado, mas também já não quero mais ter simplesmente uma “ficada casual”. Não sei se você está conseguindo me compreender.

— Acho que entendo, sim. Eu também tive uns relacionamentos no passado que não me agregaram em nada de positivo. E não era isso que eu buscava em um companheiro. Eu quero alguém que me entenda e aceite da maneira que eu sou, com toda essa loucura, essa mania de sempre querer fazer tudo o melhor possível.

— Agora estamos falando a mesma língua. Finalmente acho que conseguimos acertar nossos pensamentos na mesma linha de raciocínio.

— Já não era sem tempo, não é mesmo?

— O que importa é que estamos conseguindo. — Augusto olha no relógio e arregala os olhos.

— Se quiser ainda ir às compras, sugiro nos apressarmos. Logo estará na hora de nosso encontro e não quero chegar atrasado ao restaurante.

— Você está muito convicto de que irá conseguir uma reserva. Quero só ver a sua cara de desapontamento caso dê tudo errado.

— Não vai dar. Eu acredito nos pensamentos positivos. Mas então, vamos sair por aí gastando dinheiro, ou não?

— Vamos. Ao menos vamos à caça de promoções, do tipo daquelas leve três e pague duas.

— Só você mesmo, Beatriz. Acho que é a única mulher que vem para a França e não quer comprar de tudo o que vê pela frente.

— Quem disse que não gostaria de comprar? Só que ao contrário das outras mulheres, eu sei diferenciar o que é necessário e o que é supérfluo.

— Você está certa, pra quê ter aquele monte de bolsas e acessórios se depois nem consegue usar tudo. Mas também às vezes é bom para o nosso ego fazer uma extravagância de vez em quando, claro que desde que você não se afunde em dívidas apenas para ostentar uma peça de roupa de marca ou um perfume caríssimo, apenas para impressionar aos outros.

— Claro. Uma mentira sempre acaba sendo descoberta uma hora ou outra.

Capítulo 14

Saímos do restaurante do hotel e Augusto foi pegar o carro enquanto subi de volta ao meu quarto pegar minha bolsa e a listinha de compras que eu tinha acrescentado junto à lista de compras que Priscila me deu para comprar para ela. Por sorte, Priscila não era daquelas que só esperam por presentes, ela me deu até que uma boa quantia em dinheiro para comprar os itens de sua lista. Mas por aí tem muita gente cara de pau que é capaz de fazer uma lista de compras e esperar que você pague por tudo.

Encontro com Augusto já dentro do carro chamativo me esperando. Devo confessar, ele fica muito lindo e sexy dessa maneira. Enquanto estou chegando mais perto, ele finalmente vira o rosto e me vê aproximar. Ele abre aquele sorriso lindo e levanta os óculos escuros deixando a mostra seu olhar penetrante que me deixa desconcertada e até mesmo extasiada com tanta beleza.

Naturalmente ele já tem um rosto que é muito desejável, isso sem falar de seu corpo que é todinho esculpido. Para não ficar atrás, tento também fazer uma cara sexy, mas acho que acabou ficando mais como uma careta. Já faz tempo que estou sozinha e não estou flertando com ninguém, por isso devo ter perdido o jeito da coisa.

Mudo meu jeito de caminhar, tentando dar uma reboladinha para parecer sensual, mas também acho que não está dando muito certo. Para acabar de vez com minha tentativa, acabo tropeçando no último degrau da entrada do hotel. Quase caio no chão, mas felizmente consigo me equilibrar e voltar a ficar em pé. Pronto, agora além de não ter parecido nada sexy, deve ter sido uma cena patética, tanto é que Augusto está se rachando de rir.

Eu nem estou calçando sapatos de salto alto. Mas quem é capaz de tropeçar calçando sapatilhas? É claro que só eu consigo essa proeza. Quantas e quantas vezes fiquei em frente ao espelho repetindo as palavras da história da Branca de Neve: “Espelho, espelho

meu, existe alguém mais “desastrada” do que eu?”. Claro que alterei o adjetivo da frase, pois desastrada está mais ativo em meu cotidiano do que a beleza.

Entro no carro emburrada com toda essa cena patética. Não sei por que eu sou tão desastrada com situações que são tão simples para as pessoas. Mas não, até parece que quando foi distribuído o dom para as pessoas, eu devo ter passado na fila dos desastrados várias vezes, é a única explicação que vejo por ser tão azarada.

— Você está bem? Machucou-se? — Augusto me pergunta assim que consegue parar de rir.

— Não, não me machuquei. E não estou nada bem, devo ter nascido com dois pés esquerdos para poder tropeçar tanto. — Estou com tanta raiva de mim que acabo descontando toda minha frustração pra cima dele.

— Ei, não precisa ficar tão zangada, essas coisas podem acontecer com qualquer um. E me desculpe por ter rido de você, não foi minha intenção, mas acabou meio que sendo incontrolável.

— Você não é o primeiro e tenho certeza que não será o último a rir de minhas atrapalhadas.

— Me desculpe mais uma vez, prometo que da próxima vez não vou dar risada de você.

— Até parece...

— Esquece isso, o importante é que você não chegou a cair e está aí inteirinha. Então vamos aproveitar nossa tarde de compras como se nada tivesse acontecido, está bem?

— Ok. — É tudo que sou capaz de dizer, ainda irá levar um tempo até minha vergonha passar. Justo quando eu pensei que estava sendo sexy e conseguindo flertar com ele, essas coisas me acontecem? É pra deixar qualquer um com raiva mesmo. Mas, vamos tentar apagar da memória mais um dos meus vexames e seguir a vida.

Augusto dirige por várias ruas até achar um lugar que está bem movimentado e pessoas cheias de sacolas em suas mãos. Entendemos que esse talvez seja o local onde preferem fazer as compras.

— Vamos tentar a sorte por aqui mesmo?

— Pode ser. Veja um lugar ali para estacionar. — Digo ao apontar para uma vaga.

Assim que estacionamos, caminhamos pela calçada que está abarrotada de turistas. Vários idiomas são perceptíveis conforme passamos por eles. Até ouvimos o nosso habitual português. Olho para Augusto que está rindo por encontrarmos brasileiros até aqui.

Estamos olhando as vitrines e pesquisando preços. Claro que isso eu não deixaria de fazer de jeito nenhum. Augusto não parece muito feliz com isso, pois leva mais tempo, mas não estou nem aí, o dinheiro é meu e prezo muito por ele antes de sair gastando sem controle.

Já consegui comprar um dos muitos perfumes que Priscila me pediu e até aproveitei para comprar um para mim. Foi um pouco mais caro do que pensei, mas o aroma é tão bom e nada enjoativo que seria impossível sair da loja sem levá-lo.

Augusto comprou dois perfumes, para um deles, ele pediu minha ajuda para decidir se levava ou não. Quando senti o aroma da amostra que era disponível para escolhermos, ficou mais fácil para decidir. Era muito bom, fiquei imaginando Augusto todo lindo e arrumado usando aquele perfume. Senti minha pele arrepiar e não era de frio, era desejo.

Fiz uma cara de como se não fosse nada de mais e seguimos adiante com as comprar. Depois do vexame do quase tombo, eu não queria demonstrar mais nenhuma atitude de parecer sensual para ele.

Como as calçadas estão lotadas, Augusto anda atrás de mim como numa fila indiana. Paro bruscamente ao ver uma loja de bolsas do meu sonho, fazendo com que Augusto quase me derruba ao trombar comigo.

— Poxa, Beatriz, precisa parar assim de repente?

— Desculpa, sei que fui errada, mas veja essas belezinhas e diga se não é um sonho.

Augusto então começa a observar as bolsas e o vejo arregalar os olhos.

— Esse é o valor de cada bolsa ou da loja toda?

— Eu sei o que você deve estar pensando, quem em são consciência compraria uma bolsa que custa igual ao valor de um carro popular? Eu também acho isso, mas olha o designe dessas coisas fofas, o material com que são fabricadas, sei que o mais perto que posso chegar delas é através de ficar babando na vitrine, nem tenho o direito de me atrever e entrar numa loja como essa. Acho que nem mesmo as vendedoras iriam querer se sujeitar a perder o seu tempo e uma possível comissão mostrando-as para mim.

— Não diga bobagens. É claro que você tem o direito de entrar na loja. Ninguém é obrigado a comprar só porque entrou para dar uma olhadinha. Pensa que gente rica também não entra só para observar? Ou acha que compram tudo o que vêem pela frente?

— Ao menos elas não precisam dizer que não irão comprar por falta de dinheiro, podem inventar outra desculpa qualquer, como por exemplo, que irá esperar para quando sair a próxima coleção.

— Acho que é você que está colocando empecilhos para não entrar.

— Não é empecilho, é a mais pura verdade. Não tenho dinheiro para comprar e então do que adianta me iludir com algo que não posso ter?

— Então vamos fingir que somos ricos, olhar tudo e dizer que iremos esperar pelo lançamento da próxima coleção.

— Você não seria capaz de uma coisa dessas. — Não posso acreditar no que ele está sugerindo para fazermos.

— Está duvidando? Então vem comigo. — Augusto segura firme em minha mão como se fosse para eu não ter como fugir e entramos na loja. — Apenas finja, Beatriz e deixe que eu falo com as vendedoras. — Sussurra baixinho em meu ouvido para que mais ninguém ouça, embora eu não acredite que ninguém aqui dentro saiba falar português.

Uma vendedora muito elegante vem nos atender. Augusto com seu sorriso sexy e de jeito safado, sabe que consegue conquistar qualquer mulher. E a vendedora é mais uma que já caiu em seus encantos.

Sem nunca deixar de soltar minha mão, ele começa a conversar com ela e parece ser um assunto muito interessante, pois ambos estão rindo e eu estou aqui sem entender absolutamente nada. Eles olham em minha direção, que devo estar parecendo mais perdida que cego em tiroteio e sorriem. E agora o que eu faço? Será que estão rindo de mim, ou de alguma piadinha entre eles? O jeito é entrar no clima e fingir também. Acabo sorrindo como se estivesse entendendo tudo que estão falando.

A vendedora sai em direção para trás do balcão e começa a separar algumas bolsas. Aproveito para perguntar para Augusto o que tanto conversaram e riram.

— Posso saber o motivo de tanta risadinha com aquelazinha? — É impossível conter a raiva e indignação em minha voz.

— Qual é, está com ciúmes da vendedora?

— Claro que não! Porque eu teria ciúmes? Você não é meu namorado. Só queria saber o motivo de ficar mostrando esse sorriso pra ela sabendo que eu não entendi nada do que conversaram e agora fico eu aqui achando que estavam rindo de mim.

— De maneira alguma estávamos rindo de você. Confesso que joguei um pouquinho de charme sim, mas somente para sermos bem atendidos. Mas nada que pudesse comprometer minha fidelidade com você.

— É isso mesmo?

— Claro que é isso, Beatriz. Estamos juntos nessa e precisamos mostrar que somos um casal de verdade querendo ver as bolsas. Então não me desaponte e leve a nossa brincadeira a sério.

Seguimos até o balcão onde estão dispostos vários tipos de bolsas. Tem bolsas casuais, para trabalho, para festas. Todas as cores e modelos. Tenho até medo de tocá-las. Meus sentidos são atingidos pelo cheiro do couro novo e verniz, mas não é um cheiro ruim, é cheiro de objeto novo, recém fabricado.

Meus olhos devem estar até brilhando por estar diante de tantas bolsas lindas juntas, sem dizer que ali, em cima daquele balcão, havia uma fortuna em dinheiro que talvez desse até para comprar um pequeno apartamento.

Augusto percebendo que estou um pouco hesitante em pegar as bolsas para olhar mais de perto, começa a conversar com a vendedora na tentativa talvez de distraí-la para que eu possa ficar mais a vontade. Deu certo, afinal quem não se renderia ao seu sorriso encantador e seu sotaque francês misturado ao português?

Pego uma bolsa do estilo executiva para trabalho. Ela é tão linda e seria tão útil para carregar todos os documentos que tenho que carregar para todos os meus compromissos. Mas só fico imaginando eu andando com uma bolsa caríssima como essa nos ônibus lotados de São Paulo. Não daria muito certo, mas também poderiam pensar que é um produto de imitação comprado naquela famosa rua onde com pouco dinheiro você pode sair vestido da cabeça aos pés com roupas de “marca”.

Olho outra bolsa pequena para ir a festas e vejo o preço na etiqueta. Como pode uma coisinha tão pequena custar tão caro? Augusto vê a minha cara de espanto e dá um sinal para que eu disfarce. Dou uma risadinha que sai mais falsa do que outra coisa e continuo

fingindo estar gostando das bolsas. Se bem que não é fingimento gostar delas, mas sim, fingir gostar dos valores delas. Por mim, se eu tivesse condições, compraria qualquer uma delas facilmente.

Mas a que me chamou mais atenção mesmo, foi uma bolsa casual na cor preta envernizada. O tamanho é ideal tanto para ir trabalhar com ela, quanto para fazer alguns passeios. Até que o valor se comparado com as outras, não era tão exorbitante, mas mesmo assim é impossível para meu bolso.

Augusto percebe meu olhar de cobiça para ela, mas sabendo que eu não conseguiria inventar uma desculpa para não comprá-la, ele conversa com a vendedora que apenas assente em concordância. Como não entendo nada do que falam, fico sem saber qual foi a desculpa que ele inventou.

Saindo da loja, com aquela dorzinha no coração por ter deixado a bolsa lá, pergunto para Augusto o que foi que ele disse para a vendedora, que nem fez cara feia por ter tirado um monte de bolsas da prateleira e nem compramos nada.

— Não disse nada de mais, apenas que iríamos dar umas voltas por aí e que depois voltaríamos para comprar, já que você não gostaria de ficar andando com uma bolsa tão cara por aí.

— Não acredito que disse isso. Ela deve ter me achado louca em pensar que alguém poderia me roubar numa cidade como essa. Aqui todo mundo é rico, não há o porquê de quererem me roubar.

— Ah, Beatriz, foi a única desculpa que consegui arranjar de última hora. O que importa é que deu certo.

— Tudo bem, eu não conseguiria pensar em algo melhor.

Continuamos nossas compras em lojas de maior facilidade financeira para nós. A listinha de Priscila já estava quase completa e a minha ainda faltava algumas peças de lingerie que eu queria comprar.

Avistei uma loja específica desse tipo de vestuário, mas fiquei com vergonha de que Augusto quisesse entrar comigo. Eu que não iria ficar escolhendo lingerie sensuais na sua frente.

— Hum... Augusto, será que eu poderia ir naquela loja sozinha?

Ele nem tinha percebido direito que tipo de loja que era.

— Mas posso ir com você, ou como você irá fazer a compra sem falar francês?

— É porque é uma loja de roupas íntimas e eu gostaria de ficar mais a vontade para escolher esse tipo de vestuário. E eu posso muito bem usar meu inglês, garanto que alguma funcionária irá conseguir me compreender. Você pode aproveitar para olhar outras lojas e comprar suas coisas, assim não perde tempo tendo que me esperar do lado de fora. E depois podemos nos encontrar naquela cafeteria ali na frente.

— Se você prefere assim, então está bem. Mas qualquer coisa me ligue e eu volto correndo para te socorrer.

— Tenho certeza de que não será preciso, mas qualquer dúvida eu te ligo.

Ele segue adiante e eu entro na loja que por sinal está lotada, isso só pode significar uma coisa. Liquidação! E sim, todos os produtos da loja estão pela metade do preço. Rio sozinha, pois finalmente vou poder me dar ao luxo de gastar sem culpa.

Ando entre os corredores vendo todas aquelas belíssimas peças, não sabendo a qual escolher. Tem conjuntos, camisolas de seda, *babydoll* e tantos outros modelos. Separo as peças que mais gosto e sigo para o provador. Todas ficaram ótimas em meu corpo e como não consigo decidir por qual levar, acabo por levar todas.

Não trabalhei como uma louca em um prazo de tempo curtíssimo para não me dar ao luxo de um pouquinho de extravagância e luxo para mim mesma. Não foi difícil em finalizar a compra. Como havia imaginado as vendedoras falavam inglês, então foi muito fácil a nossa comunicação.

Só agora me dou conta de que não tenho uma roupa apropriada para o jantar de hoje com Augusto. Eu até trouxe um vestido, mas ele não está à altura do ambiente chique que é aquele restaurante que ele insiste em dizer que iremos conseguir uma mesa.

Um pouco mais à frente tem uma loja de vestidos. Entro para ver se acho um do meu agrado. Olho todos eles, mas parecem tão chiques para um simples jantar. Estão mais para casamentos e festas desse tipo. Eu quero algo elegante e que não seja tão formal.

Mas como eu gosto de procurar até encontrar o que desejo, acho num lugar bem escondidinho entre vários outros vestidos aquele que tenho certeza que deixará Augusto doido ao vê-lo em meu corpo. Não que eu seja a mulher mais linda, mas quando eu me produzo para alguma ocasião em especial, eu fico muito gostosa. Agora é melhor eu ir logo ao encontro dele ou gastarei mais do que eu posso.

Ele já está à minha espera na cafeteria que combinamos em nos encontrarmos. Aos seus pés estão algumas sacolas, o que me faz entender que ele aproveitou bem o seu tempo para fazer suas compras também.

Coloco as minhas sacolas junto as suas e me sento à sua frente.

— Viu como foi bom nos separarmos, você pôde fazer suas compras e assim não demoramos muito.

— Só comprei alguns presentinhos para minha mãe e minha avó. E também uns mimos para mim, porque eu mereço também.

— Eu consegui também terminar minha lista de compras, agora estou livre de compromisso. Não gosto de ficar com aquela preocupação de ficar faltando cumprir alguma meta. Agora é só aproveitar o tempo que nos resta aqui.

— Ainda falta um bom tempo para terminarmos nosso serviço, então poderemos aproveitar bem os nossos momentos de descanso.

Pedimos um típico café francês e seus famosos pãezinhos. Quando vejo a hora, me sobressalto da cadeira.

— O que foi, Beatriz? Algum bicho te mordeu?

— Não, mas veja só que horas são! — Ele olha em seu relógio e continua tomando seu café tranquilamente.

- Vamos, Augusto! Logo estará na hora de sairmos para o nosso jantar.
- Calma, mulher! Ainda é cedo.
- Pode parecer cedo para você que não precisa arrumar o cabelo, fazer maquiagem, se depilar...
- Humm... isso significa que teremos uma noite quente?
- Pode tirar seu cavalinho da chuva. Não vou me produzir para você, mas se por acaso conseguirmos entrar naquele restaurante, quero estar à altura daquelas mulheres todas que o frequentam.
- Você não precisa se preocupar com isso. Você fica linda até vestida num saco de batatas.
- Ah, deixe de besteira que sei muito bem o que os homens gostam de olhar. E com certeza não querem ver uma mulher toda desleixada com sua aparência.
- Se é o que você acha, então vamos.

Capítulo 15

Ainda tenho algumas poucas horas antes do nosso jantar. Ligo na recepção pedindo para que alguém possa passar meu vestido novo e deixá-lo bem apresentável para vesti-lo mais tarde. Separo uma das lingerie de minha mala, por mais que eu quisesse usar uma das novas, ainda não era hora para tanta sedução. Nem sei se essa hora iria chegar em algum momento com Augusto. Mas a qual escolhi, também é sedutora, um pouco mais simples e discreta, mas sem deixar de ser uma lingerie que poderia prometer muitos momentos de prazer.

Logo a camareira já está de volta trazendo meu vestido pendurado num cabide e dentro de uma capa escura, onde é impossível que alguém pudesse ver sua cor ou modelo. Penduro-o na porta do guarda-roupa e abro apenas uma frestinha do zíper para confirmar se é ele mesmo.

Olho mais uma vez para o relógio e vejo que já passou tempo suficiente. Está na hora de começar a me arrumar. Entro no banheiro e coloco a banheira de hidromassagem para encher. Até agora eu não havia usado ainda, com a semana agitada que tivemos, esse banho havia ficado em segundo plano. Mas agora eu vou aproveitar e muito.

Em cima da pia têm vários vidrinhos de essências e sais de banho. Abro um por um e vou sentindo o perfume de cada. Escolho um que me agrada e que não seja muito forte. Jogo na água morna e logo começa a formar bolhas de espumas. Sentada na borda da banheira, ainda pelo lado de fora, mergulho minha mão para sentir a temperatura da água e brincar com as bolhas que se multiplicam cada vez mais. Começo a viajar em pensamentos de como seria ter uma vida assim, morando num lugar bacana, com dinheiro sobrando na conta, podendo comprar o que eu quiser sem ao menos precisar olhar o preço da etiqueta para decidir se compro ou não.

Mas do que adianta ficar refletindo sobre o que não tenho? A questão é trabalhar para conquistar aquilo que posso. Sonho e desejos nunca são demais, mas a princípio é melhor garantir aquilo que está ao nosso alcance neste momento, mas sem nunca deixar de querer mais e correr atrás de nossos sonhos.

Com a banheira já cheia, fecho a torneira e tiro minha roupa. A água está tão quentinha que meus músculos já começam a ficarem mais relaxados. Deito na banheira e fecho meus olhos querendo aproveitar ao máximo esse tempo comigo mesma.

Lavo meus cabelos, deixando-os para enxaguar depois debaixo da ducha. Passo a esponja com o sabão por todo meu corpo, dando uma atenção especial ao meu colo e seios, na esperança de que o restaurante tenha uma área com pista de dança para quem sabe Augusto me convide para uma dança romântica. E se isso acontecer, essa será a parte do meu corpo com a qual ele terá um contato maior.

Depois de sentir a água começar a esfriar, termino o banho debaixo do chuveiro para retirar toda a espuma. Me seco com uma toalha tão macia e branquinha que mais parece um algodão puro. Visto meu roupão enquanto ligo o secador para secar meus cabelos.

Consigo deixá-lo do jeito que eu gosto, com pouca ondulação e solto pelas costas. Acho que ficará uma combinação perfeita com o tipo de vestido que irei usar.

Faço uma maquiagem não tão carregada de cores, pois ainda estou em dúvida se conseguiremos essa reserva no restaurante, e caso não consigamos, o que nos restará será mais um jantar à beira mar e com toda essa produção vai ser muito esquisito.

Cabelo e maquiagem prontos. É hora de colocar meu vestido. Abro todo o zíper da capa protetora e fico deslumbrada com a beleza dele. O visto sem dificuldades, pois fui esperta e comprei um modelo que tem o zíper na lateral, já que não teria ninguém para me ajudar a fechá-lo caso o zíper fosse na parte de traz. Calço um par de sandálias de salto alto para combinar, arrumo uma bolsinha de mão que havia trazido caso fosse precisar e acertei em cheio na escolha.

Paro diante o grande espelho que tem no closet, a mulher que vejo no reflexo está deslumbrante com seu vestido longo, preto e com uma fenda enorme na perna direita que sobe até quase na coxa, que poderia muito bem matar qualquer um de desejo.

Nunca fui de quere chamar a atenção para mim, mas hoje, eu me permiti ser uma nova mulher. Não sei se é porque Augusto será meu acompanhante ou se é por mim mesma. Mas todas as mulheres em primeiro lugar devem se produzir para o seu próprio bem-estar, isso as deixa mais felizes, independente do que os outros possam dizer.

Coloco apenas um par de brincos e uma pulseira, não é preciso muito acessório já que acredito que só essa fenda do vestido já irá chamar toda a atenção. Mas ela não é vulgar e não está mostrando nada que não deve ser mostrado.

Já são quase 20:00 horas, Augusto já deve estar me esperando, se bem que não me atrasei. Se ele achou que eu fosse me atrasar, se enganou.

Finalizo minha produção com um último toque do novo perfume que comprei. Agora sim, estou pronta para arrebatat corações.

Quando o elevador abre suas portas já no saguão, Augusto vira-se em minha direção ao ouvir a campainha do elevador que indica que já chegou ao andar desejado.

De olhos arregalados e com boca entreaberta, ele parece não estar acreditando na figura que está diante de si, que no caso sou eu.

Ando lentamente em sua direção, claro que tentando fazer um pouco mais de charme, mas com tanto medo de tropeçar ou quebrar os saltos da minha sandália, que me faz lembrar o meu quase tombo ao usar uma simples sapatilha.

Ele está tão lindo vestido com uma calça social preta e blazer, com uma camisa branca por baixo e sem gravata. O cabelo arrumado com gel, mas como se tivesse passado com os dedos, então não estão tão lisos e sim um pouco bagunçados. Ostenta um elegante relógio em seu pulso que não sei se ele comprou aqui ou é alguma imitação.

Ao chegar à sua frente, fecho sua boca com meu dedo indicador só para deixá-lo constrangido.

— Desse jeito você irá babar, Augusto.

— Hum, o quê? — Parece despertar de um transe hipnótico com minhas palavras.

— Você estava com a boca aberta desde o momento em que me viu saindo do elevador.

— Claro! Eu sabia que você iria se arrumar toda para esse jantar. Mas a tal ponto de como se estivesse indo para uma festa luxuosa, isso com certeza eu não esperava. Acho que vou ficar parecendo um desleixado ao seu lado. Você está simplesmente deslumbrante!

— Obrigada, mas deixe de modéstia, você também está muito elegante. E só me tire uma dúvida... Esse seu relógio é novo? Pois de longe já foi possível vê-lo.

— Comprei hoje enquanto você fazia suas compras sozinha. Gostou? — Ele diz todo sorridente e me mostra o relógio mais de perto. — Pois vou ter longas parcelas da fatura do cartão ainda para pagar. Mas quis me dar um mimo também, não é sempre que temos essa oportunidade e quer saber o mais legal? Eu ganhei um cupom para um sorteio surpresa. E estou sentindo que irei ganhar alguma coisa.

— Hoje eu também abusei um pouco além da conta com o cartão, mas me permiti comprar uns agrados para mim. E desejo boa sorte para você com o sorteio. Agora vamos ou não iremos chegar a tempo para tentar a sorte com o restaurante. Já estou até imaginando nós dois vestidos tão elegantemente e comendo sanduíches na praia.

— Pensamento positivo, Beatriz. Vamos conseguir.

Ele coloca uma de suas mãos na base da minha cintura me guiando até onde o carro já está estacionado nos esperando. Abre a porta para eu entrar e segura minha mão para não cair. Um perfeito cavalheiro.

— Obrigada.

— É um prazer poder acompanhar a nobre dama.

Não consigo conter o sorriso envergonhado em meu rosto. Esta noite mal começou e tudo está saindo mais que perfeito. Tenho até medo do que pode acontecer. Se formos pensar bem na “sorte” que tenho de não cometer nenhum desastre, qualquer coisa pode acontecer.

Em poucos minutos estamos diante ao restaurante. Um manobrista vem para guardar o carro e Augusto novamente me ajuda a desembarcar.

— Ai, meu Deus! Não quero nem ver a vergonha que iremos passar. O manobrista acabou de levar o nosso carro para o estacionamento pensando que temos uma reserva. Já pensou se daqui a poucos minutos ele tiver que trazê-lo de volta?

— Relaxa, Beatriz. Já disse para confiar em mim.

Sempre segurando em minha mão, ele vai até a recepcionista e fala em francês com ela. Acho até que ele faz isso só para que eu não entenda nada mesmo, porque um restaurante desse nível, todos os funcionários devem falar inglês, aí eu poderia entender perfeitamente bem o que eles conversam.

Como todas as mulheres, a recepcionista também já caiu em seus encantos e está toda de sorrisinhos para ele. Mas que tanto charme é esse? Até parece que ele é feito de açúcar.

Augusto vira para mim com uma cara séria e diz:

— Vamos...

— Viu! Eu disse que isso não ia dar certo. Ai, que vergonha!

— Vamos entrar eu quis dizer.

— O quê? Sério que tem um lugar para nós?

— Sim, Beatriz. A não ser que você queira desistir agora.

— Não! É claro que não vou desistir. Só não esperava que fôssemos conseguir assim tão fácil. O que você disse para a recepcionista? — Eu precisava saber por que ela nem ao menos hesitou em questioná-lo ou tentar dizer que não havia uma mesa vazia para nós.

— Nada demais. Foi apenas sorte de ter uma desistência de última hora.

— Porque será que eu não acredito nisso?

— Por que você se preocupa sem ter necessidade.

Enfim entramos no tal famoso restaurante. Meus olhos mal podem acreditar no que estão vendo. É tanto luxo, tanta beleza para um único lugar que é quase impossível de acreditar se eu não estivesse aqui presente em carne e osso.

Um elegante garçom vem ao nosso encontro para nos guiar até uma mesa que está posicionada na lateral do grande salão. Ele é muito simpático conosco, às vezes falando em francês e outras em inglês.

Desde o teto do restaurante com seus brilhantes e esplendorosos lustres, até ao guardanapo, tudo se refere ao mais alto bom gosto. As pessoas ao nosso redor são tão elegantes e conversam num tom baixo, mal consigo ouvir o tilintar dos talheres no prato.

Uma pequena orquestra faz a vez de ser responsável pelo som ambiente. Todos vestidos com seus trajes específicos de instrumentistas clássicos, com seus instrumentos brilhantes e a sonoridade que nos faz fechar os olhos e viajar ao som das canções.

— O que achou do local?

— Parece que estou sonhando, Augusto. É bem melhor do que pude imaginar, se bem que eu não conseguia me ver aqui, já que não era certeza que conseguiríamos essa reserva. Por isso não criei tanta expectativa quanto ao ambiente.

— Uma vez li em algum lugar que se a gente pensar positivo, se imaginando vivendo em tal situação, isso se realizaria. Por isso que eu nos imaginei jantando aqui quando fiquei de frente a essa mesma janela, olhando aqui para dentro e até sentindo o sabor da comida, ouvindo o som dos instrumentos e veja só, conseguimos entrar sem problema algum.

— Não tenho esse mesmo tipo de pensamentos igual a você. Talvez seja porque sempre precisei batalhar muito para conquistar meus sonhos e digo que não foram fáceis. Deixar a casa dos meus pais no interior para morar sozinha numa cidade grande onde não conhecia ninguém. Estudar e arranjar um emprego que pudesse pagar minhas despesas e tantas outras situações onde qualquer um poderia facilmente desistir. Mas eu bati o pé contra meus próprios pensamentos negativos e venci. Mas sei também que apenas não basta pensar positivo se não fizermos nossa parte.

— Isso é verdade mesmo, se nós não arregaçarmos as mangas e lutar pelo o que queremos, não haverá pensamento positivo que dê jeito. Mas agora que estamos aqui vamos curtir o quanto pudermos.

— Sim, já que o destino nos proporcionou essa chance, vamos fazer valer cada minuto. Ainda mais que estamos tão produzidos, não daria certo sentar com esses trajes na areia para comermos *Hot-Dog*.

— Nem pensar de você ficar desfilando vestida desse jeito para esses franceses ficarem cobiçando você.

— Senti uma pontinha de ciúmes aí? — Abro um risinho convencido ao ver seu rosto se tornar enrubescido.

— Pode apostar que sim. Já imaginou todos esses homens te olhando e eu tendo que protegê-la ao afastá-los de você?

— E quem disse que eu gostaria que você os afastasse? Afinal, eu estou solteira e desimpedida, então não há o porquê deles não me desejarem.

— Você pode estar solteira, mas não está sozinha. Está comigo e eles têm de respeitar minha presença.

— Ciumento. Ou diria invejoso, já que esses homens podem me desejar a vontade e você não.

— E quem te falou que eu não te desejo? — Ele espera por minha resposta que não sai. Parece que agora as palavras estão presas em minha garganta e é impossível dizer qualquer palavra.

Para meu alívio o garçom nos traz o cardápio e rapidamente abro e o coloco em frente ao meu rosto para Augusto não ver o quanto sua confissão me deixou desconcertada.

Vejo as opções de entradas, pratos principais e sobremesas, minha parte preferida. Escolho tudo pelas fotos dos pratos que estão ao lado das descrições dos ingredientes. Mas dessa vez o cardápio está escrito só em francês, então apenas mostro as fotos para Augusto fazer meu pedido.

Ele concorda com minha escolha e pede o mesmo para si. Mas faz questão de escolher o vinho que combina com esse tipo de prato.

— Não sabia que você entendia de vinhos, o que cada tipo harmoniza com cada tipo de alimento.

— Não fiz nenhum curso, tudo o que sei sobre eles, aprendi com meu pai. Ele também não fez nenhum curso é apenas um apreciador com moderação, mas gosta de estudar sobre essas combinações.

— Sua família deve ser muito legal. Você fala com uma voz orgulhosa a respeito de cada um deles.

— Sim, me orgulho muito da família que tenho. Embora como em todas as famílias, temos nossas discussões e desavenças por qualquer coisa simples. Mas ao final, conversamos e nos entendemos tomando uma boa dose de vinho. O que sempre acaba em

muitas risadas.

— Isso é bom. Não devemos ficar brigado por muito tempo com nossa família, porque num momento de fraqueza, serão somente eles que estarão incondicionalmente ao nosso lado para nos ajudar.

— Sempre estarão. E agora você pode contar comigo também caso precise de um ombro amigo.

— Obrigada por se dispor a ser meu amigo, mesmo depois de nossas infantis desavenças no começo.

— Ah, esqueça daquilo tudo. Vamos aproveitar o agora, que está sendo tão bom.

— Eu jamais esperava ter essa oportunidade no emprego. E olha que ainda temos pela frente outras viagens. Mal posso esperar para quais lugares faremos nossos novos projetos.

— Confesso que também estou bem ansioso com os próximos destinos. Tenho vontade de conhecer tantos lugares, mas para onde formos, faremos com que seja a melhor viagem de nossas vidas. Aproveitaremos ao máximo tudo o que o local pode nos proporcionar, como por exemplo, esse jantar num restaurante chique. E o melhor, tudo por conta do patrão.

Gargalhamos um pouco alto de mais e os clientes à nossa volta nos olham em tom de indignação, mas não dizem nada.

O garçom nos traz primeiro o vinho e serve para Augusto provar e aprovar se é esse mesmo o que ele deseja. Após sua concordância, ele me serve com um sorriso no rosto que retribuo gentilmente. Provo somente um pequeno gole. Como não sou acostumada a tomar vinho, fico um pouco receosa com o sabor.

— Que delícia! Não entendo nada de vinhos e nem sou muito fã deles, mas esse aqui está muito bom.

— Que bom que gostou da minha escolha. É só não exagerar na quantia e ele não fará mal algum no dia seguinte.

— Essa é a melhor parte.

Conversamos mais um pouco e nossa refeição chega. Típica comida que vem servida nos pratos em pequenas porções e tão ornamentadas e arrumadinhas que dá até dó de comê-las. Apenas sinto vontade de ficar olhando para elas que parece mais uma obra de arte, do que um prato de comida. Mas como estou com muita fome e vontade de prová-las, nem penso muito e logo já vou atacando o prato com o máximo de delicadeza que consigo. Eu não tive aulas de etiquetas como esses franceses devem ter tido desde que saíram do berço, mas eu sei me comportar numa mesa chique. Ao menos sei diferenciar um pouco os tipos de talheres a serem usados para cada tipo de prato.

Simplesmente saborosa. Nem sei exatamente que tipo de comida é, pois é bem diferente do que estou acostumada no meu dia a dia. Mas como essa cultura é bem diferente da nossa, acho melhor nem pensar muito no que estou comendo ou posso até me arrepender, mesmo com a refeição sendo tão gostosa.

Logo após comermos o prato principal, dois violinistas que estavam tocando de mesa

em mesa para os casais, vieram até a nossa mesa e começaram a tocar a música “*All of me*” de *John Legend*.

Tentei explicar que não éramos um casal apaixonado como os tantos outros que aceitaram receber essa cortesia. Mas quem disse que consegui explicar? Augusto só sabia rir da minha cara de apavorada tentando fazer gestos de que não era preciso eles tocarem para nós.

Fui obrigada a me render e aceitar. Mas também quem em sua consciência recusaria receber um agrado tão lindo como esse? Uma linda música tocada especialmente para você, ou para nós, no caso.

Ao final agradecemos e eles se retiram para continuar seu trabalho para outros casais.

— Ai que vergonha! Nunca pensei que viveria um momento como esse. Também nunca vi acontecer com ninguém a não ser em filmes.

— Não sei por que de tanta vergonha. Ninguém nos conhece, então não sabem que somos apenas amigos. E como havia dito anteriormente, vamos aproveitar tudo o que essa noite especial tem a nos oferecer de bom.

— E o que mais ainda pode acontecer?

— A noite está só começando. E como ela terminará só irá depender de você.

Capítulo 16

Ai. Meu. Deus. O que ele quer dizer com isso? Será que suas intenções comigo são mais do que pensei? E se ele confirmar isso, devo ceder ou me fazer de difícil? Ai, que confusão, não sei o que fazer. Inspira. Expira. Inspira. Expira. Começo a me acalmar lentamente.

— Você está vermelha, Beatriz. Em quê estava pensando?

— Nada não. Deve ser apenas por causa do vinho. — É lógico que é mais uma desculpar esfarrapada. Tomara que ele acredite nisso.

— O que você acha de antes de pedirmos a sobremesa, nós fôssemos dançar ao menos uma música?

Olho para a pequena pista de dança, onde vários casais já se encontram dançando ao som de músicas românticas e decido arriscar. Já dançamos juntos antes, mas nenhuma era música romântica que precisasse dançar juntinhos.

— Ok, vamos lá. Só não sei se irei conseguir dançar com esse salto e essa fenda do vestido.

— É isso aí, Beatriz! Quanto ao salto, as músicas são lentas e, portanto quase não precisa mexer muito os pés. Agora quanto a essa fenda... Meu Deus do céu! Você quer me matar desse jeito.

— Isso está afetando você?

— Oh, pode ter certeza que sim. Até mais do que você imagina.

Augusto levanta, puxa minha cadeira me ajudando a levantar e seguimos para a pista de dança. A pequena orquestra começa uma nova música. Não consigo reconhecer, deve ser alguma música aqui da região, mas sua sonoridade é harmoniosa e agradável aos ouvidos.

Segura em minha cintura, enquanto coloco as minhas mãos em seu ombro. E que ombro! Mesmo através do tecido do blazer consigo sentir seus músculos. Aproxima seu corpo mais ao meu, quase nos colando de tão próximos. Começamos a dançar com passos lentos e ritmados.

Sinto sua mão que está em minha cintura começar a descer de pouco em pouco. Percebo sua real intenção e olho brava para ele, que murmura uma desculpa silenciosa e volta a subir sua mão. Não posso dar tanta liberdade ou ele irá achar que está no comando da situação. E não sou mulher que deixa o homem sempre vencer os seus desejos, luto o quanto posso para impor minhas regras e limites.

Na segunda canção, já estou com a cabeça bem encostada ao seu pescoço e sentindo o delicioso perfume. Sem querer, ou talvez querendo só um pouquinho mais, dou uma leve fungada no cangote e vejo os pelinhos dessa região se arrepiar e sua mão se aperta mais em minha cintura. Sorrio do modo que consigo afetá-lo.

— Ah, Beatriz... Não brinque com fogo, querida.

— Não sei o que está dizendo. — Finjo uma falsa inocência e desentendimento do que ele quer dizer.

— Acha que pode ficar me provocando e que não terá consequências? Pois está muito enganada.

— Então é verdade que consigo te deixar louco de desejo?

— Pode apostar que sim. Sinta o quanto você pode me afetar. — Encosta sua pelve na minha e sinto o quanto consigo deixá-lo enlouquecido de desejo. É melhor parar já com essas brincadeiras ou as coisas podem se complicarem para o nosso lado.

Tenho que ter mais cuidado com o ambiente em que posso provocá-lo. Sei que aqui não é a hora nem lugar para nossas trocas de provocações picantes.

— Acho melhor nos afastarmos um pouco, logo as pessoas começaram a notar que estamos passando dos limites permitidos.

— Não estamos fazendo nada de mais. Para os olhos dessas pessoas, somos mais um dos tantos casais apaixonados que estão dançando. Olhe em volta, veja que é verdade o que estou dizendo.

Levanto minha cabeça que ainda estava encostada ao seu pescoço e vejo que é mesmo verdade. Não somos o único casal que está num clima mais quente. Mas de qualquer maneira, acho que não gostaria de passar por uma situação constrangedora.

— Vamos pedir nossa sobremesa e ir para outro lugar. — Até que enfim Augusto tomou uma atitude da qual aprovo incondicionalmente.

— Sim, é melhor mesmo.

Voltamos para nossa mesa e tomo um longo gole de água gelada para aplacar o calor que estou sentindo. Não esperava que de uma simples dança eu pudesse sentir tanto desejo por ele. E pelo jeito foi recíproco esse sentimento.

O garçom traz nossa sobremesa, linda e delicada e tão deliciosa quanto aos outros pratos. As trocas de olhares com Augusto estão ficando cada vez mais intensa. Está sendo difícil esconder nosso desejo. Mas antes de qualquer atitude impensada e impulsiva, acho melhor conversarmos para não haver arrependimento ou mágoa de ambas as partes.

Quando nossa conta é fechada, Augusto nem me deixa ver o quão caro foi esse jantar.

— Deixe-me ver, Augusto! Eu quero dividi-la com você. Até porque como é o cumprimento de uma aposta que perdi, isso seria o mais justo a ser feito.

— Não, de maneira alguma posso aceitar isso. Sei que você cumpriu uma aposta, mas não é justo que eu permita dividir essa conta com você. Eu que escolhi esse restaurante para jantarmos, então o pagamento fica por minha conta. E isso não é um sinal de machismo, apenas de justiça. Se você quiser, nos próximos encontros poderemos fazer do jeito que você achar melhor.

— Tudo bem, te pago um sorvete no próximo encontro.

— Um sorvete? Ai, ai, ai, você não muda mesmo, não é?

— Ah, qual é? Sabe quanto deve custar um sorvete aqui nessa cidade? Sei que não se

compara ao preço desse jantar, mas eu tenho que economizar para comprar minha “Bernadete”.

— Espera aí... Comprar o quê? —Ele faz uma cara extremamente confusa.

— Bernadete é nome do meu futuro carro.

— Você quer chamar um carro por um nome humano? Justo você que é totalmente contra apelidos? Só posso estar bêbado, não dá para acreditar numa loucura dessas.

— Mas vai dizer que os homens também não gostam de chamar seus carros por nomes carinhosos? Duvido. E tanto é, que você deve ter um apelido para seu carro também, já que é totalmente a favor de apelidos. Como você chama seu carro?

— Não. Não sou eu que estou bêbado. Agora tenho certeza que foi você quem bebeu vinho de mais. Só pode ser isso, a pessoa não está acostumada, aí bebe um golinho, gosta do sabor e começa a beber sem perceber. Quando vê, já foi a garrafa toda.

— Chega, Augusto! Não estou bêbada, nem mesmo louca por querer chamar meu futuro carro por um nome pessoal.

— Está bem, não digo mais nada. Quem irá passar vergonha será você e não eu. Então está tudo bem.

— Não se preocupe, eu deixo você dar uma voltinha comigo na estreia de “Bernadete”.
— Dessa vez eu que termino dando uma piscadinha sexy no final.

Augusto não diz mais nada, já percebeu que é um caso perdido querer discutir comigo sobre o nome do meu carro.

Saímos do restaurante e ele novamente me auxilia a entrar no carro.

— E agora, para onde vamos? — Pergunto querendo saber quais eram as intenções de Augusto.

— Ainda não sei. Gostaria de voltar à praia, mas com essas roupas não dá muito certo.

— Vamos ver se encontramos algum lugar mais vazio, aí não será tão estranho.

Ele acena em concordância e seguimos rumo às praias. Ligo o rádio e uma música romântica dos anos 80 começa a tocar. Percebo que pela orla da praia poucas pessoas estão caminhando. Mais a frente, há uma área de estacionamento de carros, bem próximo onde estão ancorados os iates.

Somente alguns carros estão por ali. Não dá para ver se tem gente dentro ou se apenas estão estacionados por que seus donos estão em seus iates luxuosos. Augusto para o carro numa vaga mais afastada, nos dando mais privacidade.

Estamos de frente ao mar que reluz as luzes dos iates. É o local perfeito para um casal apaixonado ficar namorando. O que não é o nosso caso. Não temos nada sério, mas a tensão sexual que sentimos ao dançar no restaurante foi muito forte. Nunca fiquei tão perturbada a tal ponto. Mesmo nos poucos relacionamentos anteriores, eu jamais senti algo tão carnal quanto àquele momento com Augusto. Não sei explicar o que isso significa.

Ficamos calados apenas ouvindo a música e olhando aquele mar com suas ondas

tranquilizadoras. Até que começa a tocar “*You’re Beautiful*” de James Blunt, e Augusto começa a cantarolar o refrão olhando diretamente em meus olhos.

Um olhar penetrante que ao mesmo tempo em que me deixa envergonhada com sua intensidade, também pode me excitar. Aqui, ouvindo sua voz num quase sussurro cantando para mim e cada vez mais chegando perto, todas as barreiras que criei minha vida toda para evitar que isso acontecesse, veio abaixo.

Não é que eu não quisesse me apaixonar e formar uma família, muito pelo contrário, sempre sonhei com isso. O que eu sempre tentei evitar foi me apaixonar a tal ponto que eu esquecesse minhas regras e objetivos, que deixasse ser levada por esse sentimento e que não fosse retribuída na mesma intensidade. Eu nunca quis ser apenas mais uma na cama de um homem. Eu quero ser a única, ser tão especial na mesma medida do que sinto por ele. Mas se eu não me arriscar nem que seja uma única vez e for até as últimas consequências, nunca vou saber o que poderia ter acontecido ou não.

Sem mais forças para lutar contra, não espero mais que ele tome uma atitude. Eu vou de encontro a ele e o beijo com todo o desejo que estou sentindo. Ele não corresponde de início com o susto inesperado da minha reação, mas logo se recupera e corresponde ao meu beijo na mesma intensidade.

Sinto o gosto nos seus lábios de chocolate com hortelã. A mesma sobremesa que pedimos igual. Amo chocolate. Intensifico mais o beijo, já levando minhas mãos aos seus cabelos e os bagunçando como sempre quis fazer.

Ele leva sua mão a minha cintura e começa a subir me deixando cada vez mais eufórica por seus toques e carinhos em meu corpo. Tento tirar seu blazer e a desabotoar sua camisa. Sua mão agora já está em minha coxa por debaixo da fenda do vestido. Um calor percorre todos os poros do meu corpo me deixando cada vez mais sedenta por ele.

Augusto separa nossos lábios e ainda ofegante e de rostos colados me diz:

— Aqui não, Beatriz. É perigoso se formos descobertos. Até poderemos ser presos por atentado ao pudor. Vamos voltar para o hotel.

Não queria parar agora e perder todo o clima em que estávamos, mas é preciso pensar racionalmente e saber o momento e o local para terminarmos nossa noite sem que seja numa cadeia.

— Acho que me descontrolei, mas você tem razão, aqui não é local para fazermos isso. Vamos voltar.

Ele sorri e me dá mais um beijo que me deixa desnorteada, nos recompomos e partimos de volta para o hotel. A diferença, é que agora Augusto está pisando fundo no acelerador tentando chegar logo.

Mal entramos no elevador e Augusto me agarra tomando meus lábios nos seus e me apertando forte. Acabo retribuindo, mas lembro de algo importante.

— Pare, Augusto!

— Por quê? Não está gostando?

— Não é isso. É que tem câmeras aqui dentro e não quero ser vista dessa maneira por

quem está operando as câmeras de segurança.

— Até parece que eles já não estão cansados de ver esse tipo de imagem...

— Só que eu não sou atriz de filme para adulto para me expor dessa maneira em minha intimidade. — Ele fica um pouco emburrado com a quebra do clima em que estava. — E nem adianta fazer essa cara de derrotado porque eu tenho total razão. E você, trate de esperar até chegarmos ao quarto.

— Está bem. — Disse ainda em discórdia.

O elevador para em nosso andar e eis que bate a dúvida, devo prosseguir ou não? Se eu aceitar será um caminho sem volta, não adianta depois ficar me lamentando pelo o que aconteceu. Mas não posso negar que o desejo que estou sentindo por ele é tão mais forte do que qualquer razão que passa por minha mente.

— No seu quarto ou no meu?

— No meu, assim posso ficar mais a vontade.

Procuro a chave na bolsa para abrir a porta. Minhas mãos estão tremendo e suadas de nervoso e ansiedade com o que virá a acontecer. Em poucos instantes após entrarmos, já sou prensada contra a porta, com Augusto tomando meus lábios vorazmente. Suas mãos parecem estar por toda parte em meu corpo. Após me recuperar desse impacto, retribuo o beijo na mesma intensidade e também apertando seu corpo junto ao meu que já queima de excitação por ele.

Sua mão corre pelas minhas costas em busca do zíper.

— Cadê a droga dessa coisa? — Augusto separa nossos lábios para me perguntar, já que não está conseguindo achar o zíper.

— O zíper está na lateral do meu vestido, por isso você não está achando.

Augusto sobe tateando por toda a lateral do meu corpo desde a cintura até a altura dos seios, finalmente encontrando o zíper e o deslizando vagarosamente, muito diferente de toda a afobação de antes, o que acaba me deixando sem paciência pela espera de aplacar meu desejo.

— Vamos logo com isso, Augusto!

— Não quero apressar o momento, assim pode ser mais prazeroso.

Sinto o deslizar do zíper, centímetro por centímetro. A ponta de seus dedos roçando em minha pele quente deixando-me arrepiada com o seu toque suave.

Retiro seu blazer e o jogo ao lado de seus pés. O quarto ainda está escuro, nem tivemos tempo de acender a luz. Minhas costas já protestam por estar sendo imprensada numa superfície dura.

Augusto beija meu pescoço enquanto desliza meu vestido por meu corpo. Um arrepio toma conta de toda minha pele. Essa é a área que mais sou sensível a receber carinhos me fazendo sentir uma mistura de cócegas com arrepios prazerosos. Ele parece ter percebido essa sensibilidade e intensifica as carícias nessa região.

Com o vestido caído aos meus pés, me dou conta de que estou agora vestindo apenas

minha lingerie e sandálias. Augusto ainda está muito vestido para minha completa frustração, isso não é justo.

Meus dedos agora percorrem seu peito com músculos definidos desabotoando sua camisa e a deslizando por seus braços fortes. Que sensação maravilhosa! Seu corpo reage aos meus toques da mesma maneira que o meu reage aos seus. Significa que estamos em completa sintonia.

Começamos a andar em direção a cama, mas tropeço com o vestido embolado em meus pés e quase caímos se não fosse por Augusto me segurar em seus braços. Rimos em meio aos beijos trocados sem querer nos separar em nenhum momento.

Augusto me pega no colo e me coloca na cama com toda delicadeza, muito diferente de toda aquela afobação de poucos segundos atrás. Essa mistura entre a luxúria desesperada e os suaves carinhos, está me fazendo sentir emoções como nunca havia sentido antes. Não sei como posso classificá-las, só sei que isso pode não terminar da maneira mais esperada por mim.

Augusto deita sobre mim apoiando seus braços no colchão para não deixar seu peso todo apoiado em meu corpo. Seus beijos descem numa trilha do meu pescoço até meu colo. Seus dedos começam a abaixar a alça do meu soutien de renda.

Minhas mãos correm por suas costas musculosas. Ouço Augusto soltar um gemido de prazer ao sentir minhas unhas o arranhando delicadamente por toda suas costas. Puxo seu corpo para mais próximo ao meu querendo sentir a textura macia de seu corpo moldado ao meu.

Não há palavras para descrever o momento intenso e luxurioso que estamos vivendo. O desejo e a atração falam mais alto que tudo. E eu que pensei que nunca seria capaz de deixá-lo me seduzir, agora estou aqui, completamente entregue aos seus beijos e carinhos.

Ele continua descendo seus beijos por toda parte até chegar aos meus pés, onde começa a desabotoar as sandálias e beijar meus dedos. Nunca fui fã desse tipo de carícia, mas com Augusto tudo está sendo muito novo e para minha surpresa, prazeroso.

— Você é tão linda! Tem a pele tão macia, cheirosa e delicada, que minha vontade é ficar te beijando até o amanhecer.

Um gemido de prazer também escapa de minha garganta. É impossível não se render ao desejo que estou sentindo e suas palavras só o faz aumentar ainda mais.

— Mas não está certo.

— O quê não está certo, Beatriz? Você quer parar? — Seu rosto demonstra preocupação.

— Não está certo você ainda estar mais vestido do que eu.

— Ai, assim você me assusta, mulher! Eu já estava pensando que você estava arrependida.

— Eu posso até me arrepender depois, mas agora eu quero e preciso de você.

— Não há porque se arrepender. Não vou deixar isso acontecer.

— Você promete que nada irá mudar em nossa amizade?

— Não posso prometer, mas vou fazer de tudo para que essa noite seja especial enquanto ela durar. E amanhã será um novo dia. Portanto vamos viver esse momento e deixar para pensar no amanhã depois.

— Você ainda está muito vestido. Vem aqui. — Puxo Augusto de volta para meu alcance e minhas mãos vão direto para o cós de sua calça desfivelando o seu cinto.

Augusto tem a cintura fina com aquela entrada em “V” bem marcada em seu abdome. Todos aqueles gominhos que finalmente posso sentir ao mais leve toque de minhas mãos. Já percebi que quando arranho sua pele, todo seu corpo responde a essa carícia de uma maneira muito prazerosa.

Já não estamos mais conseguindo ficar nesse jogo de sedução. Nossos corpos estão pedindo para se unirem de uma vez por todas. Augusto termina de retirar sua roupa e como não podia ser diferente, ele me dá aquele olhar sexy de quem está querendo me fazer alguma pergunta indiscreta.

— Agora você pode saber o porquê do meu apelido ser “Gutão, o gostoso”.

— Credo, Augusto! Assim você quebra todo o clima.

— Qual é, Beatriz... Vai me dizer que você não está adorando sentir meu corpinho sarado em suas mãos?

— Não vou negar que você é sim muito gostoso, mas esses seus apelidinhos acaba com qualquer desejo.

— Está bem, não digo mais nada. — Sua boca já está afoita por meus beijos, deixando para trás essa pequena discussão em um momento inapropriado.

Logo, nossos corpos finalmente se unem, aplacando todo o desejo que sentimos desde nosso primeiro beijo na praia.

A noite que prometia apenas ser o pagamento de uma aposta se transformou numa das melhores da minha vida. Não, com certeza posso afirmar que foi a melhor.

Capítulo 17

A claridade acerta em cheio meus olhos fazendo com que eu os aperte. Ainda estou com sono e sentindo meu corpo protestar de dor. Sinto uma respiração quente em minha nuca, o que me deixa arrepiada imediatamente. Só agora relembro dos acontecimentos da noite passada.

Augusto dançando comigo no restaurante; nosso rápido amasso no carro de frente ao mar; e a nossa noite magnífica. Só de lembrar meu corpo já se acende de novo querendo mais daquela sensação.

Sua mão aperta minha cintura levando meu corpo mais junto ao seu. Seu nariz roça por toda minha nuca numa carícia gostosa. Um fraco gemido sai de meus lábios. Nossos pés se tocando e se acariciando por debaixo do lençol. Seu corpo nu junto ao meu só me faz o querer ainda mais.

Estou completamente entregue a seu dispor, não pensei que poderia me entregar assim tão facilmente, mas Augusto sabe muito bem como conquistar uma mulher. Mesmo com todas as brincadeiras e piadinhas que não são muito do meu agrado, ele é capaz de me fazer render e me deixar levar pelo momento.

— Bom dia, minha linda. — Sua voz ainda sai rouca por conta do sono.

— Bom dia. Eu te acordei?

— Não, já estou acordado há algum tempo. Estava apenas te observando dormir.

— Isso é meio coisa de psicopata.

— Claro que não. É que você dorme de boca aberta e já estava quase babando no travesseiro.

Viro rapidamente em sua direção querendo contestar tal coisa mais absurda para se dizer a uma mulher. Mas quando olho em seus olhos, vejo que não passa mais de uma de suas brincadeiras, o que acaba me deixando mais aliviada. Era só o que faltava, eu passar um noite com um homem desses e acordar babando em cima dele.

— Calma, gata! Estou só brincando, você não estava babando, mas você ronca um pouquinho, isso não vou negar.

— Ah, seu mentiroso! — Dou um leve tapa em seu braço. — Não ronco nada, você que está imaginando coisas.

— Se quiser posso colocar o celular para gravar você dormindo na próxima noite.

— E terá uma próxima noite? — Me arrependo na mesma hora por ter dito isso. Agora ele vai pensar que já estou cobrando uma relação. — Desculpe, não era isso que quis dizer.

— Não se preocupe com isso, já disse que iremos viver um dia de cada vez. Não vamos apressar nada, é só deixar rolar. Se você quiser outra noite, estou a sua disposição, madame. — Seu sorriso pode me fazer ceder rapidinho, mas não posso demonstrar o quanto ele me afeta.

— Deixe de palhaçada, o que aconteceu ontem foi muito bom, mas não pode se repetir.

— E porque não? Ambos somos solteiros, adultos e independentes, não devemos satisfação de nossa vida para ninguém. E não vejo problema algum em continuar mantendo nossa relação dessa maneira.

— Não quero me machucar. Nunca consegui ter uma relação duradoura e com você sinto essa mesma sensação.

— Já passou por sua cabeça que pode estar enganada dessa vez? É apenas medo de se entregar. Não irei te machucar.

Não digo nada, apenas ficamos nos olhando. Augusto está com um brilho diferente no olhar. Eu devo estar da mesma maneira, pois o modo como ele me olha é como se pudesse enxergar minha alma.

Trocamos um rápido beijo. Mas não conseguimos ficar só nisso e logo nossos corpos já estão conectados e entregues novamente. Agora que provei do que é bom, fica difícil manter minhas mãos longe de seu delicioso corpo.

Ficamos rolando pela cama por mais um tempo, até que nossas barrigas começam a protestar pela fome.

— Acho que já passamos da hora de alimentar essas “feras”.

— Você que ficou me segurando até tarde aqui. — Jogo a culpa para cima dele, mas na verdade sou eu que não consigo largá-lo. Acho que já estou ficando viciada em seu corpo. Só porque eu não queria esse tipo de relação com ele e nem com ninguém por enquanto. Mas quem é que sabe o que pode acontecer no futuro?

— Eu que fiquei te segurando? Acho que não é bem assim, Beatriz. Mas mudando de assunto, você vai querer tomar café no restaurante ou quer pedir para trazerem aqui no quarto?

— Pode pedir aqui mesmo, enquanto isso podemos tomar um banho.

— Juntos? — Seu olhar é questionador e brilha com a esperança de uma resposta positiva de minha parte.

— Não, Augusto, iremos tomar banho separados.

— Ah! Mas por quê? — O biquinho que ele faz por estar implorando para que eu aceite sua proposta me dá vontade de mordê-lo.

— Porque acho que já fomos longe de mais nessa relação e não quero atropelar uma relação que ainda é inexplicável para nós.

— Está certa, eu disse que deixaríamos as coisas caminharem sem precipitação. Pode ir tomar seu banho primeiro enquanto eu faço o pedido para nosso café.

— Você não ficou chateado, não é?

— Não, Beatriz, concordo com a sua colocação da situação. Ainda é tudo muito novo, o melhor é irmos devagar e ver onde tudo isso vai dar.

— Que bom que você me compreende.

Enrolo-me no lençol para ir até o banheiro e acabo o deixando descoberto e completamente nu. Sinto meu rosto esquentar de imediato com a visão.

— Se você for ficar parada aí me olhando com esses olhos cobiçosos, podemos esquecer esse café da manhã e você pode voltar aqui para cama comigo.

— Não, pode ficar aí, foi só um pequeno desvio de atenção.

— Pequeno desvio de atenção? Acho que pequeno não é bem uma palavra coerente para ser usada nessa situação.

— Ai, Augusto... — Jogo um travesseiro nele para deixar de fazer essas piadinhas de duplo sentido e finalmente sigo para o banho.

No chuveiro, lembro de todos os deliciosos momentos recém vividos com ele. Sorrio sozinha com a sensação boa de estar completamente feliz com tudo o que aconteceu. E o melhor de tudo, é que até agora não me arrependo nada.

Quando saio, o nosso café está sendo entregue. Augusto está vestindo apenas sua calça social que usou ontem à noite. Tinha me esquecido desse detalhe, ele não tem nenhum pertence pessoal aqui.

— Acho que demorei demais. Você quer tomar banho ou comer primeiro?

— Não tem importância. Vamos comer depois vou para o meu quarto, tomo um banho e nos encontramos para ir à praia. O que acha dessa ideia?

— Acho perfeito. Hoje o dia está lindo para um banho de mar e me bronzear um pouco.

— Do jeito que está, já é linda. Mas bronzeada... irá ficar espetacular com aquela marquinha de biquíni.

— Você não tem jeito mesmo.

— O quê? Vai me dizer que você também não me acharia super sexy com meus músculos bronzeados do sol, a água do mar escorrendo pelo meu peito e descendo por meu abdome definido e indo se embrenhar por entre minha bermuda...

— Para de dizer essas coisas, Augusto!

— Já começou a imaginar a cena, não é?

Apenas nego com um aceno de cabeça. O que eu poderia falar? Que sim, com certeza eu já estava imaginando meu olhar acompanhando aquela gotinha d'água descendo por seu corpo? Jamais poderia admitir isso para ele. Mais ainda que iria ficar convencido.

— Esqueça esse assunto e vamos comer logo, senão irá ficar muito tarde e amanhã nossa semana começa com força total.

— Está bem, já que você quer mudar de assunto, não digo mais nada.

Enfim pudemos comer em paz. Eu nem havia percebido o quanto estava faminta. Deve ser por causa de toda a energia gasta durante a noite. É melhor nem começar a pensar nisso ou o meu rosto irá demonstrar no que estou pensando e Augusto perceberá.

Enquanto ele vai para seu quarto, aproveito para dar uma geral na minha bagunça. O vestido está jogado ao chão todo amarrotado, as sandálias estão espalhadas por aí e

ajeitando o lençol revirado da cama, encontro a cueca do Augusto perdida por ali. Então ele estava esse tempo todo vestindo apenas a calça? Meus lábios sorriem com a imagem dele levantando correndo e vestindo a calça para receber nosso café da manhã.

Termino de ajeitar tudo e vou me preparar para ir à praia. Coloco um biquíni e uma saída de praia comportada para atravessar o hotel sem que ninguém ficasse reparando em meu corpo.

Arrumo uma pequena sacola com protetor solar, documentos, dinheiro e duas toalhas por ter certeza que Augusto irá esquecer-se de levar a sua.

Bato na porta dele e ouço os passos de chinelos se arrastando pelo chão. Por mais que eu tente não ficar encarando, Augusto é um homem para ser admirado.

Está de barba feita, vestindo uma regata e uma bermuda colorida. O que me chama mais a atenção são os óculos de sol que harmonizam perfeitamente em seu rosto. É impossível não admirá-lo. Já sei que todas as mulheres da praia irão ficar de olho em sua beleza. Sinto-me um patinho feio perto dele. Mas a maneira que ele sorri para mim me faz acreditar que ele não me vê dessa maneira.

— Vamos? — Pergunto para acabar logo com o clima de ficarmos nos encarando e sem saber o que dizer.

— Sim, podemos ir.

Estamos caminhando pelo corredor lado a lado, tão perto um do outro, que nossos dedos se tocam levemente. Augusto pega em minha mão e entrelaça nossos dedos. Fico olhando para nossas mãos unidas e um sentimento bom surge em meu peito.

Ele me olha com um ar de interrogação de que está em dúvida se irei manter nossas mãos unidas ou se me afastarei. Mas aperto firme sua mão na minha em sinal de que não irei largá-la tão cedo. Augusto sorri de sua maneira sexy e entramos no elevador. Permanecemos o tempo todo assim e não é preciso nada ser dito.

Uma brisa quente nos atinge assim que saímos do hotel. O céu está sem nuvem e o sol brilha soberano em toda sua magnitude. Fomos caminhando pelo calçadão até encontrarmos um local da praia que não estava muito cheio. Nossas mãos não se desgrudaram esse tempo todo.

Tiro minha sandália rasteirinha e Augusto seu chinelo. Sinto a areia fofa e quente entre meus dedos. As praias daqui não são nem de perto iguais as do Brasil. As pessoas à nossa volta não estão conversando alto ou rindo de alguma piada. Não há músicas sendo tocando em rádios ou nos celulares. As crianças brincam ao lado dos pais em silêncio. Acaba sendo um pouco sem graça essa falta de vivacidade e felicidade alheia. Mas cada país tem seus costumes e tradições, então devemos respeitar a maneira de cada um se divertir.

Solto da mão de Augusto e a falta de contato com sua pele gera um sentimento de perda. Eu já estava acostumada com o calor e maciez de sua mão. Retiro da bolsa uma das toalhas que trouxe e estendo na areia.

— Nossa! Eu nem pensei em trazer nada disso.

— Homens... É claro que você não ia pensar em trazer. Nenhum homem se preocupa

com essas coisas práticas.

— Deixamos para vocês cuidarem do nosso bem-estar.

— Quanto machismo! Até parece que é tão difícil lembrar-se de trazer uma toalha, ou acha que quando sair do mar irão se secar como?

— Com o calor do sol? – Parece mais uma pergunta do que afirmação. Não aguento e começo a rir da maneira que ele falou.

Tiro minha saída de praia e ouço o fiu fiu do assobio de Augusto. Fico envergonhada com o descaramento dele.

— “Você não é a garota de Ipanema, mas é a coisa mais linda e cheia de graça que já vi.”

— Ai, que cantada ruim, Augusto!

— Tenho outra: “Cancela as fritas que o filé chegou!”

— Essa é pior ainda. Não acredito que você já usou essas cantadas antes.

— Pode apostar que já usei.

— E por acaso teve alguma mulher que caiu nelas?

— Com certeza, minha linda. Ninguém resiste ao bonitão aqui.

— Só poderiam estar bêbadas, porque não é possível ter gostado dessas cantadas fajutas.

— Tenho um repertório longo delas. Quer ouvir? Eu posso passar o dia todo recitando até achar alguma que você goste.

— Não, muita obrigada. Poupe meus ouvidos dessa poluição.

— Ah, mas quanta ingratidão! Estou aqui te elogiando e você me dá um fora desses... Isso magoa meu pobre coraçãozinho. – Finge estar magoado.

— Pobrezinho dele, magoou?

— Magoei.

— Mas é muito bobo mesmo. Você só tem tamanho mesmo, mas parece um adolescente.

— Ah... Agora sim chegamos num acordo com o meu “tamanho”.

— Desisto! Você não tem mais conserto.

Sento na toalha estendida na areia e começo a passar o protetor solar em meu corpo. Mas não alcanço para passar em minhas costas. Vou ter que apelar e pedir para Augusto passar para mim.

— Pode passar para mim?

— Sem dúvida!

Augusto pega o protetor, ajoelha atrás de mim e começa a passar o creme. Começa pelos meus ombros e vai descendo por toda as costas, aproveitando para massageá-las. Fecho os olhos com a gostosa sensação de suas mãos acariciando minha pele. Ele brinca com a tira do biquíni e começa a desamarrá-la.

— Ei! Pode parar por aí, espertinho! Amarra isso aí de novo.

— Pensei que você gostaria de fazer um topless.

— De jeito nenhum vou ficar com tudo a mostra, está louco?

— Geralmente as mulheres não gostam muito da marca do biquíni e preferem se bronzear sem a parte de cima.

— Eu não sou uma dessas mulheres. Minhas “meninas” não ficarão a mostra para ninguém ver.

— Isso mesmo, só eu posso vê-las. — Diz com toda convicção na voz.

— Nem falo nada...

— Pronto! Já acabei, agora você pode passar em mim também?

— Senta aqui na minha frente.

Augusto senta-se entre minhas pernas. Coloco um pouco do creme em suas mãos para ele ir passando em seu rosto e o restante do corpo enquanto vou espalhando o creme por suas costas.

Sentir todos aqueles músculos fortes e definidos novamente sob minhas mãos me dá vontade de demorar um pouco mais nos movimentos. Passo as mãos por sua nuca, ombros largos e vou descendo por toda as costas até chegar a sua cintura. Meus dedos brincam com o elástico da bermuda.

— Vejo que você gostou da minha bunda. — Ele claramente está me provocando.

Puxo o elástico e solto com tudo causando dor em Augusto.

— Ai, sua bruta! Precisava fazer isso? Agora vou ficar todo dolorido e marcado do elástico.

— Isso é pra você aprender e deixar de falar asneira.

— Só porque eu disse que você gostou da minha...

— Não repete isso de novo, por favor!

Ele resolve não falar mais nada e senta ao meu lado na toalha. Ficamos olhando para aquele mar azul e de águas límpidas, cada um absortos em seus próprios pensamentos. Garanto que ele também estava pensando em nossa noite juntos. Porque eu com certeza estou.

Nenhum dos dois queria começar a tocar no assunto. Como havíamos prometido deixar o tempo dizer o que aconteceria agora em nossa relação, ninguém queria ser o responsável por começar esse assunto.

Em pouco tempo debaixo desse sol escaldante e já sinto os efeitos em minha pele. Uma leve marquinha de biquíni começa a surgir.

— Hum, já está com marquinha! Acho tão sexy.

Empurro Augusto pelos ombros o derrubando de costas na areia e gargalho com sua cara de espanto com minha audácia.

— Pensou que eu ia deixar barato? Está muito enganado, meu querido.

— Senhoras e senhores! Vejam só, já fui promovido a “querido”. — Augusto está praticamente gritando para que todas as pessoas à nossa volta possam escutar. Para minha sorte, acho que ninguém entendeu nada do que ele disse.

— Está louco de ficar gritando! Não vê que aqui as pessoas podem estranhar esse comportamento?

— Deixa eles conhecerem um pouco da diversão brasileira. Essa praia está muito sem vida. Olha só! Ninguém comendo coxinha ou tomando caipirinha. Cadê aquele monte de pote com sanduíches e tortas? Prefiro as praias do Brasil, é bem mais divertido.

Augusto não tem jeito mesmo, vejo que ele está dizendo apenas para me fazer rir de sua comparação entre as praias. É claro que aqui não vai ter coxinha, eles nem sabem o que é isso. A caipirinha é uma bebida exclusiva nossa. E essa gente é muito fresca para ter a audácia que nós brasileiros temos em levar comida de casa para a praia, tanto por ser mais econômico quanto mais higiênico.

— Você e suas comparações sem sentido.

— Vem, vamos dar um mergulho. Agora que você já me deixou todo grudento de areia misturada com o protetor, estou parecendo um filezão suculento.

— Pode ir, vou ficar aqui mais um pouco. — Digo fazendo um gesto com a mão em sinal para ele me deixar aqui curtindo meu sol.

— Ah, mas não vai mesmo...

Quando vejo já estou deitada de costas na areia com Augusto por cima de mim. Empurro seu corpo para o lado e sinto o incômodo da areia pinicar minha pele.

— Mas que droga, Augusto! Olha só! Agora estou toda cheia de areia. — Passo as mãos nos meus cabelos e percebo que está pura areia.

— Achou que não ia ter minha vingança? Está muito enganada, meu bem.

Começa me dar uma raiva por ele ter feito isso comigo. Não posso deixar barato e ele acabar saindo ganhando. O meu olhar já diz que eu estou muito furiosa com ele. Devo estar parecendo um touro bravo, porque vejo que Augusto está levando essa minha encenação muito a sério.

— Desculpe por ter te derrubado, foi um ato impulsivo e infantil.

Não respondo nada, apenas continuo o encarando com um olhar mortal. Até que começo a me levantar. Ele nota o que estou pretendendo fazer e começa a correr em direção ao mar.

Não aguento mais fingir que estou com raiva e começo a correr atrás dele. Estamos os dois rindo como dois loucos no meio dessa gente tão quieta para estar numa praia.

Lógico que por ser mais forte que eu ele corre mais rápido também, chegando primeiro no mar e mergulhando em seguida. Eu não sei nadar muito bem, mas me arrisco a mergulhar atrás dele.

Embora o dia esteja quente, a água está numa temperatura muito agradável, nem tão

quente e nem tão gelada.

Não consigo ficar com os olhos abertos dentro da água, por isso tento achá-lo somente procurando com as minhas mãos. Mas precisei voltar à superfície para respirar. Ele estava bem longe do meu alcance, mas agora vem em minha direção, vendo que eu não vou mais tão ao fundo como ele estava.

— Um bom mergulho é muito bom para esfriar a cabeça, não acha?

— Se você não tivesse enchido meus cabelos de areia eu não precisaria agora estar com eles molhados com essa água salgada.

— Qual a graça de vir à praia e não se molhar?

— Mas não precisava ser desse jeito.

— Você se preocupa com pouca coisa, leve a vida mais na brincadeira.

— Acho que você está na profissão errada, deveria trabalhar num parque de diversões.

— Que ótima ideia! Será que em alguma praia daqui tem algum parque de diversão? Poderíamos ir até lá.

— Porque que fui falar nisso... — Augusto será uma eterna criança, agora tenho certeza.

— Você não gosta de passear na roda-gigante e ganhar aqueles ursos enormes nas barracas de jogos?

— Primeiro, nunca andei na roda-gigante. E em segundo, ninguém consegue ganhar aqueles ursos, os jogos são feitos para as pessoas perderem e apenas ganhar um prêmio de consolação. Já viu alguém andando por qualquer um desses parques carregando aqueles ursos gigantes? É claro que não.

— Isso é verdade, nunca vi ninguém ganhar mesmo. Mas o que mais me deixa abismado é que não acredito que nunca andou de roda-gigante. Como pode uma coisa dessas?

— Esqueceu do meu pânico de andar de avião? E não precisa ser uma altura muita alta para me deixar apreensiva. Nosso escritório é no 21º andar e quando comecei a trabalhar ali, eu não podia nem chegar perto das janelas. Hoje em dia estou mais acostumada com a vista então já não fico tão apreensiva assim.

— Mas agora com todos esses projetos que temos ainda pela frente e tantas viagens de avião, logo você se acostuma.

— É o que eu espero, porque ter que ficar tomando remédio para me deixar praticamente dopada para poder viajar, já vi que não dá muito certo.

— Minha camisa toda babada foi a que mais sofreu dessa consequência, coitadinha...

— Não é pra tanto, Augusto. Foi só uma manchinha e eu pensei que esse fosse um assunto encerrado entre nós.

— Achou mesmo que eu não iria mais comentar sobre isso? Sabe de nada, inocente...

— Ah, mas vou te fazer esquecer-se disso rapidinho.

Seguro Augusto pelos ombros e tento afundá-lo na água. Como ele não esperava por

isso acabou engolindo um pouco de água e ficou tossindo muito. Acho que exagerei na força e agora vendo o desespero dele tentando recuperar o fôlego, me sinto profundamente arrependida pelo que fiz.

— Calma, procure respirar devagar. — Só o que posso fazer é tentar mantê-lo calmo. — Desculpe, eu não pensei que você pudesse se afogar.

Agora com a respiração mais controlada e com a crise de tosse cessada, Augusto consegue falar.

— Tudo bem, eu fui culpado por ter dito uma coisa que já era assunto encerrado. Você tinha toda razão em querer me afogar.

— Ambos fomos os culpados, agora vamos voltar para areia e comprar uma água para você tomar e se livrar desse gosto salgado que deve estar na boca.

— Não precisa, já estou bem. Nem engoli tanta água assim, foi mais pelo susto de não esperar que você fosse fazer isso comigo.

Apenas dou uma risadinha sem graça em sinal de culpa. Mas já vi que realmente ele está mais recuperado do susto.

— Vejo que ainda está preocupada comigo. Já disse que estou bem, não foi nada de mais.

— Fiquei com medo. Por uma brincadeira estúpida de minha parte, eu quase te matei.

— Pensa que é fácil assim para se ver livre de mim? Está muito enganada. O Gutão aqui é duro na queda. — Ele bate no peito para provar sua força. Ao menos agora tenho certeza que ele não está bravo comigo.

Mas devo estar começando a ficar nos meus dias de TPM, porque inesperadamente começo a chorar, simplesmente sem motivo algum.

— Ei! Porque está chorando?

— Não sei... — Não consigo ter controle sobre as lágrimas que se misturam com as gotas já existentes do recente mergulho.

— Você se assustou com meu “quase” afogamento. Vem aqui, me dá um abraço para provar que eu estou bem. — Augusto abre os braços para me receber e sem reservas, eu me entrego ao seu abraço.

Sentir seu corpo molhado e quente do sol me deixa mais confortável. As batidas do seu coração colado ao meu, deixa os meus batimentos que estavam acelerados mais calmos.

Consigo ter um pouco mais de controle das minhas emoções. As suaves ondas quebrando sobre nós, nos fazem movimentar dentro da água. Me aperto mais nos seus braços com medo de soltá-lo.

Augusto também me segura forte, mas como eu podia imaginar, logo suas mãos que estavam em minhas costas, começam a trilhar por um caminho perigoso. Só que dessa vez não vou impedi-lo de chegar ao seu objetivo, porque eu também quero.

Da mesma forma que suas mãos exploram por meu corpo, as minhas também estão afoitas por querer sentir seu corpo. Inevitavelmente nossos lábios se reencontram num

beijo ardente e cheio de luxúria.

É impossível negar a química, física, e eu poderia completar com todas as matérias, a maneira como nossos corpos se reconhece e se atraem mutuamente.

— É melhor a gente parar, logo algum salva vidas virá até aqui para nos separar por atentado ao pudor. —Digo ao separar nossos lábios apenas por alguns centímetros, mas sem deixar de agarrá-lo.

Augusto olha ao redor para confirmar se alguém estava por perto, mas volta a me beijar. Depois que começamos, fica muito difícil parar, mas é preciso alguém usar do bom senso e saber que já estamos passando dos limites. E nesse caso, sempre sou eu a pessoa mais sensata.

— Não, Augusto! Agora chega, vamos voltar para a areia.

— Só mais um pouquinho...

— Não, não quero ser expulsa da praia.

— Mas ninguém está olhando para nós.

— Não podemos continuar agindo dessa maneira.

— Já entendi, você está com medo de não se controlar e acabar se entregando a mim aqui no mar.

— Deixa de dizer absurdos! Até parece que eu não sei me controlar...

— Sua mão ainda está na minha bunda.

Ops, fui traída pelas minhas próprias mãos que quando estão tocando o corpo dele, parecem ter vida própria.

— Pronto, agora não estou tocando mais em nada. — Levanto minhas mãos ao alto para provar para ele, ou será para provar a mim mesma que ainda tenho o controle sobre elas?

Augusto me ajuda a sair do mar segurando em minha cintura. Quase caímos quando uma onda mais forte nos atingiu por trás. Apenas rimos da nossa falta de coordenação.

Finalmente ao sair da água, uma brisa gelada nos faz tremer da cabeça aos pés.

— Ai que arrepio! — Augusto começa a tremer e chacoalhar sua cabeça para retirar o excesso de água.

— Sempre que saímos da água sentimos essa mudança da temperatura no corpo, mas como sou mais esperta que você, eu trouxe a minha toalha.

— Você quer dizer “nossa” toalha, não é? — Fica difícil negar qualquer coisa para Augusto quando ele faz essa carinha de cachorro carente.

— Só sabe aproveitar de minha boa vontade, isso sim.

Como uma das toalhas estava estendida na areia, seria impossível de enxugar o corpo com ela, então teríamos mesmo que dividir a outra toalha.

Primeiro enxugo meu corpo depois entrego para ele enxugar o seu. Coloco minha saída de praia e sento na toalha a fim de me aquecer um pouco com o sol. Ele senta ao meu lado

com a toalha envolta em suas costas e ainda tremendo de frio.

— Mas você é um fraco mesmo. Já está aí quase seco e ainda está tremendo?

— Não sou fraco, digamos que sou um pouco mais sensível.

— Ah, tá... — Eu tive vontade de rir, mas pensei bem e achei melhor não fazer isso. Ainda estava com um pouco de culpa por quase tê-lo afogado.

Como a temperatura está muito quente, logo seu corpo foi se aquecendo e seus tremores desaparecendo.

— Porque está tão quieta?

— Só estou pensando.

— Em mim?

— Tudo gira ao seu redor por acaso? — Ele não perde de querer ser o centro das atenções.

— Sei lá, apenas achei que tivesse pensando no nosso amasso no mar.

— Não estava pensando nisso, não exatamente, mas em como essa situação está ficando um pouco estranha.

— Porque estranha? Estamos curtindo um momento especial, não há problema algum.

— Esse é o problema, eu não sou uma pessoa de apenas “curtir o momento”. Não gosto desse tipo de relacionamento só por curtição. É como se a qualquer momento você pudesse surgir com outra garota na minha frente e eu não pudesse fazer nada contra isso por não termos nada fixo.

— Então seu medo, digamos assim, é que eu saia com outra mulher enquanto mantemos nossas fêgadas casuais?

— Não digo que seja medo, já que não temos nada oficial, você até tem o direito de conhecer outra pessoa e ficar com ela. Mas eu não me sentiria bem em saber disso. É muito complicado de explicar.

— Confesso que sempre fui um conquistador, sim. Mas eu jamais enganei mulher alguma dessa maneira. Quando estou com uma é só ela que tem minha total atenção e fidelidade naquele momento. Mesmo sendo apenas um caso sem compromisso.

— Obrigada por me dizer isso, fico mais tranquila.

— Então agora é sua vez de deixar essas suposições de lado. Eu estou com você e até que você diga que não quer mais nada comigo, eu irei ser fiel.

Meu coração se acalenta com suas palavras. Por mais que Augusto sempre está falando bobagens, eu já consigo ver através do seu olhar quando está falando sério e agora é um desses raros momentos.

— Pode ser tudo bobagem da minha cabeça mesmo. Tem coisas que é difícil de controlar.

— Mas não tem mais que se preocupar com nada disso. Eu sou completamente seu.

Apenas fico olhando para ele sem poder retribuir que também sou completamente sua. Será mesmo que eu me sinto assim, entregue a ele? Porque nossa relação é baseada com o clima que surge de repente e quando vemos já estamos aos beijos ardentes e carícias ousadas. Tenho medo de me machucar se um dia ele disser que encontrou outra pessoa e não quer mais dividir esses momentos comigo. Ou então eu acabar me apaixonando por ele, o que é completamente normal de acontecer já que estamos passando quase que vinte e quatro horas juntos e agora estamos nos conhecendo por completo.

Minhas relações amorosas passadas ou eram namoro assumido ou apenas diversão de uma noite em alguma festa que eu ia e depois nunca mais via o rapaz novamente. E com Augusto sinto que eu estou vivendo entre essas duas situações ao mesmo tempo. É de deixar a cabeça da gente pirada. Mas não vai ser hoje que vou decidir o andamento dessa relação, então vamos aproveitar o dia e relaxar.

— Já passou seu tremelique?

— Agora é você que está falando gracinhas, dona Beatriz? Mas respondendo sua pergunta, já não estou mais com frio. Poderia até voltar ao mar para um novo mergulho, mas de repente me bateu uma fome.

— Aqui não é igual às praias do Brasil mesmo. A essa hora já teria vendedores ambulantes nos oferecendo de tudo para comprar. E aqui não tem nada disso.

— Mas tudo bem, dá para esperar.

— Você quer ir embora ou ficar mais um pouco aqui?

— Vamos ficar até o pôr do sol e depois podemos voltar ao hotel. Você vai querer sair para jantar fora?

— Acho melhor ficarmos por lá mesmo, podemos pedir o jantar no quarto enquanto assistimos a um filme ou para acertar uns documentos para essa semana não ficar tão corrida.

— Jantar e filme, nada de trabalho no nosso dia de folga. — Augusto é categórico ao não querer trabalhar em nossa folga. E ele está certo, eu é que sou muito exagerada em querer sempre tudo certinho. Preciso aprender a separar as coisas.

Demos mais uns mergulhos, mas agora sem brincadeiras para que não houvesse novas tentativas de afogamento, mesmo essa não sendo a intenção. Ficamos um bom tempo na praia até o sol começar a se pôr. Guardei tudo de volta na minha bolsa e fomos de volta para o hotel. Nosso final de semana estava chegando ao fim. E posso concluir que foi bem diferente do que esperei e melhor do que imaginei.

Capítulo 18

A semana começa agitada quando o alarme do celular não desperta de novo. Agora é certeza que ele está de sacanagem comigo. Quando viro na cama dou uma cotovelada em algo duro.

— Ai, caramba!! – Augusto grita de dor.

Espera aí... Augusto grita? Mas o que ele está fazendo aqui na minha cama? Então minha memória vai retornando e lembro-me do término da nossa noite. Pedimos pizza no quarto e comemos enquanto assistíamos uma comédia romântica. E depois fomos bem mais além disso. Estava ficando impossível ficar num ambiente com ele vestido apenas com um short curto e não querer agarrá-lo. E é claro que a noite rendeu e novamente passamos a noite do melhor jeito possível.

— Desculpe, não lembrei que você estava aqui e virei correndo.

— Esqueceu que passou a noite comigo? Mas como é desligada, meu Deus! E porque tanta pressa? – Ele ainda está com a mão em seu tórax massageando o local atingido pelo meu cotovelo.

— Porque estamos atrasados. Meu celular é uma droga que só quer ver minha desgraça. Até parece que ele ri da minha cara a cada vez que não desperta apenas para ver as atrapalhadas que sou capaz de fazer quando estou atrasada.

— Ai, Beatriz, só você mesmo para achar que seu celular está conspirando contra você.

— Claro! Já não é a primeira vez que ele faz isso comigo. E olha que ainda estou pagando por ele. Mas vamos logo! Levanta dessa cama que já estamos mais do que atrasados para trabalhar. – Digo e já vou empurrando ele para sair logo da cama para que eu possa tomar banho e me arrumar.

— Ai, calma! Primeiro você me agride com uma cotovelada e agora quer me derrubar da cama? Que mulher bruta que fui amarrar meu jegue.

— Já está reclamando? E olha que posso ser bem mais do que bruta, meu bem. Ainda tenho muito para mostrar.

— Não estou reclamando e quero conhecer todas essas suas facetas. – E está ali de novo o sorriso que me encantou, mesmo com seu rosto cheio de marcas de travesseiro, ele ainda continua lindo.

— Tá bom, você poderá conhecer. E se não sair i-me-di-a-ta-men-te dessa cama, irá conhecer a Beatriz assassina. – Foi preciso soletrar para ver se ele compreendia a gravidade que um atraso pode fazer comigo.

— Já entendi, estou saindo.

Augusto joga o lençol para o lado e se levanta indo para o banheiro. Completamente nu. Sem vergonha nenhuma.

— Vai ficar aí só me olhando ou vai querer dividir o banho comigo para sermos mais

rápidos? – Ele nem se deu ao trabalho de olhar para traz, mas sabia que eu iria ficar abobalhada olhando seu corpo nu. E dividir o banho com ele? Será que nossa relação já está nesse nível de intimidade? Ah, quer saber? Que se dane! O que é um banho comparado a tudo que fizemos essa noite?

Só posso dizer que foi mais que um banho no final. Mesmo atrasados, ainda conseguimos um tempinho para aproveitar e nos entregar a paixão ardente que nos tomava por completo.

Por fim, acabamos indo trabalhar sem tomarmos o café da manhã no hotel. Mas assim que chegamos ao trabalho, Augusto providenciou uma pequena bandeja com alguns biscoitos e dois copos de café. Comemos em meio a tantos papeis e pastas de documentos.

Muita coisa foi preciso providenciar para nosso projeto de publicidade, por isso nem tivemos tempo de comentar nada sobre nosso final de semana. Mas tinha aquela dúvida que sempre me incomoda com o futuro do nosso relacionamento. Eu não sei se continuo com isso de ficar com ele, mas sem ser um compromisso concreto que possamos assumir para as pessoas que estamos juntos, ou se deixo me levar pelo momento e deixo como está.

Nunca tive um relacionamento desse tipo antes. Não sei muito bem como agir diante disso, mas como Augusto me pediu para apenas viver o momento e me entregar sem medo, é o que estou tentando fazer.

Às vezes me pego observando todos os detalhes de seu rosto, o modo como ele franze a sobrancelha quando está lendo algum documento importante, a mania que tem de morder a tampa da caneta e tantos outros detalhes que já conheço. Será que ele me conhece tão bem assim também?

— Psiu! – Augusto estala os dedos em frente aos meus olhos. Estava tão distraída que nem percebi ele me chamar. — Anda muito distraída, mocinha. Onde sua cabeça estava dessa vez?

— Só estava pensando nessa campanha mesmo e na inauguração da loja. Será que vamos conseguir atrair um bom público? – É lógico que não iria dizer que estava de olho nele. O melhor jeito é focar em outro assunto.

— Acredito que iremos conseguir, sim. Nossas campanhas com as rádios e a mídia em geral está sendo um sucesso. As pessoas querem conhecer os produtos brasileiros, eles sabem valorizar nossa cultura, artesanato e tudo mais.

— Tem razão, só estou sendo paranóica com medo de dar errado.

— Não tem o que dar errado, estamos fazendo o melhor que podemos. Nenhum profissional se arriscaria em criar uma campanha dessa magnitude no prazo de uma semana. Só nós dois fomos loucos o bastante para assumir esses riscos, porque lá no fundo, sempre soubemos que somos capazes de fazer isso até de olhos fechados.

— Mais um ponto a seu favor.

— O que significa isso? Está contabilizando quantas vezes concorda comigo?

— É só uma maneira que encontrei de não ficar brava comigo mesma por estar

concordando com você.

— E é tão grave assim ter que concordar comigo? Pensei que já não estávamos mais nesse nível.

— Agora já aprendemos a conviver pacificamente.

— Aprendemos? Eu sempre agi da melhor maneira possível. Você que sempre vinha com cinco pedras quentes na mão pronta para me atacar.

— Porque eu não estava acostumada com seu jeito de sempre se apresentar como um conquistador barato, levando tudo na brincadeira e insinuações nada agradáveis. Mas agora com todo esse tempo obrigada a conviver com você, vi que é o normal de sua personalidade e que nada posso fazer para moldar isso da forma que me agrada.

— Mas lá no fundo, talvez bem no fundo mesmo, eu sei que você gosta desse meu jeito meio cafajeste.

— É... não sei, quem sabe. — Não consigo dar uma resposta coerente.

— Ah, sabe sim. Ao menos é o que você me disse em meus braços enquanto dormia.

— O quê eu falei? — Agora a coisa complicou para o meu lado.

— Você disse: “Ai, Guto, como você é gostoso! Como pude ser tão tola em não me entregar antes a você?”. Foi mais ou menos isso. — Ele até afinou a voz para tentar me imitar.

— Como você é bobo! Acha que vou acreditar que eu disse isso de você? Jamais, meu bem.

— Pode não ter sido com essas palavras exatas, mas que você estava com um sorrisinho sacana enquanto dormia, ah, isso estava, sim.

— Até aí pode ser verdade. Do mesmo jeito que você também estava, pois eu bem que te vi sorrindo e gemendo numa hora que acordei a noite e você ainda estava dormindo.

— Não vou negar, nossa noite foi maravilhosa mesmo. Você não concorda?

— Sim, esse final de semana inteiro foi muito bom.

— Viu? Mais uns pontinhos ao meu favor.

— Qual é? Eu não vou ficar em desvantagem, não.

— Quem é que estava relutante com o nosso jantar e no final já estava completamente encantada com tudo o que aconteceu?

— [...] — Tento abrir a boca para falar, mas não sai nada, apenas balbucio palavras incompletas.

— Pois é, mais uma vez consegui te deixar sem argumentos.

— Não é bem assim, não. Eu sempre tenho razão naquilo em que acredito. Você pode ter vencido agora, mas não fique se gabando disso.

— Está bem, não vamos discutir por isso. Não vamos perder a conexão que conseguimos adquirir nesse final de semana. Eu quero que possamos ter mais momentos

como esses nos dias que nos resta aqui.

— Então você está afirmando que quer ficar comigo só por mais vinte dias?

— Não estou colocando um prazo. É como eu já te disse, vamos viver o momento. E se agora temos esse verão para aproveitar, então é isso que devemos fazer.

O que posso dizer? É melhor um pássaro na mão do que dois voando. Então vou aproveitar dessa viagem o máximo que eu puder e quando voltarmos para o Brasil, vou deixar nas mãos do destino nosso futuro.

— Tudo bem, eu aceito essa condição.

— Ótimo! Não irá se arrepender.

Só espero não me apaixonar por ele. Já estou com vinte e seis anos, eu quero um relacionamento sério. Chega de ficar só curtindo sem ter nenhuma perspectiva futura. Tanto Augusto, como eu, já estamos em idade para casar, construir uma família, ter estabilidade num relacionamento. Mas pelo visto ele ainda não pensa dessa maneira, por enquanto só quer curtir sua liberdade antes de se amarrar a alguém. Mas quando ele encontrar o verdadeiro amor, aquele que irá fazer seu coração bater mais rápido, deixar suas pernas bambas, aí sim ele vai mudar seu jeito de pensar e agir.

O restante do dia passou sem mais tocar nesse assunto. Nosso foco agora é adiantar todo nosso trabalho com a publicidade da nova loja.

Após o almoço fomos visitar a instalação da loja e constatamos que já está quase tudo pronto para sua inauguração. Apenas falta fazer uma limpeza final e já poderá ser aberta ao público. O que eu espero que seja um bom público. Todo nosso empenho está sendo focado para isso. Estamos prometendo grandes novidades e promoções para que as pessoas possam vir e conhecer a beleza, qualidade e bom gosto dos produtos de origem e designer brasileiro.

Durante a semana, eu fiquei presa no escritório somente atrás de documentações para a abertura da loja, enquanto Augusto corria de uma reunião para outra, conversando com a mídia que faria nossas propagandas. Já que eu não falava nada de francês, não achei ruim dessa divisão de tarefas. Mas confesso que estou louca por um descanso.

Capítulo 19

Mais um fim de semana chegou. Augusto prometeu que hoje, de qualquer jeito ele me levará até a praia para acharmos um parque. Ele insiste que eu devo andar na roda-gigante e perder o medo de altura. É quase impossível convencê-lo do contrário. Apenas diz que preciso me acostumar com a altura para que em nossas futuras viagens eu não passe mal de novo no avião. Tenho que concordar que ele está certo, é muito ruim aquela sensação de pânico quando estive dentro do avião pela primeira vez para vir para Cannes.

Está uma noite típica de verão. Por mais que o sol já se pôs, o vento que sopra é muito quente. Como vamos ao parque, decidi por vestir um shortinho curto e tênis. É mais apropriado para irmos aos brinquedos sem correr o risco de mostrar nada que os outros não devem ver.

Augusto já me espera no saguão todo arrumado. Veste uma camiseta pólo rosa, bermuda de sarja e mocassim. Não tem como não ficar encarando.

— O que tanto você me olha? Estou mal vestido?

— Não é isso. É que só agora reparando bem, você está parecendo um “Mauricinho”. Em quinze dias que estamos aqui, você já adquiriu o hábito de se vestir igual aos moradores locais.

— Pensei que me vestindo assim, eu não ficaria com tanta cara de turista.

— E você se preocupa com isso? O que tem de mais se as pessoas souberem que você é um turista?

— Não é sobre o que as pessoas poderão pensar de mim. Acho que na verdade, por estar rodeado por tanto luxo, eu fiquei um pouco demais preocupado com a minha aparência. Você não gostou, não é?

— Não disse isso porque não gostei, ao contrário, você está muito bonito. Só achei um pouco exagerado para irmos apenas ao parque. Mas não se preocupe com isso.

— Está bem então. Agora, mudando de assunto, eu perguntei na recepção se por aqui teria algum parque, já que eu não tinha certeza. Disseram que tem um, mas fica um pouco longe daqui, então teremos que ir de carro.

— Tudo bem. Vamos de carro então. Já que serei obrigada a enfrentar meus medos, então que seja logo antes que eu desista.

— Fique tranquila, não tem perigo e também a altura da roda-gigante, se é que vai ter, talvez não seja tão absurdamente alta.

— Em todo caso, estou até levando na bolsa um saquinho para vômito que peguei do avião.

— Quanto exagero, Beatriz! É só não pensar que irá passar mal. Tente agir normal e sem entrar em pânico. E além do mais, eu jamais te forçaria a fazer alguma coisa em que você não esteja confiante de fazer.

— Eu sei que você não seria capaz disso. Mas é que eu gosto de estar sempre prevenida para qualquer emergência.

Seguimos o caminho ao qual a recepcionista nos indicou que haveria um parque. Demorou cerca de vinte minutos até vermos as luzes coloridas à nossa frente. Augusto conseguiu achar uma vaga para estacionar e está tão eufórico que mais parece uma criança indo ao parque pela primeira vez, do que um adulto. Eu também estou feliz, sempre gostei de ir ao parque, mas nunca gostei dos brinquedos de girar, os que são muito altos ou muito rápidos.

Caminhamos pelo calçadão de mãos dadas, por iniciativa dele, mas não fui contra. Já que iremos aproveitar essa estadia aqui para ficarmos juntos, então é melhor aproveitar todo o tempo que passaremos um ao lado do outro.

O parque é bem iluminado e toca músicas alegres para o povo se divertir. É bem grande e com muitos brinquedos, barracas de jogos e de comidas.

— É bem legal esse parque. Veja ali! — Augusto aponta para uma das barracas de jogos — Vou ganhar aquele urso para você.

— Já expliquei que ninguém ganha esse ursão. Olhe ao redor, veja se tem alguém com um urso igual a este. É claro que não, todo mundo está carregando esses ursinhos pequeninhos como prêmio de consolação.

— Você não conhece meus dons para desvendar os mistérios desses jogos.

— Veremos.

— Depois que brincarmos em todos, daí eu vou até lá para arriscar a sorte. Senão você vai ser obrigada a ficar carregando o urso gigante e aí não vai dar para brincarmos em mais nada.

— Mas é muito convencido mesmo. Já até planejou tudo.

— Claro, eu confio no meu taco. — Pisca de um jeito sem vergonha para mim. — Em qual brinquedo você quer ir primeiro?

— Eu gosto muito do carrinho bate-bate. Vamos lá primeiro.

— Me espere aqui eu vou comprar os ingressos e já volto.

Fico parada ali na areia, no meio de toda aquela gente passeando e se divertindo. Depois de quase dez minutos na fila, Augusto volta com uma cara de quem está aprontando alguma traquinagem.

— Posso saber que cara é essa de quem andou aprontando? — Ele abre sua mão e vejo uma quantia enorme de bilhetes ali. — Mas, Augusto... Pra quê tudo isso de bilhetes? Dá quase para todo mundo que está aqui ir aos brinquedos com essa quantia enorme que você comprou.

— Que exagero, Beatriz, comprei essa quantia para podermos ir a todos os brinquedos, só isso.

— Até parece que vou conseguir ir a todos, já disse que eu passo mal.

— Vem, vamos começar com os brinquedos mais bobinhos e simples, depois vamos

aumentando o grau de adrenalina.

Para minha sorte, fomos primeiro no carrinho bate-bate, ao menos ali eu sei que posso me divertir sem perigo algum. Tinha muitas crianças, pais com os filhos pequenos no colo e casais de namorados dividindo o mesmo carrinho. Mas como Augusto e eu gostamos de um pouquinho de rivalidade, cada um escolheu o seu próprio carro.

Assim que foi liberada a pista, Augusto já veio como um louco para cima do meu carrinho, com a trombada meu carro ficou prensado na grade de proteção e eu não conseguia sair dali. Aquilo me deixou muito “P” da vida. Consegui manobrar e fui a sua perseguição. Agora é questão de honra eu revidar essa trombada.

Sentia a adrenalina correndo por minhas veias, acho que meu olhar para ele era quase mortal. Não via mais ninguém à nossa volta, meu foco estava somente em descontar minha ira. Mas ele era muito bom em fugir de mim. Sempre se escondia atrás de algum outro carrinho e eu não queria bater em ninguém. Nosso tempo de permanecer na pista terminou e fomos obrigados a dar a vez para outras pessoas.

— Mas você é muito molenga mesmo. — Augusto ria da minha cara zangada por não ter tido a chance de revidar.

— Você que foi um covarde e ficou se escondendo atrás dos outros.

— Quer mais uma chance de tentar me pegar? Vamos lá tentar de novo.

— Não, agora a fila está muito grande. Prefiro deixar para depois, não haverá falta de oportunidade para minha vingança. — Lanço o meu melhor olhar ameaçador. Não sei se ele acreditou, mas ao menos eu tentei intimidá-lo.

— Ok, senhorita vingadora, estarei esperando sua “vingança”. — Disse rindo de mim, claramente não acreditando que fosse possível eu fazer isso com ele. — Mas, que tal agora se a gente for à roda-gigante? A fila não está tão grande, assim já eliminamos um dos itens para você perder seu medo.

Fico pensando se devo encarar esse desafio ou não. Sei que vai ser impossível escapar disso. Por mais que Augusto disse que jamais me forçaria a fazer algo que eu não me sentisse confortável, eu sei que ele iria ficar insistindo até que eu aceite ao menos um desafio. Tirando coragem nem sei da onde, aceito o desafio.

— Vamos logo com isso. Quanto antes isso acontecer, mais cedo acabará esse sufoco.

— Só quero que você tenha certeza de que quer isso mesmo. Não estou te pressionando, apenas quero que você enfrente novos desafios para perder seu medo, mas se acha que é demais, podemos desistir sem problemas.

— Eu sei que você não está me pressionando, e sim, apenas me encorajando e dando forças para enfrentar e vencer um medo que nem sei o porquê dele existir. Mas eu não desisto assim facilmente. Então vamos lá!

Augusto segura minha mão e vamos juntos enfrentar esse meu medo de altura.

A fila não estava muito grande, portanto nem deu muito tempo para eu me preparar psicologicamente e já fomos colocados dentro da cabine e trancados ali dentro para nossa segurança.

A roda ia girando de pouco em pouco conforme as pessoas iam entrando nas cabines. Até aí, tudo bem. Meu coração ainda está calmo. Augusto fica falando comigo sobre coisas aleatórias para me distrair, o que parece funcionar.

Mas quando desvio meus olhos, que até então estavam fixos em seu rosto, e olho para frente, tudo o que vejo é o céu. Instantaneamente agarro a barra de ferro que prende nossas pernas para nossa segurança e começo a tremer.

— Eu quero descer, Augusto. — Minha voz sai sussurro, tenho medo de falar mais alto e a nossa cabine começar a balançar. Sei que é a maior tolice, mas o medo faz a gente ter ideias absurdas e exageradas.

— Ainda nem começamos, Beatriz. Sei que você tem medo, mas confie em mim, a velocidade de brinquedo é lenta. E serão apenas algumas voltas, não irá demorar até que possamos estar liberados para sair.

— E se a roda quebrar e parar com a gente aqui em cima?

— Não vai, pode ver que esses brinquedos são novos e bem cuidados. A manutenção está em dia, por isso não tem problema dele quebrar.

Augusto tenta me convencer de todo jeito que não há perigo. Mas o medo que sinto é mais forte do que a razão.

Com todas as cabines já ocupadas, a roda-gigante começa a girar agora sem parar. Aperto meus olhos tentando não olhar para os lados, sei que se eu olhar, meu estômago irá se revirar.

— Respire bem fundo e calmamente. Faça do mesmo modo que te ensinei no avião.

Lembro da tranquilidade que Augusto me passou ao me ajudar com a decolagem e começo a fazer os exercícios de respiração. Parece funcionar.

— Agora abra os olhos e veja essa linda vista. Você não pode perder um privilégio como este. Nada de mal acontecerá com você.

Atendo ao seu pedido e seguro em sua mão, de alguma maneira sinto que com esse gesto eu estou em segurança. Augusto aperta a minha mão em sinal de que tudo está bem. Olho para o lado e vejo a vista mais linda do mar iluminado pelo luar. É de tirar o fôlego. Qualquer restinho de medo que ainda pudesse haver, se dissipou como num passe de mágica.

É mais uma lição de vida que fica. Quanta coisa importante e bonita eu já perdi de ver e vivenciar por conta de um medo? Agora não posso mais deixar esse medo me dominar e me impedir de viver tudo que a vida irá me proporcionar e colocar em meu caminho. Devo arriscar e ter coragem para enfrentar todos esses medos que agora passaram a ser insignificantes diante de tamanha beleza que posso contemplar.

— É tão lindo, Augusto! Como pude perder essa vista e tantas outras por falta de coragem de encarar esse desafio?

— Você só precisava de alguém que te mostrasse que não há perigo. Fico feliz por ser aquele que te ajudou a enfrentar esse desafio, mesmo sendo em um brinquedo que teoricamente não há perigo algum, mas que você sempre teve receio de encará-lo.

— Sim, e fico muito grata por isso. E o melhor de tudo, é que você está sabendo respeitar meus limites.

— Sempre irei te respeitar.

Sorrio em agradecimento e volto meu olhar para o lado de fora de novo. Agora já estou mais confiante com o movimento da roda-gigante e já me acostumando com a altura que ela atinge.

— É tão calmo quando estamos aqui em cima... Chego a sentir uma sensação de paz e calma. Como se tudo lá embaixo já não interferisse em mais nada.

— Eu também gosto dessa sensação. Consigo deixar os pensamentos fluírem. É como se fizesse uma limpeza na mente.

— Não esperava essa atitude vinda de você.

— Sério? Porque você achou isso? — Augusto está espantado com meu comentário.

— Talvez por você ser muito brincalhão com tudo, eu pensei que você fosse ter uma outra atitude comigo e os meus medos.

— Eu sabia que um dia você iria estranhar ao me ver sendo um homem maduro, de atitude mais condizente com minha idade. Mas isso é o preço que eu devo pagar por sempre querer levar tudo na brincadeira.

— Pelo amor de Deus! Não me leve a mal, eu não estou dizendo isso para te julgar pela sua maneira de agir. Apenas estou dizendo que essa é uma parte de um Augusto que eu ainda não tinha tido a oportunidade de conhecer. Não significa que eu não goste dessa sua atitude mais séria, ou que eu goste mais da sua atitude de ser um brincalhão.

— Tudo bem, não se preocupe em querer me explicar. Eu entendi aonde você queria chegar com sua colocação. E estou de boa com isso.

Passamos uma volta completa sem falar mais nada. Eu fiquei chateada por pensar que Augusto não havia gostado do que disse sobre essa nova personalidade que ele me apresentou. Mas eu estava enganada.

— Ei! Já disse que está tudo bem, não precisa ficar com essa cara de quem está arrependida do que disse. Vamos acabar com isso logo.

Sem que eu esperasse, Augusto me envolve em um forte abraço e me beija de um modo que eu poderia dizer que havia muito paixão ali. Mas sei que isso não poderá acontecer com a gente. Tenho que colocar em minha mente que Augusto é intenso em tudo o que faz. Mas eu que não sou besta, deixo me levar pela sensação gostosa de estar em seus braços, tendo essa belíssima vista como cenário.

Fomos quase um dos últimos a sair da cabine. Mas posso afirmar que desse brinquedo eu não tenho mais medo. Augusto quis ir à montanha-russa, mas eu preferi não ir e fiquei esperando por ele, eu também não poderia impedi-lo de se divertir.

Depois disso fomos em mais alguns outros brinquedos, comemos algodão doce e outras bobagens. Agora estamos numa disputa acirrada nos jogos para ver quem consegue ganhar mais prêmios. Até agora estamos empatados, ambos com dois ursinhos como prêmio.

- Agora chegou a hora de te provar que é possível ganhar o urso.
- Quero só ver sua cara de decepção ao acabar com todas as fichas e não ganhar nada.
- Pode falar o que quiser, mas quando eu ganhar, tenho certeza que você não conseguirá dizer nada de tão chocada que vai estar.
- Mas é muito confiante mesmo...
- Sempre, minha querida.

Augusto se posiciona na fila da barraca de tiro ao alvo, esperando sua vez de jogar. É preciso derrubar todos os patinhos. Ficamos um tempo vendo os outros tentarem acertar, mas ninguém foi capaz de acertar todos os alvos. E Augusto que não tirava o sorriso confiante do rosto esperando chegar sua vez de jogar.

Finalmente a fila termina e chega sua vez. Augusto estica seus braços, como se fizesse um aquecimento muscular e se prepara para começar a jogar. Nas primeiras fichas, ele só conseguiu acertar a metade dos patinhos. O sorriso que antes permanecia em seu rosto, já não está mais aparente.

No começo eu tirava sarro dele a cada vez que ele errava o tiro, mas agora vendo o quão ele está ficando furioso, achei melhor ficar quieta no meu canto para não atrapalhá-lo. Augusto está levando muito a sério em querer ganhar esse urso imenso, custe o que custar. À nossa volta, muitas pessoas já estão aglomeradas para ver Augusto e sua insistência em ganhar.

Todos estão torcendo por ele. É incrível como conseguiu cativar todo mundo a torcer por ele. A cada patinho derrubado, era uma aclamada salva de palmas e assovios. O moço responsável pela barraca, já estava até ficando constrangido com toda aquela atenção. Talvez porque fosse que nunca uma pessoa quis tanto ganhar desse jeito como Augusto fazia questão.

Augusto entrega a última ficha. Vejo no seu olhar que ele está desapontado consigo mesmo. Só posso lhe passar um pouco de confiança nessa hora. Mesmo com todos torcendo por ele, é para mim que olha em busca de um conforto.

— Boa sorte. Espero que você acerte todos eles. — Ele abre o seu sorriso confiante novamente.

Ele se ajeita e começa a atirar derrubando quase todos os patinhos. Falta somente um patinho para cair e uma chance para atirar. As pessoas estão em total silêncio, todos em expectativa para ver o que irá acontecer. Por mais que eu goste de provocá-lo, dessa vez também estou em sua torcida. Vi o quanto ele estava focado em querer ganhar esse prêmio.

Augusto atira e o patinho é derrubado. Todo mundo grita, aplaude e o cumprimenta. Augusto parece não acreditar que conseguiu vencer. Até mesmo o moço da barraca parece feliz com toda a atenção que estava recebendo.

Quando ele entrega aquele urso marrom enorme, com um laço no pescoço para Augusto, o abraço que ele deu no urso foi de encher meus olhos d'água. Nunca vi tamanha felicidade numa pessoa ao ganhar um prêmio como este.

Imagina o meu espanto quando ele me entrega o urso.

— Pegue, agora ele é seu?

— Como assim ele é meu? Foi você que gastou uma fortuna em fichas para ganhá-lo, não faz o menor sentido você dá-lo para mim, ainda mais depois de eu ter duvidado que você fosse capaz de acertar todos os alvos.

— Não me importo em você ter duvidado de mim. Eu queria te dar esse urso desde o momento em que o vi aqui. Por isso fiz tanta questão em conseguir ganhar.

Estou em choque com sua bondade. Não tenho nem como recusar esse presente, já que todos à nossa volta estão esperando para ver minha resposta, mesmo não entendendo nada do que estamos falando.

Agarro o urso gigante e super pesado, notando só agora que ele é do meu tamanho. Todos aplaudem o meu gesto em retribuir o gesto nobre de Augusto em me dar o urso de presente. Por isso que ele deixou por último para brincar no tiro ao alvo. Esse urso é imenso, nem sei como iremos levá-lo embora.

— Augusto! Como vamos levá-lo embora?

— Esqueceu que viemos de carro, é só colocá-lo no banco traseiro.

— Não estou dizendo em levá-lo para o hotel, mas sim como iremos fazer para levá-lo para o Brasil. — Ele arregala os olhos finalmente compreendendo onde quero chegar.

— Não pensei nisso, não. Mas deve ter algum jeito de colocá-lo no avião.

— Ai, meu Deus! Não quero ter que deixá-lo para trás, ele é tão fofinho. — Digo ao apertá-lo mais ainda em meus braços. É quase impossível de carregá-lo e tentar andar ao mesmo tempo, ele tampa toda minha visão. Do jeito que sou desastrada é bem capaz de acabar tropeçando.

— Você mal consegue com ele, Beatriz. Deixa eu te ajudar. — Augusto passa um dos braços do urso por sobre seu pescoço e eu faço o mesmo com o outro lado.

— Desse jeito parece que o urso está bêbado e estamos ajudando-o a andar.

— Quando contarmos para os outros tudo que já aconteceu de loucura nessa viagem ninguém irá acreditar.

— Iremos ter boas histórias para divertir as pessoas.

Augusto pede para um funcionário do parque tirar uma foto nossa carregando o urso desse jeito para provar que tudo isso é verdade. Com muita dificuldade conseguimos colocá-lo no carro. Augusto até colocou o cinto de segurança no urso.

Para entrar no hotel foi mais um motivo de chamar a atenção para nós, toda a recepção parou para ver nós três entrando no elevador. Quando as portas se fecharam, caímos na gargalhada. Devo admitir que foi muito engraçado.

O urso ocupava quase minha cama toda. Deitei ao seu lado e Augusto ficou em pé de frente para nós com uma cara nada simpática.

— O que foi, porque está com essa cara emburrada?

— Onde eu vou dormir?

— No seu quarto, oras... Esse quarto agora é meu e do Ted.

— Mas não é mesmo, eu não te dei ele para tirar meu lugar da sua cama.

— Está com ciúmes de um urso de pelúcia?

— Claro que não é ciúmes, mas ele não pode tomar meu lugar ao seu lado na cama.

— E quem disse que esse lado é seu? Você tem o seu quarto e a sua cama, não é como se fosse ficar desamparado.

— Está falando sério? Vai me trocar por um urso? Se eu soubesse disso não teria me esforçado tanto para ganhá-lo.

— Ai, seu bobo! É claro que não estou falando sério. Ainda sobrou um espacinho aqui para você. — Bato a mão no colchão ao meu lado, indicando o pequeno espaço para ele deitar.

Augusto não se contenta só com isso, joga o urso ao chão, deita por sobre ele e começa a fingir que estão brigando. Agarra o urso pelo pescoço num golpe de luta mata-leão e fica rolando de um lado para outro.

— Quer parar de bater no Ted! — Implico com ele para deixar o urso em paz.

— Vai ficar defendendo ele agora? Justo você que não estava acreditando que eu pudesse desvendar o segredo do tiro ao alvo para ganhar o prêmio principal?

— Mas agora que já ganhou e me deu de presente, então tenho que cuidar do bem-estar do Ted.

— Só você mesma para dar nome para um urso de pelúcia, até parece criança. — Mostro a língua para ele numa clara demonstração de infantilidade.

Vou até ele para salvar o urso antes que ele se rasgue e espalhe espuma por todo o quarto do hotel. Coloco-o sentado numa poltrona, mas tenho medo de me assustar com ele caso eu acorde a noite e ter que vê-lo me encarando. Então viro a poltrona de costas para eu não me assustar.

— O que acha de tomarmos um banho para poder depois irmos “dormir”?

Entendo muito bem o que ele quer dizer com “dormir”. Ele quer é passar a noite comigo e como eu também estou louca para ficar com ele acabo aceitando esse “convite”.

Quem disse que aguentamos esperar até chegar à cama? Nos amamos debaixo da água fria do chuveiro para aplacar o nosso calor. Augusto me faz sentir de uma maneira diferente. Ele me deixa ser mais ousada, atrevida, e até um pouco despuerada na hora de amar. Nossos corpos já se reconhecem, sabendo onde cada um sente mais prazer. E só de pensar que ainda temos o final de semana todo para aproveitar, meu corpo já fica querendo mais desse prazer imensurável que Augusto me proporciona.

Capítulo 20

O restante do nosso final de semana se resumiu em fazermos mais compras. Para minha completa sorte, achei várias promoções imperdíveis. Aproveitei e comprei presente para meus pais e irmãs.

Augusto então nem se fala. Comprou tanta coisa, mas tanta coisa, que nem sei como irá levar tudo isso na mala. Enquanto comprei uns dois pares de sapatos franceses, ele deve ter comprado no mínimo cinco. Comprou mais perfume e relógios. Já percebi que sua paixão são esses relógios que marcam presença assim que olhamos para ele.

Almoçamos num restaurante tradicional e tive coragem de experimentar alguns pratos de carnes exóticas. Até que não era ruim, é mais questão de costume do que o próprio paladar. Na terceira garfada já nem percebe que está comendo uma comida estranha.

Visitamos um Museu de Arte Moderna e fiquei encantada com as esculturas de vários artistas famosos. A cada vez que voltávamos para deixar as sacolas de compras no hotel e tomarmos um banho para o próximo passeio, Augusto sempre queria mais “diversão”.

Dizia que não conseguia ficar longe do meu corpo e das minhas carícias. Eu não queria confessar, mas eu sentia o mesmo desejo desenfreado para ter mais do corpo dele sobre o meu.

Acho que já fiquei viciada em Augusto. O seu cheio inebriante, sua pele macia, seus músculos definidos onde minhas mãos correm afoitas para senti-lo por inteiro. Ah... que delícia! Por mais que eu não queira pensa no futuro, é impossível de imaginar voltarmos para o Brasil e não termos mais esse tipo de relação.

Sei que Augusto é um homem muito sedutor, que onde passa chama atenção de todas as mulheres e porque não, até de homens. Sua presença é marcante e imponente. Com uma aparência sempre bem cuidada e uma vaidade extrema, é impossível não ficar admirando mesmo que de longe e sem que ele perceba.

Metade da nossa viagem já se foi. Agora estamos quase na reta final de trabalho. Andando pelas ruas, já é possível visualizar alguns outdoors com a divulgação do nosso trabalho e a propaganda de inauguração da loja de calçados brasileiros.

Estou orgulhosa do que conseguimos fazer até aqui e o que ainda podemos fazer nessa semana final para apresentarmos todos os processos de publicidade. Na semana seguinte e última nossa aqui em Cannes, queremos deixar para fazer os acertos finais e ficarmos mais livres de compromissos para podermos aproveitar e apreciar o sucesso da inauguração, que acreditamos que será um grande evento.

Augusto mal para no escritório comigo. Ele corre pela cidade toda indo nas rádios, conversando com editores de revistas para divulgarem nossos calçados e ele até conseguiu agendar um ensaio fotográfico com modelos daqui mesmo para usarem nossos calçados que será o “carro chefe” dessa primeira temporada de vendas.

Enquanto isso eu fico aqui no escritório com Júlio, o gerente da fábrica, que está sendo de grande ajuda em tudo o que preciso providenciar na ausência de Augusto. Às vezes tenho que almoçar sozinha, porque ele está por aí em reuniões para fazer nossa publicidade. Mal estamos tendo tempo de nos vermos. Só a noite é que conseguimos um tempinho para conversas sobre coisas banais e logo já estamos dormindo.

Uma coisa que esqueci de dizer... Augusto fechou a conta do seu quarto e passou a ficar “hospedado” junto comigo. Segundo ele, não fazia o menor sentido ele pagar por um quarto já que ele nem mais dormia ou tomava banho lá. Estava sendo usado apenas para guardar suas malas.

Depois do último final de semana, ele passou a dormir comigo todas as noites e consequentemente a tomar banho no meu banheiro também. Vendo pelo lado prático e financeiro, tive que concordar que era um absurdo esse dinheiro ser gasto num quarto vazio.

Só achei ruim por um lado, por eu não estar acostumada a dividir um quarto com ninguém, ainda mais um homem. Sempre prezei pela minha liberdade e individualidade. Mas como nosso relacionamento pode estar com um prazo de validade para vencer, resolvi me aventurar nessa jornada e poder vivenciar como seria dividir a intimidade com alguém.

Já tivemos muitas brigas por conta de roupas espalhadas por todo canto e pela pasta de dente aberta sobre a pia. Essa bagunça chega a me dar até calafrios. Sempre fui muito organizada com minhas coisas e pelo jeito Augusto é o oposto de mim.

Quando chegamos ao quarto, depois de mais um dia longo de trabalho exaustivo, a primeira coisa que Augusto faz, é tirar seu paletó e jogar em cima de Ted.

— Ah, tenha dó, Augusto! Nem o urso escapa de sua bagunça?

— Desculpe vou arrumar depois, é que agora estou tão cansado que só quero deitar aqui um pouquinho antes de tomar um banho. — Diz ao deitar na cama e afrouxar sua gravata.

— Eu também estou cansada e nem por isso você está me vendo jogar minhas coisas por aí.

— Ok, “mamãe”, já disse que vou ajeitar tudo depois. Só preciso de uns minutinhos para ficar aqui com os olhos fechados. Hoje participei de tantas reuniões que estou até com um pouco de dor de cabeça. — Sei que isso é verdade e resolvo não perturbá-lo mais por causa de sua bagunça.

— Tudo bem, só por causa disso irei deixar essa história quieta. Enquanto você recupera um pouco da energia, eu vou tomar banho e depois você pode ir, aí eu peço o jantar e devo ter algum analgésico na minha bolsa para você tomar.

— Obrigado por me entender. — Ele deve realmente estar muito mal, nem conseguiu abrir os olhos para falar comigo. Com certeza deve ser enxaqueca.

Fui para o banho, mas não demorei muito, realmente estava preocupada com a saúde de Augusto. Ele estava muito calado e isso não é normal da personalidade dele.

Quando saí do banheiro, vejo o Ted vestido com a gravata que Augusto usou durante o dia e o paletó colocado sobre os ombros. Nem mesmo doente ele deixou de implicar com meu urso.

— Se queria tanto um urso desse tamanho para brincar, então porque não ficou com ele?

Augusto está sentado na beirada da cama, sem camisa, descalço e com o cinto da calça desfivelado. É uma visão tentadora, se sua feição ainda não fosse a de alguém que não estava muito animado.

— Só não queria deixar minhas roupas espalhadas por aí. Por isso coloquei minhas roupas no Ted.

— Menos mal assim... Mas agora vá tomar um banho, relaxar um pouco, e quem sabe sua dor de cabeça já não começa a melhorar.

— Não sei, não. Nunca tive uma dor assim tão forte.

— Então é o que pensei. Você está com enxaqueca. A melhor coisa é tomar logo um remédio e deitar no escuro. Já vou pedir a nossa janta para trazerem logo para você poder comer.

— Estou com o estômago embrulhado. Acho que não vou conseguir comer nada.

— Ao menos uma salada, ou um suco com torradas você deve comer. Também não pode tomar o remédio de estômago vazio.

— Pode pedir então, mas não garanto que consigo comer.

Augusto entra no banho e faço nossos pedidos. Peço uma comida leve para mim também, pois se ele já está com o estômago ruim, é melhor nem sentir o cheiro de uma comida mais temperada. Pedi uma salada de folhas e vegetais, suco, torradas e uma salada de frutas.

Assim que ele saiu do banho, nosso jantar já foi entregue. Augusto conseguiu comer só um pouco da salada, duas torradas e um pouco de suco. Como eu já havia deixado o comprido na mesa, ele aproveitou e já tomou. Mas claramente ele não estava muito bem. O tempo todo esteve calado e comendo com uma lentidão que não era de seu perfil.

Ajeitei o que sobrou do nosso jantar e apaguei a luz principal do quarto, deixando apenas a luz do abajur acesa. Ele, que já estava vestido com sua cueca samba canção de dormir, já foi logo para cama se deitar. Num dia comum, ainda seria cedo para dormir e ficaríamos assistindo algum filme. Mas para não atrapalhar, também fui me deitar.

Fiquei fazendo um cafuné em seu cabelo, massageando levemente suas têmporas com as pontas dos meus dedos, até que ele conseguiu dormir. Com o quarto quase totalmente na escuridão, se não fosse por uma fraca luz do abajur e o total silêncio, também acabei dormindo.

Acordei num sobressalto com Augusto levantando apressado da cama e correndo para o banheiro. De imediato não consegui identificar o motivo, eu ainda estava sonolenta e meio perdida na situação. Mas logo identifiquei a causa de sua pressa ao ouvir seus sons nauseantes. Fiquei preocupada por ele estar passando mal, mas também não podia invadir sua privacidade a tal ponto. Esperaria ele se recuperar e aí sim, iria lhe ajudar no que fosse preciso.

Não demorou muito e o ouço com a torneira aberta e escovando os dentes. Mesmo com a pouca claridade do quarto, é possível ver que seu rosto está pálido e ele está até um pouco cambaleante. Corro ao seu auxílio amparado seu corpo com o meu para ele não cair.

Ajudo-o a se deitar novamente e recosto os travesseiros para que ele possa ficar numa posição mais sentada para evitar mais crises de náuseas. Seu corpo está gélido e suando frio. Acho que sua pressão deve estar baixa.

— O que você está sentindo, Augusto? — Estou preocupada com sua saúde. O que antes parecia ser apenas uma simples dor de cabeça, agora está aparentando ser algo mais grave.

— Meu estômago está dolorido e se revirando todo aqui dentro. Mas agora que coloquei tudo para fora, já me sinto um pouco melhor.

— Não sei o que fazer. Será que é algum tipo de intoxicação alimentar?

— Acho que não, deve ser só por causa da enxaqueca mesmo. Só preciso descansar mais um pouco e logo melhoro. Que horas são agora? — Olho no meu celular e vejo que ainda está de madrugada.

— Ainda são 2 horas, falta muito tempo para amanhecer.

— Que bom, assim podemos dormir um bom tempo antes de ter que sair para trabalhar.

— Não sei se você deve sair desse jeito, é melhor você ficar aqui e se recuperar bem. Eu posso ir sozinha e fazer o trabalho tranquilo sabendo que você irá estar aqui descansando e se recuperando. E o melhor, não se estressando com toda a agitação e correria do trabalho.

— Agradeço sua preocupação, mas não posso deixar você ir sozinha. Você nem sabe falar francês e se acontece alguma coisa?

— Não há problema com isso. Mas se você quiser eu posso ficar aqui e trabalhar online, o que eu já havia planejado para fazer amanhã, eu posso muito bem fazer daqui do meu notebook.

— Se é assim, eu fico mais tranquilo sabendo que você estará comigo.

— Muito bem, então está resolvido. Agora você só precisa melhorar desse mal-estar. Quer outro remédio para dor de cabeça?

— Não, já estou melhorando. É só meu estômago agora que está mais me incomodando.

— Você ainda está muito pálido e suando. Quer tentar tomar um banho para ver se melhora? Posso te ajudar se você estiver com tontura.

— Embora a ideia de ter você comigo no chuveiro seja tentadora, sinceramente não estou em condições de aguentar tomar banho agora.

— Nem mesmo doente deixa de tentar chamar minha atenção com uma de suas cantadas baratas... Mas já sei o que fazer pra te ajudar. Espere aqui, já volto.

— Não é como se eu fosse conseguir fugir de algum jeito mesmo...

Nem dou bola para o que ele fala e vou para o banheiro colocar minha ideia em prática. Encontro uma toalha de rosto e a molho na água fria da torneira. Volto para a cama e Augusto ainda continua pálido e suando frio.

Coloco a toalha sobre a sua testa e seu corpo estremece com a sensação da toalha fria. Passo por todo seu rosto passando pelo pescoço e peito. Ele fecha os olhos para apreciar a leve carícia que a toalha macia faz em sua pele. Como ele não quis tomar nenhuma medicação, espero que esse meu simples método para ajudá-lo, possa resolver seu mal-estar.

— Está bom assim? Ou está muito gelado? — Pergunto por que tenho medo de estar

fazendo algo de errado e ele não querer me falar a verdade.

— Está um pouco frio demais, mas já está me ajudando. Obrigado por cuidar e se preocupar comigo.

— Não precisa agradecer. Tenho certeza de que se fosse eu a doente, você também faria de tudo para me ajudar.

— Uhum... — É só o que ele consegue pronunciar. Seus olhos já estão fechados e acho que já está quase dormindo.

Continuo passando a toalha, mas ao vê-lo estremecer um pouco mais, decido por não optar mais por esse tipo de tratamento. Cubro seu corpo com uma manta para ele não sentir mais frio. Verifico sua temperatura com as costas da minha mão em sua testa e ele não parece estar febril, isso é um bom sinal.

Vendo que ele está num sono tranquilo, resolve tentar voltar a dormir também. Já que amanhã, mesmo trabalhando aqui do quarto do hotel, terei que trabalhar o equivalente para duas pessoas.

Capítulo 21

Acordei primeiro que ele. Vi que seu rosto já está mais corado e ainda sem sinal de febre. Ao menos Augusto não levantou mais nenhuma vez para ir ao banheiro passando mal.

Ainda é bem cedo, por isso decido por deixá-lo dormir mais um pouco. Vou para o banho e faço o pedido de café da manhã. Além do que estávamos acostumados a comer todos os dias, peço uma caneca de chá. Como ele está com o estômago um pouco mais sensível, acho melhor começar com uma alimentação bem leve.

Ligo meu notebook sobre a pequena mesa e já começo adiantar alguns documentos que precisamos entregar para a inauguração. Ouço leves batidas na porta e vou até lá para receber nossa refeição. Abro um espacinho entre todas as papeladas que está sobre a mesa e coloco a bandeja em cima. Agora decido por acordá-lo antes que esfrie o chá e ele fique sem se alimentar.

Vou até a cama e o chamo baixinho para não assustá-lo.

— Augusto... — Ele nem se mexe. — Augusto!

É preciso chamá-lo mais alto e com um toque em seu ombro para acordá-lo. Ele começa a se espreguiçar como um gatinho manhoso. Abre seus lindos olhos e fica me encarando como se ainda não compreendesse o está acontecendo.

— Está melhor? Já chegou o nosso café da manhã, por isso achei melhor te acordar, e se depois quiser voltar a dormir, ao menos já estará alimentado.

— Estou melhor, sim. Só um pouco com o corpo dolorido, mas nada como ontem.

— Isso é muito bom, sinal de que você já está bem. Consegue levantar para tomar um banho sozinho ou ainda acha que precisa de ajuda?

— Acho que consigo.

Ele se senta na cama e fecha os olhos, parece que está meio zozzo.

— Está com tontura, não é?

— Só um pouco zozzo, mas deve ser por ter ficado muito tempo deitado. Já vai passar.

Ele fica nessa posição por mais alguns minutos. Enquanto isso pego uma troca de roupas limpas e já deixo no banheiro para ele vestir após o banho. Seguro seus braços ao tentar ajudá-lo a se levantar da cama, vendo se ele não irá cambalear ou até mesmo desmaiar. Mas agora ele parece já estar mais recuperado.

Segue para o banheiro, mas peço para ele deixar a porta destrancada caso ele precise de ajuda. Em pouco tempo ele aparece de banho tomado, cabelos lavados e vestindo uma roupa leve. Vem ao meu encontro e senta à minha frente para tomarmos nosso café.

Ele olha tudo que tem na mesa para comer e faz uma careta.

— O que foi? Não é possível que você não esteja com fome?

— Só de olhar para essa comida meu estômago começa a se revirar. Tenho até um pouco de medo de comer e passar mal de novo.

— Por isso que eu pedi um chá com torradas. Se você conseguir comer um pouquinho que seja, já irá melhorar.

— Acho que você tem razão. Preciso melhorar para poder voltar trabalhar amanhã, ou então ficaremos muito atrasados para a inauguração.

Sirvo um pouco de chá para ele, enquanto passa um pouco de geleia na torrada. Eu não dispenso um bom café para me deixar desperta. Não tive um resto de noite tão tranquila. A cada pouco eu acordava para verificar como Augusto estava. E agora eu preciso estar bem acordada para poder conseguir trabalhar daqui do quarto mesmo.

Augusto conseguiu comer um pouco, mas ainda está muito quieto, com o rosto demonstrando cansaço. Nunca imaginei vê-lo desse jeito, mas também o conheço há tão pouco tempo, não tem nem como saber sobre seus outros jeitos.

— Quer deitar um pouco para descansar?

— Na verdade eu queria te ajudar com o trabalho, não quero ficar deitado vendo você trabalhando por nós dois.

— Você está doente, Augusto. Não é como se tivesse se aproveitando de mim. E você completamente descansado e recuperado, irá ser de melhor valia para o trabalho. Me diz se você está com a mente focada para ficar lidando com toda essa papelada?

— Sinceramente, não. Se você me fizer qualquer pergunta tola agora, tenho certeza de que irei errar a resposta.

— Então faz assim... Enquanto eu vou adiantando por aqui, você deita e tenta dormir um pouco. Agora que já está de banho tomado e alimentado, tenho certeza que só é preciso um pouco mais de descanso e irá acordar renovado.

— Tudo bem, sei que agora não serei uma boa companhia para você. Só iria atrapalhar seu serviço.

— Não é questão de me atrapalhar, mas que não é necessário você se preocupar com o trabalho agora. Depois que você acordar e estiver sentindo-se melhor, aí talvez você possa me ajudar com alguma coisa mais simples até pegar o ritmo novamente.

Ele concorda comigo e vai para nossa cama deitar. É tão estranho dizer “nossa cama”, até parece que somos casados ou ao menos temos uma relação de muito tempo. Mas vejo que poderia me acostumar com essa rotina. Por mais que eu negue a mim mesma, Augusto deixa meu dia mais feliz. Até já aprendi a conviver com suas palhaçadas que antes me davam nos nervos. Hoje em dia eu já consigo entender que esse é o jeito dele e não há nada que eu fale que irá mudá-lo. Também nem quero que ele mude, foi assim que o conheci e foi assim que o aceitei em minha vida. Por mais que seja por um tempo curto.

Em poucos minutos ele já estava ressonando tranquilo, enquanto eu fazia meu trabalho. Quando dei por mim já era hora do almoço e como não sabia o que Augusto iria querer achei melhor esperar ele acordar para decidirmos o que pedir.

Por sorte ele acordou bem mais disposto e sentindo-se bem melhor. Até pedimos uma

comida mais forte, ele não quis nada leve, seu apetite voltou ao normal e estava comendo como um desesperado.

— É melhor ir com calma, vai querer passar mal de novo?

— De jeito nenhum! Mas é que acordei com tanta fome, que quero devorar tudo.

— Mas é bom ir devagar, deixa seu estômago voltar a se acostumar. — Ele atendeu meu apelo e terminou de comer mais devagar.

Depois que acabamos de comer, ficamos assistindo um programa de comédia e depois precisei voltar a trabalhar. Mas como ele já estava normal, aproveitou para me ajudar com alguns documentos.

Quando a noite chegou, depois de jantados e de banho tomados, fomos para cama. Augusto estava todo animado vindo para cima de mim, mas tentei me esquivar de suas investidas. Mas quem diz que consigo resistir ao seu charme? Mesmo ele ainda recém recuperado, foi impossível manter suas mãos longe do meu corpo.

— É melhor não, Augusto. — Digo tentando afastar suas mãos do meu corpo, mesmo querendo mais dele sobre mim.

— Eu já estou bem, não estou mentindo para você.

Sou muito fraca mesmo. Minha mente diz que não devemos, mas meu corpo traidor já está em chamas querendo sentir todo o prazer que Augusto pode me proporcionar. Não resisto mais e me entrego ao amor, paixão e prazer.

Abraço seu corpo trazendo para mais perto de mim, sentindo sua pele tocar a minha. Suas mãos passeando por minhas áreas mais sensíveis ao toque. Seus beijos molhados em meu pescoço me fazem sentir cócegas. Já sei também quais são as áreas de seu corpo onde sente mais prazer e também aproveito para acariciá-lo. Não estamos tão afoitos e desesperados como as outras vezes em que nos amamos, mas talvez por estarmos mais tranquilos, cada toque, cada beijo, foi sentido de um modo diferente.

Ficamos nos olhando por tanto tempo, como se só com o olhar fosse o suficiente para expressar todo o sentimento. Aquelas três palavrinhas queriam sair de minha garganta. Mas ainda era tão cedo para serem pronunciadas. E eu também não quero me precipitar a dizer nada que possa acabar com o que estamos vivenciando. Nossa relação só terá um destino traçado quando voltarmos a nossa rotina no Brasil. Só assim veremos o que irá acontecer conosco. Mas por enquanto, a melhor coisa é aproveitar, mesmo sabendo que pode não haver um futuro para nós de maneira romântica, mas sim, só de amizade.

Voltamos ao trabalho e Augusto agiu como se nada tivesse acontecido, sua saúde estava perfeita e ele muito animado com os momentos de finalizar o trabalho e só esperar pelo resultado que viria no dia da inauguração. Estávamos muito ansiosos para saber se teria um bom público.

Não seria por falta de publicidade caso não saia como o esperado, porque fizemos um excelente trabalho de divulgação. Por ter sido tudo tão de repente e inesperado, empenhamos todo nosso conhecimento e energia para essa primeira etapa de expansão internacional da empresa.

Se fosse com outros profissionais, duvido que eles aceitariam encarar uma loucura como esta. Somente Augusto e eu fomos os loucos capazes de enfrentar esse desafio. Mas não nego que está sendo bem desgastante, mas ao final, tenho esperança de que toda essa loucura irá valer o sacrifício.

Só temos mais um final de semana para aproveitarmos os passeios que Cannes pode nos proporcionar. Estamos tão concentrados que mal conversamos enquanto trabalhamos.

Augusto recebe um telefonema, ele conversa em francês com a pessoa e é claro que eu não entendo nenhuma palavra. O sorriso que está escancarado em seu rosto me leva a acreditar que seja uma notícia muito boa.

— Posso saber qual o motivo dessa felicidade toda?

— Biazinha, você não vai acreditar!

— Aff... Você me chamou de “Biazinha”? Depois de tanto tempo que não me chamava mais nem de Bia, agora arranhou outro apelido mais estranho ainda?

— É porque a notícia que tenho para te dar é muito, muito, muito boa.

— E o quê pode ser tão bom para ter te deixado como um bobo?

— Lembra daquele primeiro dia que fomos fazer compras e enquanto você fazia as suas compras eu fui fazer as minhas?

— Sim, eu lembro que depois nos encontramos numa cafeteria.

— Pois então, lembra também que eu disse que havia ganhado um cupom para um sorteio surpresa onde não havia dito qual seria o prêmio? — Apenas aceno com a cabeça esperando no que toda essa história vai nos levar. — Eu disse que estava confiante que iria ganhar e agora a moça da loja ligou dizendo que o meu nome foi sorteado. Dá para acreditar numa loucura dessas?!

— Se você estava concorrendo, isso é possível de acontecer. Mas o que foi que você ganhou afinal de contas?

— Você não vai acreditar em mim... É muito bom para ser verdade.

— Ai, Augusto! Fala logo pelo amor de Deus!

— Nós ganhamos uma viagem de iate para conhecer uma ilha!

— Viagem de iate? Isso é sério ou é mais uma de suas brincadeiras?

— Claro que é sério! Quando eu fui naquela loja para comprar meu relógio eu ganhei um cupom. Mas não disseram qual seria o prêmio. Por mim, qualquer coisa que fosse sorteado e eu ganhasse já seria válido. Mas agora ligaram dizendo que eu ganhei... *nós* ganhamos, já que é uma viagem para duas pessoas.

— Ainda não consigo acreditar. Deve ser um prêmio muito caro para ser sorteado dessa maneira.

— Beatriz, esqueceu que aqui é tudo muito caro? Então para eles sortear um passeio como esse não deve nem fazer cócegas no bolso. E agora é só nos prepararmos para sábado bem cedinho embarcarmos num magnífico iate.

— Caramba! É muito bom para ser verdade. Vamos passear de iate e conhecer uma ilha!

— Já estou em pé e indo abraçar Augusto para comemorar. Ficamos abraçados e pulando feitos dois malucos com essa maravilhosa notícia.

Como já está quase perto do dia do passeio, Augusto precisou sair mais cedo do trabalho para ir acertar todos os documentos que comprovam ser ele o vencedor e saber sobre os detalhes do passeio.

Ele foi de carro e tive que ficar esperando por ele além do horário habitual que saíamos do trabalho. Júlio não quis me deixar sozinha esperando na fábrica e ficou comigo até Augusto voltar. Ficamos conversando sobre como ele veio para cá ser gerente, sobre a saudade que tinha da família que já não via há algum tempo. Eu contei um pouco sobre meu emprego e como gostava de criar as propagandas para alavancar as vendas, até que Augusto estacionou em nossa frente. Me despedi de Júlio e agradei por ter se disponibilizado por ficar esperando comigo.

— E aí, deu tudo certo com o passeio? — Perguntei assim que entrei no carro.

— Sim, está tudo dentro deste envelope os documentos para apresentarmos na marina. Eles me mostraram as fotos do iate e é incrível a beleza, o luxo e toda a estrutura dele.

— Tem alguma foto aqui para eu ver?

— Não, até tinha um panfleto, mas eu não quis trazer, assim você terá o prazer de deslumbrar ao vê-lo pessoalmente.

— Ah, mas isso é muito injusto! Eu também queria saber como ele é. — Digo emburrada por Augusto ter visto como o iate é e eu ter que esperar até sábado para matar minha curiosidade.

— Não fique com essa carinha de chateada, tenho certeza que a surpresa de ver só na hora vai ser tanta que você irá me agradecer por não ter te mostrado as fotos antes.

— Mas me diga ao menos como será esse passeio. Tenho que levar alguma roupa específica?

— Disseram que o iate irá atracar na ilha e ali poderemos passar quase o dia todo numa cabana na parte mais isolada da ilha. Então devemos levar uma roupa para banho e talvez outra troca de roupa, porque a noite teremos um jantar no iate em alto mar.

— Ai, meu Deus! Não sei como vou aguentar esperar até sábado. É tudo muito mais do já imaginei em vivenciar. E pensar que não gostei nenhum pouco da loucura do diretor em nos apressar tanto para virmos fazer esse trabalho aqui. Onde é que teríamos outra oportunidade como esta? Tudo bem que esse passeio tem a ver com sua sorte de ganhar o prêmio e não com o nosso trabalho especificamente.

— Sim, mas se não fosse por causa do trabalho, com certeza não viríamos para Cannes, eu não compraria meu relógio nessa loja e não teria passeio algum.

— Vendo dessa forma, faz todo sentido. Mas foi muita sorte mesmo, e ainda mais por coincidir a data do passeio ser bem no nosso último final de semana que podemos aproveitar.

— Eu te falei que estava sentindo que ia ganhar, só não sabia o que era.

— Você está bem sortudo mesmo. Primeiro conseguiu ganhar o Ted, por muita persistência, mas ganhou. E agora esse passeio, que talvez nunca pudéssemos bancar algo como isto.

— Sou um baita sortudo mesmo! E como você está comigo, essa sorte se reflete em você também.

— Só desse jeito mesmo, nunca ganhei nada em sorteio nenhum. Não vejo a hora dessa semana acabar logo.

— Também estou muito ansioso. Nunca entrei num iate, deve ser tão bom.

— Eu espero não ficar enjoada com o balanço das ondas, não vou querer tomar remédio e correr o risco de ficar sonolenta e não poder aproveitar nada.

— O mar daqui não é muito agitado. Na roda-gigante você não passou mal, é só tentar não ficar pensando nisso. Focar os pensamentos nos momentos prazerosos que viveremos e nada de mal irá acontecer.

— Tem toda razão, eu sou muito preocupada com o que poderá ou não acontecer e isso sempre foi meu ponto negativo. Mas assim que chegarmos ao hotel já quero deixar uma pequena mala arrumada para o passeio.

— Acabou de dizer que esse é seu ponto negativo e já está se preocupando com o que levar. Assim fica difícil mesmo. Não precisa de toda essa pressa e também não precisa levar muita coisa, é só para um dia.

— Mas vai que acontece algum imprevisto...

— Se acontecer nós improvisamos na hora, afinal trabalhamos com a criatividade, então isso é fácil para nós resolvermos. Não esquente sua cabeça com isso, vamos apenas aproveitar o que recebemos de bom.

Não digo mais nada sabendo que Augusto está coberto de razão, mais uma vez.

Capítulo 22

O restinho da semana passou voando. Já estou com uma malinha pronta com nossas necessárias pessoais e uma troca de roupa minha e de Augusto para o jantar. Fomos espertos e estamos vestidos com roupas de banho por baixo de uma mais leve, assim é menos peso para levar.

Como dizia no documento que ele pegou com todas as informações de como seria o roteiro, acordamos bem cedinho. E seguimos direto para a marina.

Por ser sábado e ainda quase todo mundo deve estar dormindo, o trânsito flui livremente. Nosso café da manhã será servido a bordo. O sol aparece timidamente no horizonte, mas já com a promessa de que será mais um dia típico de verão.

Augusto deixa o carro perto da marina. E faz a gentileza de carregar nossa pequena mala. Muitos iates estão atracados e não sei qual deles é o que nós iremos passear. Mas seja qual for, é tudo muito mais do que esperei encontrar. É um mais lindo que o outro. Se eu disser que tem um apenas que seja de um modelo simples, estarei mentindo. Parece até que os proprietários querem competir para ver quem tem o maior e mais luxuoso iate.

Vou seguindo Augusto que parece saber nitidamente para onde se encaminhar. Andamos por quase toda a plataforma de embarque até que ele para em frente a um gigantesco iate. Não posso acreditar que de todos os que estão aqui e que pensei que poderiam ser o qual era o escolhido para o passeio, estamos diante do maior de todos eles. Não sei nem quanto pode custar um passeio como este caso alguém queira fazer um passeio particular, quanto menos, posso imaginar o valor de um ter um iate como este.

— Tem certeza que é este, Augusto? — Ele confere o papel que está em sua mão e de novo o iate.

— Ao menos é o mesmo nome que está aqui no papel que deram para apresentar quando chegássemos.

— Estou achando que pode ter havido algum engano.

Como se tivessem ouvido minhas dúvidas, um rapaz todo uniformizado surge de dentro de uma cabine e nos cumprimenta. Vem até ao nosso encontro e depois de conferir a permissão para o passeio, ele nos convida a embarcar. Percebendo que eu não entendo nada de francês, ele passa a conversar em inglês.

Vai nos guiando e explicando tudo o que o iate possui e todas as suas acomodações. Está difícil de acreditar que estamos aqui. Vejo no olhar de Augusto o reflexo da mesma emoção que estou sentindo, de pura incredulidade e felicidade extrema.

O comandante seguiu para a cabine e deu início à nossa viagem. Vou com Augusto até a proa onde uma pequena mesa com o nosso café da manhã já está servido. Pensei que o iate balançasse muito, mas estava enganada, quase nem dá para sentir.

O que dizer da vista... Nada se compara ao ver o sol despontar no horizonte, clareando o céu sem nuvens para atrair seu esplendor. Olho para Augusto e não há nada que

possamos dizer que explique tamanha emoção. Apenas sorrimos um para o outro em cumplicidade.

A mesa está repleta de todas as coisas que mais gostamos. Nos esbaldamos de tanto comer e aproveitando a vista maravilhosa à nossa frente.

O mar está calmo e com pouquíssimas ondas, o que nos faz sentir como se estivéssemos flutuando sobre o mar de águas tão límpidas e cristalinas.

— Veja, Augusto! São golfinhos!

— Nossa! Não pensei que fosse possível vê-los assim tão de pertinho.

Os golfinhos estão ao nosso lado nos acompanhando e parecem fazer uma dança sincronizada com seus saltos e mergulhos. Rimos com a maravilhosa experiência de poder ver de tão perto essa maravilha da natureza. Graças a um sorteio, estamos vivenciando um dos melhores momentos de nossas vidas.

O comandante nos chama para a cabine que controla a navegação do iate. Augusto me ajuda a subir e a vista aqui de cima é ainda mais linda. Augusto pediu se podia tirar uma foto segurando o leme. Para sua sorte o comandante permitiu que ele controlasse o iate. A reação dele ao segurar o leme e sentir o poder de controlar um iate desse tamanho, foi impagável. Precisei gravar em vídeo com meu celular para depois ele ver sua cara de felicidade.

— Vem aqui! Vem sentir como é bom poder controlar esse brutamonte. — Ele me chama, mas não sei se devo ir, afinal eu não entendo nada de barcos.

Olho de lado para o comandante e ele me permite guiar também, já que ele estava ensinando Augusto, não faria mal algum ele me ensinar também. Mais que depressa fui correndo para o lado de Augusto.

Ficamos os dois segurando o leme e o comandante ia explicando todo o funcionamento do iate. Eram tantos botões, números e coordenadas que deixaria qualquer um pirado ao primeiro momento.

Mas não era como controlar um carro, é algo muito maior, que dá uma extrema confiança e poder. Agora entendo essa sensação que os homens, em sua grande maioria, têm de querer dominar e possuir essas grandes máquinas.

Ficamos navegando assim por mais um tempo, e depois de muitas fotos que pedi gentilmente para o comandante tirar de nós, descemos para aproveitar mais do que as instalações do iate tem a nos oferecer.

Tem salas de vários ambientes e um cozinha completa e super moderna. Vários quartos que acomodariam muitas pessoas na maior tranquilidade e com muito conforto.

— Só esse passeio já está valendo por toda a viagem. E ainda nem chegamos a ilha, que deve ser tão linda quanto tudo isso aqui.

— Gastei um bom dinheiro comprando o relógio e a recompensa que essa compra está nos fornecendo é sem precedentes.

— Nunca que teríamos outra chance como essa, Augusto. Acho que nem nos meus sonhos eu já ousei ir tão alto assim.

— Tem razão, eu também nunca havia questionado essa possibilidade. Tivemos muita sorte mesmo.

— Vamos lá para fora tomar um pouco de sol e quem sabe baleias também não apareçam por aqui para a gente ver.

— É só não aparecer tubarão, que tudo fica bem. — Murmurou.

— Tem medo de tubarão? Aqui dentro eles não podem nos fazer nada de mal.

— Mas é lógico que tenho medo... Ou vai me dizer que a senhorita é a corajosa que teria coragem de mergulhar com eles?

— Claro que não!! Só falei para te provocar.

— Ainda bem, porque estou querendo dar um mergulho.

— Aqui?

— Sim, aqui. Eu já perguntei para o comandante e ele disse que é possível. É só eu avisar, que ele para o iate para podermos mergulhar em segurança.

— Não acho uma ideia muito boa.

— Ele disse que essa parte é segura, não tem perigo algum. Você pode mergulhar comigo.

— Tenho medo, aqui é muito fundo e não sei nadar muito bem assim para querer arriscar.

— Você pode usar uma boia, ou ficar em cima de uma prancha de surf.

— Mesmo assim, ainda fico um pouco insegura.

— Eu vou estar o tempo todo ao seu lado. Quer arriscar? Vamos! Esse prêmio que ganhamos não foi à toa, é o destino nos dizendo para encarmos nossos medos e aproveitarmos o máximo que pudermos.

— Ai, tá bom... Vamos então, ou você não irá me deixar em paz. Mas você vai primeiro e se a água estiver muito fria, já aviso que daí não vou mergulhar.

— Tudo bem, mas tenho certeza que deve estar numa temperatura gostosa, o sol já está mostrando para o que veio. Vou avisar o comandante para desligar o iate e podermos mergulhar sem o risco de sermos deixados para trás.

Enquanto ele vai avisar que iremos mergulhar, aproveito para ficar só com meu biquíni e passar o protetor solar. Sinto o iate já ir diminuindo sua velocidade até parar por completo. Augusto vem trazendo uma prancha de surf em cada braço.

— Céus! Ainda nem mergulhei e já estou diante de uma sereia!

— Francamente! Suas cantadas são comprovadamente uma pior que a outra, Augusto.

— Ah! Qual é?! Nenhuma delas irá funcionar com você? Meu estoque de cantadas já está acabando.

— Então já pode dar como encerrado seu estoque comigo. Talvez alguma outra mulher caia nessas cantadas, mas comigo não, meu bem.

— E quem disse que quero usar essas cantadas com outras mulheres?

Fico sem responder, pois não sei exatamente o que ele quer dizer com isso. Não posso acreditar que ele não irá conquistar outra garota quando nosso “relacionamento” não estiver mais dando certo, até porque nada está definido entre nós.

— Deixa pra lá, eu só queria te elogiar...

— Desculpa por ter cortado sua empolgação. Eu sou muito chata e exigente, não é?

— Ei! Nada disso, você tem todo o direito de dizer que não gosta de algo que eu faça. Eu é que preciso melhorar meus elogios, esse tipo de comentário é coisa de meninos inexperientes.

— Ah, chega dessa conversa. Vamos mergulhar. — Resolvi dar o assunto por encerrado. Hoje não é dia para discussões bobas.

Augusto joga as duas pranchas ao mar e retira sua camisa e bermuda ficando somente de sunga. É uma visão de encher os olhos e dar água na boca. Seu corpo todo definido, coxas grossas e abdome definido. Devo estar babando, por sorte ele está preocupado passando o protetor solar e não percebeu que estou encarando seu corpo na maior cara de pau.

— Pode passar o protetor para mim? — Ele me entrega o frasco e vira-se de costas.

— Depois você precisa passar em mim também.

— Nem é preciso implorar. Faço com o maior prazer.

Depois de devidamente preparados, Augusto vai até a beirada do iate e mergulha como se fosse um profissional. Ele some debaixo d'água e demora a retornar. Começo a ficar preocupada com seu sumiço e olho por todos os lados tentando ver se o acho. Até que ele surge e ri da minha cara de preocupação.

— Como você faz uma coisa dessas comigo? Quer me matar de susto?

— Não pensei que fosse te assustar, mas é que a água está tão gostosa para mergulhar e tão límpida, que dá para enxergar tudo aqui por baixo. Você precisa ver isso.

— Já disse que tenho medo, só vou ficar na prancha. Agora me ajude a descer.

Ele se aproxima da escadinha na lateral do iate e me oferece sua mão para que eu possa descer em segurança. Traz uma das pranchas até perto de mim para que eu possa já me segurar ali e não correr o risco de me apavorar e afogar.

Sinto a água tocar meus pés e a temperatura não está tão agradável como ele havia dito. Um arrepio percorre todo meu corpo, me fazendo tremer e querer desistir de mergulhar.

— Você me enganou! Essa água está um gelo!

— É porque você só molhou seu pé, depois que se molhar completamente, seu corpo acaba se acostumando com temperatura.

Acabo me convencendo de que isso é verdade e vou entrando com todo o corpo na água. Augusto só me soltou depois de que eu já estava me segurando na prancha e não haveria mais risco de me afogar.

Ele mergulha e posso ver sua silhueta através da água cristalina. Ele parece um mergulhador profissional com toda a técnica e beleza nos movimentos sincronizados. Me dá até uma pontinha de inveja por não saber mergulhar igual a ele. Eu também gostaria de ver a beleza do fundo do mar, mas vou ser sensata e nem me arriscar. Prefiro ficar aqui sentadinha em segurança em cima da prancha.

— Tem certeza que não quer mergulhar?

— Tenho a mais absoluta certeza. Não levo muito jeito para o mergulho, já você, parece que nasceu mergulhador profissional.

— Sempre gostei de nadar, e o mergulho eu aprendi numa viagem de férias que paguei por algumas aulas com um instrutor.

— Fico admirada por você mesmo sem equipamento nenhum, ainda consegue ter um fôlego danado para ficar submerso por um bom tempo.

— É tudo questão de treino e técnica para prender e soltar a respiração. Com o tempo e muito treinamento, qualquer pessoa é capaz de conseguir.

— Não acho que conseguiria mesmo com muito treino. Prefiro ficar aqui só apreciando a vista.

Augusto senta na outra prancha e ficamos lado a lado observando essa maravilha da natureza. Ao longe já é possível ver uma pequena porção da ilha. Não vejo a hora de chegar logo para ver como ela é.

Depois de um tempo ali parados, crio coragem de dar mais um rápido mergulho e voltamos para o iate. O comandante volta a colocar o iate para navegar, enquanto vou para o banheiro tomar uma ducha para tirar essa sensação de sal do corpo.

Demorou cerca de uma hora para chegar à ilha, pensei que fosse mais rápido por ter já avistado anteriormente, mas no mar a sensação de distância é bem diferente.

O iate atracou na ilha e Augusto me ajudou a descer. Andamos pela longa ponte de madeira até nossos pés tocarem a areia fofa e quente.

— Veja, Augusto! A ilha está vazia, será que ela foi autorizada só para nós dois estarmos aqui?

— Não sei, Beatriz. Também não estou acreditando que isso possa ser possível, pensei que seria apenas um passeio simples de iate, mas a grandeza de tudo que está acontecendo está me deixando até um pouco desconfiado.

— Desconfiado do quê? Já ensou se houve algum engano na premiação e quando voltarmos alguém irá apresentar a conta de tudo o que estamos usufruindo?

— Não, minha desconfiança é de que eu esteja dormindo e tudo isso é somente um sonho.

— Isso é impossível, porque não haveria como eu sonhar a mesma coisa que você.

— E se você também fizer parte dos meus sonhos?

— Então você sonha comigo?

— É, quem sabe... — Ele faz um gesto de desdém com os ombros como se não fosse nada de mais.

Augusto coloca suas mãos em minha cintura e me puxa de encontro ao seu corpo. Passo minhas mãos em volta de seu pescoço e dou um beijo em seu queixo. Ele aproveita meu momento de fraqueza e me beija sabendo que não iria afastá-lo.

Mas é lógico que fica difícil de resistir ao seu charme. Depois de um passeio maravilhoso de iate, essa ilha aparentemente exclusiva para nós, fica difícil de não querer me entregar a ele.

Andamos um pouco até chegar a uma grande cabana feita de madeira. Ao entrarmos na cabana nos surpreendemos com o luxo. Não tinha nada de simples ali. Até os móveis poderiam ser chamados de “rústicos modernos”. Era uma combinação perfeita do antigo com os novos designs.

Tanto Augusto quanto eu, não tínhamos palavras para explicar a beleza do lugar. O que eu pensei que seria uma cabaninha apenas, se mostrou como sendo uma cabana de luxo isolada numa ilha deserta, com uma vista que jamais seria esquecida por nós tão cedo.

Ao redor da cabana, uma vegetação intocada pelo homem, era o ponto-chave da ilha. Ainda bem que ainda havia lugares onde o descaso da humanidade com a flora e fauna não havia chegado. Por mais que essa ilha sempre recebesse visitantes e turistas, pelo jeito todos souberam preservar um pedacinho do paraíso.

Andamos de mãos dadas para conhecer todo o local. Seguimos para a mata, onde uma trilha levava diretamente para uma pequena cachoeira. O comandante já havia avisado Augusto que esse era um local seguro, só precisávamos tomar cuidado com algum animal peçonhento que aparecesse pelo caminho. Só isso já foi motivo suficiente para eu entrar em pânico.

Sempre tive medo de encontrar uma aranha ou cobra pelo caminho, embora muitas pessoas tenham esse tipo de animal como sendo seu bichinho de estimação. Ainda prefiro os cachorrinhos fofos e peludinhos. Se bem que os filhotes de gatos são as coisinhas mais lindas.

— Que cachoeira mais linda! Mas a água deve estar um gelo. — Augusto diz, mas já está tirando sua camiseta e bermuda.

— E mesmo assim você vai ter coragem de entrar?

— Como eu disse, já que estamos aqui quero aproveitar tudo.

— E correr o risco de ficar gripado? Já se esqueceu de como você ficou doente poucos dias atrás?

— Ah, Beatriz, é só um mergulho! Prometo que não vou demorar. É só para sentir a energia que esse paraíso transmite. Você deveria encarar mais esse desafio também.

— Nem pensar! O máximo que posso fazer é ficar sentada naquela pedra ali do lado com somente os pezinhos na água. Nada mais que isso.

— Você é muito medrosa.

— Sou precavida, já pensou se nós dois ficarmos doentes justamente nessa última e

decisiva semana aqui? Todo o trabalho irá por água abaixo.

Ele não disse nada, talvez por saber que dessa vez eu estava com toda a razão. Mas mesmo assim ele entrou na cachoeira, só não mergulhou como fez no mar por conta do perigo de não saber se havia pedras escondidas ali por baixo. Ao menos foi muito sensato nessa parte.

Andei devagar por sobre as pedras lisas e um pouco escorregadias com medo de me desequilibrar e cair. Eu me conheço muito bem para saber os perigos em que posso me colocar mesmo sem querer.

Enquanto Augusto nadava de um lado ao outro do rio que a cachoeira formava, eu apenas fiquei ali observando o quanto ele parecia feliz.

Teve um momento em que me peguei imaginando um futuro onde poderíamos estar juntos como um casal com compromisso assumido diante às pessoas, e pudéssemos desfrutar de mais momentos como este. Quem sabe numa próxima viagem a trabalho e indo mais além, talvez numa lua de mel. Agora devo estar enlouquecendo. Se nem namorando estamos, como posso ficar perdendo tempo imaginando uma lua de mel com ele?

Sinto gotas de água extremamente geladas atingirem meu rosto.

— O que foi, Beatriz? Parece estar em outro mundo?

— Só estava aqui imaginando coisas impossíveis, nada de mais.

— E posso saber que coisas impossíveis são essas?

— Não. Não é nada importante. — Como dizer que eu estava sonhando com um futuro imaginário vivendo ao seu lado?

— Tem certeza que não quer dar um mergulho?

— Tenho, sim. E acho bom você também sair dessa água gelada, pois não vou ficar cuidando de ninguém doente justamente nessa semana que mais temos trabalho para finalizar.

— Ai, que mulher mandona! Mas está bem, vou seguir suas ordens.

— Boa decisão. Ainda mais por saber que estou com a razão. — Ele apenas me mostra um sorriso irônico, como se não acreditasse que eu estivesse certa. Nem ligo, sei que ele faz isso apenas para me provocar.

Ao sair da água, seu corpo automaticamente se arrepiava de frio. É visível ver sua pele arrepiada com os poucos pelos dos braços todos eriçados. Seus dedos estão até enrugados e quase roxo, mostrando que passou mais tempo na água gelada do que devia.

— Está com frio, querido? — Digo também de forma a provocá-lo.

— Nada que o Gutão aqui não possa aguentar.

— Sei...

Saímos de dentro da mata onde a luz do sol quase não passava por entre as copas das árvores, deixando um ambiente úmido e meio escurecido, e voltamos para a areia quente e

fofa sob nossos pés. Sentir a quentura na pele de novo era uma sensação muito agradável.

Sentamos na areia diante desse mar magnífico e ficamos observando as aves que voavam por ali em busca de seus alimentos. É em momentos como este que nossa mente se aproveita para ficar criando expectativas do futuro.

— Onde você planeja estar daqui a cinco anos. — Pergunto para Augusto querendo saber um pouco mais de seus sonhos.

— Puxa vida! Não sei nem o que fazer no dia de amanhã, e pensar tão adiante assim, não consigo ter uma imagem em mente.

— Sério? Não consegue imaginar onde estará trabalhando, ou quem sabe investindo em sua própria empresa de marketing, quem sabe até já estar casado e com filhos...

— Nossa... Agora você foi longe demais.

— Você não consegue se imaginar vivendo numa situação como esta?

— Quanto ao trabalho até penso em fazer mais cursos, aperfeiçoar os conhecimentos e modernidade que surge a cada dia. Mas quanto ao meu futuro amoroso, é difícil pensar em casamento e filhos sendo que estou solteiro, tenho 28 anos e sei que estou na idade de procurar uma estabilidade em minha vida, mas ainda falta alguma coisa, sei lá.

Não sei por que, mas algo dentro de mim parece ter se quebrado ao ouvi-lo dizer que está solteiro. No fundo eu queria que ele me reconhecesse como sendo sua provável futura namorada. Eu estava torcendo para que esse nosso combinado de curtir o momento, fosse além disso e pudesse virar um relacionamento sério.

— O que foi? Você parece ter ficado triste com o que eu disse.

— Não é isso, é que eu penso num futuro onde eu possa já estar bem financeiramente e realizada com o trabalho que faço, e até mesmo num marido e filhos me esperando para jantar. E saber que você ainda não consegue se imaginar num futuro assim, me deixa um pouco frustrada. Será que eu sou a louca do planejamento e quero que tudo saia perfeitamente do que jeito que pensei?

— Mas é claro que você não é louca! O problema não está em querer sonhar com um futuro, ao contrário, isso faz muito bem. Faz você ter um objetivo na vida e correr atrás deles. Eu que devo ter algum problema em querer viver de momentos e deixar de fazer planos. Aí acabo ficando perdido às vezes.

— Nessa parte pensamos diferentes. Eu preciso ter tudo esquematizado, mas sem deixar de ter um plano B nas mangas. Mas acho que na verdade nós dois deveríamos ter um pouco dos dois jeitos.

— Eu preciso começar a planejar e você precisa aprender a deixar o medo para trás e aproveitar o que a vida está lhe oferecendo de imediato.

— Exatamente dessa maneira. Não que qualquer um dos jeitos esteja errado. Mas para ter uma vida mais tranquila e feliz, precisamos aprender a conviver com esses dois lados.

Voltamos para a cabana e encontramos a cozinha repleta de comida, frutas e sobremesas. Não sei quem havia deixado tudo preparado, mas só sei que estava tudo muito bom.

À tarde, ficamos deitados juntos numa rede enorme e trocando carícias e cafunés, de tão gostoso que estava, acabamos pegando no sono. Ao acordar, demos mais um mergulho e voltamos para o iate.

O comandante deu início a nossa viagem de volta e foi muito difícil de ver esse paraíso ficando para trás.

— Você está chorando, Bia? — Nem havia percebido as lágrimas rolando por minha face.

— É uma mistura de sentimentos de alegria por ter vivenciado esse dia maravilhoso e de tristeza por deixar esse pequeno pedaço de paraíso para trás.

Pensei que Augusto fosse fazer alguma gracinha por conta de estar chorando por um motivo como este, mas estava enganada. Ele enxugou minhas lágrimas e me tomou num abraço forte e reconfortante.

— Te prometo que essa não será a última vez que você viverá uma emoção como essa. — Sussurrou em meu ouvido.

— E como você pode prometer uma coisa como está? Tem ideia do quanto pode custar um passeio particular como este? Ou quem sabe ter a sorte de ganhar outro sorteio parecido com este. É quase impossível.

— Apenas confie em minhas palavras. Pode fazer isso?

— Confio em você, mas quanto a ter outro passeio assim, infelizmente fico com um pé atrás sobre uma possibilidade como esta.

Ele se coloca atrás de mim, nunca deixando de me abraçar, apoia sua cabeça em meu ombro e sinto sua respiração tocar em minha pele provocando um arrepio gostoso e reconfortante. Vemos a ilha ficando cada vez mais longe.

— Chega de tristeza, vamos tomar um banho e nos preparar para o jantar. — Ele segura em minha mão e me leva para dentro do iate. Não contesto sua decisão, devo estar muito vulnerável para obedecê-lo tão rapidamente e sem argumentar nada.

Mesmo o banheiro da suíte principal sendo um dos maiores, ainda assim era um pouco apertado para acomodar duas pessoas, mas Augusto insistiu tanto para tomarmos banho juntos, que mais uma vez me vi aceitando sua sugestão.

Essa convivência está me transformando numa nova pessoa. Antes eu tinha tanta atitude para dizer e fazer alguma coisa que eu não concordasse e agora me pego aceitando facilmente as ideias dele. Não que seja ruim essa mudança, mas acabo perdendo um pouco da minha essência.

Mas tenho plena convicção do que estou fazendo e como eu também queria muito sentir o corpo dele mais uma vez junto ao meu, não neguei seu pedido. E posso dizer que foi muito prazeroso esse momento que se tornou muito mais que um banho, foi uma união de corpos, sentimentos e um pouco de sonho de querer ter sempre mais. Mas não sei se esse sonho vinha só de minha parte ou Augusto também já não estava mais tão convicto em apenas deixar levar pelo momento.

Nos arrumamos para o jantar que o comandante deixou preparado para nós. Só então descobri que ele além de comandante tinha feito um curso de culinária justamente para

poder proporcionar passeios como este, sem que precisasse ter muitas pessoas viajando a bordo junto com os passageiros, deixando assim, as pessoas mais a vontade e com certa privacidade.

Uma mesa foi posta ao lado de fora do iate. A vista do mar à noite, iluminado pelo luar e as incontáveis estrelas, deixava tudo mais propício para uma noite romântica. Augusto estava sendo um perfeito cavalheiro. Embora eu sempre tenha sido muito independente, não precisando que homem nenhum puxasse uma cadeira para eu sentar ou que abrisse a porta do carro, mas confesso que estava adorando essa novidade em minha vida.

Augusto estava sempre colocando sua mão sobre a minha, acariciando e me deixando arrepiada com seus toques suaves e delicados. Não posso permitir ou irei me apaixonar, mas também não consigo me separar dele. Como lutar contra isso, quando o que eu mais quero é viver agarrada a ele?

Eu tentei, juro que tentei não me apegar, mas está difícil. Sei que nos conhecemos há pouquíssimo tempo e nosso começo não foi nada amigável, mas nessa convivência algo mudou drasticamente dentro de mim. É, não tem mais jeito mesmo, eu me apaixonei pelo Augusto.

Capítulo 23

— Porque está tão calada? – Ele me pergunta quando já estamos de volta ao hotel.

— Não é nada, não. Só estou cansada. Hoje acordamos muito cedo e o dia todo foi bem agitado.

Como dizer a ele que descobri estar apaixonada? Já havíamos combinado que isso não aconteceria. Mas acho que o cupido não me ouviu e me acertou em cheio. Essas coisas só acontecem comigo mesmo. O destino gosta de brincar com meus sentimentos.

— Não é isso que seu olhar me diz.

— E você por acaso virou vidente para saber o que se passa comigo? – Ele arregala os olhos com a besteira que acabei de dizer. Meu Deus! O que estou fazendo? Não posso começara a agir dessa maneira rude e estúpida com ele. Augusto não tem culpa de meus sentimentos por ele estarem tão bagunçados. — Me perdoe, por favor. Eu não queria ser tão grosseira com você, ainda mais do dia maravilhosos que passamos.

— Me diz o que está acontecendo, sabe que pode confiar em mim.

— Eu sei que posso confiar em você, mas é em mim que não estou confiando agora. Por isso é melhor deixar esse assunto quieto. Não quero complicar nossa situação agora que falta tão pouco para concluirmos nosso trabalho.

— Só quero saber o que de tão grave possa estar se passando por sua cabeça para te deixar assim. Mas já vi que você não irá me contar, então vou respeitar e quando, e se você quiser desabafar, sabe que tem um ombro amigo aqui para o que der e vier. Não irei te julgar seja por qualquer motivo.

— Obrigada por ser compreensível. Estou cansada, acho melhor ir dormir agora e amanhã acordarei mais amigável. Sei que agora não estou sendo uma boa companhia.

— Você sempre é uma ótima companhia, por isso não fique se culpando. E depois, todo mundo passa por um período de irritação e estresse. Entendo que às vezes seja melhor ficar um tempo sozinho para colocarmos os pensamentos em ordem. Se você quiser eu posso dormir ali no sofá hoje.

Ele aponta para o pequeno sofá do nosso quarto onde é impossível acomodar um homem do seu tamanho para passar a noite ali. Não posso fazer isso com ele, Augusto não tem culpa de nada. Está completamente inocente nessa história.

— Não. Você não precisa dormir no sofá, não estou brava com você ou qualquer tipo de desavença. Pode dormir comigo, só preciso ficar um pouco quieta, mas não sozinha.

— Tudo bem, mas se quiser ficar sozinha, saiba que eu deixarei ter seu espaço em paz.

— Nós dividimos o mesmo quarto, Augusto, não tem cabimento você cogitar a mínima hipótese de dormir no sofá ou então me deixar aqui sozinha. E também quem disse que quero ficar sozinha?

Ele sorri tímido. Sei que depois que descobri que os meus sentimentos por ele se

transformou em paixão, tentei recuar um pouco de seus carinhos e suas conversas sussurradas ao meu ouvido. Com certeza ele percebeu minha mudança, mas não sabe o motivo que me levou a agir desse modo mais defensivo.

Deitamos na cama e ele ficou a certa distância do meu corpo. Eu não queria essa distância física entre nós, na verdade eu não queria barreira nenhuma nos separando. Tudo estava indo tão bem, e não será agora com essa descoberta que haverá de mudar nosso relacionamento. Preciso ser forte e continuar nossa convivência da mesma maneira que já vinha acontecendo.

Estávamos de costas um para o outro. Augusto estava levando muito a sério em respeitar meu espaço, mas eu não queria isso. Virei e fiquei observando suas costas musculosas se mexendo lentamente com a movimentação de sua respiração e minhas mãos estavam doidas para tocá-la. Joguei todas as minhas dúvidas e medos para o fundo dos meus pensamentos coerentes e agi com meu coração e não com a razão.

Comecei a passar as pontas dos meus dedos numa leve carícia e vi sua pele se arrepiar com meu toque suave. Continuei com esses movimentos por toda a extensão de suas costas, subindo e descendo e cada vez mais vendo a reação de seu corpo.

Minha mão se aventurando a explorar mais de sua pele quente e macia, percorrendo seu tórax e podendo ouvir seus gemidos de prazer. Sei que ele está gostando tanto quanto eu.

— Não me tente desse jeito, Beatriz. — Sua voz já sai ofegante. Sinto que ele está fazendo um enorme esforço para se controlar.

— Porque, você não quer ficar comigo?

— Jamais negaria a ficar com você. Mas talvez agora não seja uma boa ideia.

— Não é o que seu corpo está demonstrando. — Continuo insistindo, mesmo sabendo que ele está agindo com a razão.

— Se eu começar não vou querer parar tão cedo.

— E quem disse que eu quero que você pare?

Ele vira com tudo me prendendo debaixo de seu corpo. Sinto o seu peso sobre o meu corpo, nossos rostos quase colados e a respiração quente e irregular tocando minha face, me deixa ainda mais com desejo de tê-lo por completo. Que se dane a razão! Não sei até quando eu posso ter Augusto dessa maneira, então vou lutar por tudo o que posso aproveitar e sem arrependimentos.

Vejo em seus olhos os questionamentos sendo feitos, mas sem que palavras fossem ditas. Ele procura em meus olhos qualquer indício de incertezas. Mas o que ele encontra, é a mais pura luxúria e desejo.

Nenhuma palavra pode expressar o quanto desejamos um ao outro. Com um beijo ardente e voraz, Augusto me conquista um pouco mais. Sinto meu coração disparar e o desejo tomar conta do meu corpo.

Nossos corpos se completam, e assim, eu queria que nossos corações também estivessem na mesma sintonia, que ele pudesse se apaixonar por mim. Queria que Augusto ficasse comigo por muito mais do que apenas neste verão.

Este é nosso último fim de semana em Cannes, só temos mais uma semana para terminar nosso trabalho e no próximo sábado é o grande dia da inauguração. Ainda embarcaremos no voo da noite para voltar ao Brasil. Por isso que não posso desperdiçar um minuto sequer da companhia de Augusto. Só uma semana para viver uma vida feliz que não saberei se um dia irei vivenciar outra vez.

Posso até estar sendo dramática achando que nunca mais encontrarei a felicidade na companhia de outro homem. Mas em meus antigos relacionamentos, eu nunca havia sentido esse frio no estômago essa ansiedade a cada vez que estou longe dele, a cada troca de olhar.

Acho que nunca estive apaixonada por nenhum deles antes, e só agora que pude descobrir o que é a paixão, por isso que tenho esse medo descabido do que poderá acontecer no futuro.

No resto da noite não conversamos mais sobre nada, apenas ficamos nos acariciando e sentindo como é boa essa cumplicidade de estarmos juntos. Augusto fazia um carinho tão gostoso em meus cabelos, que foi impossível não pegar no sono, deixando para trás todas as incertezas.

Acordamos tarde, o passeio de ontem foi bem cansativo e por isso perdemos o horário do café servido no hotel. Decidimos almoçar fora e aproveitar nosso último dia de folga.

— Está mais tranquila hoje? — Augusto parece meio temeroso em perguntar. Deve estar com medo de que eu responda de modo grosseiro como fiz algumas vezes ontem.

— Estou bem, acho que ontem deve ter sido o resultado do cansaço, por isso eu estava mal humorada depois que chegamos do passeio.

— Precisamos de umas férias do escritório. Por mais que possam pensar que estamos aqui só para aproveitar a viagem, nós sabemos muito bem o quanto todas essas semanas foram agitadas com toda a preparação de publicidade. Assim que voltar, vou pedir ao diretor que nos dê uns dias de folga antes de começar o planejamento para a próxima inauguração. Se bem que eu acabei de ser contratado, acho melhor você falar com ele, já que ele tem mais confiança em você.

— Vou tentar. Preciso mesmo tirar uns dias para ir visitar meus pais.

— Eu também preciso ir ver os meus, minha avó vive me cobrando uma visita, e sempre que vou, volto de lá uns três quilos mais gordo.

— Todas as avós são iguais. Dizem sempre que estamos tão magrinhos, de que não estamos nos alimentando direito e por aí vai.

— Então sua família é igual a minha. Bem, acho que no fundo todas são iguais.

— Você deve sofrer ainda mais dessa preocupação por ser filho único. Como eu tenho mais duas irmãs, essa atenção e preocupação dos pais são divididas em partes iguais, ou nem tanto assim, já que eu fui a única que desgarrou da barra da saia da mãe e resolveu se aventurar por novas terras.

— Você nunca me falou sobre suas irmãs.

— Não houve oportunidade. Eu sou a irmã mais velha, depois vem as gêmeas, ou seja,

sou eu a que terminou os estudos primeiro, a que saiu de casa primeiro. Então eu meio que sou um exemplo para elas, por isso que talvez eu me cobro tanto para ter sucesso em tudo o que faço.

— Você quer ser um bom exemplo para elas, mostrar que conseguiu lutar e vencer mesmo estando sozinha numa cidade grande e longe da família.

— Sim, mas não faço isso com o significado de dizer que sou melhor que elas. Mas, sim, como quem diz: “Se eu consegui sobreviver, vocês também serão capazes de seguirem seus sonhos, e eu estarei aqui para dar apoio no que for preciso”. Só espero que elas possam compreender essa mensagem do jeito que quero transmitir.

— Como seus pais reagiram quando você decidiu mudar de cidade para trabalhar?

Augusto estava interessado em saber sobre o meu passado mais a fundo enquanto caminhávamos pelo calçadão da praia logo após o almoço. Não fiquei chateada pelo súbito interesse dele em querer saber sobre minha vida. Quem sabe ele me conhecendo melhor, algum sentimento mais forte poderia nascer em relação a mim.

— Eles sempre souberam do meu desejo de morar numa cidade grande onde eu teria mais oportunidade de crescimento profissional. Então não foi uma surpresa tão grande quando eu cheguei avisando que iria me mudar. É claro que houve uma mistura de sentimentos em todos nós. Alegria por eu ter conseguido realizar meus sonhos e tristeza por ter que deixar o conforto do lar, da família.

— Nessa parte eu tive muita sorte por não ter deixado minha família para trás. Mas mesmo não precisando me mudar, eu quis ter meu próprio canto, minha liberdade e independência. E quando saí de casa para mudar apenas algumas ruas de distância, minha avó quase teve um ataque cardíaco. Claro que tudo não passou de um grande fingimento para tentar me fazer mudar de ideia. Se ela souber que logo desconfiei de sua atuação em querer inventar um ataque, aí sim é bem capaz de ela enfartar de verdade.

— Ela deve ser muito apegada a você. E quando você casar e tiver sua atenção voltada para outra mulher que não seja ela, como você acha que ela reagirá?

— Isso é uma história que já presenciei e não tenho boas recordações dessa época.

— Entra naquele assunto de sua “quase lua de mel” que não quis me contar?

— Sim, ainda não estou preparado para expor esse meu passado.

— Será que um dia você será capaz de me contar sobre esse passado?

— Um dia eu conto. Antes esse assunto ainda mexia muito comigo, mas agora, depois de conhecer você e ver o quanto nos damos bem, todo aquele sentimento ruim está se dissipando.

— Fico feliz por de alguma maneira poder te ajudar mesmo não sabendo como estou fazendo isso.

— Basta estar do meu lado e me fazer feliz.

Ele não podia dizer essas coisas para mim. Me faz ter esperanças de que o fazendo feliz, ele possa se apaixonar por mim. Não posso criar falsas expectativas quanto a um futuro juntos romanticamente.

— Estou aqui para ajudar no que estiver ao meu alcance e fico feliz se você sente-se bem estando comigo.

Augusto para de andar e me pega num abraço e me girando no ar. Todos ao nosso redor estão olhando para nós. Escondendo meu rosto em seu pescoço tentando disfarçar a vergonha que estou sentindo com toda essa atenção sobre nós.

— Para, Augusto! Está todo mundo olhando.

— Então deixe que olhem duas pessoas felizes se abraçando.

Ele não me larga de jeito nenhum. Aproveito o máximo que posso para estar em seus braços novamente. Sentir seu corpo colado ao meu, suas mãos passando acariciando meu corpo me deixando toda arrepiada, é uma sensação que nunca esquecerei. E provavelmente logo toda essa sensação não passará de uma mera lembrança.

— É uma pena que nosso fim de semana está acabando. Estou com saudades de casa, mas esse lugar e tudo que vivemos aqui, é até difícil de dizer adeus. — Sinto meus olhos se encherem de lágrimas. Essa viagem ficará para sempre em minha memória. Sei que futuramente haverá outras, mas talvez pelo meu envolvimento com Augusto, seja o ponto fundamental para essa viagem ter sido tão especial.

— Não precisa ser um adeus. Algum dia, quem sabe, você possa voltar. E digo mais, pode até ser em sua lua de mel.

É como se um balde de água fria fosse jogado sobre minha cabeça. Quando ele diz “sua lua de mel” e não “nossa”, tenho a certeza de que ele não tem os mesmos sentimentos por mim. Mas também estou querendo o quê? Que ele se case comigo?

Voltamos ao hotel para terminar de arrumar todas as documentações que usaremos nessa última semana. Augusto deve ter percebido meu silêncio, mas dessa vez não fez nenhum comentário a respeito.

E como era o esperado, a semana foi de total agito. Augusto estava indo em todas as rádios e meios de comunicação para reforçar as propagandas, enquanto Júlio cuidava da produção da fábrica, eu estava vendo se a loja já está em condições para receber os primeiros clientes no sábado.

O diretor chegará sexta-feira, ele faz questão de estar presente em todas as lojas que forem inauguradas daqui em diante. Mas como seus compromissos são intermináveis, ele só pode comparecer para a inauguração mesmo. Por isso que ele colocou total confiança em mim e Augusto para realizar esse trabalho.

Se bem que o meu trabalho e dedicação ele já conhecia, mas Augusto, o diretor arriscou em contratá-lo para esse serviço e mesmo com minhas desconfianças também, acabou dando mais certo do que o esperado.

Durante a semana mal tivemos tempo de conversar. Com toda a correria e ele estando longe de mim, quando chegávamos ao hotel, o cansaço tomando conta do nosso corpo, a única coisa que queríamos era descansar.

Era só acabar o jantar e logo estávamos dormindo. E não houve tempo, e talvez nem interesse de ambos para termos nossos momentos de intimidade. Acho que pode nem

haver mais. A inauguração será no sábado e logo já estaremos voando de volta para casa. Mas eu não quero ir embora e não ter a chance de investir ao menos numa última noite de amor.

Não tenho muito tempo, mas preciso criar uma noite perfeita para nossa despedida em Cannes.

Passo quase a noite toda entre pensamentos tentando imaginar o que fazer para agradar Augusto, e fazer da nossa noite inesquecível. Como sexta-feira devemos ter uma boa noite de descanso para a inauguração que começara logo cedinho com nossos preparativos finais, então só resta fazer nossa grande despedida amanhã, quinta-feira. Depois de muito pensar, acho que finalmente consegui pensar como seria uma noite perfeita. Amanhã na hora do almoço eu começo com os preparativos. Acho que vai dar certo.

###

Augusto irá ficar o dia todo fora do escritório de novo, ainda bem. Por mais que eu não goste de ter que sair para almoçar sozinha, hoje eu iria mesmo que ele estivesse trabalhando aqui.

Assim que cheguei para trabalhar hoje, já liguei meu notebook e pesquisei lojas que vendem os produtos que irei usar à noite. Para minha completa sorte, tem uma loja perfeita a apenas alguns quarteirões aqui perto. Dá tempo suficiente para comprar tudo que preciso e ainda aproveitar para almoçar em algum restaurante no caminho.

Trabalho tanto que nem vejo a hora passar. Saio apressada com medo de demorar nas compras e Augusto voltar mais cedo e descobrir meus planos.

Vejo o letreiro da loja e tenho certeza de que estou no lugar certo. Pela primeira vez estou entrando num sex shop. Sinto meu rosto esquentar com a vergonha que estou só em imaginar nos objetos que quero comprar.

Abro a porta e um sininho toca para avisar. Se já não fosse vergonhoso, ainda é preciso o sino para avisar que acabei de entrar. As duas vendedoras e umas quatro clientes olham para mim. Dou uma risadinha sem graça e já viro para o lado onde tem alguns produtos expostos.

É cada coisa pendurada ali que eu nem sei o que pensar. Claro que a maioria dos produtos eu nem sei qual é sua finalidade. Mas como eles não são o meu foco, deixo de lado e sigo para outra prateleira.

Uma das vendedoras vem ao meu encontro e pergunta em francês o que desejo. Deve ser isso que ela perguntou, já que eu não entendi nenhuma palavra do que ela falou. Respondo em inglês e vejo que ela não entendeu o que eu quis dizer. Oh, droga! Ninguém entende ninguém, e agora como vou comprar meus produtos para a surpresa de Augusto? Tenho que dar um jeito de haver alguma comunicação entre nós.

Como brasileira, sempre temos nosso jeitinho de sair de todas as enrascadas que a vida nos apresenta. E não será a falta de linguagem que me impedirá de cumprir meu objetivo. Começo a fazer mímicas e apontar para uma manequim que está usando uma fantasia bem sexy. A vendedora parece entender o que eu quero e também faz gestos com as mãos indicando para eu esperar um pouquinho.

Ela segue para trás do balcão e começa a pegar vários pacotes com roupas coloridas. Ela faz um gesto me chamando e pela expressão de seu olhar entendo que ela está perguntando se é isso mesmo o que estou procurando.

Quando pego um dos pacotes na mão, vejo que é exatamente o que eu tinha planejado. Sorrio para ela e faço um gesto de positivo. Ela sorri de volta. Agora já pegamos o jeito de nos compreendermos mutuamente.

Tem tantas fantasias e lingerie sensuais, que nem sei o que escolher. Abro alguns dos pacotes para ver as peças mais detalhadamente e ver se o tamanho está de acordo com meu corpo.

Há fantasias de quase todas as profissões que mais atraem aos homens. Policial, enfermeira, colegial e tantas outras. Mas o que mais me chamou atenção foi um conjunto de espartilho e cinta liga. Para completar a fantasia, uma meia arrastão vermelha que combinaria com o tom de cor dos meus cabelos.

É esse conjunto mesmo que vou levar. Só não sei se vou ser corajosa o bastante para usá-lo na presença de Augusto. Mas como pode ser nossa última noite juntos, preciso deixar todos os medos e inseguranças para trás.

Sinalizo para a vendedora separar esse conjunto e dou uma olhada em outros produtos que podem ser de grande utilidade para usarmos também. Vejo um monte de vidrinhos com líquidos coloridos, nem imagino para que servem, mas fico instigada a saber sobre seu conteúdo.

A vendedora vendo que não estou entendendo o que está escrito nos rótulos, pega um a um dos vidrinhos e faz gestos de como se estivesse aplicando uma massagem em alguém. Ah! Agora entendi. São óleos para massagem corporal.

Ela gesticula para que eu abra os vidrinhos para sentir o aroma. E me surpreendo com o que sinto. É um perfume tão gostoso e delicado que ninguém diria que é um produto vendido numa loja de sex shop. Abro vários para sentir cada aroma e escolho um que está mais ao meu agrado e que também acredito que Augusto irá gostar.

Produtos escolhido e pagos. Ela coloca tudo numa embalagem discreta, sem indicação nenhuma do que possa ter dentro dela. Por mais que não havíamos conversar especificamente, acabamos por nos entender muito bem. Agradei em francês, já que era uma das únicas palavras que sabia e segui de volta para a rua agora em busca de um lugar para almoçar.

Encontro um lugarzinho bacana, não é propriamente um restaurante, tem mais cara de bistrô, mas gosto do ambiente pequeno, com mobílias rústicas e culinária deliciosa. Se não fosse pelo pouco tempo que resta do meu horário de almoço, até ficaria aqui por mais tempo. Mas eu preciso voltar e terminar meu trabalho. Quem sabe consigo sair mais cedo e preparar tudo antes que Augusto chegue.

O problema vai ser convencê-lo me deixar ir embora de taxi e não ter que esperar por ele para me levar de volta ao hotel. Espero até mais tarde para ligar e avisar do meu plano de sair um pouco mais cedo e que serei capaz de pegar um taxi e informar o endereço desejado. Ainda bem que ele confiou em mim e assim posso adiantar as surpresas para mais tarde. Só espero que meus planos funcionem e que tenhamos uma noite para lá de

prazerosa e inesquecível.

Capítulo 24

O caminho todo de volta ao hotel, meu coração palpitou mais forte que o normal. Poderia até dizer que estava quase tendo um colapso de tanto nervoso. Nunca em minha jovem vida, ousei a fazer algo parecido com o que estava para acontecer dentro de pouco tempo.

Não sei de onde tirei tanta ousadia e desenvoltura para usar uma roupa íntima tão sexy. Tenho medo de que Augusto me ache vulgar e nada atraente, acabando assim com nossa última noite que poderemos passar juntos como um casal. Eu preciso não dar importância para os pensamentos negativos, ou tudo irá ser um desastre total.

Tenho pouco tempo para arrumar tudo antes dele chegar, então já corro para o banho e ficar preparada para nossa grande noite. Tomo um banho de banheira com tudo o que tenho direito, espumas e essências perfumadas. O óleo de massagem deixei exclusivamente para usar em Augusto.

De banho tomado e perfumada, começo a colocar a lingerie. Até aí tudo está dando certo, mas quando vou vestir a meia arrastão, é onde começa o desastre geral.

Primeiro porque foi difícil de conseguir enrolá-las em minhas mãos para que ficasse mais fácil de vestir. Todos aqueles buracos nelas só serviam para meus dedos irem escapando por entre eles enquanto vestia. Porque fui escolher esse tipo de peça sendo que nem sabia como usá-las? O que nós não fazemos por uma noite de prazer...

Lingerie e meias colocadas, chegou a vez do espartilho. Mais uma vez foi um sacrifício de colocar aquela coisa cheia de fitinhas para serem apertadas e modeladas ao corpo. A minha sorte foi que essas fitas estavam na frente do espartilho e não na parte de trás, senão eu precisaria de ajuda para vestir e adeus surpresa, porque seria impossível de vestir e eu não tinha a quem pedir ajuda.

Olho no espelho e gosto do resultado. Estou me sentindo muito gostosa, se possível, essa roupa me deixou até com um mais selvagem e dominadora. Acho que Augusto irá gostar de me ver dessa maneira. Mas agora preciso vestir alguma roupa por cima para que ele não me veja assim quando chegar. Quero esperar ele tomar um banho primeiro e jantarmos, aí então, coloco meus planos em ação.

Para enganá-lo bem e não deixar nenhuma pista, visto um pijama de calça e blusa bem fechada para não deixar nada do que estou usando por baixo aparecer. E foi só eu acabar de vestir que Augusto entra em nosso quarto. Ufa! Essa foi por pouco.

— Porque já está de pijama? Está doente? — Ele parece preocupado com meu bem-estar, mas preciso acalmá-lo.

— Estou bem, é que já tomei banho e como estou muito cansada, já me preparei para dormir. Assim quando o sono chegar é só cair na cama. — Digo com um sorrisinho tentando convencê-lo.

— Se é o que diz... — Augusto dá de ombros como dando assunto por encerrado.

Ele pega alguma peça de roupa em sua parte do guarda-roupa e segue para o banho. Pensei em jantarmos primeiro, mas mudei de ideia na última hora. Até jantarmos e depois eu terminar minha produção irá demorar muito, e com tanta ansiedade que estou para saber o que ele irá achar de minha surpresa, decido por deixar o jantar para depois.

Sei que Augusto não demorará em seu banho, então retiro meu pijama correndo, olho de novo no espelho, mas sei que falta um detalhe. Claro, os sapatos! De que adianta toda essa produção se não colocar um sapato de salto para completar o visual?

Corro até onde estão os meus sapatos que trouxe para ocasiões especiais e os coloco. Olho de novo no espelho, agora sim, estou me sentindo completa. Só dou mais uma ajeitada nos cabelos e pronto, perfeito.

Confiro se o óleo de massagem está ao lado da cama e ouço Augusto fechar a ducha. Ele parece contente, já que está assobiando uma música conhecida, mas totalmente desafinado, isso porque eu nem entendo muito dessas coisas de afinação, mas o assobio dele é de fazer a gente rir de tão ruim.

Não sei se deixo somente a luz do abajur acesa ou não. Mas nem dá tempo para decidir, pois ele acaba de abrir a porta do banheiro.

Ele está enxugando os cabelos, por isso seu rosto está coberto parcialmente e ele não pôde me ver ainda. Mas eu posso vê-lo claramente. Os movimentos dos músculos de seus braços ao fazer os movimentos para se enxugar, o peito desnudo, pés descalços e uma samba canção dos Minions.

Espera um pouco... Samba-canção dos Minions? É isso mesmo que estou vendo? Ele escolhe esse momento para jogar a toalha num canto qualquer e finalmente me enxerga à sua frente.

De olhos arregalados e boca aberta, ele percorre todo meu corpo de cima a baixo. Já sei que consegui surpreendê-lo. Talvez do mesmo jeito que ele me surpreendeu ao escolher essa estampada da samba canção. Não consigo me controlar e começo a rir descontrolada. O que era para ser um momento de sedução, acabou se tornando uma grande comédia.

— O que significa isso tudo? – Ele diz apontando para meu corpo.

— Não está claro o suficiente? Eu pensei que podíamos ter uma noite especial, mas você com essa cueca aí, acabou com todo meu autocontrole e agora não consigo parar de rir.

— De novo vai implicar com minha cueca?

— É mais uma aposta que você perdeu e te obrigaram a usá-la?

— Não, Beatriz... Essa eu que comprei por livre e espontânea vontade. – Diz de modo muito emburrado.

— Não posso acreditar que você entrou numa loja e escolheu essa estampa.

— Vejo que não sou o único a ter a cara de pau de comprar algo chamativo, não é mesmo?

Caramba! Por essa eu não esperava. Fico abismada com toda essa situação. Tudo estava saindo do meu controle.

— Você não gostou da minha roupa? — Fico até com medo de ter perguntado, mas já que comecei, não adianta fingir que nada está acontecendo.

— Mas é claro que eu gostei! Só que poderia ser diferente se você não tivesse ficado rindo da minha cueca.

— Eu sei que minha reação foi exagerada, mas é que eu planejei tanto por essa noite, e quando vejo você vestindo essa cueca dos Minions, não há clima de sedução que resista.

— Se você tivesse sido boazinha e me dito antes que planejava uma noite de sedução, com certeza eu vestiria algo mais apropriado. Ou, melhor ainda, não vestiria nada.

Pronto, o Augusto sedutor já está de volta. Vejo pela sua cara de safado que não está mais bravo comigo por ter ficado rindo. Ainda bem, nossa noite de sedução pelo jeito ainda está para acontecer.

— Vamos fingir que nada aconteceu e seguir como eu planejei nossa noite.

— Quer dizer então que a senhorita se dispôs a comprar uma roupinha especial para me seduzir? Pois saiba que estou adorando tudo isso.

Agora fiquei feliz por estar saindo do jeito que imaginei. Já deixamos de lado aquele primeiro impacto cômico e podemos dar continuidade aos jogos de sedução.

— Nunca pensei que um dia eu pudesse usar esse tipo de lingerie, mas como hoje pode ser a nossa última noite juntos, quis preparar uma coisa diferente. Mas confesso que o medo de você não gostar estava me corroendo por dentro.

— E como eu poderia não gostar? Você está um espetáculo vestindo essa meia toda furadinha. — Homens... Ele ao menos conhece o estilo da meia arrastão. Mas eu entendo, eles são preocupados apenas com o visual, pouco importa como as peças de roupas são denominadas.

Vou aproximando dele tentando fazer uma caminhada sensual e exalando poder, mas falho miseravelmente ao torcer meu tornozelo com esse maldito salto e quase cair. Por sorte ele consegue chegar até mim antes que eu caia.

Apoio minhas mãos em seu peito enquanto ele segura meus braços. Tudo que poderia dar de errado esta noite está acontecendo. É incrível a falta de sorte que eu tenho para essas coisas. E eu que pensei que poderia estar numa maré boa, já que há vários dias eu não sofri nenhum tipo de acidente ou fiz algo que pudesse me envergonhar na frente das pessoas.

Sei que meu rosto deve estar vermelho igual a um tomate, mas para tentar reverter toda essa situação, aproveito que já estou com as mãos em seu corpo e começo a tateá-lo.

Ele me olha de forma estranha, como se eu fosse doida. Quem transforma um quase vexame em uma tentativa de sedução? Só eu mesma para ser capaz dessas doideiras.

Eu continuo tentando seduzi-lo, até que ele começa a ceder e a acariciar meu corpo também. Mas quando tento dar um passo para trás, sinto uma dor latejante em meu tornozelo. Talvez com toda a adrenalina correndo por minhas veias, eu não houvesse dado tanta importância para meu tropeço e por isso não havia sentido a dor antes. Mas agora está uma dor insuportável e mal consigo apoiar em meu pé.

— Você está bem? Está machucada? – Ele pergunta preocupado com meus gemidos de dor.

— Ai... eu não consigo colocar meu pé no chão. Eu pensei que só tivesse tropeçado, mas agora está doendo muito.

— Deixa que eu te ajudo a ir até a cama. – Augusto me pega no colo e me carrega até a cama.

Quase está parecendo uma cena de lua de mel, onde o marido carrega a esposa no colo para sua noite de núpcias. Mas, com a gente, parece uma cena tragicômica. Eu, vestida com essa lingerie toda sensual, de meia arrastão e salto, e Augusto vestindo uma samba canção dos Minions. Dá até vontade de chorar.

— Ai! – Continuo gemendo de dor quando ele me coloca na cama.

— Será que está quebrado?

— Acho que não, deve ser só uma torção mesmo. Mas é que dói muito.

— Me deixa ver como está.

Ele segura meu pé com todo cuidado para tentar não piorar minha dor, mas é quase impossível não sentir a dor aumentar quando mexe em meu pé. Tento me fazer de forte e controlar a dor, mas é difícil esconder o que estou sentindo.

Augusto tira meu sapato, e sinto um alívio imediato com a sensação de liberdade.

— Não consigo ver direito com essa meia. Acho melhor tirá-la.

Não era bem assim que pensei em como essa meia seria retirada, mas já vi que nossa noite especial foi por água abaixo.

Solto a meia da cinta liga e quando começo a enrolá-la para tirar, Augusto me impede de continuar.

— Imagino o quanto você se preparou para essa noite e que por azar, tudo não saiu como fora planejado. Se bem te conheço, você deve estar sentindo uma frustração sem tamanho. Então, ao menos me deixa tentar fazer com que essa noite não seja completamente em vão.

Olho para ele completamente incrédula por ainda tentar fazer com que toda essa confusão acabe tendo um final feliz.

Sem tirar os olhos dos meus, Augusto vai descendo minha meia lentamente. Tão lentamente, que sinto as pontas de seus dedos percorrem centímetro a centímetro sobre minha perna.

É impossível não ficar arrepiada com o suave carinho. A dor no meu pé já ficou em segundo plano. Não que ela ainda não estivesse ali, mas outros sentidos e sensações estavam tomando conta do meu corpo, e garanto que essa sensação é muito mais prazerosa.

Não consigo conter um gemido que escapada de minha garganta.

— Estou te machucando? – Augusto para o que está fazendo achando que estava me

machucando.

— Não foi um gemido de dor, Augusto. — Respondi de maneira envergonhada por não conseguir conter minhas emoções.

— Ah, agora entendi! — Demorou uns segundos até que ele finalmente compreendesse o que quis dizer. — Hum... Quer dizer que minhas mãos têm o dom de curar as suas dores e transformá-las em prazer?

— Não precisa ser exagerado porque também não é bem assim. — Ele volta a descer minha meia, agora chegando ao ponto onde ainda dói.

Outro gemido, só que agora mais forte, incontável, e de dor.

— Puta que pariu! — Foi difícil não segurar um palavrão com a dor que senti quando ele terminou de tirar minha meia ao passá-la por meu pé dolorido.

— Olha o linguajar, mocinha! — Augusto me repreende.

— Você fala isso porque não é seu pé que está doendo.

A careta que ele faz ao observar mais de perto meu pé, me assusta.

— Agora vejo que o porquê do seu palavrão. Seu pé está começando a ficar inchado, que até já tem todos os desenhos dos buraquinhos da meia.

Não acredito no que ele fala e me posiciono melhor na cama para conseguir ver mais de perto. E não é que é verdade que meu pé está todo marcado com o formato da meia? Parece um pão com aqueles cortes que são feitos antes de colocá-los para assar.

Olho para ele e fica difícil não rirmos dessa imagem. Mesmo com toda a dor que estou sentindo, não dá para negar que é engraçado.

— Acho melhor colocar um pouco de gelo aqui, ou amanhã você nem conseguirá botar o pé no chão.

— Culpa desse salto maldito. E ainda que estou acostumada com eles, imagina se não fosse? Poderia até quebrar uma perna desse jeito.

— Quanto exagero, não deve ser tão complicado assim.

— Ah, não? Fala isso só porque nunca teve que se equilibrar num salto fino e ainda por cima que te espremam os dedos durante o dia todo. A melhor sensação do mundo é a de chegar em casa e jogar os sapatos em qualquer lugar.

— Vendo desse ponto de vista, deve ser bem doloroso mesmo. Mas também a imagem de uma mulher usando saltos, é bem excitante. — Homens e suas taras... — Não me julgue desse jeito, não. Sei o que deve estar pensando, mas quando digo que acho excitante, é o poder que a mulher exerce ao caminhar com toda aquela elegância. O charme, a confiança em si. Posso estar falando um monte de besteira, mas é o que eu acho.

— Você não está de todo errado com essa suposição. Mas não é só isso. Sempre tem aquela cobrança da sociedade que mulher deve se apresentar com toda sua feminilidade e todas aquelas baboseiras a mais. Só que hoje os tempos mudaram, a mulher para sentir-se poderosa não precisa estar em cima de um salto. É mais a atitude dela do que qualquer vestimenta ou aparência que conta.

— Sim, você tem toda razão. Precisamos quebrar essas regras imposta por uma sociedade cruel e machista, onde as mulheres não precisam sofrer em cima de um salto para serem valorizadas por suas qualidades. Mas mudando de assunto, vou pegar um pouco de gelo para colocar em seu pé. Fique aí paradinha que eu volto logo.

— Não é como se eu fosse conseguir ir a algum lugar desse jeito. — Ele apenas sorri com minha ironia e vai até ao pequeno frigobar do quarto para pegar o gelo.

Fico massageando meu pé para tentar aliviar a dor, mas parece que não adianta de nada. Augusto vem com o gelo enrolado numa toalha que pegou no banheiro e coloca sobre meu pé. Repuxo minha perna com a sensação gelada, fazendo com que a dor aumenta um pouco mais.

— Não faz isso, Beatriz! É só aguentar alguns minutinhos que logo você sentirá como se o seu pé estivesse anestesiado e um alívio imediato na dor. Confie em mim, eu já tive várias torções como esta quando jogava futebol com meus amigos.

— Eu sempre fui muito desastrada, essa também não é a minha primeira torção e com certeza, com toda minha “sorte”, essa também não será a última.

— Tão dramática... Você parece que vive a base da lei de Murphy: “Tudo que puder dar errado, dará”. Pense positivo, que as coisas irão melhorar.

Faço uma careta com seu comentário não acreditando muito que a força do pensamento positivo possa mudar o desastre que sou em algumas situações.

Bem como ele havia dito, em poucos minutos já senti meu pé anestesiado pelo gelo e a dor diminuir consideravelmente. Já até estava conseguindo mexer todos os meus dedos sem problemas, o que meu deu a grande ideia de continuar com meus planos anteriores.

Agora que já estava me sentindo melhor, ainda poderíamos ter nossa noite especial. Então, enquanto ele foi levar a toalha com o restinho de gelo para o banheiro, me estiquei na cama e peguei o vidrinho com o óleo de massagem.

Tudo bem que eu planejei várias outras preliminares antes, mas para não dar com o plano todo por encerrado, ao menos a massagem em Augusto eu faria.

Quando vejo que ele está vindo, faço um sinal com o dedo o chamando de volta para a cama. Ele arqueia a sobrancelha como se não estivesse acreditando no que está vendo.

— Venha aqui. — Ordeno.

— O que você vai fazer?

— Aquilo que eu planejei. Ao menos uma parte daquilo que planejei.

— Tem certeza de que já está bem para isso? Não quero que você se machuque ainda mais.

— Não se preocupe, já estou bem melhor. E não quero desperdiçar nossa noite por causa de uma torção.

— Acho melhor você fazer repouso, estamos nos últimos dias aqui e sábado será um dia bem cansativo. E se o seu pé estiver pior? O que faremos na inauguração?

— Pode ter certeza de que de um jeito ou de outro, irei cumprir meus compromissos. E

essa noite é um deles. Acho que você já me conhece o suficiente para saber que quando eu determino um objetivo, eu vou com ele até o fim.

— Ah, mas é muito teimosa mesmo!

— Por quê? Você não está a fim?

— Que pergunta mais absurda! É claro que estou a fim, desde o segundo em que te vi vestida desse jeito, tão sensual, que fez meu sangue pulsar mais rápido e minhas veias esquentarem. Mas só quero ter certeza de que você está tomando a decisão certa.

— Sim, Augusto. Estou certíssima do que eu desejo. E nesse momento, é você.

— Agora estou me sentindo como um objeto sexual.

— Ah, qual é? Não precisa sentir como se fosse apenas um objeto para o meu prazer. Sei muito bem o quanto você gosta disso tudo. — Digo ao fazer um gesto demonstrando meu corpo. Nem sei de onde surgiu tanta ousadia assim.

Ele tenta dizer algo para me contradizer, mas acaba apenas balbuciando palavras incompletas. Entendo muito bem que isso só pode significar que ele está contra sua própria vontade concordando comigo.

— Ah, que se dane!

Ele mal termina de dizer e já está sobre mim me beijando vorazmente como se fosse nosso último beijo. Passado o susto, retribuo o beijo da mesma maneira. Já nem me lembro mais da dor em meu pé. Tudo o que quero agora, é que Augusto continue a me beijar dessa maneira.

Arranho suas costas, puxo seu cabelo e sinto suas mãos apertando minha coxa e meu seio. Nossas mãos e corpos parecem estar num duelo, mas não haverá apenas um vencedor no final.

Ele quer tirar meu espartilho, mas acaba se enroscando todo com as fitas que o amarram, até que acaba por dar um nó, dificultando ainda mais para tirar.

— Mas que droga! Como que tira esse negócio, Beatriz? — Ele já está impaciente por não conseguir desfazer o nó.

— Você deu um nó. Deixa eu tentar desfazê-lo.

— Não tinha uma coisa dessas com zíper?

— Não. Espartilhos são feitos com fitas para ir moldando no corpo da mulher.

— Mas poderiam facilitar para os homens abri-los então.

Nem respondo, pois já sei que ele está ficando frustrado. Com um pouco mais de calma, finalmente consigo desfazer o nó e liberar os primeiros espaços por quais as fitas estavam passadas.

— Pronto, agora pode tirar o restante. Mas é só fazer com um pouco mais de delicadeza, senão vai dar nó de novo.

Augusto, enquanto vai desamarrando o espartilho, aproveita para ir beijando cada pedaço de pele que está sendo exposta.

Agarro o lençol com as mãos com o tamanho prazer. Na verdade queria agarrá-lo, mas seu corpo já deve estar todo arranhado por minhas unhas e não quero deixá-lo machucado.

Ele já conhece meu corpo e sabe onde sinto maior prazer e excitação. E é nesse ponto que perco todo meu autocontrole. Tirando forças não sei de onde, viro sobre ele, deixando-o abaixo de mim.

Prendendo seu corpo com minhas pernas, beijo todo seu rosto, pescoço e finalmente seus lábios. Beijar Augusto é uma das melhores coisas que descobri. Só penso em como será quando eu não tiver mais dos seus beijos, seu corpo... Eu nunca fui acostumada a demonstrar todo esse carinho aos meus parceiros. Talvez fosse por não gostar deles o suficiente para isso. Mas com Augusto, isso se torna tão natural e espontâneo que não quero perder esse contato de jeito nenhum. Mas nosso tempo está se esgotando. O relógio está correndo contra a nosso favor.

Tento deixar essa preocupação para outro momento e focar minha atenção no agora. Suas mãos agarrando minha cintura, me trazendo para mais perto onde seu corpo demonstra estar pronto para mim, assim como eu também já estou pronta para ele.

O tecido sedoso de sua samba-canção roçando em minha pele me deixa ainda mais com desejo, mas quando lembro da estampa dos Minions, não aguento e começo a rir em meio aos beijos trocados.

— Posso saber o motivo da graça agora, Beatriz?

— É que me lembrei do desenho da sua samba-canção e isso acabou me distraindo.

— Então posso resolver isso já.

Mesmo comigo ainda sobre seu corpo, ele consegue nos erguer o suficiente para puxar sua samba-canção para fora de seu corpo. Com alguns movimentos meio desajeitados das pernas, ele termina de tirá-la.

— Pronto... Problema resolvido. Agora volte ao que estava fazendo.

Mas ele é muito atrevido mesmo. Mas até parece que eu queria estar em outro lugar. De jeito nenhum. Daqui não saio e daqui ninguém me tira tão cedo. Termino de tirar toda minha lingerie e voltamos aos nossos beijos ardentes, mãos afoitas querendo estar em todos os lugares, gemidos de prazer.

Augusto consegue me virar tão rápido, mas desajeitadamente, que quase nos faz cair da cama.

— Calma, rapaz! Já basta meu pé machucado, e você quer nos derrubar ainda?

— É que você me deixa tão louco de desejo, que não consigo raciocinar direito.

— É bom saber desse poder que tenho sobre você. Pena que não posso usá-lo futuramente.

— Ah, não estraga o momento, Beatriz. Agora não é hora de termos uma “DR”.

— Ponto para você. Não planejei essa noite para discussão e sim, para que fosse uma noite de prazer.

— Então vamos fazer esse prazer acontecer.

Sem mais demoras, já estamos de volta aos amassos, beijos, e até mordidinhas em alguns pontos específicos do corpo um do outro.

A noite estava só começando e eu nem pude usar o óleo de massagem que comprei para usar com ele. O vidrinho ficou completamente esquecido num canto qualquer ao lado da cama.

A massagem ficaria para outra oportunidade, se houvesse.

Capítulo 25

Hoje é sexta-feira, último dia útil para terminar todos os documentos e projetos para a inauguração de amanhã.

Acordei com o corpo todo dolorido, além é claro do meu pé. Depois de todas as extravagâncias, posições estranhas e poucas horas de sono, é claro que meu pé não teria como se recuperar de uma torção assim tão rápido.

Augusto dormia de bruços, seu rosto virado para mim, quase babando no travesseiro. Um de seus braços agarrado a minha cintura, uma perna quase para fora da cama, almofadas e edredom jogados ao chão. Parecia que havia passado um furacão pelo nosso quarto, mas foi apenas a empolgação do momento. E que empolgação! Que coisa de louco que foi nossa última noite juntos. Ainda temos mais essa noite, para passarmos aqui, mas digo última, onde pudemos saciar todos nossos desejos.

Como não dormimos quase nada, teríamos um dia de louco com tanta correria, com certeza à noite não estaríamos com disposição para mais nada. Ainda mais com a chegada do diretor essa noite e a reunião de última hora que ainda teríamos que ter com ele antes da inauguração.

Olho no relógio e vejo que estamos quase atrasados para o trabalho.

— Augusto... — Estranho a rouquidão na minha voz ao tentar acordá-lo. Estou até com medo me ver meu rosto no espelho, devo estar parecendo uma boneca mal assombrada.

Ele resmunga nem dando atenção para o meu chamado. Empurro seu ombro de leve e o chamo novamente. Mas quem diz que ele quer acordar. Parece um trator com o motor ligado de tanto que está roncando.

— Acorda, Augusto! — Grito ao seu ouvido fazendo-o tomar um grande susto.

— Mas que droga, Beatriz! Precisa gritar assim no meu ouvido. — Ele tampa sua cabeça com o travesseiro não querendo olhar para mim.

— Eu também queria dormir mais um pouco, mas já estamos atrasados. Não podemos colocar todo nosso sacrifício a perder no nosso último dia de trabalho aqui.

— Hum... — É apenas o que ele consegue pronunciar. Ao menos acredito que seja em concordância comigo.

— Vamos, levanta!

— Ah, que mulher mandona! Levanta você primeiro, depois eu vou.

— Mas é preguiçoso mesmo, parece criança. Tudo bem, eu vou tomar meu banho. Enquanto isso você pede nosso café da manhã.

Não obtenho nenhuma resposta de sua parte. Quero acreditar que ele ao menos prestou atenção do que eu disse e fará o que pedi.

Tomo um rápido banho e já saio do banheiro vestida, maquiada e com os cabelos arrumados, e isso tudo em tempo recorde. Só falta calçar os sapatos, mas vou deixar por

último para não apertar muito meu pé. Por sorte ele já está bem melhor e só um pouco inchado. Estou mancando um pouquinho, mas nada que me impeça de ir trabalhar.

Qual não é a minha surpresa ao ver Augusto do mesmo jeito em que o deixei antes de ir para o banho. Estava dormindo na mesma posição e mesmo com a cabeça coberta pelo travesseiro, seu ronco era mega alto.

Quanta ingenuidade a minha ao pensar que assim que saísse do banho iria ter um café da manhã me esperando. Uma fúria começa a tomar conta do meu corpo e preciso colocar isso pra fora ou irei explodir de raiva.

Pego meu travesseiro e começo a bater com ele em Augusto. Mais uma vez ele acorda assustado com meu ataque.

— O que foi que eu fiz para você ficar me batendo? — Ele tenta se desvencilhar das travesseiradas.

— Você tem coragem de perguntar ainda? Eu já não disse que estávamos atrasados? Era para você pedir o café para nós, mas a “Bela Adormecida” aí, quis ficar dormindo.

— Estava esperando um beijo seu para acordar. — Ainda por cima, sou obrigada a ouvir uma resposta como esta. Onde foi que eu errei, meu Deus!

— Augusto... Isso não é hora para brincadeira. Por favor, colabora com a coleguinha aqui, ao menos dessa vez? Será que é pedir muito?

— Chata, não posso nem brincar. — Diz tão baixo que mal consegui entender, mas sabia que ele estava zangado por eu tê-lo acordado de forma tão brusca e intempestiva. Mas não estou nem aí para o que ele pensa. Eu estou com a razão e ponto final.

— Ah, vai logo tomar banho! Nem vou pedir mais para trazer nosso café. Vamos descer até o restaurante e comer alguma coisa rapidinha por lá mesmo.

Ainda emburrado, ele vai até o banheiro. A imagem dele de costas, com os cabelos totalmente bagunçados, a samba-canção dos Minions quase caindo, deixando a mostra uma faixa de sua bunda branca, me traz uma mistura de sentimentos. Alegria, tesão, perda, saudade.

Minha mente está uma completa bagunça. Preciso de férias, ficar reclusa num canto e fazendo meditação. Não, definitivamente meditação não é para mim. Não consigo desligar minha mente e ficar ao menos míseros segundos sem pensar em nada.

Dou uma ajeitada nas roupas bagunçadas pelo quarto enquanto espero pela “Bela Adormecida” terminar seu banho. Ainda hoje, quando voltarmos do expediente, precisamos começar a arrumar nossas malas. Nosso voo já está programado para sair quase na madrugada de sábado para domingo. Era só o tempo de terminar toda a inauguração e o *cocktail* que haveria para os convidados, que voltaríamos para o hotel descansar um pouco e dentro de poucas horas já partir para o aeroporto.

Não demorou muito e Augusto sai do banheiro vestido apenas com uma cueca boxer preta e enxugando os cabelos. Eu até poderia estar brigando por ele ainda não estar quase pronto, mas a visão é tão maravilhosa que me deixa sem palavras.

— Sei que você gosta de me ver desse jeito, mas garanto que se continuar me olhando

desse jeito, pode esquecer esse dia de trabalho.

— Mas é muito convencido, mesmo. Estou apenas chocada por você ainda não estar vestido. E que iremos nos atrasar ainda mais por isso.

— Tá bom que eu acredito nisso...

— Vamos, Augusto! Deixa de ladainha e se veste logo. Estou com fome e só vai dar tempo de engolir um cafezinho. E você sabe muito bem que quando eu fico com fome, meu humor fica um desastre total.

— Ah, e como eu sei. Estou tendo agora mesmo uma prévia do que ainda virá pelo dia de hoje.

— Pois bem, comece a colaborar que prometo me comportar ao longo do dia.

— Tá bom, já vou me vestir. Se quiser, já pode ir descendo, eu te encontro no restaurante. Assim talvez você consiga comer alguma coisinha também.

— Boa ideia. Vou indo mesmo e já pego para você também para ser mais rápido.

— Muito bem. Vê se pega daqueles pãezinhos com recheio de chocolate. Nossa! Vou sentir muita falta desse pão quando formos embora.

Pego minha bolsa e quando já estou quase saindo do quarto ele grita:

— Pega também um pouco de salada de frutas e um copo de suco bem gelado.

— Vê se me erra, Augusto! Estou só fazendo um favor e você já quer abusar da minha generosidade.

— Ah, qual é? Você já vai estar lá mesmo, custa pegar um pouquinho a mais para mim?

Nem respondo, apenas viro e saio batendo a porta para ele saber que não estou nenhum pouco contente com ele. Hoje acordei com um mau humor do cão, nem eu estou suportando tanto ressentimento. Estou sofrendo por antecipação com a despedida dessa nossa “relação”. Isso não está me fazendo nada bem.

A fila para pegar o café estava quase vazia, então até que foi bem rápido. Querendo me desculpar por ter sido tão rude com Augusto, peguei um pouco de tudo que ele havia me pedido. Já que estamos atrasados, mais alguns minutinhos não fará tanta diferença assim.

Arranjo uma mesa para sentarmos e começo a comer um dos pãezinhos que peguei para mim também, já que eu teria mesmo que esperar por ele, então porque não comer também?

Estou distraída, pensando nas coisas que falta fazer para deixar tudo pronto para amanhã, e eis que surge aquela visão. Augusto está ali, parado na porta do restaurante, vestido com um terno super alinhado e elegante. Quase derrubo todo o café da xícara, eu não esperava vê-lo vestido dessa maneira.

Seu olhar percorre todo o ambiente até me encontrar. O sorriso que ele abre ao me ver, é encantador. Involuntariamente solto um suspiro com tamanha beleza e charme desse homem. Não sei o que será de mim sem ele. Justo eu que nunca fui dependente de ninguém, agora estou aqui suspirando por um homem que descobri além de ser um bom companheiro, é gostoso pra caramba.

Vem ao meu encontro parecendo estar desfilando numa passarela com todo seu porte atlético. Ele sabe o charme que tem e o que sua beleza causa nas mulheres. As poucas que estão no restaurante, só faltam perder a cabeça ao seguir com o olhar para onde ele estava seguindo, e claro que para minha sorte, ele vinha direto em minha direção e sem nem olhar para os lados.

— Está babando, Beatriz.

— O quê? – Digo saindo do meu torpor.

— Disse que está babando pela minha beleza.

— Deixa de ser besta, rapaz! Só estou achando estranho o porquê de você estar vestido desse jeito.

— Eu me esqueci de te dizer. É que hoje irá ter uma reunião com vários empresários e suas equipes de marketing, e eu estarei representando nossa fábrica, já que o diretor ainda não chegou para poder participar também.

— E porque não me avisou antes? Ou você não quer que eu participe e está tentando me passar a perna e roubar meu emprego?

— Mas é claro que não é isso! É apenas porque eu falo um pouco mais de francês, e se eu fosse ficar traduzindo para você, seria um pouco complicado. Pensei que se a gente dividir as tarefas não fica cansativo para ninguém. E outra coisa, achei que essa sua desconfiança de que quero roubar sua função já estivesse totalmente descartada, ou eu estava esse tempo todo enganado?

— Não, você não está enganado. Acho que sou eu que já estou ficando maluca, pensando sobre possibilidades impossíveis. Me perdoe por toda essa interrogação e se deu a entender que não confio em você.

— Tudo bem, vamos deixar esse assunto por encerrado.

Tomamos nosso café, mas eu estava muito desconfortável pelo papel de idiota que havia feito. Nem consegui aproveitar das minhas guloseimas, já Augusto, parecia estar se deliciando com toda aquela fartura em seu prato. É como se nada o deixasse abalado.

Ao me levantar, quase caio de novo por sentir uma “fisgada” no tornozelo. Consigo me apoiar em Augusto e solto em gemido de dor.

— Pensei que seu pé tivesse melhor.

— Mas estava, eu acordei quase sem dor. Mas acho que quando apoio o peso do corpo para me levantar ele sente um pouco mais do impacto.

— Quer que eu te leve ao médico para ver isso?

— Não é preciso. Ainda mais que estaremos indo embora amanhã. Acredito que eu consiga aguentar até lá.

— Você quem sabe. Só fico preocupado se ele piorar e você não conseguir participar da inauguração amanhã.

— Vai ficar tudo bem. Como eu já te disse, não é a primeira vez que isso acontece comigo.

Ele passa o braço por minha cintura me dando apoio para caminharmos até o carro.

Augusto faz questão de me levar até minha mesa, mesmo que isso faça com que ele atrase um pouco mais para o encontro dos empresários. Disse que em primeiro lugar vinha o meu bem-estar. E como não me apaixonar ainda mais por esse homem? Estou perdida.

O que me resta de tempo na parte da manhã, passo entre acertos de documentos e material de publicidade. Júlio fez questão de buscar meu almoço, e almoçar aqui comigo, já que Augusto estaria fora.

No meio da tarde, Augusto chega com um rosto demonstrando cansaço.

— Pelo jeito essa reunião deve ter sido bem chata.

— E como foi... Estou até com dor de cabeça. E você como está? Melhorou a dor?

— Sim, fiquei aqui quietinha com o pé para cima e isso já ajudou muito.

— Você conseguiu sair para almoçar?

— Júlio fez a gentileza de me trazer e ficou para me acompanhar.

— Hum... – Ele resmungada com uma cara nada agradável.

— O quê significa essa cara de emburrado?

— Acho que ele está caidinho por você.

— Claro que não! Ele só quis ser simpático ao ver minha dificuldade para andar, só isso.

— Você que pensa... Eu entendo muito bem o que se passa na cabeça dos homens, e ele não é diferente de ninguém.

— Isso por acaso é um sinal de ciúme, Augusto.

— Claro que não! – Nossa, a voz dele até saiu mais fina ao negar o que está mais que evidente seu sentimento por mim.

— É só preocupação. Eu me importo com sua segurança e bem-estar. Só isso, mais nada.

— Aham, sei.

Agora que ele está de volta ao escritório, em pouco tempo conseguimos terminar tudo por aqui. Uma sensação de alívio, de missão cumprida, parece ter saído das minhas costas. Esse quase um mês que passamos em Cannes foi muito bom, mas também muito cansativo.

Sentirei saudades dos passeios na praia, ver o sol se pondo no horizonte numa típica tarde de verão, as visitas em lojas famosas, mas a falta de grana para comprar os produtos caros foi a parte triste. Do resto, só tenho a agradecer pelo trabalho que tenho, pela profissão que escolhi e exerço com muito gosto, mesmo com o prazo curto para apresentar uma proposta de publicidade tão grande em um tempo tão pequeno.

Mas a dupla que Augusto e eu fizemos, deu muito certo. E eu que pensei que não seria capaz de trabalhar com ele, por conta de suas brincadeiras. Subestimei seu potencial e profissionalismo por causa de um julgamento precipitado. Agora aprendi a não julgar sem antes conhecer muito bem a pessoa, do mesmo modo que não quero ser julgada por ser

uma pessoa desastrada e viciada em trabalho.

Ao deixar o escritório e verificar se não havíamos esquecido nada, senti um aperto no peito, uma sensação de saudade inexplicável. Percebi que Augusto me encarava com um olhar questionador.

— Porque está chorando? — Droga! Eu estou chorando? Como isso é possível?

— Tantas coisas acontecendo tão rápido, essa viagem inesperada, toda essa correria para a inauguração, nosso envolvimento. É uma sensação de alegria por conseguir finalizar tudo dentro do prazo, mas ao mesmo tempo aquela coisinha que fica faltando ser explicada e você não sabe muito bem o que é.

— Sim, consigo entender o que você quer dizer com isso. É como se fosse uma sensação de angústia, um aperto no peito que você não sabe o que fazer, como agir.

— Isso mesmo, definiu muito bem o sentimento. Agora não sei o que fazer pra isso passar.

— Eu sei. Vamos dar uma última volta na praia e ver o pôr do sol.

— Não sei se vou aguentar andar tanto, tenho medo de a minha dor aumentar e amanhã nem conseguir calçar os sapatos.

— Eu escolho um lugar perto para estacionar o carro e podemos apenas ficar sentados para ver o pôr do sol.

— Se for assim, então acho que consigo.

— Então vamos. Tem certeza de que não esquecemos nada por aqui?

— Tenho, sim. Já olhei em tudo, e tudo o que restava de documentos, está dentro dessa pasta. As coisas pessoais já tínhamos levado embora.

— Então isso é um adeus de verdade desse lugar. Amanhã só estaremos na loja e então tchau, França.

— Foi bom enquanto durou. Mas só de saber que em breve iremos para outro lugar, isso traz um novo sentimento de ansiedade para saber para onde seremos mandados agora.

— Seja onde for, sei que seremos essa dupla fantástica de novo, capaz de fazer um trabalho em equipe incrível e ainda conseguirmos nos divertir.

— Tomara. — Não consegui confirmar mais nada, pois não sabia como estaria nossa relação pessoal como um casal e se isso fosse capaz de alterar nossa relação profissional.

Saímos do escritório, finalizando essa parte dos trabalhos. Agora só mais um dia e podemos dar como missão cumprida.

Como prometido, Augusto escolheu um local bem apropriado para estacionar o carro. Como estávamos vestidos em roupas e sapatos sociais, ficaria inviável caminhar ou sentar na areia, então ele parou próximo de onde havia uma grande pedra. Assim poderíamos ficar mais a vontade, mesmo estando com roupas inapropriadas para uma praia.

Tentamos amenizar um pouco para não ser tão desconfortável. Tiramos os sapatos, e Augusto deixou no carro o paletó e gravata. Dobrou as mangas da camisa até os cotovelos

e abriu os dois primeiros botões. Eu não tinha como fazer nada quanto a minha roupa, mas só de sentir o alívio em meu pé ao deixá-lo livre do aperto de sapatos, já valia qualquer outro sacrifício.

Ele me ajudou a subir na pedra, pois com minha total falta de coordenação habitual e mais o agravante de não conseguir me equilibrar muito em meu pé machucado, era bem capaz de me desequilibrar e rolar pedra abaixo.

Sentamos de frente para o mar. O sol já começando a sua caminhada para ir embora e deixar para que a lua pudesse brilhar nesse céu maravilhoso.

Augusto sentou atrás de mim e me deixou apoiar em seu corpo. Passou seus braços em volta de minha cintura e ficamos ali, sem nada a ser dito. A ocasião não pedia por palavras. Era o sentimento que dominava o momento da despedida. Nosso último pôr do sol que poderemos presenciar em Cannes.

Deito minha cabeça em seu ombro e é inevitável segurar as lágrimas que rolam pelo meu rosto novamente. Não sei o que está me deixando tão emotiva ultimamente. Antes eu sempre apreciei as belezas da natureza, mas nunca ao ponto de chorar por isso. Talvez seja a companhia que está me deixando mais sentimental.

— Vou sentir muita falta desses fins de tarde. Ver o sol se pôr junto a uma agradável companhia. — Augusto diz aos pés do meu ouvido. Leva um tempo até eu entender que ele está sentindo o mesmo que eu.

— Estou aqui pensando exatamente a mesma coisa.

— Com essa convivência, até nossos pensamentos ficaram coordenados.

— Acho que é porque finalmente conseguimos nos entender. E tudo isso acaba amanhã com nossa partida de volta para casa.

— Quem disse que precisa acabar? Nós ainda iremos trabalhar muito tempo juntos e ainda haverá outras tantas viagens. Ou seja, novas oportunidades virão.

— Mas não sabemos se teremos a mesma cumplicidade de agora.

— Isso só o tempo será capaz de nos mostrar.

Agora com o céu já escurecido, é hora de voltarmos para o hotel. Precisamos terminar de arrumar nossas malas e dormirmos cedo. Amanhã será um longo e corrido dia.

Capítulo 26

Como o planejado, Augusto e eu terminamos de arrumar todas as nossas roupas e acessórios nas malas. O telefone do quarto toca, Augusto atende e é informado que o diretor já havia chegado e que estava nos aguardando em seu quarto para que pudéssemos lhe passar as coordenadas para o dia de amanhã.

Sigo com Augusto até o andar de cima, onde o diretor está hospedado. Primeiro ele nos cumprimenta e pergunta como foi nossa estadia nessa maravilhosa cidade. Depois de contarmos apenas alguns de nossos passeios, pois é claro que não diríamos do nosso relacionamento relâmpago, começamos a contar sobre o trabalho.

Passamos da parte divertida da viagem para a parte prática e burocrática da reunião. Contamos tudo o que fizemos para melhorar na divulgação da loja e nossas expectativas para o dia de amanhã. Só recebemos elogios do diretor e agradecimentos por termos feito um trabalho tão bom em pouquíssimo tempo.

Como ele estava muito cansado da viagem, achou melhor jantar em seu quarto e que fôssemos todos dormirmos mais cedo. Mal sabia ele que essa era exatamente a nossa intenção. E nem dissemos que estávamos dividindo o mesmo quarto, ele não entenderia o porquê dessa situação, já que havia verba suficiente para cada um de nós termos nosso próprio quarto.

— Que sorte a nossa ele não quere ir ao nosso quarto, ou então descobriria que estamos dividindo o mesmo e não saberíamos como explicar.

— Somos apenas dois colegas querendo economizar o dinheiro. Diríamos apenas isto, Beatriz.

Sempre que Augusto diz que somos apenas amigos, uma dorzinha surge em meu peito. Inconscientemente eu queria ouvir outras palavras.

Estávamos muito cansados, achamos melhor ambos colocarmos nossos celulares para despertar, para não haver risco de perder a hora de acordar de novo. Amanhã o dia não permitia que nada desse errado, muito menos começando conosco perdendo a hora do evento.

Deitei e me virei de costas para Augusto, eu não queria ficar tentada a dormir abraçada a ele. Mesmo que fosse de forma inconsciente. Mas para meu deleite e prazer, Augusto se aconchegou às minhas costas e passou o braço pela minha cintura. Eu não consegui ter nenhuma reação, não sabia se me afastava ou se retribuía o carinho. Achei melhor fingir já estar dormindo.

Com o carinho suave que ele fazia em círculos por minha barriga, acabei pegando no sono, mesmo querendo aproveitar mais das carícias. A última coisa que ouvi, foi um “eu adoro você”, sussurrado ao meu ouvido.

Nem sei quanto tempo se passou, mas de repente, duas músicas começam a tocar ao mesmo tempo. Acordei assustada, mas me dei conta que eram nossos celulares nos despertando. Eu estava tão cansada, que não queria levantar agora. Mas só de pensar que

mais tarde estaríamos voando para casa, me encheu de um ânimo novo, mesmo sabendo as várias e intermináveis horas que teria de voar para enfrentar pela frente.

Já segui para o banho sabendo que nem adiantaria chamar por Augusto ainda. Assim que eu saísse já pronta do banheiro eu o acordaria. Como fui mais esperta, coloquei um horário para despertar bem antes do que estávamos habituados, então até deixei-o aproveitar o restinho de sono.

Hoje é o dia mais importante de todo esse quase um mês que passamos aqui. É o resultado e a comprovação de que realmente nosso trabalho foi bem feito e se haveria uma grande receptividade do público consumidor.

Agora já não dá mais para esperar, vou até Augusto e sacudo seu corpo na tentativa de acordá-lo. Por sorte funciona.

— Bom dia, dorminhoco. Hoje é o grande dia! — Anuncio em seu ouvido.

— Quanta animação já cedo... Bom dia para você também. — Resmungou com sua voz ainda rouca.

— Estou muito ansiosa, quero ir logo até a loja e ver com meus próprios olhos como está sendo a preparação para daqui a pouco.

— Você sabe que essa parte não está sob nossa responsabilidade. O que tínhamos para fazer, já fizemos, agora a parte da festa, é de responsabilidade da empresa que contratamos.

— Sei disso, mas não custa ficar de olho.

— Já vi que hoje você vai ter que ficar longe do café e dos chocolates também. Você já está muito pilhada, não precisa de mais nada que possa te dar ainda mais energia.

— Quanta bobagem! Você é que ainda deve estar dormindo e dizendo essas besteiras, então serei uma boa garota e fingir que não disse nada disso. E jamais ficarei longe dos meus queridos e deliciosos chocolates.

— Só estou te alertando, e não te impedindo. Agora vou para o banho, pode separar uma roupa para eu vestir, por favor. — Augusto me olha com seus olhos pidões.

— Está se aproveitando de minha boa vontade, não é? Mas tudo bem, posso fazer essa gentileza, mesmo você querendo me impedir de ser feliz com meus chocalatinhos.

— Obrigado, querida. Fico te devendo essa.

— Olha que eu vou cobrar! — Quase grito, pois ele já estava fechando a porta do banheiro e nem deve ter me ouvido. Folgado.

Vou até onde suas roupas estão guardadas e separo uma calça, camisa e blazer. Como o evento será durante o dia, não será necessário vestir um terno e nem gravata.

Encontro uma sacola escondida atrás de sua mala. Como minha curiosidade é maior que o meu controle, dou uma espiadinha para ver o que tem dentro. Vejo que a marca que está na sacola é a mesma da loja de bolsas famosas que entramos uma vez.

Dentro está um pacote fechado e bem embrulhado, não consigo ver o conteúdo. Ele deve ter comprado de presente para alguém. Mas para quem? Será que é para sua mãe?

Porque para sua avó que não deve ser. Fico pensando para quem ele poderia dar esse presente e nem percebo o tempo correr.

— Coff, coff. — Ouço a tossida forçada de Augusto em pé atrás de mim, me vendo mexer em suas coisas. Putz! Agora me lasquei bonito. O que dizer como desculpa por estar mexendo numa coisa que claramente não era para ser do meu interesse?

— É... Eu acho que meu brinco caiu por aqui quando fui pegar a roupa para você vestir.

Augusto olha de um lado do meu rosto, depois do outro e diz:

— Não, acho que essa desculpar não funcionou, já que os dois brincos estão bem aí nas suas orelhas. — Confirmou.

— Ah, é verdade, pensei que eles tivessem caídos. — Nossa, que desculpa mais esfarrapada que nem eu mesma acredito que disse isso.

Ele está de braços cruzados claramente esperando por uma resposta mais verídica. E vê-lo nessa posição com apenas uma toalha enrolada na cintura, me deixa ainda mais sem saber o que inventar. O jeito é falar a verdade.

— Ok, eu admito minha culpa. Quando vi a marca da loja na sacola não consegui conter minha curiosidade. Mas juro que não vi o que tem dentro.

Sua face está séria, como se estivesse pensando na dura que vai me dar. Quando, para meu total espanto, ele começa a rir quase que histericamente. Não entendo sua atitude.

— Posso saber o motivo da graça?

— É que você precisava ver sua cara de espanto ao ser pega em flagrante. Foi muito hilário.

— Que bom que eu divirto você. Agora deixa de palhaçada e vai se vestir logo antes que nos atrase.

— Não quer matar sua curiosidade?

— Do quê?

— Do que tem dentro da sacola e para quem é o presente?

— Não precisa me dizer, reconheço que fui bem indiscreta e xereta ao mexer nas suas coisas.

Ele se abaixa pega a sacola e entrega em minhas mãos. Não estou entendendo nada porque ele está fazendo isso.

— O que você quer que eu faça com isso?

— Abra!

— Não posso fazer isso, não é meu.

— Quem disse que não é seu?

— Mas... mas... é para mim? Você comprou um presente dessa loja para mim? — Gaguejo com as palavras com a incredulidade da situação.

— Sim, Beatriz, eu comprei para você. Eu queria fazer uma surpresa para entregá-lo,

mas você foi mais rápida e mais curiosa.

— Eu juro que não sabia que seria um presente para mim, senão eu não teria mexido. Desculpe ter estragado sua surpresa. — Estou completamente envergonhada, minha curiosidade me deixou numa baita saia justa.

— Não tem importância. Mas vamos, abra seu presente!

Se antes eu estava com uma cara de envergonhada, agora devo estar com um sorriso de orelha a orelha. Jamais poderia imaginar ganhar um presente dessa loja.

Tiro o embrulho da sacola e começa a abrir com cuidado, não quero nem rasgar o papel de seda ao qual o produto está envolto.

Não consigo reagir ao ver a bolsa que está em minhas mãos. Exatamente aquela que eu me apaixonei à primeira vista. Uma de couro preta, que serve tanto para passeios, quanto para o trabalho. E se bem me lembro, de valor exorbitante.

— Augusto! O quê significa isso? — Estendo a bolsa para entregá-la, não querendo acreditar no que ele foi capaz de fazer.

— O que? É só uma bolsa que comprei para você. Vi como seus olhos brilharam ao vê-la e logo depois a tristeza por ter que deixá-la.

— Mas é claro! Você viu o preço dela? Que pergunta tola, é claro que você viu, já que teve a audácia de comprar. Você perdeu o juízo, ficou louco?

— Não, Beatriz, nenhuma das duas alternativas. Sei que é uma bolsa cara, como também sei da qualidade do material. Eu sou solteiro, tenho um bom salário, e se eu comprei é porque sei que posso pagar por ela.

— Mas como pode gastar uma fortuna dessas comigo? Eu sou apenas sua amiga, nos conhecemos há tão pouco tempo e...

— Chega de querer colocar obstáculos para não aceitar um presente meu. — Não tive a chance de completar todos os porquês de não poder aceitar ficar com essa bolsa.

— É muito difícil para eu poder acreditar.

— Pois digo que não é. Essa bolsa é sua, então aceite e saia por aí desfrutando e exibindo ela. Sei que as mulheres sentem poderosas com essas coisas.

— Nem sei se eu tenho coragem de sair carregando uma preciosidade como esta.

— Se alguém perguntar se é original, é só você dizer que não. É apenas uma imitação bem feita. Pronto! Problema resolvido.

Olho para a bolsa em minhas mãos, olho para seu rosto, faço esse movimento diversas vezes até acreditar no que aconteceu.

— Ahhh, seu lindo! Muito, muito, muito obrigada por este maravilhoso, fenomenal, espetacular presente. — Literalmente pulo em seu colo para agradecer e beijo todo seu rosto. Simples palavras não seriam capazes de explicar como é esse sentimento.

Augusto quase cai ao ser pego desprevenido pelo meu repentino ataque de agradecimento. Mas como ele é um rapaz forte, consegue me segurar sem problemas.

— Se eu soubesse que o presente viria com esse tipo de agradecimento, com certeza eu teria te entregado bem antes. — Ele aproveita minha vulnerabilidade para agarrar minha bunda.

— Ei, ei... Pode tirando essas mãozonas daí. Não pense que irá se aproveitar de mim.

— Não estou aproveitando, estou apenas te segurando, já que a senhorita eufórica resolveu me surpreender.

— Eu te conheço, rapaz! Sei que quer tirar uma casquinha dessa situação. Agora me coloque no chão e vá terminar de se arrumar.

Ele atendendo ao meu pedido e me coloca ao chão. Tira a toalha que envolve sua cintura, me dando uma visão ainda bem mais agradável e começa a vestir suas roupas. Não sei se olho para minha bolsa ou para seu corpo. Ah, tá bom... é claro que fico olhando para seu corpo, a bolsa eu terei ao meu lado todo os dias, já a visão do seu corpo apenas de cueca, quem é que sabe quando terei outra oportunidade.

Eu até poderia usar a bolsa para ir à inauguração. Mas agora não irá dar tempo de arrumá-la, então o jeito é esperar por uma ocasião mais propícia.

Vou ao banheiro me recompor e retocar a maquiagem. Augusto agora também já está pronto. Respiro fundo e mentalizo coisas boas para o dia de hoje.

— Está pronta?

— Sim, podemos ir. Mas antes devemos ligar para o diretor, devemos levá-lo ao local em nosso carro.

— Vou mandar uma mensagem dizendo que estamos esperando por ele na recepção.

Pego minha antiga bolsa, que agora já não vejo mais tanta graça na coitadinha, e saímos.

Não demora quase nada até vermos o direto vindo ao nosso encontro. Ele está tão animado e eufórico quanto eu ao acordar.

— Bom dia. Estão todos animados quanto eu? — Sua voz contém uma animação fora do comum. Nunca havia visto tanta felicidade antes.

— Posso dizer que a Beatriz acordou nessa mesma disposição.

— Vocês dormiram juntos? — Olho incrédula para Augusto com o tamanho do fora que ele deu.

— Nãaa!! — Dissemos ao mesmo tempo.

— Não, senhor. É que eu encontrei com ela no corredor e toda descida feita pelo elevador ela veio muito falante e cheia de energia. — Augusto tentou contornar a situação constrangedora.

— Ah, sim, agora entendi.

Sinto meu coração voltar a bater numa frequência normal. As pernas pararem de tremer e consigo respirar aliviada.

— Vamos? Ou chegaremos lá depois dos convidados. — Quase implorei para irmos logo

e não dar chance de novas falhas.

Quando o diretor vê o carro que está diante de nós, ele para repentinamente no meio do caminho. Com um olhar arregalado ele pergunta para Augusto:

— Esse é o carro que vocês alugaram?

— Sim? — Augusto fica nervoso e sua resposta sai mais como uma pergunta.

— Ha, ha, ha... Eu adorei a escolha! Eu quero ir no banco da frente. — Pensei que o diretor iria ficar bravo por estarmos gastando dinheiro sem necessidade, mas como sempre digo, “homens e suas paixões por carros”. Ele parece uma criança, da mesma maneira que Augusto ficou ao mostrar o carro para mim.

— Mas é uma beleza, Augusto! Foi você que quis alugar esse carro?

— Claro que foi minha ideia. Se fosse depender da Beatriz escolher um modelo, com certeza ela teria alugado um carro convencional. Mas sei que ela gostou também da minha escolha. — Augusto dá uma piscadinha discretamente para mim sem que o diretor perceba, o que eu acho bem improvável, já que não tira os olhos do carro.

Como ele é o chefe, tem todo o direito de ir ao lado de Augusto. Sento no banco de trás e passo o caminho todo até a loja ouvindo a conversa deles sobre os carros possantes que passam ao nosso redor.

Chegamos rápido até a loja. Encontramos a equipe contratada enfeitando o lado de fora. O diretor aprovou a escolha da localidade da instalação e viu que mesmo ainda sendo bem cedo, muitos moradores e turistas já caminhavam por perto.

Entramos e pudemos ver com mais clareza todos os detalhes. Os funcionários que trabalharão aqui, já estão uniformizados e prontos para atender ao grande público, mesmo hoje sendo apenas um dia de comemoração.

Agora vejo os olhos do diretor com um brilho diferente. Um claro sinal de orgulho dessa nova etapa em seus negócios. Não é qualquer empresário que arrisca montar uma fábrica em outro país para produzir produtos de sua nacionalidade, correndo um alto risco de rejeição. Mas não acho que isso acontecerá conosco. Fizemos um bom trabalho de divulgação e trabalhamos com produtos de excelente qualidade, não deixando nada a desejar para os produtos estrangeiros.

— Meus queridos... Não sei nem como agradecê-los pelo excelente trabalho que vocês que fizeram aqui. Estou tão emocionado e orgulhoso de vocês.

Ele me abraça forte e me dá um beijo na testa. Sei que é um ato respeitoso e de puro agradecimento. Para a surpresa de Augusto, ele repete o mesmo gesto.

— Vocês fizeram ser realidade tudo aquilo que um dia eu sonhei. Jamais esquecerei o quanto isso me alegra.

Como tenho um coração de manteiga derretida, nem sempre é claro, não aguento a emoção e deixo algumas lágrimas caírem. Não posso negar o quão trabalhoso foi, mas agora vendo o resultado, é para sentirmos orgulho de nós mesmos.

— Obrigado por confiar em nosso trabalho. — Augusto está tão emocionado quanto eu.

— Bom, então vamos aproveitar a festa! — Digo para dar fim nesse momento chororô. E agora é só curtir o momento.

Em pouco tempo, e as portas são abertas para o público e convidados. Não é muita surpresa ao ver a quantidade de pessoas que não param de chegar. Cumprimentamos todos com grande alegria, aos que fala inglês, aproveito para fazer um pouco mais de publicidade, aos que falam francês, fica por conta de Augusto explicar sobre nossos produtos e tentar convencê-los a comprar.

O diretor está radiante. Mas ele só arrisca um pouco no inglês. Por isso já havíamos contratado também um tradutor para ajudá-lo a conversar com os empresários convidados, funcionários e futuros clientes.

A festa está sendo muito boa, mas já chegando ao fim. Posso arriscar em dizer que foi quase unanime a quantidade de pessoas que saíram da loja levando ao menos um par de sapatos. Vi que todos estiveram muito interessados em conhecer os produtos e designers dos modelos de sapatos brasileiros.

Essa foi a comprovação final. Agora tenho certeza que posso ir embora sem aquele peso nos ombros. Minha mente está tranquila e meu corpo se suaviza com a missão de mais um trabalho cumprido e com muito sucesso.

Epílogo

O dia foi extremamente cansativo, mas a nossa volta para o hotel foi bem prazerosa. Falamos durante todo o percurso sobre como estávamos satisfeitos e felizes com o resultado obtido para essa primeira etapa de expansão para outros países.

Ainda dará tempo de tomarmos um banho e jantar no hotel antes de partir para o aeroporto. O diretor resolveu ficar mais uns dias para ver como o movimento da loja vai funcionar e aproveitar tirar uns dias de férias. Vejo aí a minha chance de tentar convencê-lo a nos dar uns dias de folga também.

Subo para o quarto enquanto Augusto diz ao diretor que já irá fazer nosso *checkout* para não precisarmos fazer na última hora. E é claro que também para despistá-lo e não nos ver entrando num único quarto. Aproveito que estou subindo sozinha com o diretor para pedir nossas férias.

— Então, sabe o que eu queria pedir para o senhor? — Digo sabendo que pode ser tudo ou nada.

— Diga, Beatriz, o que você quer?

— Esse mês foi tão corrido para Augusto e eu. Quase nem conseguimos conversar com nossos pais de tão atarefados que estivemos. Sei que ainda falta um tempo para eu poder tirar minhas férias. Mas, será que é possível dar uma semaninha de folga para nós?

Ele fica olhando para mim, como se estivesse me estudando. Eu só observo suas feições tentando decifrar o que ele está planejando.

— Mas é claro que sim, querida! Sei que judiei de vocês com esse enorme projeto para ser aprontado em pouquíssimo tempo. Nada mais justo do que terem uma folga merecida. E digo mais, esses dias não serão descontados de suas férias. Fica como prêmio de gratificação pelo excelente trabalho.

— Jura? Ai, meu Deus! Não posso nem acreditar.

— Sim, pode acreditar. Vá tirar uns dias de folga para poder voltar com gás total. Porque uma nova missão está por vir em breve. — Dá até um medinho ao saber dessa nova missão. O que espero do fundo do meu coração, que ao menos tenhamos mais tempo para nos preparar.

— Fico tão feliz por isso. Pode deixar que irei voltar com novas ideias em mente para o próximo projeto ser melhor ainda. E só por curiosidade, onde será a montada a nova empresa?

— Ainda estou pensando e decidindo. Mas tudo leva a crer que será no Canadá. Só que dessa vez, não iremos produzir nossos sapatos lá, apenas serão vendidos. Não temos tempo para preparar um galpão e levar todo o maquinário, precisamos apenas contratar os funcionários, montar um centro de distribuição e a loja fixa.

— Canadá é um polo bem forte também para turistas. Acho que é uma boa escolha para abrir a próxima filial. E já sabendo da localidade, podemos começar a fazer uma pesquisa

mais aprofundada. E não tudo na correria como foi aqui em Cannes.

— Tenho certeza de que vocês farão um excelente trabalho também.

Eu desço primeiro no meu andar e ele segue sozinho para o dele. Jantaremos juntos e nos despediremos após o jantar.

Vou logo para o banho, assim quando Augusto voltar, será a vez dele enquanto termino de fazer as malas e já deixar as passagens e passaportes fáceis para uso.

Coloco uma roupa confortável para encarar as tantas horas de voo e um tênis para não correr o risco do meu pé voltar a inchar de novo.

Estamos em sincronia, saio do banheiro e encontro Augusto só de cueca, com uma troca de roupas sobre a cama, terminando de fechar sua mala. Até que enfim dessa vez ele está adiantado.

— Conseguiu fechar a conta do quarto?

— Consegui. Viu como dessa vez fui esperto e não deixei transparecer para o diretor que estamos dividindo o mesmo quarto?

— Que bom que pensou rápido. Podemos descer e deixar nossas malas na recepção e irmos jantar, assim não precisaremos voltar ao quarto e o diretor nunca perceberá o que fizemos aqui.

— Boa ideia. Ele comentou alguma coisa com você?

— Só disse que irá ficar mais alguns dias para aproveitar para descansar. Aí já aproveitei e pedi uma folga para a gente.

— Sério que você já pediu? E o que ele disse?

— Eu não podia perder a oportunidade. E com um pouco mais de jeitinho, consegui que ele liberasse uma semana de folga. E o mais importante, esses dias não serão descontados de nossas férias normais.

— Ufa!! Assim que eu gosto.

— E quer saber mais?

— Tem mais coisas ainda? — Admirou-se.

— Consegui descobrir para onde iremos em nossa próxima viagem.

— Diga logo antes que eu caia duro nesse chão. — Augusto já está ficando impaciente com a minha demora em revelar a localidade.

— Iremos para o Canadá.

— Canadá? Fiiuuu — Assovia em admiração e espanto. — Pelo tempo que ele nos disse que precisaríamos viajar, então acredito que lá estará na época do outono. Já imaginou se o local que formos tiver aqueles parques com as típicas folhas secas que é o símbolo do país?

— Deve ser muito lindo mesmo. O bom é que eu posso usar e abusar do meu inglês. Se bem que eu poderia fazer um cursinho rápido até chegar o dia da viagem. — Fico pensativa

com essa possibilidade de aprimorar meus conhecimentos.

— Talvez nem precise, você se saiu muito bem com o que já sabe. Mas, estudar nunca é demais, ainda mais agora que iremos viajar bastante, acho que também vou querer aprender um novo idioma.

— Vai tomar seu banho agora enquanto termino de caçar minhas coisas por aí e daí já descemos com tudo.

— Tá bom, mandona. Mas te garanto que ainda temos um bom tempo para embarcarmos. Então tá tranquilo.

Augusto e toda sua tranquilidade. Acho que isso nunca mudaria.

Enquanto ele segue para o banho, começo a guardar os últimos objetos na mala. Sempre na viagem de volta há mais coisas para serem guardadas. Muitos presentes, roupas emboladas que guardamos de qualquer jeito, já que não tem mais a preocupação de ficarem amassadas.

Tenho a sensação de estar esquecendo alguma coisa. Confiro nos armários, gavetas e confirmo os documentos. Mas é claro! Ted! Como posso estar esquecendo o meu ursão?

— Oh, meu bebezão! Como eu posso te deixar aqui? — Abraço apertado sentindo toda a sua maciez. Mas como é que iremos levá-lo? Deixamos esse “pequeno” detalhe passar despercebido.

— Que inveja desse abraço gostoso. — Assusto-me com Augusto chegando por trás de mim.

— Você sabe como iremos levá-lo embora? Com toda essa agitação tinha até esquecido desse detalhe.

— Vamos ter que despachar junto com as malas grandes. Chegando ao aeroporto perguntamos no balcão de informações como devemos proceder.

— E se ele se perder no meio de tantas malas ou for extraviado?

— Não temos como saber o que pode ou não acontecer. Temos que confiar que irão tomar cuidado com ele.

— Espero que ele chegue inteiro, não quero que o Ted se machuque.

— Para quem achava impossível de conseguir ganhar um urso desse tamanho, você se apegou a ele bem rápido. — Diz em tom de ironia.

— E tem como não ficar apaixonada por ele?

— Fico até com ciúmes desse urso. — Augusto reclama fazendo um beicinho fajuto.

— Deixa de ser bobo, garoto! Já está pronto? Acho melhor pedirmos ajuda de alguém para conseguirmos descer com tudo isso. — Olho ao redor e vejo muitas malas, bolsas e o Ted, que já ocupa um grande espaço.

— Aqui no corredor deve ter daqueles carrinhos para colocar as malas.

Augusto foi até lá fora e volta empurrando um carrinho. Colocamos todas as malas, bolsas e mochilas de mão. Por último, Augusto colocou o Ted sentadinho por cima das

malas.

Foi difícil me despedir do quarto onde foi minha morada por um mês. Aqui vivi grandes emoções com Augusto. Momentos de prazer, alegria, tristeza por saber que nossa relação não se estenderia ao sair daqui. Mas nada foi por acaso. Se colocar numa balança, posso afirmar que o lado positivo de tudo isso foi muito maior do que os pontos negativos.

Todo o caminho até a recepção foi feito sob os olhares de funcionários e hóspedes. É claro que aquele imenso urso sentado sobre as malas chamaria muito a atenção. Não quero nem ver como será no aeroporto.

Deixamos tudo num cantinho na recepção e imploramos para a funcionária não deixar ninguém se aproximar do meu urso. Augusto com seu jeito sedutor, falou algo aos pés do ouvido da moça. Eu até poderia ter ficado muito aborrecida com esse atrevimento, mas sei que ele fez isso unicamente para proteger algo que já é muito importante para mim. Portanto, relevei sua atitude, mas não sem antes dar uma olhada quase mortal para a recepcionista que só faltou derreter com o que Augusto falou. Atrevida!

Seguimos para o restaurante, o diretor já nos aguardava numa mesa. Fizemos nosso pedido e jantamos em meio a conversas banais e sobre o novo empreendimento. Todos muito animados com a nova localidade para qual seria nossa próxima viagem e principalmente que agora teríamos tempo de sobra para preparar todo um projeto bem mais elaborado.

Como não queríamos nos atrasar, nos despedimos do diretor e confirmamos que tiraríamos uma semana para descanso. Depois voltaríamos ao trabalho com a energia completamente renovada.

Augusto já tinha encerrado o aluguel do carro, portanto, pedimos um carro para nos levar até o aeroporto. Confesso que foi bem complicado colocar todas as malas no carro. Fui sentada atrás com Augusto, enquanto Ted teve o privilégio de ir ao lado do motorista. É claro que o motorista nos olhou com uma cara nada amigável, mas não estou nem aí, até coloquei o cinto de segurança no urso.

Como previsto, foi só entrar no aeroporto para todo mundo ficar olhando para nós caminhando com aquele urso enorme. Dessa vez eu levei-o no colo e Augusto levou o carrinho com as malas. Paramos no balcão de informações e fomos instruídos como deveríamos proceder para poder embarcar o Ted.

Não teve muito acordo, se quiséssemos levá-lo em segurança, o único jeito seria comprando um assento para ele devido ao seu tamanho. Achei um absurdo, mas ao mesmo tempo, sei que ele estaria seguro e protegido ao meu lado e não jogado de qualquer jeito junto com tantas outras malas no compartimento do avião.

É claro que isso saiu bem caro. Augusto quis pagar pela passagem, mas achei injusto devido ao presente caríssimo que havia me dado. Tive que desembolsar uma grana lascada, mas valeu o sacrifício.

Tive muita sorte por ter um lugar vago ao meu lado, ou então eu teria que viajar separada de Augusto para Ted poder ir ao meu lado.

— Da próxima vez, tente não me dizer que é impossível de ganhar um urso desse

tamanho. – Augusto está um pouco desgostoso com a trabalhadeira que tivemos.

– Com certeza, chega de problemas sem necessidade no futuro. Mas você é o culpado, eu não te pedi para comprar tantas fichas para tentar ganhá-lo. Você é quem foi o culpado e teimoso.

Colocamos Ted sentado ao lado da janela para facilitar o nosso acesso ao corredor e quanto à alimentação. Augusto ficou na poltrona do corredor e eu no meio. É claro que todas as comissárias de bordo tiveram que parar para fazer um carinho em Ted. Não sei se essa era a desculpa, pois todas praticamente se jogavam sobre o colo de Augusto para conseguir alcançar Ted. Deixavam seus peitos quase esfregando na cara dele, que vi que estava ficando desconfortável com toda essa situação, mesmo não tirando os olhos delas.

– Você não vai falar nada? – Pergunto já irritada com elas se jogando para cima dele.

– Quanto ao quê? – Responde como quem não entendeu o que eu quis dizer.

– Só está faltando elas me pedirem para sair daqui para sentar ao seu lado.

– Elas só querem passar a mão no urso. – Contestou.

– Não sei se você é muito ingênuo ou se está se fazendo de desentendido.

– É claro que vi elas tentando me mostrar os peitos, mas eu só tenho olhos para os seus.
– Retrucou com um sorrisinho besta nos lábios.

– Mas eu mereço mesmo. Vou fingir que nem ouvi.

O avião começa a manobrar na pista. Dessa vez não tomei nenhum remédio para prevenir enjoo, preciso me acostumar com essas viagens e também porque não quero correr o risco de dormir e babar no ombro de Augusto novamente.

Mas o meu medo ainda continua, acho que só depois de muitas viagens é que irei acabar me acostumando. Prendo meu cinto bem apertado, verifico se o Ted também está bem preso e ouço uma risadinha ao meu lado.

– O que foi, posso saber qual é o motivo da graça?

– É que eu nunca vi alguém tão preocupada com a segurança de um urso como você está com o Ted, Beatriz. Acho que você está sendo um pouquinho exagerada demais. – Augusto teve a audácia de caçoar de mim.

– Já que paguei uma fortuna para ele poder sentar ao meu lado, então ele terá todos os privilégios como qualquer outra pessoa. Se bobear, sou capaz até de pedir um cobertor e travesseiro para ele. – Falo isso só para deixá-lo irritado.

– Aí eu finjo que nem te conheço.

– Você não seria capaz de fazer isso. – Ameaço se ele fizer uma barbaridade dessas comigo.

– Quer apostar?

– Não. Chega de apostas entre nós.

– Sabe que irá perder, por isso não quer mais apostar nada comigo.

Sinto o avião começar a decolar e meu coração quase sair pela boca. Aquele friozinho no estômago que faz gelar o corpo inteiro. Augusto para de me provocar e segura forte em minha mão, me transmitindo confiança.

Retribuo o gesto entrelaçando nossos dedos. É incrível como um simples gesto pode me acalmar dos meus maiores temores. Talvez seja a pessoa que está segurando a minha mão e não o gesto em si. Já confio em Augusto de todo meu coração, isso não é muito bom, pois sei que a primeira desavença, poderá me causar uma mágoa muito grande.

Passado esse momento mais tenso e com o avião já estabilizado, ainda assim, Augusto não soltou minha mão. Eu também não queria perder esse contato entre nós. Sei que quando desembarcarmos, cada um seguirá seu caminho, ainda com a semana que tiraremos de férias, essa falta de sentir seu corpo junto ao meu só estenderá ainda mais.

Ficamos assim por um bom tempo, até a comissária vir nos perguntar se queríamos alguma bebida. Ela fez uma cara de desgosto ao ver nossas mãos entrelaçadas. Coitada, pensou que poderia se dar bem nessa viagem. Está muito enganada, queridinha!

Negamos todas as suas ofertas, e ela não tendo mais nenhuma desculpa para ficar quase sentando no colo de Augusto, saiu pisando duro com uma cara de emburrada. Não consigo controlar e começo a gargalhar, chegando até a quase chorar de tanto rir.

— Chega, Beatriz! Olha o escândalo que você está fazendo! — Augusto me repreende como se eu fosse uma criança fazendo birra.

— Você viu só a cara dela? Quase saiu cuspidando fogo, ao ver que nossas mãos estavam entrelaçadas. — Continuo rindo sem conseguir parar. Augusto apenas balança a cabeça em negação, como se eu não tivesse mais jeito, e também começa a rir.

Já é bem tarde e as pessoas estão querendo dormir, então começamos a ouvir os “xius” ao nosso lado. Só assim para pararmos de rir e também começamos a nos preparar para dormirmos um pouco.

Reclino minha poltrona e divido meu cobertor com Ted, Augusto já tem o dele. Ele apenas me dá aquele olhar incrédulo de que estou realmente mantendo o urso aquecido ao meu lado.

Fecho meus olhos para evitar discutir com ele de novo sobre esse assunto. Percebo sua poltrona também ser reclinada e ficamos virados um de frente para o outro. Abro meus olhos e o vejo me observando atentamente. Correspondo ao seu olhar até nossos olhos começarem a se fechar ao mesmo tempo.

Deve ter passado horas, até que sinto uma dor e peso no meu ombro. Não consigo nem mexer meu braço que está ficando dormente. Mas meus olhos ainda estão tão pesados de sono que leva um tempo até eu conseguir finalmente abri-los.

A cena que vejo é digna para se tirar uma foto, e é o que faço. Com a outra mão livre, ligo meu celular e tiro uma foto de Augusto dormindo em meu ombro, e o mais importante, babando.

Agora terei uma prova do crime. Se ele duvidar que foi capaz de fazer isso, é só eu mostrar essa foto e ele não terá como contestar sua veracidade. Mesmo com meu braço dormente, não o acordo e deixo-o continuar em seu sono. Ele está com um semblante tão

sereno que é até pecado acordá-lo agora para tirar sarro porque estava babando sobre mim.

O dia começa a clarear, sinto os primeiros raios solares atingirem em cheio o meu rosto. Nossa, consegui dormir a noite inteira e nem fiquei preocupada com possíveis turbulências. Só pode ser resultado do cansaço do dia anterior.

A luz se acende indicando para colocarmos os cintos, logo iremos pousar. Augusto já não dorme mais sobre meu ombro. Dou um cutucão em suas costelas para acordá-lo. Ele se assusta com o meu ato e parece estar perdido, ainda não conseguindo se situar em que ambiente se encontra.

— O que foi? — Sua voz sai rouca.

— Temos que nos preparar para pousar.

— Mas já chegamos? Parece que acabamos de decolar.

— Também me assustei ao acordar e ver o dia amanhecendo, acho que estávamos muito esgotados por isso não percebemos as horas passarem.

— Será que dá tempo de ir ao banheiro antes? — Augusto faz uma careta de quem não está se aguentado.

— Vai rapidinho, depois eu também vou.

Aproveito que ele se levanta para colocar nossas poltronas em posição para a aterrissagem. Não demora muito e ele volta mais apresentável, agora com os cabelos um pouco molhados para domá-los da bagunça que ficou durante a noite.

Não devo estar numa situação muito melhor. Vou ao banheiro e também consigo dar uma ajeitada em minha aparência. Por sorte foi só eu voltar para o meu lugar e a comissária passou verificando se todos os passageiros estavam com os cintos de segurança afivelados adequadamente. Confiro mais uma vez meu cinto e o de Ted.

E de novo aquela sensação de friozinho na barriga quando o avião começa a descer. Já virou algo rotineiro Augusto segurar minha mão. Acho que mesmo eu perdendo o medo, não direi a ele só para não perder esse pequeno, mas tão importante contato entre nós.

O avião dá aquela tremida ao tocar as rodas no chão. Mas o alívio só vem mesmo quando ele para totalmente, só assim sei que estou em segurança. Como é bom poder estar em solo firme. É muito bom viajar, conhecer outro país, outras culturas, mas estar em casa, é muito gratificante também. Aquela sensação de que agora não preciso me preocupar em conversar em outra língua, ou com gestos. Mas se uma coisa eu aprendi nessa viagem, é que agora além do meu trabalho, irei focar meu tempo livre em aprender novas línguas. Não posso ficar dependente de Augusto para me tirar das enrascadas que eu entro.

Todos os passageiros começam a se retirar do avião. Como temos algumas malas de mão, mais o Ted para levar, ficamos quase que por último a sair para não atrapalharmos ninguém.

— Puxa vida, dormi a noite inteira, mas estou com o corpo cansado e todo dolorido. — Augusto diz se espreguiçando.

— Também estou me sentindo assim, por mais que tenhamos dormido, essas poltronas

não são nada comparáveis com uma cama macia e quentinha. – Só me imagino caindo na minha cama, com meu travesseiro e meu cobertor.

– Ao chegar a meu apartamento, nem vou me desfazer as malas, só quero um banho e cama.

– Digo o mesmo. Mas não posso me dar muito ao luxo porque ainda tenho que viajar para casa dos meus pais.

– Você pensa em viajar ainda hoje? – Com um rosto espantado, pergunta claramente preocupado comigo.

– Não! Hoje não. Vou seguir as suas sugestões de banho e cama. Vou desfazer as malas, separar os presentes dos meus pais e irmãs, colocar a roupa para lavar e fazer uma nova mala. Mas dessa vez com bem menos coisas, já que ainda possuo muitos itens pessoais em meu antigo quarto.

– Não tenho essa disposição toda igual você. Mas também preciso ir ver meus pais e minha avó. Quero fazer surpresa, mas como moramos a pouca distância, é bem mais fácil.

– Nada melhor do que voltar para nosso antigo lar, comer a comidinha caseira feita pela mãe e relaxar um pouco a mente antes de voltar a encarar nossa rotina agitada.

– Só de pensar nos doces e compotas que minha avó gosta de fazer, já sei que vou voltar ao trabalho com uns 3 quilos a mais.

– Isso é coisa de avó. Até parece que elas fizeram um curso para achar que os netos estão sempre magrinhos e tacar comida na gente. E quem é que resiste a tantas gostosuras?

– Eu sei que aproveito mesmo. Depois com toda a correria do trabalho e um pouquinho mais de esforço na academia, a gente volta ao peso normal rapidinho.

Fomos conversando sobre nossas famílias e o que faríamos nesses poucos dias de descanso, enquanto esperávamos junto à esteira para pegar nossas outras malas.

– O que acha de tomarmos um café da manhã por aqui mesmo? – Sugiro para Augusto.

– Pode ser. Depois vamos dividir um táxi ou você combinou com alguém para vir te buscar?

– Não falei com ninguém. Mas para dividirmos a corrida é meio complicado, moramos em locais distante um do outro. É mais fácil cada um tomar seu rumo. – Vejo o olhar de desapontamento em seu rosto. Eu também estou com essa mesma sensação. Mas se temos que fingir que nada aconteceu nessa viagem, então é melhor já irmos mantendo as coisas como eram antes. Cada um para um lado, e apenas manter a parceria na empresa.

– Se você prefere assim, então estou de acordo.

– É melhor começarmos a agir dessa forma. – Reforço o nosso combinado.

Tomamos nosso café em um silêncio desconfortável. Não queria que nossa despedida fosse dessa maneira, mas o que posso fazer? Eu não quero me machucar mais do que já estou. E dizer para ele não agirmos como apenas colegas de trabalho, está fora de cogitação.

Ao sairmos do aeroporto, vários táxis já disputavam por passageiros. Augusto ajudou a

colocar minhas malas no carro e o Ted também. Suspiro audivelmente com o momento da despedida.

— Bom... Acho que é isso, então. — Digo sem conseguir olhar nos olhos dele.

— É difícil, né? Me dá um abraço. — Ele me pega desprevenida num abraço apertado.

Ficamos assim por alguns segundos que passaram tão rápidos. Aproveito para sentir seu perfume e guardar na memória o cheiro de sua pele, a firmeza dos seus músculos ao abraçar meu corpo.

Afastamos minimamente para nossos olhos se encontrarem. Seu polegar enxuga uma lágrima atrevida que teima a aparecer. O suave toque de sua mão em meu rosto e pescoço, fazendo um carinho gostoso, deixa minha pele arrepiada. Augusto já conhece meu ponto fraco e aproveita dessa fragilidade.

— Não precisa chorar, isso não é um adeus. Daqui a uma semana estaremos trabalhando juntos de novo.

— Mas não teremos mais essa cumplicidade que conquistamos na viagem.

— Apenas será diferente, não que ela não possa existir. Eu já disse que não estou pronto para assumir um relacionamento. Mas isso não significa que tudo que passamos juntos não significou nada para mim.

— Eu ainda não entendo porque foge tanto assim.

— É complicado, Beatriz. Algum dia explicarei minha história, só me dê mais um tempo para assimilar meus sentimentos.

— Tudo bem, eu preciso ter um pouco mais de paciência. Agora tenho que ir. Até logo, “Guto”. — Chamo pelo seu apelido que sempre zombei e dou um demorado beijo em seu rosto.

— Até logo, “Bia”. — Repete o meu gesto, e ao contrário do que pensei, esse apelido já não me causa mais repulsa.

Entro no táxi e ao olhar pela janela, vejo Augusto guardando suas bagagens e seguimos por caminhos diferentes.

Eu não esperava ter um relacionamento agora. Minha carreira vinha em primeiro lugar, ao menos até eu estar bem estabilizada no emprego, conseguir comprar uma casa própria. Nem mesmo um carro eu consegui ainda. Tudo o que eu não imaginava, era que aquele cara que trombou comigo no corredor da empresa, viesse a se tornar o homem por qual meu coração resolveu se abrir. Coração estúpido, tinha que se entregar justamente a alguém que não queria se apaixonar agora?

Em pouco tempo estava chegando ao meu apartamento. O porteiro me ajudou a descer com as malas e levá-las até a minha porta. Quando me vi sozinha ali naquele silêncio, um vazio tomou conta da minha alma. Uma sensação de angústia, de perda, um sentimento tão ruim que tive vontade de gritar. E foi o que eu fiz.

Caí aos prantos no chão, não acreditando que estava sofrendo pela falta de um homem. Justamente eu que nunca dependi deles para viver plenamente e feliz. Não posso permitir

continuar sofrendo. Como Augusto mesmo disse, ainda seremos amigos. Amigos sem benefícios, agora basta meu coração e meu cérebro entenderem isto e aceitar.

Levo Ted para o meu quarto e as malas, separo um pijama para vestir e sigo para o meu banho. Preciso descansar numa cama confortável antes de começar os preparativos para a viagem à casa dos meus pais.

Só me lembro de acordar abraçada junto a Ted. Acho que agora ele seria o único companheiro que dividirá as noites comigo.

Desfaço todas as malas, separo os presentes e arrumo apenas uma pequena mala para essa rápida viagem. Lembro de guardar os presentes e comprar a passagem de ônibus pela internet.

Tudo o que preciso agora é distrair minha mente com outros assuntos, outras pessoas que sei que não irão me magoar.

Embarco no ônibus rumo ao meu passado, local onde me recordo de uma infância feliz e quando não havia decepções amorosas.

Deixo para pensar no futuro daqui a uma semana, quando retornar para minha rotina diária de trabalho, projetos e Augusto.

O que será de nosso relacionamento como simples colegas de trabalho? Só o tempo dirá.

E que venha o outono, uma nova estação para passarmos juntos numa cidade desconhecida por nós, mas que se for igual ao verão, iremos aprontar muitas confusões ainda.